



ORGANIZADORES
FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
GILVAN ODIVAL VEIGA DOCKHORN

**CAMINHOS &
(DES)
CAMINHOS**
DO PATRIMÔNIO CULTURAL

FACOS-UFSM

ORGANIZADORES

FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
GILVAN ODIVAL VEIGA DOCKHORN

**CAMINHOS &
(DES)
CAMINHOS
DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

1.^a EDIÇÃO

FACOS-UFSM

SANTA MARIA, RS
2024

ORGANIZADORES FLAVI FERREIRA LISBÔA FILHO
GILVAN ODIVAL VEIGA DOCKHORN

CAPA ALINE BRITTO FIALHO

DIAGRAMAÇÃO TAIANE WENDLAND

AUTORES ALINE BRITTO FIALHO
ALINE S. ZUSE
ANA CAROLINA CHEROBINI BORTOLIN
ANA PAULA PORTO DE FREITAS
CÁTIA CILENE MORAIS DUTRA
DAILZA FIUZA PICCOLLI
ELOIZA HELENA DE CARVALHO BIDEL
FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
GILVAN ODIVAL VEIGA DOCKHORN
GUSTAVO NEVES MARTORELLI
LISANDRA LOCATELI PEREIRA
LUCIOMAR DE CARVALHO
MARIELI RIGHI
MATHEUS MEDEIROS DE OLIVEIRA
PAOLA GOULART DA SILVA
RAFAEL DE SIQUEIRA FISCHER
SHIRLEY NARA MOREIRA DE SOUZA
WALTER CORRÊA RADDATZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR LUCIANO SCHUCH
VICE-REITORA MARTHA BOHRER ADAIME
DIRETORA DO CCSH SHEILA KOCOUREK
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO CRISTINA MARQUES GOMES

FACOS-UFSM

COORDENAÇÃO EDITORIAL ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA
EDITORA EXECUTIVA SANDRA DEPEXE

COMISSÃO EDITORIAL PROFA. DRA. ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA (UFSM)
PROF. DR. EDUARDO ANDRÉS VIZER (UBA)
PROF. DR. FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO (UFSM)
PROFA. DRA. GISELA CRAMER (UNAL)
PROF. DR. JAIRO GETULIO FERREIRA (UFSM)
PROFA. DRA. MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ (UFSM)
PROFA. DRA. MARINA POGGI (UNQ)
PROFA. DRA. MONICA MARONA (UDELAR)
PROF. DR. PAULO CESAR CASTRO (UFRJ)
PROFA. DRA. SONIA ROSA TEDESCHI (UEL)
PROFA. DRA. SUZANA BLEIL DE SOUZA (UFRGS)
PROF. DR. VALDIR JOSÉ MORIGI (UFRGS)
PROFA. DRA. VALENTINA AYROLO (UNMDP)
PROFA. DRA. VENEZA MAYORA RONSINI (UFRGS)

FICHA CATALOGRÁFICA

C183 Caminhos & (des)caminhos do patrimônio cultural [recurso eletrônico] /
organizadores: Flavi Ferreira Lisboa Filho, Gilvan Odival Veiga
Dockhorn. – 1. ed. – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, CCSH,
Mestrado Patrimônio Cultural, Pró-Reitoria de Extensão, 2024.
1 e-book. : il.

ISBN 978-65-5773-075-1

1. Patrimônio cultural 2. História 3. Memória 4. Educação patrimonial
5. Comunicação I. Lisboa Filho, Flavi Ferreira II. Dockhorn, Gilvan Odival
Veiga

CDU 719(816.5)
908

SUMÁRIO

À GUISA DE APRESENTAÇÃO	7
ANÁLISE ACERCA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA UFSM SOBRE OS GEOPARQUES QUARTA COLÔNIA E CAÇAPAVA E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O PATRIMÔNIO CULTURAL	8
GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UM PALCO DE ATUAÇÃO, QUALIFICAÇÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	29
PROPOSTA DE CAMINHO METODOLÓGICO PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESTAÇÃO FÉRRIA DE RESTINGA SÊCA (RS) EM FOCO	40
CENTRO INTERPRETATIVO DIGITAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE DONA FRANCISCA-RS	49
PATRIMÔNIO CULTURAL E INTERVENÇÕES HOSTIS NO ESPAÇO URBANO: POSSÍVEIS RELAÇÕES	69
ELABORAÇÃO DE UM ROTEIRO TURÍSTICO ATRAVÉS DO DARK TOURISM: O TURISMO CEMITERIAL COMO ESTRATÉGIA DE RECONHECIMENTO NA CIDADE DE SANTA MARIA/RS	78
UFOLOGIA: TURISMO ALTERNATIVO COMO ATIVIDADE A SER EXPLORADA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS	97
TRILHOS, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DOS REGISTROS FOTOGRAFICOS PARA A HISTÓRIA DA ESTAÇÃO FÉRREA DE SANTA MARIA/RS E SUA SERVENTIA NOS DIAS ATUAIS	115
VIDEOGAME ANTIGO EM SANTA MARIA (RS): MEMÓRIA AFETIVA E CULTURAL EM PROL DO MUSEU DE JOGOS	130
CONSTRUÇÃO DE UM JOGO DE MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO: A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL ATRAVÉS DAS MULHERES E DAS ERVAS	141
A COZINHA QUILOMBOLA, ALIMENTO, CULTURA E HISTÓRIA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE VOVÓ ISABEL EM NOVA PALMA – RS	157

MAPEAMENTO DOS PONTOS DE MEMÓRIA NEGRA NO GEOPARQUE CAÇAPAVA: CENTRALIDADE NO CLUBE RECREATIVO HARMONIA	177
AS MARGENS DO ESQUECIMENTO, UM ESTUDO EM MEMÓRIA DE JOÃO CEZIMBRA JACQUES	189
EM BUSCA DE UM PATRIMÔNIO: APONTAMENTOS PARA A INVENTARIAÇÃO DO PATRIMÔNIO GRÁFICO DO ACERVO DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA	203
OS MURAI DA UFSM: O INVENTÁRIO COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DO VALOR HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PATRIMÔNIOS PÚBLICOS	216

À guisa de apresentação

O Patrimônio cultural, pela definição da UNESCO, é “composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico”. São fundamentais para a preservação da memória, a valorização das identidades e o estímulo à criatividade. O patrimônio cultural está assegurado pela nossa Constituição Federal, no artigo 216, que reconhece a sua importância e acrescenta na sua definição “as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas” do povo brasileiro¹.

Na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM temos o Programa Profissional de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural – PPGPPC, em nível de mestrado, que além das pesquisas realizadas, também gera, ao término do curso, um produto que deverá ter uma “aplicação” à sociedade. O referido programa é diferenciado e está organizado em dois grandes eixos temáticos: “Arquitetura e Patrimônio Material” e “História e Patrimônio Cultural”, que permitem acolher diversos temas de pesquisa.

A partir da vasta e diversa produção do PPGPPC, surgiu a ideia do livro “Caminhos & (Des)Caminhos do Patrimônio Cultural” o qual apresenta um conjunto de 15 textos que pautam o patrimônio cultural e suas múltiplas e profícuas interfaces, resultantes de pesquisas orientadas pelos professores Flavi Ferreira Lisboa Filho e Gilvan Veiga Dockhorn que, por sua vez, estão vinculadas à área e à linha “História e Patrimônio Cultural”. Dentre as principais temáticas abordadas, destacam-se: turismo, história, memória, educação patrimonial, comunicação, identidade cultural, design, gastronomia, estudos biográficos, artes etc. Também se ressalta a diversidade de objetos: intervenções urbanas, arquitetura hostil, videogame antigo, *dark tourism*, ferroviários e estação férrea, geoparques, formação de professores, centro interpretativo digital, ufologia, negritude, patrimônio gráfico, arte-muralismo, entre outros.

Desejamos que esta publicação possa tanto auxiliar na compreensão das profícuas interações que o Patrimônio Cultural, material e imaterial, suscita quanto inspirar novas pesquisas!

Os Organizadores
Santa Maria, maio de 2024

¹ Texto adaptado de Coluna publicada no Jornal Diário de Santa Maria no dia 9 de fevereiro de 2023.

ANÁLISE ACERCA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA UFSM SOBRE OS GEOPARQUES QUARTA COLÔNIA E CAÇAPAVA E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O PATRIMÔNIO CULTURAL

ANALYSIS OF UFSM ACADEMIC PRODUCTION ON THE QUARTA COLÔNIA AND CAÇAPAVA GEOPARKS AND THEIR POSSIBLE RELATIONS WITH CULTURAL HERITAGE

Flavi Ferreira Lisboa Filho¹
Gustavo Neves Martorelli²

RESUMO

A presente análise acerca da produção acadêmica da região dos geoparques da Quarta Colônia e de Caçapava, ambos localizados em municípios do Rio Grande do Sul, tem como escopo o aprofundamento do reconhecimento e da identificação desses territórios e suas particularidades. A partir do Manancial - Repositório Digital da Universidade Federal de Santa Maria, trinta e uma produções científicas (teses e dissertações) foram objeto de estudo para a análise somar-se ao conhecimento a respeito do estado da arte. Em primeira observação, percebe-se que a produção científica da instituição no período analisado, acerca das possíveis relações com o patrimônio cultural dos territórios, concentra-se nos Programas de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) e em Patrimônio Cultural (PPGPC), com quatorze e onze trabalhos respectivamente. É conveniente ressaltar também que o PPGPC teve um salto numérico de trabalhos acadêmicos nos últimos anos. A análise problematiza as conexões entre desenvolvimento, comunicação e patrimônio, partindo do entendimento e da necessidade de primar pela cultura como mote de todo o processo comunicacional que garanta não somente a preservação patrimonial como também o desenvolvimento e a democracia, pela via dos geoparques. A valorização da memória, dos patrimônios e das identidades é constructo das vivências culturais e de suas expressões no decorrer da história, essa visão nos é norteadada pelos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Geoparque. Patrimônio Cultural. Comunicação. Estudos Culturais.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural e do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Pró-Reitor de Extensão da UFSM. Bolsista Produtividade do CNPq, nível 2.

² Bacharel em Direito. Acadêmico de Relações Públicas na UFSM e bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

ABSTRACT

The present analysis of academic production in the region of the Quarta Colônia and Caçapava geoparks, both located in municipalities in Rio Grande do Sul, aims to deepen the recognition and identification of these territories and their particularities. From Manancial - Digital Repository of the Federal University of Santa Maria, thirty-one scientific productions (theses and dissertations) were the object of study for analysis to add to knowledge regarding the state of the art. On first observation, it is clear that the institution's scientific production in the analyzed period, regarding possible relationships with the cultural heritage of the territories, is concentrated in the Postgraduate Programs in Geography (PPGGEO) and Cultural Heritage (PPGPC), with fourteen and eleven worked respectively. It is also worth noting that the PPGPC has seen a numerical increase in academic work in recent years. The analysis problematizes the connections between development, communication and heritage, starting from the understanding and need to prioritize culture as the motto of the entire communication process that guarantees not only heritage preservation but also development and democracy, through geoparks. The valorization of memory, heritage and identities is a construct of cultural experiences and their expressions throughout history, this vision is guided by Cultural Studies.

Keywords: Geopark. Cultural heritage. Communication. Cultural Studies.

INTRODUÇÃO

A presente análise acerca da produção acadêmica da região dos geoparques da Quarta Colônia e de Caçapava, ambos localizados em municípios do Rio Grande do Sul, tem como escopo o aprofundamento do reconhecimento e da identificação desses territórios e suas particularidades, como: os povos que nelas residem, suas identidades e culturas, as influências dos geoparques com as políticas públicas e outras ações que corroborem para o desenvolvimento regional sustentável.

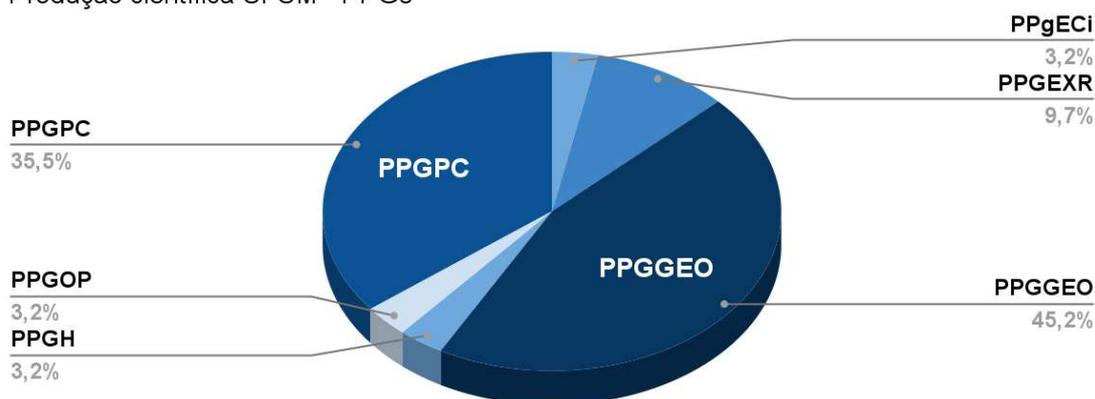
A partir do Manancial - Repositório Digital da Universidade Federal de Santa Maria, trinta e uma produções científicas (teses e dissertações) foram objeto de estudo para a análise somar-se ao conhecimento a respeito do estado da arte e possibilitar novas produções elaboradas com os objetivos do projeto de pesquisa que nos ampara — “Comunicação, identidades e patrimônio cultural: perspectivas para o desenvolvimento e a democracia pelo viés dos Estudos Culturais” —, vinculado ao grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades.

As teses e dissertações foram selecionadas a partir do termo “geoparque”. Houve empecilhos no repositório utilizado como ferramenta para realizar buscas avançadas com filtros que associassem tal termo com outras palavras-chave próprias do referido projeto. Embora fosse possível fazê-lo mediante a escolha de palavras por assunto, percebeu-se que para fins de identificar as particularidades dos territórios destacados, todas as produções selecionadas constantes no período de 26 de novembro a 19 de dezembro de 2022 foram interpretadas sob um olhar mais abrangente.

A leitura e correlação entre os textos considerou as palavras-chave: “Comunicação”, “Cultura”, “Desenvolvimento”, “Patrimônio”, “Identidade” e a vinculação entre cada uma delas. Após a primeira sondagem, foi detectado que trinta e um desses textos poderiam consubstanciar a investigação sobre a produção acadêmica na Universidade Federal de Santa Maria. Cabe ressaltar que a escolha pelo repositório em particular dedica-se ao renomado porte e à influência social da Instituição de Ensino, referência no ensino, pesquisa e extensão nas regiões comportadas pelos geoparques citados.

Em primeira observação, percebe-se que a produção científica da instituição no período analisado, acerca das possíveis relações com o patrimônio cultural dos territórios, concentra-se nos Programas de Pós-Graduação em

Produção científica UFSM - PPGs



Geografia (PPGGEO) e em Patrimônio Cultural (PPGPC), com quatorze e onze trabalhos respectivamente. É conveniente ressaltar também que o PPGPC teve um salto numérico de trabalhos acadêmicos nos últimos anos.

O recorte territorial na Quarta Colônia e em Caçapava do Sul foi determinado uma vez que nos últimos anos os respectivos geoparques passaram pelo trâmite final de certificação do selo mundial da UNESCO. Por serem áreas de relevante importância geológica e/ou paleontológica, patrimonial e cultural, o desenvolvimento endógeno dessas localidades possui potencialidades ímpares de reconhecimento pela comunidade científica e pela sociedade. Razão pela qual em maio de 2023 os mesmos receberam a efetiva aprovação.

O texto está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento foi realizado o levantamento patrimonial das regiões que compõem os geoparques através de informações retiradas dos canais de divulgação da respectiva administração e das prefeituras municipais. Em seguida, Geoparque e Cultura intitula a seção que compreende esses dois conceitos sob a perspectiva da história, da educação, do turismo e do artesanato, porquanto sejam áreas de interesse recorrentes nas produções acadêmicas selecionadas. A seção Geoparque e Comunicação demonstra que em se tratando de geoparques, a comunicação adentra na necessidade de se evidenciar a relevância social, cultural e natural dos territórios e sobressai aos estudos sobre desenvolvimento regional a valorização dessas evidências. Por fim, em considerações finais, a análise enfatiza o vínculo entre desenvolvimento, patrimônio, comunicação e cultura nas manifestações culturais e na transmissão de conhecimentos em prol da valorização da memória e no fortalecimento das identidades.

LEVANTAMENTO DO PATRIMÔNIO DOS GEOPARQUES

O projeto entende a comunicação, as identidades e o patrimônio cultural, sob as perspectivas para o desenvolvimento e a democracia pelo viés dos Estudos Culturais, busca fortalecer a inserção regional da UFSM e seus programas de pós-graduação em termos de impactos: a) sociocultural para o desenvolvimento endógeno; b) natural para a elaboração de políticas culturais de valorização e preservação patrimonial, com a futura proposição de um aplicativo para fins de divulgação e enaltecimento dos patrimônios; c) educacional para organizar e promover a formação interdisciplinar dos professores; d) de internacionalização para gerar publicações de circulação internacional e agregar conhecimentos sob a égide da Cátedra UNESCO Geoparques, Desenvolvimento Sustentável e Estilos de Vida Saudável.

Devido às propostas de impactos mencionados, de antemão foi feito um levantamento dos patrimônios das regiões dos geoparques Quarta Colônia e Caçapava em sites e redes sociais oficiais e a partir de dados obtidos junto às prefeituras locais. Apresenta-se a seguir uma lista com os principais patrimônios que promovem as identidades e a valorização das diversas expressões culturais que circunscrevem as localidades.

No Geoparque Quarta Colônia, que abrange nove municípios, encontram-se os patrimônios e atrativos:

- a. naturais: Balneário Dom Vitório; Balneário Drews; Balneário Municipal Atílio Aléssio; Balneário Passo das Tunas; Caminho da Harmonia; Camping da Gringuinha; Cânions da Piruva; Cascata Cara de Índio; Cascata da Ferreira; Cascata da Várzea; Cascata do Pingo; Cascata Queda Livre; Cascata Raddatz; Cerro Chato - Rio Jacuí; Cerro da Figueira; Cerro da Igreja; Escarpas Alagadas; Gruta do Índio; Mirante Cerro Comprido; Mirante da Usina Hidrelétrica de Dona Francisca; Mirante do teleférico; Mirante Michelin; Monte Grapa; Morro Agudo; Prainha da Ferreira; Quinta Marco 50; Rincão da Encantada; Termas Romanas; e Toca da Tigra.
- b. culturais: Distrito Turístico de Vale Vêneto; Estação Férrea de Restinga Seca; Instituto Cultural Brasileiro e Alemão de Agudo (ICBAA); Moinho Rubin; Monumento ao Imigrante Italiano; Monumento do Imigrante Alemão - Restinga Seca; Museu do Imigrante - Silveira Martins; Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo; Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha; Museu Histórico Geringonça de Novo Treviso; Painel Os Tropeiros - São João do Polêsine; Parque Histórico Municipal Obaldino Benjamim Tessele; Rota das Esculturas; Abrigo indígena do Caemborá; Casa de Cultura Iberê Camargo; Casa Museu Senador Alberto Pasqualini; Centro Cultural Municipal de Pinhal Grande; Centro Cultural Padre Luiz Sponchiado; Centro de Pesquisas Genealógicas - CPG; Centro histórico de Ivorá; e Cruz da Natividade.
- c. religiosos: Caminho dos Capitéis; Casa Museu Diácono João Luiz Pozzobon; Conjunto Arquitetônico Igreja Matriz São José; Conjunto Histórico da Pompéia; Ermida de São Pio de Pietrelcina; Gruta de Nossa Senhora de Lourdes - Nova Palma; Gruta Nossa Senhora de Lourdes - Faxinal do Soturno; Igreja Anjo da Guarda - Santos Anjos, Faxinal do Soturno; Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto; Igreja Matriz Santíssima Trindade - Nova Palma; Igreja Matriz São João Batista - São João do Polêsine; Igreja Matriz São José - Dona Francisca; Igreja Matriz São José - Pinhal Grande; Igreja Matriz São Roque - Faxinal do Soturno; Igreja Santo Antônio de Pádua; Monumento à Nossa Senhora da Salete; Monumento Nossa Sra. Salete; Santuário dos Beatos Mártires da Fé; Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt; Santuário Nossa Senhora da Saúde.
- d. paleontológicos: Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia - CAPP; Espaço dos Dinos - Agudo; Praça de São João do Polêsine.
- e. de cicloturismo: Circuito Cicloturístico Coração do Rio Grande; Rota dos Dinossauros; Rotas Cicloturismo de Pinhal Grande; Roteiro Ciclístico dos Capitéis de São João do Polêsine.
- f. Por sua vez, na cidade de Caçapava do Sul encontram-se os patrimônios e atrativos do Geoparque Caçapava:
- g. turísticos: Jardim da Geodiversidade Professor Maurício Ribeiro; Forte Dom Pedro II; Centro Municipal de Cultura Arnaldo Luiz Cassol; Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção; Casa dos Ministérios; Casa Borges de Medeiros; Estrada da Calçada do Imperador; Guerreiro Farrapo; Pipa do Noca; Fonte do Conselheiro; Casa de Cultura Juarez Teixeira.

- h. de aventura: trilha Forte Dom Pedro II - Pedra do Segredo.
- i. geossítios: Pedras das Guaritas; Serra do Segredo; Minas do Camaquã; Cascata do Salso; Chácara do Forte; Toca das Carretas; Gruta da Varzinha; Mirador Capão das Galinhas; Pedra da Guarda Velha; Cascata do Pessegueiro; Rio Camaquã; Mirador Serra de Santa Bárbara; Cerro do Perau; Caieiras; Cerro do Bugio; Matacões da Vila do Frigorífico; Rincão da Tigra; Cerro do Reginaldo; Cerro da Angélica; Cachoeira da Chácara do Forte; Pedreira da Estrada das Pitangueiras; Cerro do Andrade; Passo do Megatério.

GEOPARQUE E CULTURA

Geoparques são áreas geográficas únicas e de relevância mundial, com sítios e paisagens que permitem o reconhecimento de seu valor histórico, patrimonial e cultural a partir de aspectos geológicos e geomorfológicos. Contudo, além das feições geográficas, o conceito de geoparque abarca também, de modo holístico, a educação e o desenvolvimento sustentável endógeno a partir do turismo e da preservação patrimonial.

Esta análise quanti e qualitativa a respeito da produção acadêmica da UFSM na região dos geoparques — Quarta Colônia e Caçapava —, como dito, tem como objetivo central o aprofundamento da identificação desses territórios e de suas particularidades. Sendo assim, através da leitura de teses e dissertações, pode-se subdividi-las em tópicos sobre a História, a Educação, o Turismo e o Artesanato desenvolvidos no local. E, por questão de coerência com o projeto de pesquisa, optou-se por categorizar a Comunicação em campo à parte, afinal, cultura e comunicação são capazes de interferir diretamente nas manifestações socioculturais.

Geoparque e História

A preservação da história é fundamental para a manutenção e consolidação do patrimônio cultural e natural de um povo em seu território, pois permite o sentimento de pertencimento do primeiro em relação ao segundo. Percebe-se com isso que a integração da comunidade local aos geoparques aos quais circundam potencializa o desenvolvimento sustentável a partir dos atributos e recursos que lhes são próprios.

A Quarta Colônia, no centro do Rio Grande do Sul, é composta por nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Sêca, São João do Polêsine e Silveira Martins. Historicamente, essas localidades se vinculam pela particularidade de terem recebido os povos imigrantes, em maioria italianos e alemães, onde já habitavam os povos originários.

A formação sócio-espacial da região deve ser observada com base nos aspectos rurais e urbanas, pois em se tratando do Consórcio de nove municípios, suas realidades convergem quanto à história de fundação, no entanto há divergências pontuais quanto à organização do espaço geográfico que se desenvolve com as respectivas políticas públicas e condições de execução.

Vendruscolo (2010) lidava com as relações socioespaciais da região da Quarta Colônia, considerando que em diferentes ambientes há influências e continuidades que lhes são exclusivas. É dizer com isso que as divergências territoriais — econômicas, políticas, sociais, ambientais e culturais — interferem na organização de cada município e apresentam-se em comportamentos de desenvolvimento particulares. Desde então, pode-se inferir o tamanho da complexidade dos estudos referentes à cultura dos povos demarcados pelo interesse comum na consolidação dos Geoparques ora estudados.

Ziemann (2016), ao pensar sobre as estratégias de conservação do geopatrimônio da Quarta Colônia, delineou critérios de interesse turístico, científico e didático para o inventário levantado pela CPRM — Companhia de Pesquisas em Recursos Minerais, Serviço Geológico do Brasil. A proposta de identificação da representatividade dos quarenta e três geossítios selecionados resultou no entendimento de que em vinte e quatro deles havia condições propícias para o geoturismo e nos dezenove restantes era preciso maior investimento.

Outro dado apontado era a potência da riqueza cultural advinda da história de imigração: a identidade da população local fortalecida pela inter-relação com a cultura (atividades tradicionais de agricultura e pecuária; manifestações religiosas; gastronomia, festas e artesanato). No entanto, há sete anos, sua pesquisa cogitava que o turismo era pouco explorado e as políticas públicas insuficientes para o desenvolvimento e à falta de informação.

Cruz (2020), identifica a memória e a integração dos povos ao relatar que a ocupação do território teve início em 1877, com os russos-alemães. Em 1878, os italianos começaram a migrar em direção ao centro do Rio Grande do Sul e reconfiguraram-no por definitivo. Conta a história de que a colônia sofreu divisões e que esse processo teve influência da igreja católica, na tentativa de integração da “italianidade” e da religiosidade. Por questões políticas, o desenvolvimento e o pertencimento da comunidade reconfigurada em novos municípios foram sempre revividos para a construção da identidade territorial. Hoje em dia, a identidade coletiva é indissociada da cultura e é o ponto de articulações sociais e políticas que constituem a realidade da Quarta Colônia.

As representações e manifestações da sociedade da Quarta Colônia são singulares na medida em que a sua construção histórica possui aspectos culturais identitários que lhes são caracterizados por valores religiosos, especificamente, católicos. A comunidade possui vínculos enraizados no território, oriundos ou estimulados pelas práticas da igreja que não necessariamente advêm da cultura local, mas sim daquela incorporada pela colonização.

Ceretta (2017) aponta que a matriz religiosa católica apostólica romana é o viés identitário que explica, não só as festividades e devoções dos santos e padroeiros, como também a força social legitimadora da tradição cultural estimulada a partir dos interesses da sociedade pela promoção de comemorações católicas. O reconhecimento da história de colonização e da influência da igreja permitiu concluir pelas especificidades pertinentes ao contexto da Quarta Colônia, tornando necessária a consideração delas para o desenvolvimento e

valorização do território, certa de que a “coesão social” demanda evidenciar os sentidos mercadológicos e turísticos sem menosprezar a cultura por trás das representações sociais-religiosas.

Silva (2020) insere sua pesquisa na abordagem da geografia cultural e nos aponta que a região turística central do Rio Grande do Sul, além de incorporar os municípios integrantes do geoparque, possui identidades territoriais que são fundadas na religião e nas influências europeias da colonização, alemã e italiana. É a partir dessa visão que também se insere a necessidade de compreensão dos estudos culturais e sociais para subsidiar a gestão pública do território, como é o caso do planejamento e organização do turismo. Políticas públicas descentralizadas e participativas permitem, sob o seu olhar, balizar o desenvolvimento sustentável com foco nas identidades territoriais dinâmicas e híbridas, com traços culturais valorizados e que simbolizam o pertencimento na região.

Rossato (2022) intitula seu estudo com a indicação de que o patrimônio cultural é estimado pela memória oral de um povo. Dentro da região da Quarta Colônia, afirma que as histórias contadas pelas pessoas mais velhas constituem a cultura que deve ser implementada nas escolas como tema importante para a educação patrimonial, numa linguagem acessível e didática, com o objetivo de disseminar o conhecimento de maneira multidisciplinar e representativa.

Baccin (2022) repisa a importância da educação patrimonial em diferentes âmbitos sociais, pois entende, após estudar a história católica de um Seminário no município integrante da Quarta Colônia, que a educação e a religião dão sentido à construção da região. Por volta de 1950, a igreja católica exercia grande influência no contexto de formação dos cidadãos, o que dá margem às novas interpretações dessa influência hoje em dia. Esse “espaço de memória” reconstitui os saberes de uma época e demonstra a força que possui para a sociedade local, motivo pelo qual se faz imediata e necessária a preservação do patrimônio.

Até este momento da explanação, as pesquisas demonstram que a valorização do patrimônio natural e cultural é materializada mediante a preservação da história e instrumentalizada pelas práticas sociais da comunicação, da educação e do turismo. Estes aspectos serão abordados a seguir, porém, ressalta-se que a memória da população precisa ter sua importância ratificada pela história justamente porque é a partir das experiências de vida das pessoas que se fortalece o vínculo identitário que lhes é tão caro.

Caçapava do Sul é outro município gaúcho marcado pela história por ocupar uma localização estratégica e logística nos pampas, motivo pelo qual sediou conflitos e revoltas de cunho militar e político. Atualmente conta com bens patrimoniais tombados que garantem a materialização das narrativas que fazem da região um relevante município para o estado do Rio Grande do Sul.

Domingues (2016), avalia um aspecto significativo para Caçapava do Sul: a mineração exercia grande força no fluxo econômico. Contudo, a extração de minérios passou a confrontar, de certo modo, com os interesses de preservação da paisagem e dos recursos naturais e culturais. Apesar disso, quando da

inativação das mineradoras, o turismo foi entendido como prática de valorização possível a ser implementado pela gestão pública no que tange ao patrimônio geomineiro. O estudo indicou que o aproveitamento geoturístico com espaços de cultura e com a promoção de espaços de esportes de aventura adequariam o passivo ambiental ao desenvolvimento sustentável daquela geografia. Tal desenvolvimento preservaria o sentimento de pertencimento com a apropriação dos espaços, valendo-se das estratégias de gestão da administração pública em prol das pessoas locais.

Tal qual ocorreu na percepção de alguns estudos há mais de cinco anos, as regiões da Quarta Colônia e de Caçapava do Sul careciam àquela época de recursos públicos que implementassem políticas de preservação ambiental e cultural aliadas à exploração consciente da disponibilidade de seus recursos. Pôde-se notar, ainda assim, que conforme as produções acadêmicas evoluíram com o tempo, consigo trouxeram novos horizontes com perspectivas mais holísticas sobre o conceito de um geoparque.

Souza (2018) pesquisou acerca da percepção da paisagem de determinada parte da região de Caçapava do Sul, caracterizada pelos níveis de pertencimento dos pecuaristas com as tradições culturais do pampa. Sua análise trata das transformações socioculturais no que tange a essas tradições rurais: algumas atividades vêm causando impactos negativos por ineficiência energética, ou seja, maior extração dos recursos do que a capacidade de regeneração natural.

O estudo concluiu pela necessidade de revisão do assunto, uma vez que os impactos geram devastação ambiental, mas também cultural, posto que os pampas são a síntese de uma conjuntura social única. Por fim, estabeleceu que a percepção das pessoas que vivem naquele território é indispensável para a elaboração de políticas públicas democráticas e representativas, que, assim como no caso acima sobre o turismo geomineiro, não pode abdicar de estratégias de gestão territorial.

Após a leitura dos textos acadêmicos selecionados, uma atualização foi possível acerca da realidade da sociedade da Quarta Colônia, que com certa inadvertência pode ser estendida a algumas outras regiões do Rio Grande do Sul. A depender do contexto local, as desigualdades sociais e econômicas entre os municípios evidenciam condicionantes de falta de instrução e de violência, por exemplo.

Uliana (2021) estabelece que as relações da sociedade com a natureza, urbana ou rural, permitem a interpretação de traços sociais contidos nas dinâmicas socioespaciais em que os indivíduos são influenciados pelas fragilidades na esfera das políticas públicas, que não somente acentuam as desigualdades socioeconômicas como, conseqüentemente, inviabilizam o desenvolvimento sustentável da região. Os padrões de criminalidade provocados pelo descompasso social são causas de inibição ou descontinuidade das vantagens promissoras de um geoparque tão rico em patrimônios.

Geoparque e Educação

O patrimônio histórico-cultural proporciona o desenvolvimento de atividades de educação e ensino e de outras práticas integrativas, como o turismo, que incorporam valor ao território consubstanciando a chancela da Unesco para a conquista do selo de reconhecimento de geoparque mundial. É perceptível o esforço acadêmico das universidades da região para a preservação patrimonial, com participações ativas dos locais nos objetivos primados pela sustentabilidade.

Estratégias colaborativas dos projetos acadêmicos apontam em direção ao enaltecimento das atividades extensionistas investidas pelas universidades ao passo em que fortalecem o vínculo com a comunidade do entorno e engrandecem o capital cultural através da educação. Esta possibilita às pessoas a leitura de mundo ao integrá-las democraticamente na sociedade, criando coesão social e espaços de cultura com compartilhamento de conhecimentos e experiências capazes de enriquecer o saber coletivo sobre a história e a constituição do grupo social no território.

Stochero (2018) trata a educação patrimonial como um fator de reconhecimento do patrimônio presente em nível ambiental e cultural, por isso, na região central do estado gaúcho, o patrimônio paleontológico — fósseis, sítios paleontológicos — deve ser apropriado pelas pessoas sendo traduzida a sua importância da preservação e valorização. Em seu estudo, a proposta de informação sobre o patrimônioossilífero foi divulgada à comunidade em modo de cartilha para alunos do ensino médio. O material educativo introduz conceitos básicos, linguagem acessível e inteligível nas escolas, espaços para a formação de cidadãos conscientes.

Embora a geoeducação possua um caráter mais técnico ou especializado nas áreas de conhecimento a que se aplica, é possível que seja realizada em paralelo nos espaços formais e informais de ensino. Na formação da cidadania e conscientização das pessoas, pode-se dizer que as vivências culturais em espaços não-formais são do mesmo modo importantes para a sociedade, pois promovem valor às suas potencialidades, como o câmbio de saberes através da interação entre as pessoas mais experientes e as pessoas que estão em fase de aprendizado e formação social.

Sá (2018) analisou o uso desses espaços na educação básica. Entende por não-formais os espaços de ensino que desenvolvem o indivíduo para além das fronteiras das escolas e, assim sendo, abrangem maior repertório de conhecimento em locais comuns a qualquer pessoa, razão pela qual traçou a UFSM, em especial o Jardim Botânico, como local de possibilidade de utilização do espaço capaz de integrar teoria e prática através da troca de conhecimento entre os visitantes e os profissionais/professores da região.

O patrimônio cultural, quanto aos geoparques, demanda da sociedade sua preservação e valorização por meio da sensibilização das pessoas. A história de um povo e de seu território passa por camadas de identidade que referenciam as manifestações culturais e consolidam a sustentabilidade das práticas sociais.

Toniazzo (2021) entende que a validação do “saber-fazer artesanal”, orientado dentro da comunidade escolar, é uma maneira pertinente para referenciar o passado e possibilitar atividades de economia sustentável e sustentada em aspectos culturais próprios da região do geoparque. Nessa linha, educar sobre o patrimônio é ressignificar a história, fortalecendo-a e atualizando as referências culturais para garantir a identificação das gerações atuais a partir da fase de formação das pessoas nas escolas. Considera, portanto, que a educação é uma mediação para introduzir o turismo nas práticas socioculturais que circulam entre conhecimento e economia, primando pela sustentabilidade das ações, apropriando-se do patrimônio a partir de espaços formais ou não-formais e integrando a sociedade nesse intuito democrático de “aprendizagem expressiva, construtiva e cidadã”.

Ramos (2022) segue na mesma linha ao acreditar que a visibilidade e a valorização de bens culturais, materiais e imateriais, contribuem para o desenvolvimento sustentável. Em sua pesquisa, voltada a uma região específica do território do Geoparque Quarta Colônia, o reconhecimento da cultura é visto como objeto de articulação de ações educativas nos espaços formais de aprendizagem capazes de acionar a educação patrimonial como meio de lidar com questões sociais e culturais na formação dos cidadãos.

Percebe-se que as políticas educacionais, como a inclusão da educação patrimonial como componente dos currículos escolares, são a porta de entrada para a formação de cidadãos com competências de reconhecer, criticar e transformar as discussões pertinentes à sociedade a qual pertencem, de modo a participarem ativamente da construção cultural desde a infância.

Podemos repisar a ideia de articulações educativas em espaços formais, como as escolas, no entanto a relação entre educação e patrimônio ultrapassa os limites das salas de aula. E, justamente por isso, a identidade cultural é reforçada pela educação patrimonial que se aproxima da comunidade mediante políticas públicas e ações sociais que vão ao encontro das pessoas em seus diversos espaços de convívio e socialização.

Scpain (2022) volta seu olhar para a relação escola-museu, em que confirma a educação patrimonial cultural na região de um geoparque como mola propulsora da memória e da identidade da sociedade, como forma de conscientização dos sujeitos e, conseqüentemente, mediadora do desenvolvimento endógeno. Para tanto, é preciso orientação metodológica para que a educação sobre os bens patrimoniais alcance o escopo principal de garantia do pertencimento das pessoas ao território em que se fazem concidadãos.

Embora reconheça que a memória da Quarta Colônia é, evidentemente, vinculada aos traços de descendência e colonização (italiana), torna claro também que a cultura é característica pela sua dinamicidade. Nesse sentido, as ações educativas devem observar a construção coletiva dos saberes para não engessar as tradições da história na preservação e contemplação do patrimônio cultural sem a devida aproximação das novas gerações ao referencial histórico,

sendo estas capazes de criticar e transformar o contexto cultural sustentável, respeitada a origem do legado identitário que comungam.

Chaves (2022) traz à perspectiva da educação patrimonial, formal ou não, a simbologia das manifestações culturais e a representatividade dos artistas que nascem em territórios ricos em cultura. Valorizar a produção local a partir da transversalidade da memória e da educação estimula o sentimento de pertencimento associado à conterraneidade, com espaços de cultura que valorizam e homenageiam pessoas de destaque e a história.

Geoparque e Turismo

O geoturismo elaborado por uma gestão pública articulada e integrada com os demais setores da sociedade atende às demandas econômicas na medida em que desenvolve atividades relacionadas ao patrimônio, natural ou cultural, e confere não somente a democratização do acesso como também a conscientização de sua importância e a participação na tomada de decisões das medidas que melhor se enquadram na preservação desse patrimônio.

Cecchin (2019) estudou a integração dos patrimônios na sustentabilidade de seus usos geoturísticos dentro do Geoparque Quarta Colônia. Os patrimônios naturais e culturais, numa noção de diversidade cultural e étnica, são responsáveis pela revitalização da identidade de uma população oportunizada pelo turismo, que gera atividades econômicas como: modelos de roteiro turístico e confecção de geoprodutos. A história da colonização europeia comum aos municípios do Consórcio associa a influência étnica ao território, tanto na organização dos municípios — construções de imóveis com arquitetura peculiar, tradições e padrões de comportamento — quanto nos aspectos propriamente geográficos que valorizam toda a sua diversidade natural.

É oportuno ressaltar que a visão holística inerente ao geoparque torna imprescindível à gestão territorial a atuação sistêmica na preservação do patrimônio, aliada ao desenvolvimento endógeno sustentável.

Madeira (2022) identifica as paisagens do geoparque Caçapava com o intuito de subsidiar a interpretação dos roteiros turísticos da região. É um importante contributo para conhecermos a realidade local, pois, como demonstrado, existem dentre outros fatores de preocupação a agricultura e a biopirataria como práticas atuais que divergem dos rumos de conservação ambiental. Em contrapartida, as estratégias de geoturismo são bem vistas, considerados os interesses de conciliação entre a comunidade e a economia sustentável possível a partir da educação e conscientização dos sujeitos incorporadas por políticas públicas efetivas.

Degrandi (2011) já observava essa questão da interpretação das paisagens tendo em vista as possibilidades de desenvolvimento local saudável ao meio ambiente. O ecoturismo estudado em uma região do Geoparque Caçapava considerava o aproveitamento sustentável do patrimônio natural, sensibilizando as pessoas com a educação ambiental não somente sobre as paisagens naturais como também quanto aos aspectos socioculturais e econômicos.

O turismo deixa de ser uma atividade meramente contemplativa pelos visitantes da biodiversidade local, mesmo primando pela sua preservação, e passa a ser compreendido como potencial transformação da sociedade com ações educativas, participativas, porventura de cunho econômico, e que garantam a preservação patrimonial e o crescimento democrático e sustentável do grupo social. A valorização da cultura e a manutenção do pertencimento das pessoas a essa cultura fazem parte da transformação pretendida.

Garcia (2014) e Lorenci (2013) avaliaram em seus estudos sobre o geoturismo que a gestão pública eficiente garante desenvolvimento sustentável à região de um geoparque a partir da capacitação da sociedade quanto à interpretação ambiental mediante ações educativas e políticas públicas que incrementem na comunidade o conhecimento necessário para a preservação patrimonial inestimável não somente para a localidade mas para o mundo, afinal, há um rico arcabouço histórico de patrimônios cultural e natural que, como no caso da paleontologia, destacam sobremaneira a exclusividade do território.

A intersecção entre história, educação e turismo se faz necessária no modelo econômico em que nos encontramos, razão pela qual é inviável não considerar todas as articulações possíveis para que o desenvolvimento sustentável permita a geração de riquezas sem menosprezar, e ao contrário, valorizar e preservar, a cultura e o patrimônio dos geoparques. Como conclusão dos estudos acima, a educação é importante ferramenta educacional sobre as geociências, em especial, mas que articulado da maneira correta é capaz de estender-se às práticas sociais em que a economia é imprescindível. Por isso, a interpretação ambiental fornece ao turismo condições de consciência e sustentabilidade da sua exploração econômica revertendo esforços na valorização identitária do povo, ciente de sua origem histórica e de suas potencialidades futuras.

Geoparque e Artesanato

Retomando o tópico acerca da contextualização histórica das regiões abrangidas pela Quarta Colônia e Caçapava, existem peculiaridades que lhes são distintas, como a formação socioespacial da Quarta Colônia influenciada pela colonização europeia (italiana, alemã) e a posição estratégica para as logísticas militar e econômica presentes no cerne do município de Caçapava do Sul. Porém, há farta aproximação entre ambas no que tange à produção local de artesanato, principalmente, como manifestação cultural que possibilita prestigiar o valor cultural das tradições, fazendo parte do intuito de preservação patrimonial tão caro ao intuito maior do reconhecimento mundial dos geoparques.

Guerra (2022) e Grigolo (2021) trabalharam suas considerações sob o prisma do Design e Identidade, na coleção de joias e na confecção de produtos em lã, respectivamente. Se por um lado se avalia a influência católica nas questões identitárias por trás da elaboração de joias com matérias-primas e mão de obra pertencentes à Quarta Colônia, valendo-se de significados e representatividade histórica, por outro lado se reflete de maneira mais atualizada a produção artesanal própria de Caçapava do Sul, intitulada “Capital Gaúcha da Geodiversidade”. Seus geoprodutos advindos de técnicas de manuseio em lã,

tradicionalmente tida no âmbito dos pampas gaúchos, enfatizam a valorização e a diversidade cultural, promovendo o patrimônio proveniente daquele território.

Silva (2022) elencou outra importante dimensão da cultura materializada em artesanato, referente ao segmento feminino da sociedade. Na relação mulher-artesanato em Caçapava do Sul, os espaços de discussão e empoderamento femininos garantem não somente o papel fundamental de atuação das mulheres na comunidade como também atingem dimensões políticas sobre questões de gênero que impactam as estruturas sociais, revitalizando os aspectos históricos, culturais e econômicos.

O desenvolvimento da educação, do turismo e da economia de maneira sustentável e endógena consolidam as metas estabelecidas para a conquista do zelo de reconhecimento concedido pela Unesco aos geoparques mundiais que se comprometem com todos os aspectos sociais relevantes para a sustentabilidade e a permanência das sociedades com seus modos de vida, seus padrões de comportamento, suas tradições e inovações.

GEPARQUE E COMUNICAÇÃO

Em se tratando de geoparques, a comunicação adentra na necessidade de se evidenciar a relevância social, cultural e natural dos territórios em busca de desenvolvimento endógeno promissor para a valorização das comunidades, das atividades econômicas baseadas em turismo e artesanato, da educação formal e informal que incluam em seus planos a realidade dos patrimônios e na sustentabilidade da gestão territorial.

Silva (2014) entende que as políticas públicas são responsáveis pela construção de ações que impactaram positivamente. No seu caso, o Geoparque da Quarta Colônia foi avaliado na perspectiva de que o senso de coletivo e pertencimento, aliados à cooperação, solidariedade, responsabilidade e participação social, junto às atribuições do Estado, pudessem promover estrategicamente o desenvolvimento de políticas atinentes ao território e para o bem-estar da comunidade. O cenário do centro do Rio Grande do Sul foi a delimitação de pesquisa que inspirou, com enfoque na comunidade rural, as potencialidades do turismo para o desenvolvimento da região. A autora conclui, dentre tantas análises, que o capital social é fundamental para a manutenção e evolução dos objetivos de um geoparque, e por isso a necessidade de se traçar um planejamento estratégico, também da comunicação, e de programas ou projetos que não somente melhoram as relações em sociedade como também, para a promoção daquilo que se propõem enquanto pertencimento e desenvolvimento territorial, capacite as pessoas em nível profissional e de cidadania.

A condição de articulação nas relações entre os atores sociais na concepção de ações coletivas que deem suporte estratégico para o desenvolvimento sustentável de um geoparque, envolve, evidentemente, a comunicação como amparo na cooperação dessas ações e no vislumbre de crescimento da educação e da economia.

Degrandi (2018) compreende que o capital social permeado pelo turismo no Geoparque Caçapava é estratégico para o desenvolvimento local, subsidiado por iniciativas privadas e públicas que possibilitem a geração de trabalho e renda. Sua pesquisa constatou que em 20 anos as iniciativas de aproveitamento do potencial do patrimônio geológico e geográfico, como o setor de hospedagem e de esportes, juntos às associações da sociedade civil e da prática do tradicional artesanato de geoproduto, fortalecem o pertencimento cultural das pessoas naquele território.

Genericamente, assim como afirma a autora acima citada, as características de um geoparque demandam mobilização de capital social, que em suas palavras clareia as potencialidades de utilização dos recursos naturais e paisagísticos como forma de alavancar o desenvolvimento regional a partir de suas próprias aptidões. Contudo, como apontado, quando se há pouca comunicação ou articulação entre as esferas de poder e agentes sociais, a gestão do geoparque não corresponde na mesma medida de seu potencial. A título de exemplo, a pesquisadora descreve questões de infraestrutura e de informação ou acesso como problemas associados à falta de investimento.

A comunicação é a melhor forma de atração para fomento ao turismo e à educação, que proporcionam desenvolvimento na região, através de análise de comportamentos dos públicos e de instrumentos técnicos que permitam a compreensão das relações entre os concidadãos e das relações sociais que ativam o ciclo da economia.

Ruiz (2021) expõe que, atualmente, o comportamento dos turistas dentro dos geoparques é avaliado enquanto tomada de decisão a partir das significativas alterações nos modos de aquisição das informações sobre o destino. A internet, com o marketing digital, foi para ele o foco de investigação para avaliar as ações das organizações públicas e privadas do entorno do Geoparque Quarta Colônia no objetivo de angariar público. O alinhamento com as ferramentas tecnológicas digitais efetiva a comunicação enquanto viabiliza experiências dos usuários ao alcance mais tangível de consumo, sendo que, para tanto, conforme argumentado, é preciso que haja lealdade e qualidade nas informações e qualificação dos portais quanto ao conteúdo publicizado.

Ziemann (2020) apresentou em seu trabalho uma proposta para gestão do Geoparque Quarta Colônia considerando o capital social presente no território. Com o objetivo de encontrar as potencialidades do geoparque nas instituições responsáveis pela sua gestão, o geoturismo é analisado sob a perspectiva da integração entre os agentes sociais que viabilizam ações estratégicas que por ventura careçam de fortalecimento do capital social. Nesse contexto, apresenta também que os geoparques da rede mundial, em sua maioria, são regidos por entidades públicas, com parcerias de organizações públicas e privadas, demonstrando a importância da comunicação na mobilização da participação social e democrática como empoderamento social.

Na esteira das propostas de desenvolvimento endógeno possibilitado pelas dinâmicas sociais relacionadas por conta dos geoparques, a partir da

comunicação e da integração entre os agentes sociais e os serviços e produtos prestados, é importante se atingir a noção de que tais dinâmicas funcionam como um sistema que completa toda a realidade vivida, prestigiando a cultura e a natureza circundantes.

Silva (2022), dada a especialização na área de conhecimento da geografia, instiga o pensamento a partir do conceito de serviços ecossistêmicos em que a paisagem viabiliza serviços e bem-estar aos seres humanos desde que, em contrapartida, haja manutenção, conservação e preservação da natureza. Como dito, ao instigar o pensamento dual sobre a geração de renda a partir dos recursos do geoparque e sobre a necessidade de proteção dos patrimônios natural e cultural, o desenvolvimento endógeno aponta favorável para o contexto da Quarta Colônia. Ao mapear e avaliar as potencialidades turísticas e os públicos de interesse, por meio de técnicas que consubstanciam o processo comunicacional como elo entre uso dos recursos e sua preservação, a autora buscou compreender a viabilidade institucional do geoparque e a implementação de um modelo de política gerencial retributivo.

Pippi (2012), a sua época, trazia a importância das peculiaridades das comunidades que pertencem a territórios tão específicos e especiais quanto os geoparques. Em suas considerações, afirma que as evidências culturais e a legitimação pelo reconhecimento das pessoas aos locais em que vivem perpassam por questões vinculadas à mídia. É nesse intuito que estuda a visibilidade midiática dos geoparques que, no caso do Quarta Colônia, influencia nas identidades territorializadas. Em suas conclusões verifica que parte das estratégias comunicacionais e dos discursos midiáticos o alcance noticioso de divulgação das potencialidades do geoparque perante o desenvolvimento sustentável, e também do reconhecimento identitário. Pode-se deduzir que neste aspecto sua contribuição acadêmica fortalece a continuidade dos estudos atuais.

Quanto às estratégias de comunicação dos geoparques, que visam estabelecer fiel relação sobre seus patrimônios e a comunidade cuja identificação lhe é intrínseca pela vinculação territorial, é preciso conhecer não somente a realidade local como também os públicos de interesse dos processos comunicacionais. Assim sendo, é possível a legitimação do discurso midiático, por exemplo, para reconhecimento das pessoas.

Bortolin (2022) entende que patrimônios culturais são legados que representam grupos sociais, suas memórias, histórias e identidades dentro de um contexto territorial que aproxima as pessoas devido à referência simbólica destes aspectos na formação da sociedade. A autora aponta a importância dos processos de consciência, que podem ocorrer por meio de diversas ações com o intuito de preservação e transmissão das representações e significados da cultura para a comunidade. Ao propor o produto comunicacional denominado Centro Interpretativo Digital (CID), website para compartilhamento das simbologias que fortalecem a afetividades e a identificação das pessoas ao território e à cultura da cidade. Em conclusão, aponta também a considerável relevância de tal produto para as gestões municipais e administrativas de geoparques, quando da utilização de recursos digitais que, além de atualizados, permitem melhor

interpretação das informações, a interação e conscientização com respeito ao patrimônio e a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a cultura e a comunicação, em seus sentidos sociológicos, são capazes de produzir e redimensionar os significados e os contextos sociais aos quais estamos inseridos. Sendo assim, a cultura pode ser compreendida como o processo de interiorização e aprendizado dos ritos e costumes praticados pela sociedade no decorrer dos tempos. A comunicação torna-se o *locus* das manifestações culturais e, conseqüentemente, do compartilhamento de saberes e da socialização dos indivíduos.

É a comunicação que permite aos sujeitos criarem raízes em seus territórios, simbolicamente entendidas como memórias que os constituem enquanto pessoas integrantes da sociedade, gerando, portanto, a noção da importância e valorização das suas memórias, da preservação patrimonial, além do sentimento de pertença.

A valorização patrimonial de um território perpassa por questões da história, da geografia, da sociologia, da política e, em se tratando da cultura como um fenômeno dinâmico, as tradições são revalidadas ou reconfiguradas através das gerações. A complexidade do campo cultural denota a realidade social das disputas de poder, cujo grupo dominante determina a sua lógica de funcionamento na sociedade. É por isso que temos por eixo teórico os Estudos Culturais, que nos guiam a argumentar a favor da democracia, do desenvolvimento sustentável, da preservação patrimonial e da história, fortalecendo as identidades e o pertencimento das pessoas.

A análise problematiza as conexões entre desenvolvimento, comunicação e patrimônio, partindo do entendimento e da necessidade de primar pela cultura como mote de todo o processo comunicacional que garanta não somente a preservação patrimonial como também o desenvolvimento e a democracia, pela via dos geoparques. A valorização da memória, dos patrimônios e das identidades é constructo das vivências culturais e de suas expressões no decorrer da história, essa visão nos é norteada pelos Estudos Culturais.

REFERÊNCIAS

O presente trabalho baseou-se exclusivamente nas produções científicas constantes no repositório de teses e dissertações da UFSM.

BACCIN, Vanessa. **O pré-seminário São José de Faxinal do Soturno: história, memória e patrimônio da Quarta Colônia.** 2022. 136 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

BORTOLIN, Ana Carolina Cherobini. **Centro interpretativo digital do patrimônio cultural município de Dona Francisca - RS.** 2022. 123 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

CECCHIN, Dilson Nicoloso. **Integração do patrimônio natural ao cultural como recurso geoturístico na implantação do projeto do geoparque Quarta Colônia, RS, Brasil.** 2019. 406 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

CERETTA, Caroline Ciliane. **As representações sociais nas festas de Padroeiros da Quarta Colônia/RS.** 2017. 202 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Área de Concentração em Dinâmicas Socioambientais e Estratégias de Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

CHAVES, Thais Danzmann. **Educação patrimonial e identidade: reencontro da comunidade de Restinga Sêca com Iberê Camargo.** 2022. 119 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

CRUZ, Jorge Alberto Soares. **A identidade e a memória como fatores de desenvolvimento e integração: a Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS/Brasil e o desenvolvimento regional (1955-2020).** 2020. 240 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

DEGRANDI, Simone Marafiga. **Capital social e desenvolvimento territorial endógeno: desafios e perspectivas para a criação de um geoparque em Caçapava do Sul, RS (Brasil).** 2018. 309 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

DEGRANDI, Simone Marafiga. **Ecoturismo e interpretação da paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local.** 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

DOMINGUES, Silvio Avila. **Perspectivas de valorização e conservação do patrimônio geomineiro da localidade de Minas do Camaquã (Caçapava do Sul, RS).** 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

GARCIA, Taís da Silva. **Da geodiversidade ao geoturismo:** valorização e divulgação do geopatrimônio de Caçapava do Sul, RS, Brasil. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

GRIGOLO, Micheli da Silva. **Design e identidade:** artesanato em lã no Geoparque Caçapava Aspirante UNESCO. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

GUERRA, Ana Luiza Seeger. **Design e identidade:** coleção de jóias criada a partir de elementos de igrejas católicas do Geoparque Quarta Colônia Aspirante Unesco. 2022. 197 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

LORENCI, Carmen Terezinha Barcellos. **Geoturismo:** uma ferramenta auxiliar na interpretação e preservação do patrimônio geopaleontológico da região central do Rio Grande do Sul. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, Linha de pesquisa: Arqueologia e Paleontologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

MADEIRA, Márlon Roxo. **Identificação das unidades de paisagem do município de Caçapava do Sul - RS:** subsídios à interpretação geopatrimonial em roteiros geoturísticos. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Análise Ambiental e Dinâmica Espacial do Cone Sul, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

PIPPI, Joseline. **Visibilidade midiática, discurso e território:** em busca de uma identidade para o desenvolvimento. 2012. 300 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

RAMOS, Raquel Gonçalves. **Educação patrimonial como componente curricular nos anos iniciais das escolas municipais de Restinga Sêca, RS - Quarta Colônia.** 2022. 96 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

ROSSATO, Marisa Bertoldo. **O patrimônio cultural no distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS:** histórias e personagens contadas num caderno didático. 2022. 158 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

RUIZ, Lúcio de Medeiros. **Gestão pública do turismo – atributos dos websites dos municípios da região do projeto geoparque Quarta Colônia - RS.** 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações Públicas, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SÁ, Rithiele Facco de. **Uso dos espaços não-formais na educação básica:** o Jardim Botânico da UFSM. 2018. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SCAPIN, Eloi Piovesan. **Escola e museu:** a relação entre educação e patrimônio cultural, em Vila Cruz/RS, geoparque Quarta Colônia. 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SILVA, Adriana Pisoni da. **Turismo e desenvolvimento territorial na Quarta Colônia - RS - Brasil:** uma abordagem na perspectiva do capital social. 2014. 170 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SILVA, Elisângela Lopes da. **As mulheres e o Geoparque Caçapava Aspirante Unesco:** uma relação alinhavada pelo artesanato, 2022. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, Linha de Pesquisa Meio Ambiente, Paisagem e Qualidade Ambiental, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SILVA, Greice Kelly Perske da. **Proposta de retribuição por serviços da paisagem no geoparque Quarta Colônia (RS, Brasil):** uma análise a partir dos serviços culturais em trilhas. 2022. 296 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SILVA, Mirele Milani da. **As identidades territoriais da região turística central do Rio Grande do Sul a partir dos marcadores religiosos, históricos e fabricados.** 2020. 271 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

SOUZA, Luiz Paulo Martins e. **Tradição e transformação no Pampa Serrano das Guaritas do Camaquã:** um estudo de percepção da paisagem. 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Análise Ambiental e Dinâmica Espacial do Cone Sul, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

STOCHERO, Cleusa Maria Pasetto. **Educação patrimonial em paleontologia na região central do RS:** construindo uma cartilha para alunos do ensino médio. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arqueologia e Paleontologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

TONIAZZO, Bibiana Schiavini Gonçalves. **Turismo, patrimônio e artesanato:** uma proposta educativa para o território Geoparque Quarta Colônia Aspirante Unesco. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração História e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

ULIANA, Daniéli. **Análise dos condicionantes da criminalidade nos municípios da Quarta Colônia/RS entre 2009 e 2019. 2021.** 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

VENDRUSCOLO, Cassiana Elisa. **As relações do espaço urbano do município de Dona Francisca, RS com a Região da Quarta Colônia.** 2010. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

ZIEMANN, Djulia Regina. **Estratégias de geoconservação para a proposta geoparque Quarta Colônia - RS. 2016.** 241 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

ZIEMANN, Djulia Regina. **Proposta para a gestão do território do Geoparque Aspirante Quarta Colônia/RS, com base na análise do seu capital social.** 2020. 368f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UM PALCO DE ATUAÇÃO, QUALIFICAÇÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES¹

QUARTA COLÔNIA GEOPARK AND HERITAGE EDUCATION: A STAGE OF ACTION, QUALIFICATION, AND CONTINUOUS TEACHER TRAINING

Lisandra Locateli Pereira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a análise e revisão de materiais bibliográficos, sobre as temáticas que dão origem ao título desta pesquisa. A proposta deste trabalho é identificar, descrever e analisar referenciais teóricos para uma melhor compreensão das relações entre as temáticas: Geoparques, Educação Patrimonial e Formação Continuada de Professores. Metodologicamente, este trabalho é um estudo que traz elementos da pesquisa quantitativa e qualitativa-descritiva. A coleta de dados está ocorrendo em duas frentes: levantamento sistemático de literatura específica e entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos que tem relação com os temas norteadores da pesquisa. A presente proposta de trabalho é resultado do Mestrado Profissional vinculado a Linha de Pesquisa História e Patrimônio Cultural, oportunizados em virtude do Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO. As temáticas abordadas de forma específica como a exemplo dos Geoparques apresentam diretrizes para o desenvolvimento dos pilares estruturantes dos geoparques. Já as temáticas de Educação Patrimonial e Formação de Professores tendem a apresentar uma relação mais consistente sobre experiências de práticas de ensino voltadas à educação patrimonial, a partir de programas de formação continuada. Conclui-se porém que o diferencial desta proposta de pesquisa encontra-se na forma de análise e registro dos processos de formação de professores nos nove municípios pertencentes ao território Geoparque Quarta Colônia.

Palavras-chave: Geoparque. Quarta Colônia. Educação Patrimonial. Formação de Professores.

¹ Este capítulo é um recorte do projeto de dissertação intitulado “Geoparque Quarta Colônia e Educação Patrimonial – um palco de atuação, qualificação e formação continuada de professores”, sob orientação do professor Flavi Ferreira Lisboa Filho.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural e Professora da Rede Municipal e Estadual do município de Faxinal do Soturno – Quarta Colônia.

ABSTRACT

This article aims to present the analysis and review of bibliographic materials, on the themes that give rise to the title of this research. The purpose of this work is to identify, describe and analyze theoretical frameworks for a better understanding of the relationships between the themes: Geoparks, Heritage Education and Continuing Teacher Training. Methodologically, this work is a study that brings elements of quantitative and qualitative-descriptive research. Data collection is taking place on two fronts: systematic survey of specific literature and semi-structured interviews with subjects who are related to the guiding themes of the research. This work proposal is the result of the Professional Master's Degree linked to the History and Cultural Heritage Research Line, made possible by virtue of the UNESCO Fourth Colony World Geopark. The themes addressed specifically, such as Geoparks, present guidelines for the development of the structuring pillars of Geoparks. The themes of Heritage Education and Teacher Training tend to present a more consistent relationship on experiences of teaching practices focused on heritage education, based on continuing training programs. It is concluded, however, that the difference in this research proposal lies in the form of analysis and recording of the training processes of continuing teacher training in the nine municipalities belonging to the Quarta Colônia Geopark territory.

Keywords: Geopark. Quarta Colônia. Heritage Education. Teachertraining.

INTRODUÇÃO

O projeto de dissertação “Geoparque Quarta Colônia e Educação Patrimonial – um palco de atuação, qualificação e formação continuada de professores” é uma proposta de análise, bem como de registro dos processos de formação continuada dos professores na área de Educação Patrimonial nos nove municípios pertencentes ao território Geoparque Quarta Colônia. A busca por conhecer quais os saberes docentes são mobilizados e utilizados pelos professores em seu trabalho e no desenvolvimento de suas atividades, contribui na compreensão de como esses saberes estão vinculados à sua identidade profissional e ao papel que desempenham nas instituições escolares.

Assim, este artigo tem por objetivo compreender as relações entre as temáticas: Geoparque, Educação Patrimonial e Formação Continuada de Professores, a partir de referenciais teóricos analisados pelo estado da arte, pois nos fornece uma compreensão ampla acerca do universo que perpassa pelas temáticas que estão sendo investigadas. Para tanto, pretende-se apresentar como aporte teórico os conceitos e as dimensões temáticas, conforme segue. Primeiramente sobre “Geoparques” usamos as obras de Schobbenhaus e Silva (2012); Figueiró[et al](2022); Projeto técnico 914BRZ4024 (2022) – UNESCO do Ministério do Turismo e Ministério das Relações Exteriores. Dos temas “Educação Patrimonial e Formação de Professores”, destacamos os seguintes autores: Padoin, Figueiró e Cruz (2019); Itaqi e Villagrán (1998); e as produções de Padoin[et al] (2021); Furian (2008) e Gazzola (2009).

Os Geoparques Globais da UNESCO são áreas geográficas únicas e unificadas onde locais e paisagens de importância geológica e/ou paleontológica internacional são geridos com um conceito globalizante de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Um Geoparque usa seu patrimônio geológico/paleontológico, em conexão com todos os outros aspectos do patrimônio natural e cultural da área, para aumentar a conscientização e a compreensão das principais questões enfrentadas pela sociedade, como o uso sustentável dos recursos da Terra (UNESCO, 2023).

Considerados como verdadeiros tesouros da Terra, esses territórios revelam uma rica história geológica/paleontológica que testemunham a evolução de nosso planeta. No entanto, não são apenas espaços de diversidades geológicas/paleontológicas, mas também representam um espaço geográfico de interação com a vida e a cultura humana. As comunidades locais desempenham um papel vital na gestão destes territórios, promovendo práticas sustentáveis e compartilhando seus saberes culturais.

Centrados na conservação do patrimônio geológico, geomorfológico ou paleontológico, na perspectiva do seu uso sustentável, o Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO, tem permitido veicular, não só conhecimentos de caráter técnico científico, mas também tem sido um palco de atuação, qualificação e formação continuada de professores nos nove municípios pertencentes a Quarta Colônia, na área de Educação Patrimonial.

A Educação Patrimonial nas escolas torna-se um desafio para os educadores, uma vez que é uma proposta, pois surge em meio às mudanças no processo de ensino e aprendizagem, devido ao fato da região ser reconhecida pela UNESCO como um Geoparque Mundial de importância científica, cultural, paisagística, geológica, arqueológica, paleontológica e histórica. Para isso acontecer, foi necessário demonstrar que o patrimônio desse território foi e é usado para promover o desenvolvimento sustentável de cada comunidade local.

A geoeducação é um dos pilares centrais para a implementação de um geoparque, e não pode ser interpretada apenas como ensino de conceitos ligados às Ciências da Terra, mas também como um conjunto de conhecimentos e saberes, escolares e não escolares, voltados à criança, jovens e adultos, no sentido de prepará-los para interpretar e agir no seu território, em busca de melhores condições de vida e de manutenção do seu patrimônio coletivo. (FIGUEIRÓ et al., 2019, p.8)

Com vistas a suprir uma demanda do Geoparque em termos de educação patrimonial, esses territórios constituem-se em locais privilegiados para o desenvolvimento de ações para formação continuada dos educadores. Dado o seu caráter multidisciplinar, é possível organizar atividades para atuação dos professores de diversas especialidades. Desta forma é importante destacar que desde a fase inicial do projeto Geoparque Quarta Colônia até a sua certificação pela UNESCO, docentes de diferentes áreas tem obtido um espaço para qualificação em sua carreira profissional.

A proposta de uma Educação Patrimonial nas instituições escolares, busca envolver a comunidade escolar no reconhecimento e valorização dos bens culturais e das pessoas que formam esse patrimônio cultural, histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Avantage de trabalhar e mostrar o geoparque aos professores relaciona-se também com o fato de lhes dar a conhecer e entender as potencialidades do território onde estão inseridos, incentivando assim a realização de presentes e futuras ações significativas com e para os seus alunos.

Torna-se necessário então, desenvolver nas escolas e nos alunos, o reconhecimento dos bens que o território possui em todas as esferas: social, cultural, econômico e natural. É preciso trabalhar desde cedo com os educandos a necessidade de olhar para a região da qual pertencem e conhecer os bens e as riquezas que ela proporciona, as quais devem ser cuidadas e protegidas para que as próximas gerações possam delas usufruir.

Desta forma a atuação, qualificação e formação continuada dos professores, reflete diretamente no trabalho pedagógico que precisa estar alinhado à esta proposta, para que toda a comunidade, através de seus alunos e familiares, tenham conhecimento sobre a importância que a região representa e, que aprendam a preservar e fazer uso de forma sustentável, a fim de desenvolver cada vez mais o local onde se vive e convive.

Assim o desenvolvimento deste projeto faz-se necessário para contribuir com a evolução constante e qualificação dos professores que pertencem ao território da Quarta Colônia, um vez que a partir de 2020 os municípios pertencentes ao território Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO, aprovaram a inclusão de uma componente pedagógica nos currículos das escolas, relacionados à Educação Patrimonial (FIGUEIRÓ et al.; 2022). Garantir a qualidade da formação dos estudantes é um efeito direto da capacitação de professores. Em outras palavras, profissionais mais bem preparados e qualificados nas escolas promovem aprendizagens significativas e conseguem ajudar seus alunos a avançar nos conhecimentos necessários à sua vida e, conseqüentemente, proporcionará aprendizagens mais significativas enriquecendo o ensino dos educandos, como também reforçar os sentimentos de pertencimento ao território que vivem.

PERCURSOS EM CONSTRUÇÃO

Geoparque Quarta Colônia

O território Quarta Colônia localiza-se no centro do Estado do Rio Grande do Sul, distante 300 km da capital Porto Alegre. Este espaço geográfico, politicamente reconhecido como Quarta Colônia, foi colonizado por imigrantes europeus, oriundos do norte da Itália, no final do século XIX (SPONCHIADO, 1996). A história da Quarta Colônia está vinculada aos processos históricos de configuração das colônias, tanto alemães como italianas, criadas pelo governo imperial na segunda metade do século XIX.

De acordo com a autora Padoin (2021), na obra “Educação Patrimonial em Territórios Geoparques: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia”, este território é concebido e percebido como uma região que tem seu próprio processo histórico de formação. Uma região integrada de nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins. Fatos históricos mostram que em agosto de 1996, foi criado o CONDESUS Quarta Colônia – Consórcio de Desenvolvimento Sustentável, como uma política de desenvolvimento sustentável e de preservação do patrimônio (PRODESUS Quarta Colônia).

Esses nove municípios da Quarta Colônia têm atuado de forma integrada e tiveram seu trabalho potencializado pela presença da Universidade Federal de Santa Maria nos últimos anos, indicando que foi a atuação conjunta de CONDESUS e UFSM, que possibilitou com que os critérios de candidatura do Geoparque Quarta Colônia fossem atendidos. Os projetos de Geoparques são estratégias muito promissoras em nível mundial e com isso a Rede de Geoparques Mundiais vem cada vez mais recebendo candidatos para incluírem-se nessa Rede.

Pelo fato do território da Quarta Colônia possuir condições para a efetivação da proposta Geoparque, dentre elas, a singularidade geológica e paleontológica, pré-requisito indispensável para o pleito e principalmente, interesse

da comunidade acadêmica da UFSM em contribuir com a população desses lugares na construção de tal estratégia de desenvolvimento local, teve-se então um cenário apropriado para a busca do selo Geoparque da Unesco.

Assim, rochas, minerais e fósseis são os arquivos da história de nosso planeta e também da história da própria vida. Eles são a evidência da passagem do tempo geológico, revelando as mudanças que deram forma à superfície da Terra durante milhões de anos. Esses arquivos- sítios geológicos ou geossítios-, nos permitem entender a forma como nosso planeta é hoje e a diversidade de nossa fauna e flora. Os geossítios, que incluem a ocorrência de um ou mais elementos da geodiversidade, são vulneráveis e representam patrimônio não renovável pertence à humanidade. A Geoconservação surge assim pela necessidade de conservar o Patrimônio Geológico. (SCHOBENHAUS e SILVA, 2012, p.14)

O início da trajetória para o território vir a se tornar um Geoparque, se deu quando o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS/Quarta Colônia), solicitou que o Serviço Geológico do Brasil- Companhia de Pesquisas em Recursos Minerais (CPRM), realizasse um estudo de possibilidades e levantamento geológico da Quarta Colônia. Esse estudo teve início em 2008, e todo o conteúdo desse levantamento de dados foi publicado no livro “Geoparques do Brasil – propostas”, juntamente com o levantamento de outros 16 territórios espalhados pelo Brasil (FIGUEIRÓ et al., 2022); (SCHOBENHAUS e SILVA, 2012).

O território Geoparque Quarta Colônia foi oficialmente reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) no dia 24 de maio de 2023, passando a ser certificado pelo selo Rede Mundial de Geoparques na 10ª Conferência Mundial de Geoparques, no mês de setembro, na cidade de Marrakech, no Marrocos. Centrados na conservação do patrimônio geológico, geomorfológico e paleontológico, na perspectiva do seu uso sustentável, o Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO, tem sido um espaço de desenvolvimento sustentável através da geração de renda nos nove municípios pertencentes à região da Quarta Colônia.

Desta forma, o Geoparque articula a presença da UFSM na comunidade regional, qualificando a oferta de produtos e serviços, além de contribuir na preservação dos patrimônios cultural e natural, gerando renda e possibilitando a fixação dos sujeitos no território. Um terreno fértil para propostas de extensão, pesquisa, ensino e inovação e uma oportunidade de contribuir com o desenvolvimento local/regional, o Geoparque Quarta Colônia constitui-se em um local privilegiado para o desenvolvimento de ações diferenciadas como forma de valorizar o patrimônio natural e cultural. De acordo com o Documento Técnico do Projeto 914BRZ4024 –que aponta as diretrizes para o desenvolvimento dos pilares estruturantes dos geoparques fica claro que:

Geoparques, enquanto modelo de gestão territorial, precisam ser concebidos de forma que agreguem à comunidade local, por meio de seus diferentes participantes: gestores, empresários, artesãos, agricultores, guias/condutores de turismo, população em geral. É uma forma de desenvolvimento sustentável baseado no envolvimento das pessoas, de pessoas para pessoas, aplicando uma abordagem “bottom-up” (debaixo para cima), o que denota a participação de todos os habitantes do território. (Projeto 914BRZ4024,2022).

Nesse contexto de desenvolvimento, é que a economia do patrimônio cultural torna-se importante, pois os geoparques são exemplos de espaços que guardam patrimônios naturais e culturais singulares, que têm sido valorizados por sua importância tanto do ponto de vista geológico/paleontológico quanto cultural. Desta forma os geoparques podem ser importantes geradores de renda e emprego para as comunidades locais, através da promoção do turismo de base comunitária. Diante disso, a economia do patrimônio cultural pode ter um papel importante na promoção da inclusão social, da conservação do patrimônio cultural e na produção de bens culturais. À vista disso, o território Geoparque Quarta Colônia pode ser e deve ser um exemplo de como a proteção e a gestão do patrimônio cultural e natural podeseer combinada com a promoção do desenvolvimento humano, econômico e social.

Educação Patrimonial e Formação de Professores

Os nove municípios que compõem o Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO, tem se tornado um palco de atuação, qualificação e formação continuada de professores. Desta forma é importante destacar e reforçar que foi a partir do projeto Geoparque ainda Aspirante Quarta Colônia, que educadores das redes municipais e estaduais dos nove municípios tem obtido o espaço e como também a oportunidade para buscarem uma qualificação mais ampla, como também uma progressão em sua carreira profissional.

Assim surgem as vagas extras no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, como também as Jornadas Interdisciplinares de Formação de Professores em Educação Patrimonial, que no ano de 2023 chega à sua 5ª edição. Esses processos de formação continuada iniciados em 2018, tendem a qualificar os professores da Educação Básica que atuam nas escolas públicas do território, com vistas também a suprir uma demanda do Geoparque em termos de educação patrimonial (PADOIN et al., 2021) (FIGUEIRÓ et al., 2022).

Importante aqui destacar que anteriormente a esta atual proposta citada, já haviam sido desenvolvidos projetos e ações na área de Educação Patrimonial nos nove municípios da Quarta Colônia. Na obra “Educação Patrimonial – a experiência da Quarta Colônia”, os autores ITAQUI e VILLAGRÁN (1998) descrevem sobre o “Projeto Identidade” que surgiu no ano de 1989 no município de Silveira Martins, berço da colonização da Quarta Colônia. Este projeto tinha como propósito de expressar a política cultural do município com ações de revalorização da cultura local como base para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Já em 1994 foi iniciado o PREP – Projeto Regional de Educação Patrimonial, estendido aos nove municípios com o objetivo principal de levar a comunidade regional ao reencontro com a sua cultura e a sua reinserção na *esquecida Quarta Colônia* (grifo do autor). Esta proposta de integração regional através do projeto Identidade e das ações desenvolvidas pelo PREP possibilitaram que a região fosse designada “Área Piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica”, o que a constituiu prioridade nas políticas de preservação ambiental e de desenvolvimento sustentável. Foi com esta orientação que então surgiu o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS), gerenciado então pelo CONDESUS – Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia, (ITAQUI e VILLAGRÁN, 1998).

Neste período já destacava-se e priorizava-se o papel do professor como um agente disparador do conhecimento do aluno e um mediador entre o saber escolar e o saber comunitário. Esta proposta resultava na afirmação, valorização e promoção da cultura local e regional, elementos fundamentais da identidade sócio-cultural do aluno. Nesta mesma visão somos partícipes da ideia que a qualificação e a formação continuada dos professores, vai refletir diretamente no trabalho pedagógico que precisa estar alinhado à esta proposta, para que toda a comunidade, através de seus alunos e familiares, tenham conhecimento sobre a importância que a região representa e, que aprendam a preservar e fazer uso de forma sustentável, a fim de desenvolver cada vez mais o local onde vive e convive.

Assim o desenvolvimento das propostas atuais de formação continuada em educação patrimonial faz-se necessário para contribuir para a evolução constante e qualificação dos professores que pertencem ao território da Quarta Colônia, como também para garantir a qualidade da formação dos estudantes que é um efeito direto da capacitação de professores. Numa perspectiva de economia do patrimônio, nos embasamos na análise e reflexão que a autora Ana Carla Fonseca Reis (2009) propõe sobre a economia do valor, onde para a autora é pertinente trazer o seguinte questionamento: “O que representa a formação de professores na economia de valor?” Acreditamos que a formação de professores desempenha um papel relevante na economia de valor em várias dimensões. Destacamos alguns aspectos principais nos quais a formação e qualificação dos docentes tem impacto econômico no seu local de atuação e consequentemente no território.

Primeiramente, a formação de professores é fundamental para o desenvolvimento do capital humano de uma sociedade. Professores bem formados e qualificados têm a capacidade de fornecer uma educação de qualidade aos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios futuros. Além disso, um corpo docente altamente capacitado é capaz de desenvolver habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade nos alunos, que são cada vez mais valorizadas no mercado de trabalho atual. Em outras palavras, profissionais mais bem preparados e qualificados nas escolas promovem aprendizagens significativas e conseguem ajudar seus alunos a avançar nos

conhecimentos necessários à sua vida e conseqüentemente proporcionará aprendizagens mais significativas enriquecendo o ensino dos educandos.

Em segundo lugar, professores bem formados têm a capacidade de promover a inovação e aumentar a produtividade econômica. Eles podem incentivar o pensamento criativo e o espírito empreendedor nos alunos, estimulando-os a gerar novas ideias e soluções. Além disso, professores qualificados podem usar métodos de ensino eficazes e estratégias pedagógicas inovadoras, o que melhora a qualidade da educação e prepara os alunos para se tornarem profissionais mais produtivos, flexíveis e adaptáveis. A inovação e a produtividade são fatores-chave para o crescimento econômico sustentável. É neste sentido que destacamos a relevância dos projetos de extensão da UFSM nos nove municípios do território Geoparque Quarta Colônia.

O terceiro aspecto apresentado diz respeito à redução das desigualdades, já que professores bem preparados podem proporcionar uma educação de qualidade a todos os alunos, independentemente de seu contexto socioeconômico. Isso ajuda a diminuir a lacuna de desigualdade de oportunidades, permitindo que os estudantes mais desfavorecidos tenham acesso a uma educação de qualidade. A redução das desigualdades educacionais contribui para uma sociedade mais justa e também tem implicações econômicas positivas, uma vez que mais indivíduos terão a oportunidade de contribuir plenamente para o desenvolvimento econômico.

Em resumo, a formação de professores é um investimento estratégico na economia de valor, pois ao capacitar os professores, aumentando seu nível de escolaridade, também está sendo qualificada a rede de ensino. FURIAN (2008, p.2) ressalta que “a formação continuada acontece em qualquer área profissional, e os possíveis resultados das ações dela decorrentes são sentidos nas instituições em que atuam esses profissionais.”

Isto, é o que temos presenciado a partir das vagas extras no Mestrado Profissional em Educação Patrimonial, onde os professores e professoras vem buscando qualificar-se para desenvolver suas práticas pedagógicas baseadas numa educação patrimonial que seja significativa aos seus alunos. Desta forma vão sendo estabelecidas as bases para um crescimento econômico sustentável numa visão de valorização cultural e patrimonial dentro do território Geoparque Quarta Colônia.

A partir do pensamento de FREIRE (1984), a formação continuada é concebida como um processo contínuo e permanente de desenvolvimento profissional do professor, onde a formação inicial e continuada é tratada de forma interarticulada, em que a primeira corresponde ao período de aprendizado nas instituições formadoras e a segunda diz respeito à aprendizagem dos professores que estejam no exercício da profissão.

A capacitação e a qualificação dos professores tem um efeito direto na formação dos estudantes em educação patrimonial. De acordo com a fala do Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho (2021), durante a III Jornada Interdisciplinar de Formação de Professores em Educação Patrimonial, o mesmo destacou: [...] “a escola é

um agente de realização da cidadania e a figura do professor da rede básica como gerador do sentimento de pertencimento e de valorização da identidade local.”

Desta forma conservar o patrimônio natural, preservar o patrimônio cultural dos grupos formadores do território da Quarta Colônia e, sobre estas referências materiais e imateriais, promover o desenvolvimento social e econômico local e regional sobre bases sustentáveis e solidárias é que vamos ter em cena a atuação e o destaque da Educação Patrimonial. Na obra “Educação patrimonial em territórios Geoparques: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia”, organizado por Padoin et al, (2021) os autores LISBOA FILHO e NUNES (2021), destacam que é preciso atuarem diferentes áreas e construir propostas a longo prazo na formação dos estudantes com a finalidade de mostrar que a cultura como um todo é importante elemento na construção da consciência crítica e cidadã.

Assim a educação patrimonial se faz importante também na preservação da história e do legado de grupos sociais do passado, pois ela atua em prol das referências e valores sociais, permite ao indivíduo ter uma ampla visão do processo que constitui sua própria história. A relevância e importância da formação continuada para GAZZOLA (2009) se dá a partir do momento que os docentes sejam conhecedores do patrimônio histórico e cultural onde atuam, para assim desempenharem atividades que favoreçam o desenvolvimento de um currículo mais alinhado ao conhecimento da história e da cultura viva do seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada território tem sua marca, sua identidade que deve ser preservada e disseminada, e é assim que o Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO foi e está sendo trabalhado. Um trabalho de muitas mãos, seja pelo trabalho científico da universidade ou da cultura popular de cada comunidade. E é desta forma que a UFSM através da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria e do Centro de Ciências Sociais e Humanas, tem contribuído para formação de professores da Quarta Colônia, incentivando-os na busca de uma qualificação com vistas a suprir demandas do Geoparque em termos de educação patrimonial.

Para que a sustentabilidade de uma região aconteça, é necessário dar início à construção desde cedo nas crianças e adolescentes, a cultura do reconhecimento de sua região como potencial de desenvolvimento científico, cultural, paisagístico, econômico e histórico. A escola, em seu papel de formação de um sujeito crítico, criativo, autônomo e capaz de transformar a sociedade, tem em suas mãos o poder de educar os futuros cidadãos que irão dar continuidade ao trabalho de gerações passadas, com as melhorias necessárias e inovações para que o território Geoparque Quarta Colônia, cada vez se desenvolva mais. Para educar cidadãos transformadores, críticos e criativos, é necessário desenvolver várias competências, formar como um todo capaz de atuar de forma ética e com responsabilidade social, assim garantir a qualidade da formação dos estudantes é um efeito direto da atuação, qualificação e formação de professores.

REFERÊNCIAS

CONDESUS. QuartaColônia: <http://www.condesusquartacolonia.com.br/>

FIGUEIRÓ, A. [et al]. Geoparque Quarta Colônia aspirante UNESCO: uma proposta de desenvolvimento territorial baseada na geoconservação da paisagem e do patrimônio no centro do estado do Rio Grande do Sul (Brasil). *PerCursos*, Florianópolis, v.23, n.52, p.08 -105, 2022.

FIGUEIRÓ, A. [et. al]. A produção de materiais geoeducativos na proposta do Geoparque Quarta Colônia, RS. *Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente Iberian-African- American Journal of Physical Geography and Environment*. 2019. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/physisterrae/article/view/2274>

LISBOA FILHO, F.F. <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/2021/09/22/geoparquequarta-colonia-promove-3-a-jornada-interdisciplinar-de-formacao-de-professores-emeducao-patrimonial/>

FREIRE, P. Educação e mudança. Petrópolis: Vozes, 1984.

FURIAN, G. As ações de formação continuada de professores de educação básica em projetos da Universidade Federal de Santa Maria. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1728>.]

GAZZÓLA, L. Educação Patrimonial: Teoria e Prática-UNOESC. 2009.

GEOPARQUES-Projeto 914BRZ4024-UNESCO- Ministério do Turismo Cooperação Ministério do Turismo, UNESCO e Agência Brasileira de Cooperação /Ministério das Relações Exteriores-2022.

ITAQUI, J. , VILLAGRÁN, M.A. Educação Patrimonial: a experiência da Quarta Colônia. Santa Maria: Pallotti, 1998.

PADOIN, M. M. [et. al]. Educação patrimonial em territórios geoparques [recurso eletrônico]: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021. e-book: il.

PADOIN, M.M. Patrimônio Histórico Cultural Geoparque Quarta Colônia [recurso eletrônico]: memória, educação e preservação/ [autores Flavia Coradini... [et al.]; Santa Maria, RS: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2021. e-book: il.

SCHOBENHAUS, C; SILVA, C.R. Geoparques do Brasil: propostas- Rio de Janeiro: CPRM, 2012. v.1.

UNESCO (2023) – Geoparques Globais da UNESCO. In: <https://www.unesco.org/en/igpp/geoparks/about?hub=67817>

PROPOSTA DE CAMINHO METODOLÓGICO PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESTAÇÃO FÉRRIA DE RESTINGA SÊCA (RS) EM FOCO¹

METHODOLOGICAL PATH PROPOSAL FOR HERITAGE EDUCATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE RESTINGA SÊCA (RS) TRAIN STATION IN FOCUS

Ana Paula Porto de Freitas²

Luciomar de Carvalho³

RESUMO

A Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e cultural das crianças, sendo fundamental proporcionar experiências educacionais enriquecedoras que despertem o interesse pelo conhecimento e pela valorização da cultura local desde cedo. Este artigo traz um recorte da dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, que leva esse mesmo título e terá sua defesa em dezembro do decorrente ano (2023). Nesse contexto, o texto da dissertação se propõe a uma abordagem pedagógica que visará estimular, nas crianças, o gosto pela história e pela cultura de seu próprio município, com foco na Estação Ferroviária de Restinga Sêca/RS, um ícone simbólico que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento local. Por meio da técnica de contação de histórias, pretende-se abordar a construção da edificação, a emancipação do município e outros eventos relevantes desse contexto, a fim de promover uma compreensão mais profunda e uma maior valorização do patrimônio cultural local. Para isso, a narração sobre tais momentos buscará incentivar o sentimento de pertencimento das crianças à comunidade local. Neste artigo a metodologia empregada é qualitativa, bibliográfica fornecendo embasamento teórico para o planejamento, contextualização e envolvimento de crianças com determinado tema. Onde foram identificadas informações relevantes e novos aspectos da história local que serão compartilhados de forma lúdica com as crianças, buscando não apenas disseminar o conhecimento sobre a cultura local, mas também promover uma experiência educacional significativa e prazerosa.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Educação Infantil.

¹ Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação do prof. Flavi Ferreira Lisboa Filho.

² Professora da Educação Infantil no município de Restinga Sêca e Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da UFSM.

³ Pós-doutorando e Professor Voluntário no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM; Doutor em Comunicação pela mesma Universidade.

ABSTRACT

Early Childhood Education plays a crucial role in the cognitive and cultural development of children, and it is essential to provide enriching educational experiences that awaken interest in knowledge and appreciation of local culture from an early age. This article presents an excerpt from the dissertation of the Professional Master's Course in Cultural Heritage at the Federal University of Santa Maria - UFSM, which carries the same title and will be defended in December of the current year (2023). In this context, the text of the dissertation proposes a pedagogical approach that will aim to stimulate, in children, a taste for the history and culture of their own municipality, focusing on the Restinga Sêca/RS Railway Station, a symbolic icon that played a role fundamental to local development. Through the storytelling technique, the aim is to address the construction of the building, the emancipation of the municipality and other relevant events in this context, in order to promote a deeper understanding and greater appreciation of the local cultural heritage. To this end, the narration about such moments will seek to encourage children's sense of belonging to the local community. In this article, the methodology used is qualitative, bibliographic, providing theoretical basis for planning, contextualization and involvement of children with a given topic. Where relevant information and new aspects of local history were identified that will be shared in a playful way with children, seeking not only to disseminate knowledge about local culture, but also to promote a meaningful and pleasurable educational experience.

Keywords: Cultural Heritage; Heritage Education; Child education.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as ferrovias desempenharam um papel fundamental na estruturação dos territórios. Silveira (2020) destaca a influência desse meio de transporte no desenvolvimento das cidades, nas influências arquitetônicas e urbanísticas e no patrimônio cultural. No caso de Restinga Sêca (RS), o surgimento do município pode ser atribuído às paradas dos trens para abastecimento das antigas locomotivas na caixa d'água. Esse trecho ferroviário ligava a capital, Porto Alegre, à Fronteira Oeste do estado, Uruguiana. Embora essas paradas fossem para abastecimento, não era permitido o desembarque de mercadorias para os comerciantes locais. Isso era possível apenas nas estações ferroviárias de Jacuí ou Arroio do Só, ambas também situadas no Rio Grande do Sul, e os produtos eram posteriormente transportados para seus destinos em carroças, carretas, mulas e outros meios. Devido às dificuldades de transporte, um grupo se formou e solicitou à Viação Férrea do Rio Grande do Sul a construção de uma estação ferroviária próxima à caixa d'água da atual Restinga Sêca. Essa solicitação foi atendida, tornando-se um marco histórico para o desenvolvimento do município.

Percebe-se, nesse cenário, que a educação do patrimônio cultural é um investimento valioso que não apenas preserva o passado, mas também molda o futuro, uma vez que é na escola que sujeito tem contato com inúmeros elementos sociohistóricos que terão efeito em sua formação cidadã. Ao nutrir o desejo de conhecer e valorizar a história e a cultura local, cada vez mais cidadãos que não apenas se orgulham de sua comunidade, mas que também agem em prol de sua preservação e enriquecimento existirão.

Contudo, não se tem, na Educação Infantil, registros de uma proposta voltada para a Educação Patrimonial. Faz-se, diante disso, necessário um olhar de professores de tal nível para o planejamento e a dinamização de abordagens pedagógicas que busquem promover o conhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio cultural e histórico desde os primeiros anos de vida escolar das crianças.

Assim, este artigo busca, além de tecer reflexões sobre a necessidade de integrar a Educação Patrimonial, de forma pedagógica, à vida escolar, desde os primeiros anos da Educação Infantil, propor uma metodologia para sua efetivação. Para isso, na sequência, breves considerações sobre Patrimônio e Educação Infantil são apresentadas, seguida da proposição de correlação de tais conceitos na prática. Por fim, são apresentadas as considerações finais e listadas referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

A estação ferroviária de Restinga Sêca representa uma parte significativa da história local, destacando a importância das ferrovias no seu desenvolvimento. Ela é um símbolo da época em que o transporte ferroviário era o principal meio de conexão entre as cidades, permanecendo como um aspecto vital da

identidade local e constituindo-se como um patrimônio cultural brasileiro, pois, de acordo com o Artigo 216 da Constituição Federal do Brasil.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, investigar a história do prédio da estação ferroviária de Restinga Sêca/RS, a fim de produzir material lúdico e significativo para o público da educação infantil, é uma iniciativa para promover o conhecimento histórico e cultural de forma acessível e envolvente, por meio de uma abordagem dirigida. Além disso, contribuirá para a valorização e preservação do patrimônio histórico da região e o senso de pertencimento. Pode-se afirmar que a Educação Patrimonial desempenha um papel fundamental na afirmação de identidades e no empoderamento das pessoas como seres sociais e históricos, capazes de pensar, se comunicar, transformar, criar e realizar sonhos (FREIRE, 2011). E é nos estados de criação e liberdade que os sonhos são gerados, e a mediação social deve facilitar esse processo.

Assim, a disseminação livre do conhecimento pode criar as condições básicas para uma compreensão fluida do patrimônio. Segundo Rossato (2023, p. 84),

O município de Restinga Seca possui uma regulamentação, desde 2021 Resolução CME no 02/2021, em que trabalha com o componente curricular na Área de Conhecimento das Ciências Humanas que inicia com a adoção da Educação Patrimonial no Ensino Fundamental Anos Iniciais em suas escolas, tendo carga horária prevista semanal. Em 2022, elaborou em sua estratégia de ensino por projetos voltados à Educação Patrimonial [...]

Já na Educação Infantil, ainda não se tem um proposta voltada para a Educação Patrimonial. Destaca-se que:

[...] a experiência cultural contribui para a formação de crianças, jovens e adultos, pois enraíza, resgata trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, dos valores da sociedade contemporânea e, nela, do papel de cada um de nós (KRAMER, 1999, p 208).

Além disso, ressalta-se a oportunidade única que essa prática educativa oferece para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o entorno cultural e a importância de preservar as manifestações culturais da comunidade desde a infância. Baptista (2010, p.1) afirma que “[...] a educação infantil tem identidade própria, constituída a partir das características dos sujeitos aos quais ela se destina – às crianças e sua forma de se relacionar com o mundo e de construir sentido para o que experimentam”. Desse modo, a proposta de integrar atividades lúdicas e educativas contextualizadas à realidade das crianças visa enriquecer a jornada educacional e estabelecer as bases para cidadãos conscientes da necessidade de preservação e celebração do patrimônio cultural local. Soma-se a isso a consciência de que:

Toda escola está situada em uma comunidade com especificidades culturais, saberes, valores, práticas e crenças - o desafio é reconhecer a legitimidade das condições culturais da comunidade para estimular o diálogo constante com outras culturas. A educação é um dos ambientes da cultura marcada pela reconstrução de conhecimentos, tecnologias, saberes e práticas (BRASIL, 2010, p. 32).

A integração da Educação Patrimonial na Educação Infantil se alinha a essa perspectiva, enriquecendo o processo educacional ao conectar-se, de maneira significativa, com as raízes e identidades culturais da comunidade. Essa integração se traduz em uma educação mais abrangente e contextualizada, preparando as futuras gerações para a valorização e a preservação de seu patrimônio cultural, contribuindo para uma sociedade mais consciente e inclusiva.

Ademais, em seu artigo 215, a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) declara que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. O referido artigo assegura o direito constitucional a difundir a cultura e, nesse sentido, a escola, por meio da parte diversificada do currículo, deve trabalhar temas transversais, como o estudo do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural. Nesse sentido, a escola vem assegurar e garantir conhecimentos, pois não existe caminho mais eficaz que a educação, em todas as suas etapas, inclusive na educação infantil. Fernandes (2005) acredita que precisamos, pois, propiciar, por meio do ensino em todos os níveis, o conhecimento de nossa diversidade cultural e de nossa pluralidade étnica, bem como a necessária informação sobre os bens culturais de nosso rico e multifacetado patrimônio histórico. Segundo Gadotti (2010, p. 06).

Se a escola é o locus central da educação, ela deve tornar-se o pólo irradiador da cultura não apenas para reproduzi-la ou executar planos elaborados fora dela, mas para construir e elaborar a cultura, seja a cultura geral, seja a cultura popular, pois existe uma só cultura como obra humana (unidade humana na pluralidade dos homens). O seu corolário é a comunicação entre as escolas e a população. A escola precisa ser o local privilegiado da inovação e experimentação político-pedagógica (GADOTTI, 2010, p. 06).

A escola é um espaço privilegiado para a construção da cidadania, porque é nela em que ocorre a socialização do conhecimento historicamente acumulado e sistematizado pela humanidade. Dessa forma, é fundamental que, desde a Educação Infantil, sejam trabalhados temas relacionados à cultura, ao patrimônio e à diversidade, a fim de formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de valorizar e respeitar a rica diversidade cultural presente em nosso país. É fundamental, portanto, ao integrar temas como cultura, patrimônio e diversidade, desde a Educação Infantil, a escola promova a sensibilização das crianças para a pluralidade de culturas, tradições e histórias que compõem a sociedade brasileira.

Essa sensibilização contribui para a construção de uma consciência cidadã, na qual o respeito à diversidade e a valorização do patrimônio cultural são fundamentais. Além disso, ao proporcionar experiências educativas contextualizadas e inclusivas, a escola estimula o diálogo intercultural, promovendo a troca de saberes e a compreensão mútua entre os membros da comunidade escolar. Essa interação, por sua vez, enriquece a vivência educacional, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, tolerância e cooperação.

Assim, a Educação Infantil, sendo o ponto de partida dessa jornada educacional, assume um papel crucial na formação de cidadãos críticos e comprometidos com a preservação e valorização da diversidade cultural brasileira. Ao explorar o patrimônio e a cultura desde cedo, a escola contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e consciente de sua rica herança cultural, fortalecendo a identidade nacional e promovendo a cidadania plena. Levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural não só é necessário, mas urgente. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Impossível pensar, então, na preservação do patrimônio sem vinculá-lo à sua transmissão, difusão e apropriação. Mais impossível ainda é pensar que as escolas não têm papel fundamental na construção de um novo sujeito, frente à manutenção do nosso patrimônio. Sobre isso, Junqueira (2015) afirma que:

É somente quando se conhece os elementos que compõem a riqueza e diversidade cultural de cada comunidade, qual sua origem e de que forma contribui para a formação da identidade nacional, é que se torna possível o respeito a essa diversidade e a multiplicidade de expressões e formas com que a cultura se manifesta nas diferentes regiões, a começar pela linguagem, hábitos e costumes” (JUNQUEIRA, 2015, p. 10).

Diante disso, percebe-se que a Educação para o Patrimônio Cultural carrega em si um papel fundamental na valorização e preservação dos bens culturais. A pergunta que pode estar sendo feita é “como planejar e dinamizar, de

modo orgânico, ações em prol do Patrimônio Cultural no âmbito da Educação Infantil?”. A seguir, uma proposta que busca responder ao questionamento.

Proposta de caminho metodológico para a efetivação da Educação Patrimonial na Educação Infantil

A metodologia aqui proposta coloca o professor como agente principal na fase de planejamento da ação e ressalta sua tarefa de pesquisador. Para que de fato possa se efetivar a Educação Patrimonial no âmbito da Educação Infantil, devido ao fato de que essa ainda é uma realidade distante, cabe ao professor proceder, antes da ação, três tipos de pesquisa sobre o patrimônio a ser trabalhado: a exploratória, a qualitativa e a bibliográfica.

A pesquisa exploratória visa conhecer o assunto de uma forma mais ampla e flexível, não se limitando a uma estrutura rígida do ponto de vista de seus objetivos (GIL, 1991). Pode-se dizer que a abordagem exploratória busca compreender os fenômenos estudados de maneira mais abrangente e, se necessário, realiza ajustes para melhorar e corrigir possíveis desvios ou erros (GIL, 1991). Ainda, a pesquisa exploratória:

Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso (GIL, 1991, p.78).

Desse modo, a pesquisa exploratória é uma etapa inicial valiosa, permitindo ao professor obter maior familiaridade com o tema, construir hipóteses e direcionar o desenvolvimento de sua aula de forma mais sólida e fundamentada, conhecendo mais a fundo o Patrimônio sobre o qual trabalhará com seus alunos.

Outro tipo de pesquisa prévia ao professor é a qualitativa. Araújo e Oliveira (1997, p. 11) sintetizam a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

[...] se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Nesse sentido, busca-se a compreensão do contexto para contribuir ao protagonismo infantil, considerando o ambiente em questão e indo além de uma simples descrição de dados. Busca-se uma ação através de uma pesquisa para a potencialização do aprendizado das crianças e sua identificação com o local. Para Thiollent (1985), a pesquisa não se trata apenas de entender o que acontece, mas também tomar medidas concretas para fortalecer e empoderar as crianças para que assumam um papel ativo e participativo em suas vidas e na comunidade em que vivem. Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa também pode incorporar atividades participativas, como grupos focais com as crianças, oficinas ou outras formas de envolvê-las diretamente no processo de pesquisa.

Isso amplia o leque de ações a serem pensadas e propostas na didatização do Patrimônio Cultural.

Já o estudo bibliográfico, que também deve se fazer presente, permite, a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, que o professor tenha acesso a informações mais contundentes e consolidadas sobre o espaço a ser explorado com seus alunos. Ao se realizar uma pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), busca-se entender o estado atual do conhecimento sobre o tema em estudo, por meio da identificação de conceitos-chave e teorias relevantes, bem como busca obter informações históricas e contextuais.

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Espera-se que, após concluir suas pesquisas sobre um determinado Patrimônio, o professor possa estar munido de ferramentas para despertar nas crianças o desejo contínuo de conhecer e valorizar a história de seu patrimônio cultural. Acredita-se que, ao cultivar esse interesse desde a infância, estaremos contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, engajados e orgulhosos de sua comunidade, que se empenharam na preservação da identidade cultural e histórica de seu município. A Estação Ferroviária de Restinga Sêca/RS, por exemplo, representa um elo valioso com o passado e uma fonte inesgotável de aprendizado, e é nosso objetivo tornar esse recurso, assim como todos os outros, acessível e cativante para as crianças, nutrindo, assim, uma conexão duradoura com a rica herança cultural de sua localidade.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A descrição de uma possibilidade de planejamento prévio por parte do professor que deseja inserir o Patrimônio Cultural nas aulas de Educação Infantil foi apresentada neste artigo, o qual é um recorte de uma dissertação em produção. Na dissertação, o leitor poderá conferir a aplicabilidade dessa proposta metodológica e o avanço para além das questões de planejamento, tendo como Patrimônio foco a Estação Ferroviária de Restinga Sêca (RS).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. O; OLIVEIRA, M. C. **Tipos de pesquisa**. São Paulo, 1997.
- BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento- Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. Nov. de 2010.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República.
- BRASIL. Decreto n. 7.083, 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 27 jan. 2010. P. 2. (Edição Extra). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm>. Acesso em: 14 out. 2023.» http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm
- FERNANDES, J. R. O. **Ensino de História e Diversidade Cultural**: desafios e possibilidades. Caderno Cedes, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
- GADOTTI, M. Gestão democrática e qualidade de ensino. Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/institu/SubInstitucional1203023491+003Ps002/Gest_Democ.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed.** São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991.
- HORTA, M. L. P; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999.
- JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Educação e história do Ensino Religioso**. Pensar a Educação em Revista, v. 1, n. 2, p. 5-26, 2015.
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância e produção cultural**. Campinas, SP Papyrus.1998.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ROSSATO, J. et al. **Educação patrimonial**: Um olhar diferenciado sobre a Quarta Colônia-criação de uma lei regulamentando a educação patrimonial nas escolas públicas do município de Nova Palma/RS. 2023.
- SILVEIRA, M. R. A competitividade territorial: alguns elementos para discussão. **ENTRE-LUGAR**, v. 11, n. 21, p. 45-74, 2020.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

CENTRO INTERPRETATIVO DIGITAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE DONA FRANCISCA-RS¹

DIGITAL INTERPRETIVE CENTER OF THE CULTURAL HERITAGE OF DONA FRANCISCA MUNICIPALITY, RS

Ana Carolina Cherobini Bortolin²

RESUMO

Patrimônios culturais são elementos legados pelos nossos antepassados que representam culturalmente uma comunidade. São bens que formam a identidade de um grupo e ajudam a contar a sua história. A preservação e a valorização do patrimônio cultural são importantes para que o passado de um povo seja mantido ao longo do tempo, possibilitando que as pessoas sintam-se pertencentes a tal cultura e ao território a que fazem parte. Muitas metodologias são utilizadas buscando-se a preservação e a valorização do patrimônio, sendo uma delas a interpretação patrimonial. A partir disso, fazendo-se uso de tal metodologia, elaborou-se um Centro Interpretativo Digital (CID) do Patrimônio Cultural do município de Dona Francisca-RS, pertencente ao Geoparque Quarta Colônia. O CID foi disponibilizado em um *website*, com o objetivo de estimular a preservação de patrimônios representativos do município e difundir as memórias e significados atrelados a eles. Para a realização deste trabalho, realizou-se uma pesquisa de levantamento e um estudo de campo. Foram aplicados questionários com pessoas da comunidade de Dona Francisca para se delimitar quais patrimônios seriam foco desta pesquisa, além da realização de entrevistas e pesquisa bibliográfica para se identificar a história e a importância dos patrimônios para a comunidade. Como resultado desta pesquisa, elaborou-se o CID com oito patrimônios do município, buscando-se incentivar a compreensão da importância dos patrimônios locais, de modo a estimular a criação de vínculos afetivos por parte da comunidade local e a fomentar o turismo regional.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Interpretação. Dona Francisca.

¹ Este texto é um recorte da dissertação de mestrado “Centro Interpretativo Digital do Patrimônio Cultural de Dona Francisca-RS”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da UFSM, sob a orientação do Prof. Flavi Ferreira Lisboa Filho.

² Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: anacarolinabortolin93@gmail.com

ABSTRACT

Cultural heritages are elements bequeathed by our ancestors that culturally represent a community. These are assets that form the identity of a group and help tell its story. The preservation and appreciation of cultural heritage are important so that a people's past is maintained over time, enabling people to feel like they belong to that culture and the territory to which they are part. Many methodologies are used to preserve and enhance heritage, one of which is heritage interpretation. From this, using this methodology, a Digital Interpretive Center (CID) of the Cultural Heritage of the municipality of Dona Francisca-RS, belonging to the Quarta Colônia Geopark. The CID was made available on a website, with the aim of encouraging the preservation of heritage sites representing the municipality and disseminating memories and meanings linked to them. To carry out this work, we carried out survey research and a field study. Questionnaires were administered to people from the Dona Francisca community to determine which heritage sites would be the focus of this research, in addition to conducting interviews and bibliographical research to identify the history and importance of heritage sites for the community. As a result of this research, the CID was created with eight heritage sites in the municipality, seeking to encourage understanding of the importance of local heritage sites, in order to encourage the creation of emotional bonds on the part of the local community and promote regional tourism.

Keywords: Cultural Heritage. Interpretation. Dona Francisca.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. O estudo teve como produto final a elaboração de um Centro Interpretativo Digital do Patrimônio Cultural do município de Dona Francisca, localizado no Geoparque Quarta Colônia, no estado do Rio Grande do Sul.

O território da Quarta Colônia, do qual fazem parte nove municípios, foi povoado por diversas etnias e possui um importante patrimônio cultural material e imaterial, que representa uma herança dos antepassados e constitui a identidade do seu povo. Para que haja consciência de valorização e preservação destes patrimônios, são necessárias iniciativas que estimulem a formação de vínculo afetivo e de sentimento de pertencimento por parte da comunidade detentora destes bens.

A partir de uma análise histórica do município de Dona Francisca, relacionando-a com a região da Quarta Colônia como um todo, a pesquisa apresentada neste trabalho contou com o objetivo de identificar a importância dos patrimônios históricos e culturais mais representativos do município. Por meio da metodologia da Interpretação Patrimonial, utilizou-se a pesquisa realizada para disponibilizar à população local e externa uma ferramenta que permitisse a transmissão dos significados e da riqueza dos patrimônios, incentivando a sua valorização. O Centro Interpretativo Digital do Patrimônio Cultural de Dona Francisca, ferramenta desenvolvida, foi disponibilizada em forma de um *website*, conforme será apresentado a seguir.

PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Podemos caracterizar patrimônios culturais como elementos materiais e imateriais legados pelos nossos antepassados os quais, em conjunto, representam um grupo social, remetem à memória, contribuem para a formação de identidades e para o fortalecimento dos vínculos dos indivíduos com o local onde habitam. Este patrimônio representa o testemunho da história e possibilita compreendermos a relação entre os elementos que dele fazem parte e o contexto social em que foram originados (DIAS, 2006).

Conforme descrevem Ballart e Tresseras (2007, p. 12), “o patrimônio está associado a uma ideia de continuidade, ele conecta e relaciona os seres humanos, é um elemento de transmissão cultural”. Dias (2006, p. 73) menciona que a sua principal característica é a de “ser tomado como referência para a construção de identidades culturais pelas mais diversas estruturas sociais [...]”. O sentido de coletividade se reforça na presença destes elementos culturais, que atuam como fatores de coesão. Para os indivíduos, o patrimônio possui um valor social e emocional que vai além das suas condições estéticas.

Mas como é formado o patrimônio cultural de uma determinada sociedade? Como acontece a escolha dos elementos que dele farão parte? Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2012), cada cultura define os seus referentes culturais. Os patrimônios são fruto de uma

escolha, a qual é feita a partir do que as pessoas consideram mais importante e representativo da sua cultura e por melhor a representarem simbolicamente. Desta forma, são os valores atribuídos pelas pessoas aos elementos que os tornam patrimônio ou não.

Por ter a função de rememorar fatos importantes do passado, verifica-se uma relação entre patrimônio e memória social. Pollak (1989) afirma que o patrimônio é capaz de carregar e transmitir as memórias de um passado. A memória, por sua vez, é um elemento que permite a comunicação entre o passado e o presente, bem como a conexão dos indivíduos. A transmissão das memórias e significados do patrimônio cultural de uma geração para outra estabelece elos de continuidade espaço-temporal, promovendo o sentimento de pertença, elemento básico para a construção da identidade.

Ao determinar o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos demais, a memória irá reforçar os sentimentos de pertencimento. Ela é fruto do entrelaçamento de experiências, é o que assegura que permaneçam vivos acontecimentos que marcaram um tempo, permitindo o compartilhamento de tais fatos entre os membros da comunidade. A memória coletiva é um elemento indispensável à sobrevivência da sociedade, é o que garantirá a coesão dos grupos sociais (SANTANA; SIMÕES, 2015). Pode-se ainda dizer que a memória social é dinâmica e seletiva, visto que nem tudo que é importante para um grupo fica gravado na memória e é transmitido para as próximas gerações (HALBWACHS, 1992).

Hall (2006) destaca também a forte relação entre o patrimônio e a identidade. A identidade cultural é um elemento que faz com que os indivíduos se identifiquem, estejam vinculados e se sintam pertencentes a uma cultura. É um elemento que conecta as pessoas e confere sentido ao grupo. Esta identidade, no entanto, não é geneticamente herdada, mas sim construída ao longo das nossas vivências. O autor menciona que todos fazem parte de várias culturas e a identidade cultural é formada por meio de um processo consciente de escolha de determinados significados culturais e exclusão de outros.

Para que haja a valorização de uma cultura e de seu território, é necessário que as pessoas se identifiquem com os elementos culturais e patrimoniais presentes no local. Os indivíduos já nascem inseridos em uma determinada cultura, no entanto, cabe a eles se identificarem ou não com os padrões impostos. Este processo de reconhecimento ou negação com os elementos de uma cultura ou território é o que determina a formação das identidades (LISBOA FILHO; NUNES, 2021).

A conexão entre os indivíduos e a construção da identidade se dá, muitas vezes, por meio do compartilhamento de rituais e simbologias e pela busca de um passado em comum. Desta forma, os patrimônios culturais possuem um importante papel no processo de formação de identidades coletivas e reforço do sentimento de pertença ao território (LISBOA FILHO; NUNES, 2021).

Para Hall (2006), a identificação é um processo de escolha consciente. Muitos indivíduos podem não se identificar com determinada identidade, gerando sentimentos negativos em relação à cultura ou ao local onde vivem.

Desta forma, iniciativas de Educação Patrimonial podem ser trabalhadas no sentido de despertar os elementos positivos da cultura para promover a conexão e fortalecimento do indivíduo com as simbologias locais.

Le Goff (2013) reforça a preocupação com a preservação e conservação das memórias sociais e dos traços de vida comuns para as gerações futuras. Conservar as memórias é relevante para a formação das futuras identidades. Candau (2014) corrobora a ideia defendendo a indissociabilidade entre memória e identidade, pois para garantir a busca indenitária, é necessário rememorar fatos vividos. Le Goff (2013) menciona que a memória preservada estabelece um vínculo entre as gerações e o tempo histórico que as acompanha. Este vínculo afetivo possibilita que a população se enxergue como sujeitos da história e com o dever de preservar as suas memórias.

A preservação do patrimônio cultural é uma tendência cada vez mais presente no mundo atual. A preservação consiste em cuidar dos bens representativos da história e da cultura dos grupos sociais. Significa conservar traços da vida comum e preservar elementos dotados de valor sentimental (ARRUDA, 2005). O principal objetivo da preservação é “fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida” (IPHAN, 2012, p. 12).

Para Freitas (2015), promover a consciência das comunidades quanto à importância da preservação e da valorização do patrimônio cultural requer cada vez mais investimentos em práticas educativas, as quais devem ser realizadas em diversos ambientes de aprendizagem, desde escolas até projetos voltados à comunidade como um todo. Neste sentido, veremos a seguir um exemplo de metodologia a ser utilizada buscando-se, entre outros, a valorização e a preservação do patrimônio.

CENTROS INTERPRETATIVOS DO PATRIMÔNIO

As explicações dos autores trazidas neste texto a respeito do patrimônio cultural puderam nos demonstrar a sua importância para as comunidades que os detém. Porém, é fato que nem sempre as pessoas reconhecem os sentidos do seu patrimônio, tampouco se identificam com a cultura e com o território em que estão inseridas. Quando não há um vínculo afetivo das pessoas com o local onde habitam, muitas manifestações culturais acabam sendo esquecidas com o passar do tempo, visto que não há, neste caso, a preocupação ou interesse em transmiti-las como legados para as próximas gerações. Os patrimônios culturais acabam se deteriorando, visto que não há esforços para zelá-los e preservá-los (HALL, 2006).

Neste sentido, a interpretação do patrimônio cultural pode ser utilizada como uma ferramenta de estímulo ao conhecimento e valorização do patrimônio. A Interpretação Patrimonial (IP) consiste no ato de explorar o patrimônio em relação ao contexto e ao local em que ele faz parte. É um processo de adicionar valor à experiência de contato com o patrimônio, permitindo a compreensão

dos seus significados por meio da realização de atividades que permitam às pessoas vivenciá-lo, despertando emoções. A interpretação consiste em valorizar e enriquecer lugares e patrimônios por meio da utilização de várias artes e tecnologias para a transmissão dos seus significados (TILDEN, 1957).

Tilden (1957) afirma que a intenção da IP é criar uma conexão emocional entre o público e o patrimônio e promover mudanças no comportamento nos âmbitos cognitivo, comportamental e afetivo. Ainda, a metodologia consiste em buscar a criação de comportamentos positivos duradouros em relação aos patrimônios em questão. Baeyens (2005) menciona que a interpretação deve permitir que o indivíduo explore o contexto em que o patrimônio está inserido, criando experiências atrativas. O processo deve permitir a decodificação dos elementos culturais buscando compreender os seus significados.

No processo de interpretação, é necessário que as mensagens comunicadas sejam dotadas de significado, instigantes, atrativas e relevantes, sendo capazes de transmitir novas visões sobre determinado lugar. Elas devem provocar o visitante, estimular o uso dos sentidos e o seu estado crítico, proporcionando-lhe uma experiência única (MOITEIRO, 2010).

Por meio da IP, Moiteiro (2010) também corrobora com a ideia de que se deve proporcionar a revisitação do passado, relacionando-o com o presente, para que o futuro adquira maior significado. O objetivo é que a interpretação contribua para a formação de identidades e para a vinculação com o território, na medida em que os indivíduos refletirão e se apropriarão do valor simbólico e do significado dos bens culturais.

Moiteiro (2010) destaca que há vários espaços destinados à interpretação do patrimônio, os quais podem ser enquadrados em quatro grupos: centros culturais especializados; centros de patrimônio *in situ*; territórios-museu e Centros Interpretativos. Baeyens (2005) define Centros Interpretativos (CI) como espaços criados para promover a interpretação do patrimônio do local em que estão inseridos. Ao contrário dos museus, estes espaços não possuem como objetivo principal recolher, preservar e estudar os objetos expostos. A sua missão, na verdade, é conscientizar e transmitir ao público o valor simbólico e os significados atrelados aos patrimônios.

Percebe-se que a implementação de um Centro Interpretativo é uma boa oportunidade para estimular o reconhecimento, a interpretação, a valorização e a preservação do patrimônio cultural de um determinado local. Muitas vezes, a comunidade desconhece – ou não dá a devida importância – aos legados culturais e à sua relevância para o local, comprometendo a existência das memórias e a formação de futuras identidades.

Em alguns casos, isso se deve à inexistência de ações que oportunizem à população conhecer a importância do seu patrimônio. Portanto, buscando oferecer condições para que a comunidade seja capaz de interpretar os sentidos e a relevância do patrimônio cultural de Dona Francisca, fomos motivados a elaborar um CID do Patrimônio Cultural do município, conforme será apresentado em item específico.

O MUNICÍPIO DE DONA FRANCISCA

Dona Francisca é um dos nove municípios pertencentes ao território da Quarta Colônia, o qual foi reconhecido recentemente como Geoparque Mundial da UNESCO. A região da Quarta Colônia começou a ser povoada por imigrantes germânicos e italianos no século XIX. No entanto, no momento da sua chegada, o local já havia sido povoado por portugueses, espanhóis, afrodescendente e descendentes das sociedades originárias. O território recebeu tal nome por ter sido a quarta colônia de imigrantes italianos a ser formada no estado (PADOIN; BOLZAN; CRUZ, 2019).

Os territórios que compõem hoje os nove municípios, no entanto, compuseram outros espaços territoriais ao longo dos séculos XIX e XX. Os territórios foram se desmembrando ao longo do tempo e, em 1965, a então Vila Dona Francisca emancipa-se e torna-se município (FENKER, 2016).

Dona Francisca possui atualmente uma área territorial de 114,149 km² e, no ano de 2021, o IBGE estimou uma população de 2.958 habitantes (IBGE, 2022). A base econômica do município é a produção agrícola, tendo como principal cultura o arroz, cultivado em áreas planas, em várzeas ao longo das margens do Rio Jacuí. Também há a produção de fumo, soja, milho e feijão nas áreas de encosta, bem como a produção de leite e pecuária. Há predomínio de pequenas propriedades, a sua maioria na zona rural, e a mão-de-obra utilizada é basicamente a familiar. Nas últimas décadas, tem-se presenciado a diversificação das atividades como, por exemplo, com o desenvolvimento da hortifruticultura, agroindústrias caseiras, piscicultura e apicultura (GROFF, 2016).

Em relação às riquezas locais, que tornam o município e a região da Quarta Colônia únicos, pode-se destacar também a presença do sítio paleontológico. Nele são encontrados importantes fósseis datados do período Triássico Médio, entre 245 milhões a 228 milhões de anos atrás. Tais achados projetam o município em nível nacional e mundial, visto a idade e o excelente estado de conservação dos fósseis (VENDRUSCULO, 2010).

A religião é um elemento fortemente presente no município, conforme será abordado ao longo deste artigo. Os imigrantes trouxeram consigo a forte fé em Deus e a religiosidade foi um elemento essencial para que superassem as dificuldades aqui encontradas. A religiosidade, por ser um aspecto necessário na vida dos colonizadores, foi passada de geração para geração e ainda demonstra-se ser muito importante e presente na vida dos moradores franciscanos, verificando-se a predominância da religião católica, perpetuada principalmente pelos descendentes dos imigrantes italianos (FENKER, 2016).

O município de Dona Francisca possui uma perceptível riqueza cultural, construída a partir da colonização dos imigrantes nos séculos anteriores. Os legados culturais, presentes tanto de forma material e imaterial na comunidade, garantem ao território uma identidade própria, conforme demonstraremos na seção referente aos patrimônios culturais pesquisados.

METODOLOGIA

Para se atingir os objetivos desta pesquisa, o estudo contou com cinco etapas: realização de um prévio levantamento dos patrimônios da região urbana de Dona Francisca com valor histórico e cultural; pesquisa, junto à comunidade, para delimitação dos patrimônios que passariam a compor o CID; levantamento bibliográfico da formação de Dona Francisca e região até os dias atuais, bem como do processo de origem e a história dos patrimônios delimitados; realização de entrevistas para identificação da importância, dos significados e do valor associado aos patrimônios; e organização das informações a serem disponibilizadas de forma interpretativa no CID.

Ao percorrer as ruas da região urbana do município, realizou-se um levantamento elementos materiais com representatividade histórica e/ou cultural, com base nos conhecimentos que já se possuía, visto que a autora do estudo viveu no local por dezessete anos. A pesquisa restringiu-se aos patrimônios da área urbana por serem os mais conhecidos pela população, totalizando-se 18 patrimônios.

A partir do levantamento, foi realizada uma pesquisa com a comunidade a fim de serem delimitados os patrimônios que fariam parte do CID. Considerou-se que 8 patrimônios seria a quantidade mais adequada para compor inicialmente o CID. A pesquisa de delimitação foi realizada por meio da aplicação de questionários, em que foram abordados 37 moradores do município em diferentes pontos do comércio local.

Neste questionário, dentre a lista de 18 patrimônios, o respondente deveria escolher 8 os quais considera mais importante histórica e culturalmente para o município de Dona Francisca. Após a delimitação, o respondente deveria classificar os patrimônios de 1 a 8 em ordem de importância, sendo 8 para o que considera mais importante e 1 para o menos importante. Após a aplicação dos questionários, foi feita a soma das notas de cada patrimônio e, a partir disso, foram selecionados os oito bens com maiores notas.

A próxima etapa da pesquisa consistiu em realizar um levantamento bibliográfico da formação de Dona Francisca e região até os dias atuais. Além disso, realizaram-se pesquisas bibliográficas a respeito dos patrimônios delimitados, bem como entrevistas com pessoas da comunidade para se identificar como e em que momento da história de Dona Francisca foram originados os patrimônios, a sua representatividade na história da comunidade local e os valores simbólicos a que estão atrelados. As entrevistas foram realizadas com pessoas da comunidade reconhecidas pelo seu notório conhecimento sobre a história do município.

A entrevista classificou-se como semiestruturada, visto que contou com um roteiro pré-definido de perguntas, mas ao longo da conversa, foram feitos novos questionamentos, conforme a necessidade. Além disso, a forma de questionamento foi adaptada conforme a idade e o grau de instrução dos entrevistados.

A partir da coleta das informações, os materiais foram organizados para serem disponibilizados de forma interpretativa no CID. Além das informações

escritas, utilizaram-se no *website* fotografias, mapas, vídeos e ilustrações para transmitir a mensagem que se desejava em relação aos patrimônios. Buscando-se uma interação com o usuário, foram também disponibilizados jogos envolvendo os patrimônios pesquisados. O *website* foi desenvolvido por alunos matriculados em uma disciplina de desenvolvimento de *softwares* da área de ciências da computação da Universidade Federal de Santa Maria.

RESULTADOS

Este capítulo está dividido em duas sessões, em que na primeira apresentam-se as informações obtidas por meio da pesquisa realizada sobre os patrimônios culturais que estão compondo o CID. Na segunda sessão, demonstra-se a estrutura do *website* e de que forma os conteúdos estão apresentados ao usuário.

Os Patrimônios Culturais Pesquisados

A seguir, apresentam-se os oito patrimônios culturais pesquisados, de forma a demonstrar a sua origem e importância histórica e cultural para a comunidade franciscana, bem como para a região da Quarta Colônia como um todo. Os patrimônios serão apresentados em ordem decrescente de representatividade, conforme notas atribuídas nos questionários pelas pessoas pesquisadas.

Igreja São José

Antes de falarmos especificamente sobre a Igreja São José como um patrimônio histórico e cultural, considera-se importante discorrermos sobre a questão da religiosidade. Os imigrantes italianos que colonizaram a Quarta Colônia eram, na sua maioria, devotos da Igreja Católica e a religião era fortemente presente no seu cotidiano. Eles trouxeram consigo a fé, que foi um alicerce para a luta contra as dificuldades e para a busca por melhores condições de vida (PICCIN, 2009). Foi um elo de integração entre as pessoas, que juntas se uniam em celebrações religiosas para suportar a saudade da pátria de origem, dos familiares e dos amigos (MANFIO, 2001).

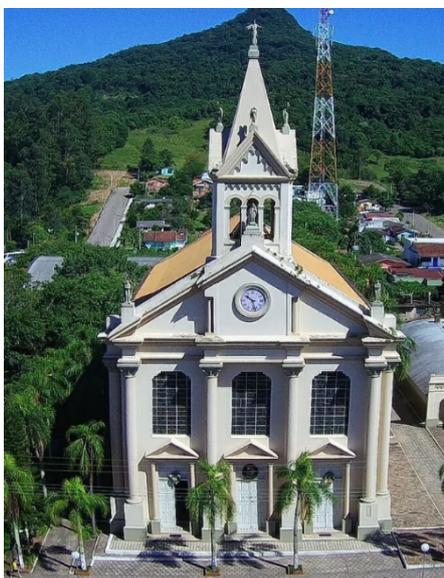
Para expressar a sua religiosidade e fortalecê-la, os imigrantes construíram locais sagrados como igrejas, capelas, capitéis, grutas e monumentos. Estas construções, presentes e utilizadas para celebrações religiosas até os dias atuais, eram locais onde “se encontravam para rezar, conviver, celebrar e esquecer a saudosa pátria longínqua” (FENKER, 2016, p. 238).

Diante da importância da religiosidade e da existência de um local para praticá-la, logo após a sua chegada a Dona Francisca, os imigrantes italianos providenciaram a construção de uma capela para poderem rezar e realizar as missas dominicais, costumes que eram rigorosamente praticados no seu cotidiano. Para isso, pediram a Manoel José Gonçalves Mostardeiro, dono das terras de Dona Francisca, um espaço para a construção da primeira capela, o que foi prontamente aceito por ele (FENKER, 2016).

Ao longo dos anos, a capela inicial foi sendo alterada e até mesmo destruída para a construção de uma igreja maior que fosse capaz de abrigar a todos, visto que a comunidade estava crescendo. A comunidade, como um todo, sempre contribuiu para os aprimoramentos e melhorias das igrejas, seja por meio de doação de recursos, de materiais ou contribuindo com mão-de-obra (FENKER, 2016).

Em 1942, iniciaram-se os trabalhos da construção da atual Igreja São José, cuja estrutura permanece da mesma forma até os dias atuais, conforme Figura 1. A Igreja foi idealizada pelo Padre José Iop, uma figura muito importante para a comunidade franciscana. O pároco foi um trabalhador incansável e nunca mediu esforços para trabalhar junto à comunidade em todas as iniciativas voltadas ao progresso de Dona Francisca (FENKER, 2016).

Figura 1 - Igreja São José



Fonte: acervo de JFMello Imagens (2020)

Além da sua importância histórica e cultural, não podemos deixar de mencionar as características que tornam a Igreja São José um local belíssimo, seja interna ou externamente. Os seus vitrais, pinturas, obras e artes sacras são capazes de encantar as pessoas que visitam o local.

Os moradores de Dona Francisca entrevistados afirmam que a igreja e a religiosidade, como um todo, foram de extrema importância para a superação das dificuldades que os imigrantes encontraram ao chegarem à Quarta Colônia. Podemos perceber tal fato ao verificarmos o importante papel que a religiosidade assume na região até os dias atuais, a qual foi passada de geração para geração e faz parte da identidade de grupos da comunidade.

Escola São Carlos

São Carlos foi uma escola de ensino particular fundado e dirigido por religiosas pertencentes à Congregação do Apostolado Católico Irmãs Palotinas, originárias da Itália, que funcionou entre os anos de 1933 e 1981. Foi Dona

Francisca o primeiro local da América Latina em que a Congregação iniciou as suas atividades missionárias.

Os imigrantes que povoaram Dona Francisca, na sua maioria praticantes da Igreja Católica, trouxeram consigo a fé que professavam e o desejo de transmitir os princípios da sua religião aos seus filhos e novas gerações. Diante disso, os colonos perceberam, com o tempo, a necessidade de um ensino baseado nos princípios da religião católica (MARIN; ALÉSSIO, 1995).

Para isso, foi fundada uma sociedade voltada à busca da abertura de uma escola que fosse dirigida por religiosas. A luta perdurou por anos até que um pedido, encaminhado para Roma, foi acolhido pela Ordem dos Padres Palotinos. Em 1933, começam a partir as primeiras Irmãs Palotinas para o Brasil, fato que muito alegrou a comunidade franciscana, após anos de esforço para esta conquista (FENKER, 2016).

As aulas começaram a ser lecionadas logo após a chegada das Irmãs a Dona Francisca, as quais foram realizadas, no início, em uma pequena sala e em situações um tanto precárias. Foram tempos árduos para as Irmãs, com muitas dificuldades frente a um mundo antes desconhecido. Com doações e ajuda da comunidade, aos poucos foi possível expandir a Escola que, no seu auge, possuía a estrutura apresentada na Figura 2 (FENKER, 2016).

Figura 2 - Escola São Carlos



Fonte: acervo da Secretaria da Cultura, Turismo e Desporto de Dona Francisca ([19 —])

De acordo com depoimento da Irmã Édina Meneghetti, que foi aluna no colégio, havia na Escola curso elementar com sete séries, aulas de piano, teatro, violino, acordeão, bordado, pintura, datilografia, corte e costura, lecionados exclusivamente pelas Irmãs. Havia também internato para meninas e meninos a fim de atender as necessidades mais prioritárias e emergentes do povo da região.

De acordo com pessoas entrevistadas que foram alunos da Escola, São Carlos possuía um padrão de disciplina, formação e educação religiosa e ética que foram marcantes para os que estudaram no local. O crescimento da escola possibilitou o recebimento de mais alunos de todo o estado e, no total, passaram por São Carlos aproximadamente 8.500 alunos (FENKER, 2016).

A Escola São Carlos encerrou suas atividades em 1981, principalmente devido à baixa matrícula de alunos e à abertura de escolas estaduais (MARIN; ALÉSSIO, 1995). Um importante capítulo da história de Dona Francisca foi encerrado. A Escola São Carlos foi uma instituição de renome, educou várias gerações e pessoas de diversos lugares do estado. Foi um sonho do povo franciscano realizado graças à sua união, garra e esforço da comunidade.

Em 1986, as Irmãs Palotinas venderam o prédio a um ex-morador do município, o qual passou a utilizar os cômodos para comércio e residência. Em uma noite de outubro de 1990, o prédio da Antiga Escola São Carlos veio a ser alvo de um incêndio que, em poucas horas, consumiu o investimento material construído ao longo dos anos. As ruínas que restaram seguem até hoje no município (FENKER, 2016).

O prédio da Escola São Carlos, onde as primeiras missionárias lançaram as sementes de sua ação evangelizadora, é um legado material, histórico, cultural, educacional e religioso para os franciscanos e todos os alunos e internos que por ele passaram. Educandos que se encontram por várias regiões do país atualmente e que carregam lembranças e recordações deste tempo. Tempo em que a Escola embelezou o centro da cidade, trouxe religiosidade, educação e desenvolvimento.

Parque Obaldino Benjamin Tessele

O Parque Obaldino Benjamin Tessele, administrado pela Prefeitura Municipal de Dona Francisca, foi inaugurado em julho de 1986 em homenagem à colonização alemã e italiana do município. O Parque, que possui uma área total de 29 mil m², foi construído com a finalidade de guardar e expor instrumentos de trabalho antigos, especialmente relacionados ao cultivo de arroz, principal produto agrícola do Dona Francisca. No local, estão expostos maquinários como trator, arado de boi, forno de tijolo, máquina a vapor, entre outros (SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO DE DONA FRANCISCA, [20--]).

Em 1995, foi construída uma casa em estilo alemã, com material original, que mostra as características arquitetônicas das residências dos imigrantes alemães que colonizaram o local. Na parte interna da casa, havia, até pouco tempo atrás, uma mostra de fotografias de famílias colonizadoras de Dona Francisca. Também há no Parque a réplica de uma casa italiana, com arquitetura típica, além da exposição de móveis e utensílios domésticos e agrícolas que eram utilizados pelos colonizadores de origem italiana. Todos os objetos expostos no local foram doados pela comunidade (SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO DE DONA FRANCISCA, [20--]).

O Parque conta também com um lago artificial, churrasqueiras, cancha de bocha, campo de futebol, pista para prática de *motocross* e um espaço destinado à realização de shows e apresentações. No Parque, também encontramos o monumento em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira do município. Próximo ao monumento, passa o Rio Jacuí. A população frequenta

o porto do Rio para a prática da pesca, andar de *Jet Ski* ou simplesmente para apreciar a vista que o local proporciona.

Além disso, no Parque são realizados eventos religiosos, sociais, turísticos, de lazer e de recreação ao longo do ano. No local, são realizados parte dos eventos de comemoração do aniversário do município, que ocorre em julho. A programação conta com desfiles, competições, feira de produtos coloniais e artesanais, *shows* e exposição de maquinários, de implementos agrícolas, de vestuários e de outros produtos para comercialização.

No mês de dezembro, são realizados eventos natalinos com iluminação e decoração característicos. No mês de fevereiro, ocorre a procissão em homenagem a Nossa Senhora de Navegantes, cuja celebração ocorre no porto do Rio Jacuí. Em setembro, é comemorada, no local, a Semana Farroupilha.

No dia-a-dia, a população utiliza os espaços do Parque para lazer, prática de caminhadas, de esporte, de pesca, entre outros. A vasta área verde é um ótimo espaço para as pessoas que desejam descansar e aproveitar o espaço ao ar livre. O Parque Histórico é um ponto de referência do município e atrai pessoas não só da comunidade, como também visitantes externos.

Rio Jacuí e Porto

O Rio Jacuí é um dos principais rios que banha o estado do Rio Grande do Sul e possui inestimável valor para Dona Francisca e região. De acordo com a Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler (FEPAM), o Rio nasce no Planalto, próximo ao município de Passo Fundo, em uma altitude de aproximadamente 730 metros, possuindo um comprimento total de 710 km. Percorre aproximadamente 300 km até sua foz com a formação do delta do Jacuí, os rios Gravataí, Sinos e Caí. A bacia hidrográfica do Rio Jacuí é uma das mais importantes do estado, tem área de 71.600km², correspondendo a 83,5% da área da região hidrográfica do Guaíba.

As águas do Rio Jacuí são utilizadas para a irrigação de arroz, principal fonte de renda em Dona Francisca. Suas águas também são utilizadas para a pesca, gerando renda para muitas famílias. Em décadas passadas, havia também um porto às margens do Rio Jacuí, servindo de escoadouro e comunicação entre as regiões de forma mais rápida e eficaz. A instalação do porto facilitou muito o trajeto para ir a Cachoeira do Sul e à capital, contribuindo significativamente para o transporte de mercadorias (FEPAM, s.d).

Fenker (2016) menciona que do porto partiam as balsas para Porto Alegre, transportando madeira em abundância para lá ser vendida. De Porto Alegre a Dona Francisca, eram trazidos os produtos de necessidades aos moradores da Vila Dona Francisca. As viagens duravam cerca de 15 dias.

Durante longos anos do século XX, a balsa foi o meio de transporte utilizado na travessia do Rio Jacuí em Dona Francisca. Por meio dela, eram transportados carros, ônibus, carroças, animais e pessoas para o outro lado do Rio. No final da década de 1970, com o avanço da industrialização e dos meios de transportes, foi construída a ponte sobre o Rio, tornando a balsa obsoleta (FENKER, 2016).

Os barcos de navegação foram uma fonte de economia da Colônia. Como o trânsito era intenso entre a região e Porto Alegre, havia várias companhias de navegação, oportunizando trabalho para grande parte da população. Na margem do Rio Jacuí, junto ao porto, havia dois armazéns grandes da Marinha Mercante Brasileira onde eram depositadas as mercadorias (FENKER, 2016).

Fenker (2016, p. 235) afirma que “o Rio Jacuí é para Dona Francisca o que o Rio Nilo é para o Egito”, demonstrando a importância do Rio Jacuí para o desenvolvimento do município. Sob o Rio Jacuí, também é localizada a Usina Hidrelétrica de Dona Francisca, que fornece energia elétrica para o município e região. Não podemos deixar de mencionar que, devido ao Rio Jacuí e às navegações, Nossa Senhora dos Navegantes foi consagrada como padroeira do município, protetora das águas.

Praça Padre José Iop

A Praça Padre José Iop, localizada na região central do município, foi construída em 1981. De acordo com depoimento de Elizabete Marin, moradora local, até o final da década de 1970, o espaço da atual praça contava com poucas opções de lazer e entretenimento. Em 1981, é inaugurada uma nova praça, que passa a receber o nome de Praça Padre José Iop, em homenagem ao pároco que muito contribuiu para o desenvolvimento religioso, social e econômico de Dona Francisca.

A nova praça ganha um planejamento urbanístico, paisagístico e ajardinamento, estilo de arquitetura moderna, aconchegante, com vários espaços de lazer, praça de recreação para as crianças, banheiros públicos, campo de vôlei, um local para hastear as bandeiras, pira para a chama simbólica, espaços para descanso com bancos para sentar e um quiosque para alimentação com mesas, cadeiras e sombrinhas para se acomodar. Uma praça com uma estrutura organizada e com uma visão panorâmica (SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO DE DONA FRANCISCA, [20--]).

Com o tempo, foram também construídos monumentos em homenagem ao Padre José Iop e aos Mártires da Fé - Padre Manuel Gomes Gonzalez e Coroinha Adílio Segabinazzi Daronch. Este último monumento foi inaugurado no dia 25 de setembro de 2008, na passagem do centenário do aniversário do Coroinha Adílio, filho desta terra.

A Praça é um espaço de lazer e recreação onde ocorrem eventos religiosos, recreativos e turísticos importantes do município. Eventos os quais marcaram muitas gerações, em uma época em que a Praça central era o principal ponto de encontro das pessoas. Em décadas passadas, era costume as pessoas irem à Praça nos sábados à noite e domingos à tarde. A ida à Praça era um evento: as famílias se reuniam no local para tomar sorvete e conversar, a criançada corria e brincava e muitos jovens também se encontravam no local para paquerar.

Em entrevista, Ricardo Zimmer, residente local, declara que na Praça já foram realizados muitos eventos, como a festa dos Navegantes, festa de São João e desfiles culturais na semana de comemoração do aniversário do município

e no carnaval. Também ocorria o desfile de 7 de Setembro, com bandas de Santa Maria e com grande participação do público. Ricardo complementa que a Praça era um ponto de encontro da juventude, se encontrar na Praça era uma diversão.

Diante do histórico da Praça Padre José Iop, podemos verificar que este espaço foi, desde o início, um local de encontros, de socialização e de divertimento. E não apenas isso: é também um espaço de aprendizado que pode nos transmitir parte da cultura local.

Cine São Luiz

O Cine São Luiz foi um cinema de Dona Francisca que esteve de portas abertas para o público entre os anos de 1959 e a década de 1970. O cinema em Dona Francisca, no entanto, teve início na década de 1940, por iniciativa de Gentil Tessele, morador local. Foi, inclusive, o primeiro cinema da região da Quarta Colônia (FENKER, 2016).

As sessões do cinema de Gentil Tessele ocorriam em um salão de baile de sua propriedade, como se fosse uma sala de cinema. Na época, a projeção de filmes era diferente. O equipamento do cinema era uma máquina manual e eram necessárias de quatro a cinco horas para projetar um filme. A cada rolo do filme que terminava, as luzes eram acesas e era desenrolada a parte que havia passado e enrolado o outro rolo. Então, apagava-se a luz e seguia-se a projeção do filme (FENKER, 2016).

O cinema de Gentil Tessele era muito concorrido, pois além dos franciscanos, frequentavam pessoas de localidades vizinhas. A experiência de ir ao cinema era algo extraordinário, era um dos principais eventos de encontro das pessoas na época (FENKER, 2016).

Em 1956, Gentil Tessele vendeu o direito da projeção de filmes e, em 1959, nasce um novo cinema: o Cine São Luiz. O Cine constituía-se em um prédio no estilo neoclássico, com palco, camarim e quinhentos assentos. O São Luiz apresentou filmes famosos que marcaram as gerações da época.

O cinema marcou as gerações da comunidade franciscana. A chegada da televisão foi diminuindo gradativamente a frequência do público do cinema São Luiz e o espaço começou a ser usado para a realização de formaturas, espetáculos teatrais, posses de prefeitos e apresentações musicais. Nos anos de 1970, encerraram-se as projeções de filmes no Cine São Luiz (SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO DE DONA FRANCISCA, [20--]). Em 2014, o prédio do Cine São Luiz foi doado à Prefeitura Municipal e, no mesmo ano, foi inaugurada no local a Casa de Cultura Umberto Cassol.

Morro Santo Antônio

O Morro Santo Antônio é um patrimônio natural do município de Dona Francisca, dotado de valor religioso e cultural. Possui uma cruz em seu topo, iluminada à noite. O morro tem uma altura de 382,5 metros e a cruz, uma altura de 12 metros. Ele é cercado por uma diversidade de vegetação e mata nativa,

cobiçado pelas caminhadas e trilhas ecológicas (SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO DE DONA FRANCISCA, [20--]).

Em 1934, foi criada a Paróquia São José e, ao completar 25 anos em 1959 (Jubileu de Prata), a comunidade foi consultada sobre o que poderia ser feito para solenizar esta data. As opções eram duas: fazer o pedido de visita pastoral ao Senhor Bispo Diocesano, com grande festa e agradecimento a Deus pelos benefícios recebidos, ou colocar uma cruz no Morro Santo Antônio, como marco histórico da fé dos franciscanos. A segunda opção foi a mais votada pela comunidade (FENKER, 2016).

A partir de então, pessoas da comunidade se uniram para preparar o terreno, no topo do Morro, para a instalação da cruz. Após instalada, a comunidade realizou uma missa, no local, em sinal de penitência e ação de graças pelos 25 anos de Paróquia, a qual contou com grande participação da comunidade (FENKER, 2016).

A cruz, com o tempo, veio a ser alvo de um incêndio e, em 1985, um residente franciscano decide instalar uma nova cruz no topo do Morro como uma forma de pagar uma promessa. Com a ajuda de amigos, a cruz de madeira foi erguida. Em 1995, a Administração Pública Municipal resolve trocar a cruz por uma nova de metal, visando maior durabilidade. Em uma noite do mesmo ano, ocorreu um evento para a sua inauguração, com luzes iluminando o Morro (FENKER, 2016).

Hospital Rainha dos Apóstolos

Rainha dos Apóstolos foi um hospital fundado pelo Padre José Iop junto às Irmãs Palotinas, inaugurado em outubro de 1937, em um terreno adquirido para este fim, próximo aos pés do morro Santo Antônio. A administração ficou a cargo das Irmãs, as quais haviam chegado a Dona Francisca em 1933. O Hospital foi construído graças às doações dos recursos necessários por parte dos colonos franciscanos, muitos dos quais também trabalharam na obra em sistema de mutirão (FENKER, 2016).

Em entrevista, Ricardo Vicente Zimmer, morador local, afirma que o Hospital era um dos melhores da região. Para a época, foi um dos hospitais mais equipados e trouxe auxílio inigualável a todos que recorriam a ele, desde doenças corriqueiras até as mais complexas. Zimmer relembra que o Hospital era bem cuidado, possuía um espaço com jardim e lago com peixes (informação verbal)³.

No início de funcionamento do Hospital, muitas vezes ocorreram mudanças de médicos e, até mesmo, ocorria a falta de profissionais para atendimento. Para conseguir pagar as despesas contraídas com a construção do Hospital, as Irmãs frequentemente trabalharam no campo e, para se alimentar, contavam com auxílio da comunidade (FENKER, 2016).

Nos fundos do terreno onde estava construído o Rainha dos Apóstolos, havia também uma horta, vacas de leite e criação de galinhas, cujos produtos

³ Entrevista de Ricardo Vicente Zimmer cedida a Ana Carolina Cherobini Bortolin. Dona Francisca, 22 abr. 2022.

eram utilizados para alimentação no hospital. Ao lado, em meio ao pomar, se destacava uma gruta toda ornamentada de pedras em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes. Era um espaço para orações e devoção que está intacto até hoje (FENKER, 2016).

O Hospital fechou as suas portas em 2005 e, até os dias atuais, é reconhecido como um patrimônio construído com o auxílio e o esforço da comunidade. Muitos franciscanos nasceram neste local. O prédio foi vendido à Prefeitura e, a partir disso, as Irmãs Palotinas partiram de Dona Francisca.

Tendo em vista o fechamento da Escola São Carlos, nos anos de 1980, e o encerramento das atividades do Hospital Rainha dos Apóstolos, o município de Dona Francisca, que sediou a primeira instituição de Irmãs Palotinas na América Latina, não conta mais com as religiosas que muito contribuíram para o crescimento econômico, cultural e religioso do local (FENKER, 2016).

O Website do Centro Interpretativo Digital

O Centro Interpretativo Digital do Patrimônio Cultural de Dona Francisca, elaborado a partir da pesquisa realizada, está disponibilizado em um *website*, o qual recebeu o nome de “Dona Francisca: nosso Patrimônio, nossa Identidade”. Para acessá-lo, é necessária a utilização de um navegador em um dispositivo conectado à rede de *internet*, cujo *link* de acesso é: www.patrimoniosdonafrancisca.site

O menu de navegação do *website* contém os seguintes ícones: “Início”, “História”, “Patrimônios históricos e culturais”, “Material extra” e “Sobre o site”. Ao clicar no ícone “História”, o usuário terá acesso a características gerais do município e informações sobre a colonização do território até os dias atuais. Ao ingressar na página “Patrimônios Históricos e Culturais”, o usuário terá acesso aos conteúdos dos oito patrimônios pesquisados. No *website*, há a possibilidade de o usuário compartilhar conhecimentos, experiências e fotografias dos patrimônios. Neste caso, as informações serão posteriormente analisadas para serem disponibilizadas no CID de forma interpretativa.

No ícone “Material Extra”, o usuário terá acesso a jogos envolvendo os assuntos abordados no CID. Estão disponibilizados arquivos em formato *Portable Document Format* (PDF) para impressão com jogo da memória, caça-palavras e jogo de montar palavras. Na mesma página, há um *Quiz* com perguntas envolvendo os assuntos abordados para que o usuário possa testar os conhecimentos obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste capítulo, buscamos trazer concepções, sob a ótica de diferentes autores, a respeito do patrimônio cultural e de como a sua valorização e preservação são indispensáveis por manter viva a história e fortalecer a identidade do povo. A interpretação do patrimônio demonstrou ser uma importante metodologia a ser utilizada como forma de estimular a sua valorização, uma vez

que busca promover a criação de comportamentos positivos duradouros em relação ao patrimônio.

Considerando-se a relevância dos legados culturais do território da Quarta Colônia e, mais especificamente, do município da Quarta Colônia, verificou-se a oportunidade de promover a iniciativa de elaborar uma ferramenta que difundisse para a população o significado e a importância de patrimônios locais.

A pesquisa realizada permitiu compreender a relação dos patrimônios analisados com a história e o desenvolvimento de Dona Francisca e região, demonstrando como estiveram (e muitos ainda estão) presentes no cotidiano da comunidade local, fazendo parte da sua história.

A partir da elaboração do Centro Interpretativo Digital, pode-se cumprir com o objetivo de manter vivas as memórias da história local e de proporcionar à população condições de ter um olhar consciente a respeito do seu patrimônio. Não podemos deixar de mencionar, é claro, a capacidade de a iniciativa poder promover as riquezas locais para a comunidade externa, incentivando o turismo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Gilmar. Monumentos, semióforos e natureza nas fronteiras. In: ARRUDA, G. (Org.). **Natureza, fronteiras e territórios**: imagens e narrativas. Londrina: Eduel, 2005.
- BAEYENS, H. **Centros de Interpretación del Patrimonio** – Manual Hicira. Barcelona, 2005. Disponível em: https://www.diba.cat/c/document_library/get_file?uuid=30255bf9-e4ce-4cbc-97e1-553e184249d1&groupId=99058. Acesso em: 28 out. 2021.
- BALLART, H.; TRESSERAS, J. J. **Gestión del patrimonio cultural**. 3. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FENKER, T. T. **Resgatando a grande Cachoeira**. Porto Alegre: Corag, 2016.
- FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE LUIS ROESSÉLER. **Qualidade Ambiental**: região hidrográfica do Guaíba. Disponível: <http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/guaiba.asp>. Acesso em: 12 abr. 2022
- FREITAS, T. M. A educação para o Patrimônio Cultural como estratégia de desenvolvimento local. **Revista Ágora**. Santa Cruz do Sul, v.17, n. 02, p. 32-41, jul-dez. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/6682>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- GROFF, Altair. **A desterritorialização das escolas do campo do município de Dona Francisca/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11969/DIS_PPGGEOGRAFIA_2016_GROFF_ALTAIR.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 mar. 2022.
- HALBWACHS, M. **On Collective Memory**. Chicago [s.n.], 1992.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **[Portal do] IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, [2022]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dona-francisca/panorama>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf. Acesso em: 16 dez. 2021.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira.; NUNES, Lucas da Silva. A Educação Patrimonial como uma estratégia de reconhecimento e valorização cultural e identitário. In: PADOIN, M.M.; FIGUEIRÓ, A.; CRUZ, J.A.S. **Educação Patrimonial em territórios Geoparques**: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia. Santa Maria, FACOS-UFSM, 2021. Acesso em: 28 jan. 2022

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Est, 2001.

MARIN, A.; ALÉSSIO, A. M. **Congregação do Apostolado Católico** – Irmãs Palotinas: uma caminhada de fé e coragem. Porto Alegre: Editora Palotti, 1995.

MOITEIRO, Gilberto Coralejo. Turismo cultural e patrimônio. Uma reflexão em torno do tópico da interpretação do patrimônio enquanto instrumentos de valorização de bens culturais. /n: SANTOS, M. G. M. P. (org.), **Turismo Cultural, Territórios e Identidades**. Porto: Edições Afrontamento/Instituto Politécnico de Leiria, 2010.

PADOIN, Maria Medianeira; BOLZAN, Moacir; CRUZ, Jorge Alberto Soares. A Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. /n: BACCA, A. A. **150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Bento Golçalves: Projecto Cultural Sur/Brasil, 2019.

PICCIN, Eunice. **O código cultural religião como uma das manifestações da identidade cultural da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9298/PICCIN%2c%20EUNICE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jan. 2022.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANTANA, G. S.; SIMÕES, M. L. N. Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA). **Revista Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/16353>. Acesso em: 05 out. 2021.

SECRETARIA DA CULTURA, DESPORTO E TURISMO DE DONA FRANCISCA. **Livro interno**, Dona Francisca [20--], 27p.

TILDEN, F. **Interpreting Our Heritage**. 4. ed. Chapel Hill [s.n.], 1957.

VENDRUSCULO, Cassiana Elisa. **As relações do espaço urbano do município de Dona Francisca, RS com a região da Quarta Colônia**. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9334/VENDRUSCOLO%2c%20CASSIANA%20ELISA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 fev. 2022.

PATRIMÔNIO CULTURAL E INTERVENÇÕES HOSTIS NO ESPAÇO URBANO: POSSÍVEIS RELAÇÕES

*CULTURAL HERITAGE AND HOSTILE INTERVENTIONS IN URBAN SPACE:
POSSIBLE RELATIONS*

Dailza Fiuza Piccolli¹

RESUMO

O artigo trata sobre o patrimônio cultural e as intervenções hostis nas cidades, objetivando comentar sobre as relações que se estabelecem entre os dois assuntos, sendo utilizado para isso, como metodologia, somente pesquisa bibliográfica. As intervenções hostis em suas várias formas de apresentação, são utilizadas na maioria das vezes com o intuito de mascarar questões sociais estruturais não resolvidas, gerando dessa forma transformações no espaço urbano, na paisagem e nos patrimônios. Desse modo, os tópicos apontados para se comentar na relação entre patrimônio cultural e intervenções hostis são: acessibilidade e visibilidade dos patrimônios; afastamento entre cidadão e patrimônios; falta de sentimento de pertencimento; e manutenção de problemas sociais.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Intervenção Hostil. Cidade.

¹ Mestranda em Patrimônio Cultural e Tecnóloga em Gestão de Turismo - UFSM.
E-mail: dailzaffiuza@gmail.com.

ABSTRACT

The article addresses cultural heritage and hostile interventions in cities, aiming to comment on the relationships established between the two subjects. The methodology used is solely bibliographic research. Hostile interventions, in their various forms, are often used to mask unresolved structural social issues, thereby generating transformations in urban space, landscape, and heritage. The topics identified for discussing the relationship between cultural heritage and hostile interventions are: accessibility and visibility of heritage; distance between citizens and heritage; lack of a sense of belonging; and perpetuation of social problems.

Key Words: Cultural Heritage. Hostile Interventions. City.

INTRODUÇÃO

Tudo aquilo que conta a história de um povo e que faz parte da sua formação cultural, pode ser compreendido como Patrimônio Cultural, sejam bens materializados ou manifestações culturais, ambos possuem força simbólica e também importância informacional (ARARIPE, 2004), atuando como fonte de memória social através da qual o sujeito se reconhece e se identifica como pertencente a um grupo (MENDES, 2012).

As cidades por sua vez são discursivas, todas as coisas que dela fazem parte são construídas pelo homem, tornando-a lugar onde se produz sentidos, por meio da relação homem/lugar (ARARIPE, 2004). Dessa forma, tudo que está presente no espaço urbano parte de ações vindas daqueles que nele vivem.

Os patrimônios culturais, sobretudo os edificados, por estarem inseridos na paisagem urbana, são afetados por transformações sociais e comportamentais dos indivíduos, seja através de vandalismo e degradação ou por intervenções hostis que modificam a estética dos espaços e refletem também nas maneiras de uso dos mesmos.

Nesse sentido, propomos neste trabalho, trabalhar o tema Patrimônio Cultural, associado às intervenções hostis presentes no espaço urbano, tendo em vista que edificações e também espaços de valor histórico e cultural – não necessariamente tombados-, são alvo de práticas de hostilidade, por meio de dispositivos e artefatos instalados.

Com relação aos processos metodológicos, utilizou-se apenas pesquisa bibliográfica, consultando autores que abordam minuciosamente o tema patrimônio cultural e todas suas significações, da mesma forma, utilizou-se como referência para falar sobre intervenções hostis, alguns trabalhos que exemplificam bem o assunto e propõe críticas e reflexões acerca do mesmo.

Nesse sentido, criou-se uma contextualização sobre o foco do trabalho, sendo patrimônio cultural e intervenções hostis e, a partir disso foram apontados alguns tópicos que se julga pertinentes na relação entre esses dois assuntos.

PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA IMPORTÂNCIA

Nós seres humanos somos herdeiros desde que nascemos, pois “ao entrarmos no mundo partimos, não do zero absoluto das demais espécies zoológicas, mas do pretérito atrás de nós acumulado” (MENDES, 2012, p.13), diferentemente dos animais que possuem apenas natura, nós possuímos cultura, isto quer dizer que somos apresentados à vida, nos inserimos e crescemos em um contexto que não foi construído por nós, de modo que temos herança cultural (Idem).

Através dos bens patrimoniais conhecemos a história ocorrida desde antes de existirmos e com base nisso criamos uma identificação, nos reconhecemos e também somos reconhecidos, por meio das características e distinções (MENDES, 2012). Explica-se assim, o papel do patrimônio cultural no sentido de contar a história, de revelar fatos, reativar memórias e fazer com que um indivíduo se sinta pertencente a um grupo, nos ajudando com questões como

sobre “quem somos, donde vivemos, para onde vamos; acerca dos nossos valores e acerca do mundo em que queremos viver” (MENDES, 2012, p.9).

Contudo, o termo patrimônio cultural quando dito de forma banal, não exprime todo o significado e a complexidade que possui, sendo que, de uma forma ampla, podemos tomá-lo como a soma de bens oriundos da história de construção e desenvolvimento de uma sociedade e que trazem em si uma representatividade disso.

Dessa forma, se queremos nos aprofundar sobre o termo e entender o que ele realmente significa, Mendes (2012) sugere analisar as palavras separadamente, uma vez que o substantivo (patrimônio) e o adjetivo (cultural) não explicitam um sentido claro e preciso quando proferidas juntos na locução.

A palavra patrimônio possui uma ligação direta com questões jurídicas e econômicas, no sentido de designar aqueles bens valorosos que são passados adiante no âmbito familiar. Na relação disso com a cultura, o quesito monetário não se torna adequado, mas a noção do conjunto de coisas valorosas, de tesouros, sim, fazendo com que a ideia de “herança” esteja intrincada no termo patrimônio, nos ajudando em sua compreensão (MENDES, 2012).

Tão forte é essa constatação que, como bem explica o autor, ao traduzirmos patrimônio cultural para o inglês “*cultural heritage*”, temos a tradução literal de “herança cultural” (MENDES, 2012). Ou seja, a cultura engloba tudo aquilo que herdamos inevitavelmente e que nos molda a ser quem somos, justamente o que torna os bens patrimoniais tão preciosos no quesito de representar memórias.

Mas em termos práticos, o patrimônio cultural precisa de definições, para que a partir disso possa ser trabalhado no sentido de ações de preservação e valorização. No Brasil temos o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), autarquia federal encarregada dessas ações.

No site do Instituto, encontramos a definição para o conceito de Patrimônio Cultural que, como consta no Artigo 216 da Constituição são “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (IPHAN, 2023).

Os patrimônios materiais são aqueles que podemos tocar, como:

Imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN, 2023).

Enquanto os patrimônios imateriais:

Dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2023).

Além dessa divisão entre o que é tangível e não tangível, os bens patrimoniais podem ser classificados de acordo com sua natureza, podendo ser ela “arqueológica, paisagística e etnográfica; histórica; belas artes; e artes aplicadas” (IPHAN, 2023).

Na visão de Araripe (2004) esse conjunto de bens que encontramos na formação da cultura e que são repassados de uma geração a outra, possuem um grande valor simbólico, de modo que o patrimônio cultural pode ser entendido como tudo aquilo que possui significação, “não importando se esse patrimônio é algo materializado (visível) ou simplesmente manifestações da cultura que se apresentam através do cidadão comum” (ARARIPE, 2004, p.3).

Possuindo então um sentido social, esses bens servem como fonte de memória que auxilia pensar no futuro e, essas memórias se tornam patrimônio ao passo que profissionais e instituições assim as reconhecem, com intuito de preservar, recuperar e conservar (ARARIPE, 2004).

Interessa refletir também sobre os usos que se fazem dos patrimônios, como a sociedade os vê ou ainda, se os conhece e compreende como parte formadora da sua história. Quando pensamos em cidades grandes, é comum que os bens patrimoniais sejam utilizados pelo setor turístico ou, principalmente, os patrimônios edificados ganharem novas funcionalidades em sua estrutura.

Onde queremos chegar, após ressaltar o papel de difusor de história e memória dos patrimônios, é que os mesmos podem e são alvo de interferências externas. A vida em sociedade vai evoluindo, a logística de organização e os comportamentos se modificando e, quando paramos para observar edificações históricas ou espaços culturais, por exemplo, vemos que inevitavelmente eles são respingados por essas transformações.

Nesse viés, a seguir, o assunto abordado será a hostilidade presente nos espaços urbanos e sua relação com o patrimônio cultural.

INTERVENÇÕES HOSTIS E SUA RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO

Nas agitadas e superlotadas cidades em que vivemos hoje em dia é natural que não se perceba os detalhes presentes nos espaços de circulação diária, ainda mais se considerarmos a influência da tecnologia em desviar nosso foco do que há no entorno, portanto, é tendencioso que o olhar não alcance e veja as coisas ao redor, tanto as boas como as ruins.

Há, dessa forma, uma naturalização de cenas cotidianas, que são invisibilizadas seja de maneira consciente ou inconsciente por estruturas de poder (CADEMARTORI, STUMPF, GROSS, 2022). Nesse sentido, queremos destacar as intervenções hostis encontradas na maioria das cidades, tanto brasileiras como de outros países, de modo a discuti-las em relação ao espaço e aos patrimônios.

Na visão de Oliveira e Nunes (2021) uma intervenção hostil se trata de uma prática planejada de instalação de elementos que dificultem ou impossibilitem a utilização de espaços públicos urbanos por qualquer pessoa, os tornando inóspitos. Os autores se referem, na verdade, a uma ressignificação do termo original “arquitetura hostil”, entendendo que “intervenção hostil” retrata melhor o cenário.

Segundo eles, essa prática vai em desencontro com o sentido principal da arquitetura, que seria “conceber espaços adequados para acolher e abrigar a vida humana” (OLIVEIRA e NUNES, 2021, p.2), de modo que esses elementos construtivos que estabelecem uma relação de controle do comportamento humano são melhor nomeados assim, como intervenções hostis.

No entanto, percebemos diversos estudos que retratam as mesmas situações e que utilizam diferentes nomenclaturas, importando dizer que a característica de hostilidade é o que prevalece em todas. Neste trabalho, optamos por utilizar o termo intervenção hostil por compreender que de fato é algo projetado, que foi pensado para ter alguma interferência no espaço onde é inserido, podendo ser a arquitetura hostil uma dessas formas de intervenção.

Sendo assim, Oliveira e Nunes (2021) exemplificam esse fenômeno, citando como exemplo: o cercamento de locais de uso coletivo; elementos de forma pontiaguda que tornem inutilizáveis certos espaços, como espinhos metálicos e grades; intervenções que degradem o ambiente urbano ou ainda barreiras que atrapalhem na visibilidade e/ou proximidade com o Patrimônio Cultural.

São vastas as possibilidades de materialização e também o viés sob o qual se pode analisar tais cenários, seja a partir da visão do planejamento urbano e dos problemas sociais, do viés arquitetônico, turístico, patrimonial, entre outros.

Cademartori, Stumpf e Gross (2022) abordam, por exemplo, o tema arquitetura hostil relacionando-o ao fenômeno de estranhamento e insensibilidade nas cidades, decorrente de um poder simbólico exercido por elementos hostis que, ao serem naturalizados no ambiente, geram regulações e pressão aos cidadãos.

Os autores comentam que a cultura do medo trouxe mudanças na arquitetura das cidades e no comportamento das pessoas, onde cada vez mais se busca por proteção aos bens patrimoniais e de onde decorre a inserção de artefatos hostis nos ambientes e, comentando sobre templos religiosos serem cercados com grades por exemplo, analisam que além de não termos segurança nem mesmo nesses espaços:

Ao isolarmos prédios históricos, igrejas, entre outros, estamos também sinalizando para a comunidade que ali habita, que a violência está tomando conta e que o Estado está negligenciando (CADEMARTORI, STUMPF, GROSS, 2022, p.7).

Para demonstrar não só a existência, mas também a representação simbólica de uma intervenção hostil, trazemos uma ilustração de um prédio histórico, tombado como Patrimônio Histórico e Cultural municipal, no centro da cidade de Santa Maria (RS), onde Piccolli (2023, p.543) indica gerar uma “descaracterização arquitetônica e patrimonial”.

Como aponta a autora, a utilização da arquitetura hostil através de dispositivos instalados em uma edificação, sendo ou não patrimônio tombado,

“pode promover modificação estética e funcional, que vem a desconfigurar a originalidade da construção” (PICCOLLI, 2023, p.543).

Figura 1: Arquitetura Hostil no prédio nº 683 na Av. Rio Branco em Santa Maria.



Fonte: PICCOLLI (2023, p.544).

Queremos destacar que não é pretendido neste trabalho se referir somente a intervenções hostis presentes em patrimônios tombados, mas também aqueles bens imóveis que devido ao contexto em que se inserem na cidade e na sua história pode ser considerado um bem patrimonial. Exemplo disso, as igrejas, prédios e demais construções que não só possuem uma importância e riqueza arquitetônica, mas também se considera sua participação na formação cultural.

É possível dizer, portanto, que as intervenções hostis nos espaços urbanos, interferem e influenciam no uso destes locais e na relação dos indivíduos com os mesmos. Nesse sentido, após todo o conteúdo abordado até aqui e buscando cumprir o objetivo do trabalho, elencamos alguns tópicos interessantes de se refletir nessa relação entre patrimônio cultural e intervenções hostis no espaço urbano.

A primeira questão seria a **acessibilidade** e também a **visibilidade** dos patrimônios, pois, considerando cenários em que por exemplo, as igrejas e/ou templos religiosos, prédios históricos são cercados por grades de ferro e outros dispositivos de segurança como cercas elétricas, o contato e acesso dos indivíduos a esses locais fica restrito. Cria-se, dessa forma, espaços e paisagens cada vez mais poluídos visualmente e com barreiras.

Consequentemente, essa paisagem urbana marcada por cerceamento de locais que em tese se dizem públicos, leva a um segundo tópico que é o **afastamento** das pessoas para com os patrimônios de sua cidade. Infelizmente os investimentos que se tem com educação patrimonial e ao incentivo cultural são baixos quando comparado com outras atividades e setores que predominam no contexto geral social e somado a isso, temos a naturalização de cenas cotidianas (CADEMARTORI, STUMPF, GROSS, 2022) e a aceitação inconsciente de que os espaços são assim.

Com isso, tem-se locais restritos, construções descaracterizadas de sua formatação original, demarcações sobre onde pode e não se pode ocupar/acessar,

de modo que dificulta o sentimento de **pertencimento**, que é o terceiro tópico. Como naturalizamos nosso cotidiano e não somos instigados a estranhar e questionar as cenas ao nosso redor, “pertencemos a tudo e, concomitantemente, não pertencemos a nada” (CADEMARTORI, STUMPF, GROSS, 2022, p.2).

Por último, a relação entre o patrimônio e as intervenções hostis levanta uma discussão a respeito da **manutenção de problemas sociais**, pois, utilizada para controlar o uso dos espaços e restringir o contato e acesso aos mesmos, essa prática age de maneira errada, afastando indivíduos e situações que não são bem vindos, ao invés de tomar consciência da existência de problemas estruturais que merecem atenção desde sua raiz, como a desigualdade social.

Desse modo, apenas mantêm-se os problemas e para eles são pensadas alternativas hostis de resolução, não escapando disso nem mesmo as construções históricas que possuem importância arquitetônica e cultural. Percebe-se uma carência relacionada à educação patrimonial e no estreitamento de laços entre a comunidade e os bens patrimoniais que contam sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata jamais de negar a existência de criminalidade e atitudes desrespeitosas com os espaços e mobiliários, mas fica um questionamento /crítica a respeito de tentar combater os efeitos e não as causas dos problemas, isto é, pensa-se em instalar dispositivos que impeçam o acesso e contato de vândalos a determinados locais, mas não se discute como ações de educação patrimonial por exemplo, poderiam amenizar esses acontecimentos.

Através de ações que eduquem os indivíduos para conhecer e se identificar com os patrimônios de sua cidade, torna-se mais fácil instigar noções de valorização e preservação. Dificilmente alguém irá se importar ou cuidar daquilo que não conhece e não compreende a importância.

Nesse sentido, as intervenções hostis se mostram ineficazes na tentativa de solucionar problemas que na verdade são estruturais, que não se resolvem com “o fechamento dos espaços públicos, a instalação de elementos pontiagudos e de pedras sob áreas cobertas, a provisão de grades e concertinas, a edificação de muros, entre outros exemplos” (OLIVEIRA e NUNES, 2021, p.9).

A paisagem então se modifica constantemente, atendendo às transformações e necessidades das pessoas que habitam esses espaços, prejudicando o relacionamento interpessoal e também com os patrimônios, os quais são gerenciados e passam por mudanças por aqueles que os herdaram. As relações encontradas entre intervenções hostis e o patrimônio cultural de uma cidade podem ser muito mais exploradas e não se restringem somente aos tópicos que comentamos acima.

O que se perde em maior escala é a noção de importância, de representação que os patrimônios assumem, em prol de medidas que alteram e dão novos significados as construções e aos espaços, que por sua vez, se tornam inóspitos e põem em questionamento o direito à cidade (OLIVEIRA e NUNES, 2021) e também a seus patrimônios culturais.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, Fátima M. A. **Do patrimônio cultural e seus significados.** Transinformação - Periódicos Científicos da PUC-Campinas, São Paulo, 2004.
- CADEMARTORI, Daniela M. L de; STUMPF, Glauce; GROSS, Jacson. **Insensibilidade e estranhamento nas cidades: o poder simbólico da arquitetura hostil.** Educação por escrito, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-11, jan-dez. 2022 e-ISSN: 2179-8435.
- IPHAN. Patrimônio Material. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 25 out. 2023.
- _____. Patrimônio Imaterial. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 25 out. 2023.
- MENDES, António R. **O que é património cultural.** Editora Gente Singular, Lisboa, 2012.
- OLIVEIRA, Djair J. de S; NUNES, Rúbia M. **Patrimônio Cultural, Sociedade e Ambiente Urbano, Impactos de uma Intervenção Hostil: Praça da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Belo Horizonte.** II Seminário Internacional Gestão Integrada do Patrimônio Cultural, humanidades, sociedade, saúde e ambiente. [S. l.], 2021.
- PICCOLLI, Dailza F. **Efeitos do uso da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana em Santa Maria - RS.** Ciência Geográfica - Bauru, São Paulo - XXVII - Vol. XXVII - (2): Janeiro/Dezembro - 2023.

ELABORAÇÃO DE UM ROTEIRO TURÍSTICO ATRAVÉS DO DARK TOURISM: O TURISMO CEMITERIAL COMO ESTRATÉGIA DE RECONHECIMENTO NA CIDADE DE SANTA MARIA/RS

TOURISM ITINERARY ELABORATION THROUGH DARK TOURISM: CEMETERIAL TOURISM AS A RECOGNITION STRATEGY IN THE CITY OF SANTA MARIA/RS

Shirley Nara Moreira de Souza¹

RESUMO

O presente artigo emerge do recorte da dissertação de mestrado da autora, buscando como estratégia de escrita trazer ao leitor as principais ideias contidas no escrito de mestrado. Para isso, o recorte busca contemplar as principais ideias do novo segmento de turismo que está se tornando popular no mundo: o turismo cemiterial ou dark tourism. Acredita-se que os cemitérios possuem uma grande fonte de conhecimento, através da sua simbologia e suas obras arquitetônicas, que é pouco explorada. Diante disso, há alguns grupos que buscam explorar estes lugares como forma de educação, cultura e pertencimento, através dos patrimônios ali presentes. Foi criado um guia didático explicativo acerca de questões da história, memória e pertencimento da cidade e região e informações sobre o turismo e seus segmentos relacionados aos temas abordados na constituição para a pesquisa da dissertação e do produto final de mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Sendo assim os cemitérios tornam-se grandes atrativos turísticos para as cidades, suas obras arquitetônicas transmitem a memória e a história destes locais, e, portanto, são chamados por vários autores de “Grandes museus a céu aberto”.

Palavras-chave: Turismo; Dark Tourism; Turismo Cemiterial; Patrimônio.

¹ Mestre em Patrimônio Cultural e Doutoranda em História – UFSM. shirley204512@gmail.com

ABSTRACT

This article emerges from the author's master's dissertation, seeking as a writing strategy to bring to the reader the main ideas contained in the master's dissertation. To this end, the section seeks to contemplate the main ideas of the new segment of tourism that is becoming popular around the world: cemetery tourism or dark tourism. It is believed that cemeteries have a great source of knowledge, through their symbolism and architectural works, which is little explored. Given this, some groups seek to explore these places as a form of education, culture, and belonging, through the heritage present there. An explanatory didactic guide was created on issues of the history, memory, and belonging of the city and region and information on tourism and its segments related to the themes covered in the constitution for the research of the dissertation and the final product of the master's degree in Cultural Patrimony at the Universidade Federal de Santa Maria. Therefore, cemeteries become great tourist attractions for cities, their architectural works transmit the memory and history of these places, and, therefore, they are called by several authors "Great open-air museums".

Keywords: Tourism; Dark Tourism; Cemeterial Tourism; Patrimony.

INTRODUÇÃO

O termo Dark Tourism, de origem inglesa, foi mencionado pela primeira vez pelos autores, Malcom Foley e John Lennon (1996) em artigo publicado em 1996, no “International Journal of Science of Heritage Studies”. Como afirma Russo:

{...} Sin embargo, El término “turismo negro” fue acuñado originalmente por Malcom Foley y John Lennon em un artículo “JFK y turismo negro”, publicado en un número especial de la Revista Internacional de Estudio sobre el Patrimonio (Foley et. al, 1996). Em el cual se discute la aparente fascinación turística sobre el asesinato del trigésimo quinto presidente de Estados Unidos John F. Kennedy em 1963. (RUSSO, 2018, p.04)

São várias as possibilidades de nomear esse tipo de turismo, pois sua tradução não literal assume vários sentidos. Stone (2006) identificou as principais nomenclaturas: turismo macabro, turismo negro, turismo sombrio, turismo mórbido, turismo sinistro, turismo das trevas, dentre outros. Já o turismo cemiterial, subcategoria do dark tourism, está relacionado a locais sombrios, misteriosos e temidos; de acordo com Sharples & Stone (2009), tendo como objetivo principal, introduzir e oferecer conhecimento e entretenimento, tornando visível esse patrimônio por vezes ignorado.

Contudo, Lennon e Foley (2000), na obra “Dark Tourism: a tração da morte e do desastre” descrevem o turismo sombrio como um subconjunto do turismo cultural e como algo distinto do turismo patrimonial. Bowman & Pezzullo (2010) destacam que o turismo sombrio é uma afirmação evidente de um fenômeno identificado na segunda metade do século XX, ou seja, o turismo sombrio é um produto da pós-modernidade.

Russo (2018), descreve em seu artigo que o turismo negro ou “dark tourism” é relacionado com os jogos de gladiadores na época romana, e com outros fatos como as peregrinações religiosas, as execuções públicas na era medieval, além de conflitos bélicos e outros fatos que compõem a história cultural da sociedade.

Foley e Lennon (1996) e Lennon e Foley (2000) conceituam o turismo negro como um fenômeno frequentemente ligado ao patrimônio. Nesse sentido, por exemplo, os produtos turísticos ligados a traumas coletivos e a tragédias são orientados para a educação e centrados na história, enquanto os produtos que não carregam esta carga relacionada ao trauma coletivo são orientados para o entretenimento e centrados no patrimônio. Sendo assim,

A existência de lugares vinculados à morte sofrimento e dor serve como objeto de pesquisas e análises principalmente nos campos da história, sociologia, antropologia e, especificamente, nos estudos tanatológicos, desde muito tempo. Contudo, na década de 1960, observa-se a existência da necrogeografia, estudos da morfologia dos cemitérios, que permite refletir sobre a realidade do mundo e ver a morte também como forma de paisagem cultural com configurações e características específicas. (COELHO-COSTA, 2021, p.21-22)

Para Stone (2013), o segmento turístico apresenta peculiaridades, tais como uma temática relacionada à ausência, à perda, à tragédia, ao melancólico, à morte, necessitando, portanto, uma proposta de intervenção do olhar diferenciada destes locais ou lugares de memória (como cemitérios, memoriais, locais vinculados a acontecimentos fúnebres, trágicos ou traumáticos); voltado para explorar o lado patrimonial (material e imaterial) desses bens, podendo assim proporcionar para além de um grande potencial econômico (geração de emprego e renda), a recuperação (manutenção e preservação) de espaços patrimoniais, dentro da atividade turística, desconsiderados e abandonados pelo poder público, privado e pela própria comunidade a ele relacionada. Podoshen et al. (2015, p.325) afirma que “o turismo negro não deve ser visto simplesmente como um sistema homogêneo de significados e experiências coletivos, mas sim como uma práxis contingente à diversidade de experiências vividas e em conjunção com o trabalho afetivo e cognitivo cultural.

Com base no exposto, o presente artigo trata-se de um recorte da dissertação de mestrado da autora, buscando trazer os principais aspectos do trabalho e da construção de um novo viés de turismo na sociedade atual.

TURISMO E SEU DESENVOLVIMENTO NO PERCURSO DO TEMPO

Os avanços e inovações tecnológicas aplicados em áreas ligadas à comunicação, informação, conhecimento, consumo, lazer e deslocamento de pessoas, crescem em velocidade inédita, trazendo novas tendências, novos hábitos, formando um novo sujeito e com novas noções de identidade, memória, história e pertencimento, (Souza, 2017). É neste processo que a memória e o patrimônio se entrelaçam e agregam em práticas sociais e culturais, reunindo uma determinada narrativa da história dos locais, dos eventos, dos grandes fatos e das pessoas além da memória produzida em torno destes, evidenciando uma determinada forma de patrimônio, de história e até mesmo, arte, ofertando novos segmentos para diferentes nichos de mercado, com suas propriedades únicas e buscando novas experiências.

De acordo com Cooper (2000), indiferentemente de ser um nicho novo, o turismo é uma atividade importante o suficiente para o setor econômico e principalmente em termos acadêmicos, pois seu potencial econômico, social e cultural é digno e muito significativo a ponto de ser compreendido e pesquisado. Neto e Lohmann (2008), afirmam que a epistemologia do turismo ganhou um maior reconhecimento na década de 90, onde o turismo obteve mais estudiosos da área, que de fato estão mais interessados em questões práticas da atividade como “planejamento e políticas públicas”. Se pensarmos em alguns fatos, as pessoas podem parecer estranhas por saírem de sua zona de conforto para busca de novas experiências, e trocar seu tempo de descanso, lazer e conforto para ir a lugares turísticos onde a morte, a tragédia, dor e sofrimento são as principais formas de atrativo turístico. Já Urry, afirma que:

Não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não turísticas de experiência e de consciência social: o que faz com que um determinado olhar do turista dependa daquilo com que ele contrasta. (Urry, 1996, p.16)

Desta forma o autor acredita que o dark tourism causa uma reflexão da história, trazendo o anseio de que determinados acontecimentos do passado não se repitam, e que a forma que o turista vê estes atrativos turísticos determina a forma com que ele vê o que a história e a memória transmitem. Assim, segundo Krippendorf (2001, p.14) “o ser humano não nasceu turista, mas com a curiosidade e um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos que gostaria de conhecer”. Percebe-se assim que o turista busca estas novas experiências. Já para Dias, o turismo faz “parte da natureza do ser humano, desde há muito tempo, viajar já era parte da vida dos homens” (DIAS, 2006, p.09).

Contudo, segundo Cooper (2000, p.33) “o turismo ainda é uma área de estudo relativamente jovem, o que acarreta várias questões para todos os envolvidos no ensino, na pesquisa e na temática”. Desse modo, pode-se compreender que a história mostra que as atividades turísticas são relativamente tratadas como novas no mercado, sendo dignas de investimentos empresariais e acadêmicos.

A palavra turismo segundo, Dias e Aguiar (2002) deriva do latim *tornus*, que significa movimento ou volta, assim usamos a palavra *tourism* que emprestada do termo em inglês, que vem do francês *tour*, que significa “dar uma volta”. De acordo com vários historiadores a palavra turismo começou a ser usada no início do século XIX. Sendo assim, o mesmo afirma que o turismo em sua maturidade no mercado não diminui o infalível crescimento, pois com a medida dos perfis e as exigências dos turistas podem-se verificar os processos e as formas que precisem ser adaptadas ou exploradas para oferecer satisfação e a diferenciação em novos produtos, assim incentivar o novo turista, a buscar novas formas de turismo e sair de sua zona de conforto.

DEMANDA X OFERTA: COMPREENDER PARA ENTENDER

Verificar o fluxo do turista no território receptivo é de suma importância para estas atividades turísticas, com elas esses elementos formam um conjunto de estruturas para o consumo nestas localidades. Para Barros (2008):

O consumo do turista pode ser definido, simplesmente, como a aquisição de bens e serviços com o objetivo de satisfazer uma determinada necessidade. Em outras palavras, o consumo do visitante pode ser definido pelo montante de dispêndio localizado geograficamente no destino e durante o percurso. (BARROS, 2008, p.06)

No entanto, Copper (2007 apud LEIPER, 2007, p. 64) afirma que “a demanda turística é resultado de atividades e decisões ocorridas dentro da área geradora, sendo assim a demanda turística é um elemento fundamental no sistema turístico”. No entanto Neto e Lohmann (2008, p.237), afirmam que o conceito de demanda “compreende os indivíduos cujas as necessidades incluem o “consumo” e a experiência de lugares”. Já para Ruiz & Armand (2002), o consumo tem uma visão além dos seus objetivos, sendo assim, pode se analisar que o mesmo possui dois fatores importantes como o consumo turístico primário, que são serviços ou bens adquiridos de vinculados diretamente ao turismo e consumo turístico secundário que são serviços ou bens que não representam vínculos diretamente relacionados ao turismo, podendo ser usufruído por outros indivíduos.

Para Beni (2000, p. 146) a demanda é “quantidade de bem ou serviço que os consumidores desejam e podem comprar a um dado preço em um dado tempo”. A demanda também pode ser classificada da seguinte forma como descrevem Neto e Lohmann:

Demanda Real - aquela que efetivamente está viajando, facilmente mensurável, e que compreende estatísticas de turismo; Demanda reprimida ou suprida - aquela que quer viajar, mas está impedida por várias razões. Pode ser subdividida em: Demanda potencial - e aquela demanda reprimida que irá viajar mais cedo ou mais tarde, mas não pode viajar imediatamente, ou quando gostaria de fazê-lo, por fatores próprios que a impedem, tais como não-disponibilidade de férias ou de fato de ainda estar juntando dinheiro para viajar; Demanda deferida - e aquela que, por problemas com fornecedores (e. g falta de lugar no meios de hospedagem ou nas empresas transportadoras) ou pelo clima (e. g nevasca), entre outros termina tendo que adiar a viagem para outra data Kotler & Armstrong (1993) chamaram esse tipo de demanda também como demanda excessiva, ou seja denominado ao casos em que a demanda excede a oferta de um produto ou serviço; Não-demanda - gostaria de poder viajar, mas nunca terá disponibilidade para tal (falta de dinheiro, saúde tempo etc.) (Neto e Lohmann, 2008, p.237).

Assim, para compreender quais fatores influenciaram a demanda por parte do turista é importante verificar de que forma foram elaboradas estas atividades tais como cultura, lazer, diversão, recreação, descanso, tempo livre, aventura e história. A demanda do turista tem vários aspectos segundo Barros:

[...] disponibilidade de tempo- deve ser um período de tempo livre tais como férias, finais de semana prolongados e feriados, para que seja criada uma demanda turística potencial; disponibilidade econômica - há necessidade de um aumento de renda disponível em termos pessoais e familiares para que as pessoas possam viajar ou ter condições de fazê-lo, como por exemplo, com a compra de um carro; fatores demográficos - diversas características demográficas indicam uma tendência para viajar como pessoas que vivem nas grandes cidades, idade, sexo, condição familiar; e fatores sociais -o ato de viajar ainda está muito 32

associado a uma ascensão em termos de status, ou seja, fazer turismo é uma atividade bastante valorizada no comportamento de grupos sociais, contribuindo para a elevação de autoestima e para o aumento da sociabilidade. (BARROS, 2008, p.7)

Deste modo para que possa haver uma demanda, a localidade deve cumprir algumas necessidades, como serviços de qualidade e uma boa infraestrutura, pois para oferecer aos turistas “visitantes” algo além do que somente atrativos, e sim oferecer boas condições para que o turista permaneça no local escolhido. Com base nisso, é preciso reconhecer e compreender as necessidades dos turistas para atendê-los e satisfazer seus anseios e vontades.

OFERTA TURÍSTICA

Para Beni (2000), a oferta turística é uma soma de consumos de bens ou serviços proporcionados aos turistas, oferecendo uma variedade de produtos que envolvem tanto o setor terciário (transportes, setores bancários, seguros etc.) como o setor secundário (instalações, infraestrutura, construção civil etc.) e o setor primário (bens agrícolas para transformação e para alimentação). O autor também afirma que a oferta “é a quantidade de um bem ou serviço que chega ao mercado por um dado preço em um dado período de tempo (BENI, 2000, p.146). Assim,

Quando falamos em infraestrutura turística, referimo-nos ao conjunto de bens e serviços que estão à disposição do turista, como parte integrante, fundamental ou acessória, do fenômeno turístico. A infraestrutura turística de um núcleo abrange a infraestrutura de acesso, a infraestrutura urbana básica, os equipamentos e serviços turísticos, os equipamentos e serviços de apoio e os recursos turísticos. A soma e o inter-relacionamento desses elementos será a infraestrutura que a cidade possui para o Turismo (BARRETTO, 1991, p.48).

Para um bom planejamento sistêmico-econômico, o mercado turístico necessita desses recursos; onde “os recursos são o reservatório geral, a partir do qual as ações específicas do sistema podem ser formadas” (CHURCHMAN 1971 apud BARROS 2008 p. 07). Barros (2008), tanto quanto Dias (2005), afirmam que os principais componentes da oferta turística são: os recursos turísticos -que podem ser naturais ou culturais. Incluem-se nesta categoria o clima, a paisagem, os parques naturais e temáticos, manifestações folclóricas e todo o patrimônio natural e cultural. É em função dos recursos turísticos de um município que se define determinada demanda; os serviços e equipamentos turísticos -alimentação, alojamento, entretenimento, agências de turismo, locadoras de veículos, postos de câmbio, bancos, farmácias, hospitais, delegacias, postos de combustível, oficinas mecânicas, pessoal capacitado etc. Os recursos turísticos podem ser definidos como todo elemento capaz de por si mesmo ou, em combinação com outros, gerar deslocamento turístico (DIAS, 2005).

O PERCURSO DO TURISTA

Para compreender o turista, devemos começar pela tradução da palavra Tourist; significa turista, uma pessoa que viaja por diversão ou descanso, prazer e por cultura, que ao longo do ano faz mais de uma viagem visitando vários lugares, buscando entretenimento, história e conhecimento. Cooper (2007) afirma que alguns autores concentraram as suas ideias sobre o papel do turista através de suas experiências, do impacto social e ambiental do turismo. Para isso é possível ver que através das atitudes, da percepção ou motivação permite a identificação de cada perfil destes turistas e o que o mesmo procura e quais os segmentos de turismo pode se encaixar, para proporcionar uma experiência única.

Segundo Bahl (2004 p. 34), “o ser humano – turista em potencial – busca facilidades para a realização de seus deslocamentos, gerando um processo de escolhas e seleção de localidades a visitar, motivado por propaganda ordenada e muitas vezes, verbal”. Porém a Organização Mundial do Turismo (OMT) aconselhou que fosse adotado o termo de turista por “visitante” em um Congresso que foi realizado em Roma no ano de 1963, como Dias e Aguiar descrevem:

Definindo o turista como “qualquer pessoa que visita um país que não o de seu local normal de residência, por qualquer motivo que não seja decorrente de uma ocupação remunerada dentro do país visitado” ((DIAS E AGUIAR, 2002, p. 24)

Assim é considerado turista aquele que permanece uma noite na cidade onde está visitando. No entanto podemos definir o turista como “visitantes de um dia”, “visitante que pernoitam (turistas)”, “visitante internacional”, “visitante interno”. Segundo COOPER (2007), ao citar o autor Cohen, em seu livro “Turismo, princípio e práticas - terceira edição”, ele descreve que podemos classificar o turista baseado na teoria que o turismo está relacionado com a curiosidade e a busca por novas experiências, porém com o objetivo de manter as referências familiares do turista.

Contudo podemos verificar que o autor indica quatro papéis do turista que são eles: o turista organizado de massas, é o tipo de turista que se organiza com os receptores adquirindo os pacotes completo dos produtos turísticos, se aventura pouco e guia-se através do destino turístico, conhecendo pouco a cultura local; o turista individual de massas, é um tipo de turista flexível, procura ter a viagem organizada e com o toque pessoal, porém necessita da ajuda dos receptores do produto turístico, tais como agências de viagens, hotéis; assim formando turismo institucionalizado (faz parte da rotina do setor turístico como agências, meios de hospedagem). Já o turismo não institucionalizado (viagem individual, busca por meios pessoais a procura por oferta) é o explorador, o tipo de turista que é independente e foge de roteiros comuns, porém busca conforto nos meios de hospedagem e transporte confiável; o andarilho é o tipo de turista que tem a visão de descobrir o novo, faz seu próprio roteiro, não se apega a família, interage com o povo local, paga as suas próprias despesas e não necessita dos receptores de turismo (COOPER, 2007).

LUGARES DE MEMÓRIA: UMA PERCEPÇÃO PARA O DARK TOURISM E TURISMO CEMITERIAL

Considerando os estudos do francês Pierre Nora (1993), que trabalha com o conceito de lugar de memória, e relacionando com as ideias elaboradas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), que relata e fala a respeito de memória coletiva, além de outros historiadores como o alemão Andreas Huysen, o historiador Michael Pollak (1989), e também das considerações de Enzo Traverso (2012), sobre a memória e a história, este estudo tem a intenção de explorar estes campos de conhecimento, sob a perspectiva do dark tourism e do turismo cemiterial.

Desta forma o foco principal é mostrar a história, a memória e a cultura contidas nos destinos de dark tourism e turismo cemiterial, oferecendo conhecimento e tornando visíveis patrimônios por vezes ignorados. Para bem compreender o que a memória e a história produzem, Pollak (1989) acredita que quem produz a história são os historiadores locais, os acadêmicos e os pesquisadores, já para Nora a modernidade resulta no declínio da experiência transmitida. Pois compara a história e a memória, através da experiência vivida, pontuando grandes mudanças e transformações nos processos históricos, destacando a memória com sua assistência. Desta forma se pergunta o que é cultura? É o que está na história, tudo que está registrado, que hoje ainda tem visão para a contemporaneidade. Neste sentido pode-se dizer que a memória é um enquadramento, ou seja, é mais uma forma de conteúdo para dar sentido e para diferenciar o que é verdade do que é do falso.

Nesse sentido, por exemplo, os produtos turísticos ligados a traumas coletivos e a tragédias são orientados para a educação e centrados na história, enquanto os produtos que não carregam esta carga relacionada ao trauma coletivo são orientados para o entretenimento e centrados no patrimônio. Halbwachs (1990), afirma que o espaço da memória coletiva faz com que possamos pensar e agir na ideia de que devemos fixar no espaço para cada momento para reconstruir lembranças.

TURISMO CEMITERIAL

A palavra cemitério, do grego koimetérion “dormitório”, no latim cimiterium, seu significado é o lugar onde se dorme (quarto/dormitório). Na mitologia grega o significado é explicado, pois seria, perder o conhecimento ou a consciência, pois é algo que o deus grego do sono Hipnódecide, mas quem era esse deus? Segundo os gregos, este era irmão gêmeo do deus da Morte, Thanatos (PACHECO, 2012). Para o autor Seaton (1996), afirma que o termo Thanatouris, é referência para o Dark tourism, por proporcionar dor e sofrimento e morte, pois foi o primeiro autor a estudar este termo dentro do turismo. Já alguns estudiosos, mais precisamente no século XVIII, consideravam os cemitérios como lugares sagrados, já para outros a palavra cemitério pertence à linguagem erudita dos clérigos. Desta forma os cemitérios são conhecidos por outras nomenclaturas como necrópole, campo-santo, dentre outras formas

fúnebres como inumação, enterramento, sepultamento e cremação (PACHECO, 2012 p. 20).

Os Eclesiásticos do fim da Idade Média, como afirma Lauwers (2015, p.330) “tentaram conferir um sentido novo à frequência dos cemitérios pelos vivos: o cemitério deveria ser o lugar de suas preces”. Neste sentido o que se compreende que as belas esculturas nos cemitérios, faziam com que as pessoas fossem até o local como fonte de lazer e parapraticar rituais, tais como as danças ancestrais. Mas como Lauwers (2015) afirma, as autoridades proibiram estas danças, assim chamadas como macabras, fez com que a frequência destes cemitérios fosse somente para a lembrança da morte, assim “adquirindo um significado na perspectiva da salvação individual” (LAUWERS, 2015, p. 201).

No entanto, os cemitérios e a organização de um espaço sagrado em torno dos lugares de culto, portanto, é uma invenção medieval. Ariès (2014 p. 54), afirma que “os cemitérios não são simples sepulturas e reservatórios de corpos mortos, mas antes lugares santos ou sagrados, destinados a oração pelas almas dos trespasados que ali repousam: lugares santos e sagrados, públicos e frequentados; e não impuros e solitários”. Bellomo (2004) afirma que para solucionar o problema da morte, durante os anos cada civilização encontrou a sua solução, sendo assim: “Pirâmides, túmulos subterrâneos, templos funerários, catacumbas, cremações, rituais funerários têm sido usados como tentativa de conservar os corpos e preservar a memória dos mortos.” (BELLOMO,2004, p. 13).

No entanto Araújo (2008), afirma que o culto aos mortos é um dos rituais mais antigos feitos pelo homem, pois através da morte, o ser humano teve como base do seu primeiro pensamento, entendimento ou idealização de uma visão sobre como seria o sobrenatural. Sendo assim, Bayard (1996, p. 43), observa que “O homem é o único animal que acende o fogo e enterra os mortos”.

Para Pacheco (2012), as sociedades mais modernas, não gostam de falar no assunto morte, bem ao contrário das civilizações antigas, sendo uma consequência do “nascer e do viver”, algo que sabemos que é inevitável. Procuram logo se livrar deste tema que é inevitável. Assim o autor afirma que “falar do assunto sobre cemitérios e morte, nada mais natural, cotidiano e universal, é algo que incomoda e perturba as pessoas (PACHECO, 2012, p. 21). Para Pedrazzi (2017, p. 22) “é na visita aos cemitérios e nas diferenças encontradas nesses vestígios frente ao que se produz hoje nos cemitérios seculares, que vemos o movimento da cultura dos monumentos e as formas de presença dos mortos nas sociedades”. Além disso,

A edificação de túmulos e mausoléus, ricamente adornados com esculturas, evidencia o uso do poder econômico para gerar a não nivelção social, pós morte. Percebe-se, assim, que a riqueza existe no espaço dos mortos. (BASTIANELLO, 2016 p. 30)

Bastianello também afirma que:

[...] a partir de meados do século XIX, iniciou-se a separação efetiva entre a igreja e o cemitério[...]. É por isso que, na Europa na virada do século XVIII para o século XIX, ocorreu o processo de retirada dos cemitérios dos centros das cidades para regiões situadas bem longe dos limites urbanos. (BASTIANELLO, 2016 p. 35)

Os cemitérios são conhecidos por possuírem caráter cultural através de suas obras arquitetônicas, seus epitáfios, da estatuária e da valorização dos símbolos encontrados ali. Valladares (1972, p.121) afirma que “A história natural dos cemitérios brasileiros tem muito que ver com a história da aventura da pedra de Lisboa”. Para ele, “as lápides sepulcrais remotas, são os documentos epigráficos mais antigostabalhados aqui, encontrados em igrejas seiscentistas e setecentistas” (VALLADARES, 1972, p.121).

TURISMO CULTURAL E DE PATRIMÔNIO

Patrimônio e cultura são também associados a questões de história, memória e de pertencimento. Como exemplo se pode citar a antiga cidade romana Pompeia, localizada a cerca de 220 km da capital Roma, situada a 25 km de Nápoles, em uma região da Itália, conhecida como Campânia, fica aos pés do Monte Vesúvio, no continente Europeu. Em meados 79 d. C, a cidade foi palco de uma grande erupção vulcânica, sendo destruída, por causa das altas toxidades que estavam presentes no ar e as cinzas liberadas pelo vulcão, fez com que os corpos dos cidadãos fossem preservados, foram encontrados os restos arqueológicos no século XVIII, a partir desta descoberta a cidade vem sendo um sitio arqueológico reconhecido pela UNESCO.

ROTEIRO TURÍSTICO E GUIA DIDÁTICO – MUSEU A CÉU ABERTO – LOCAIS DE MEMÓRIA E LAZER

Roteiro turístico envolvendo o Dark Tourism e o Turismo Cemiterial em Santa Maria/RS.



INTRODUÇÃO

O Dark Tourism e o Turismo Cemiterial se constituem como segmentos diferenciados no turismo, agregando práticas sociais e culturais que promovem atividades e atrativos não convencionais, reunindo uma determinada narrativa histórica de locais, eventos, pessoas e a memória produzida em torno destes, evidenciando uma determinada forma de patrimônio, de história e até mesmo, arte.

Agradeço a parceria com o Prof. Dr. Gilvan Deckhorn, a banca examinadora, Prof. Dr. Classe Isnerio (URCAMP/RS), a Prof. Dr. Fernando Krieger Pedrazzi (UFSC/RS) e o Prof. Dr. Marcelo Sibura (UFSC), pela contribuição e pela dedicação nesta pesquisa. Foi um grande aprendizado, trabalhar com grandes professores, dedicados, sendo fonte de inspiração. Dessa modo, podendo possibilitar a preservação e divulgação dos resultados colaborando com a comunidade local/regional para a preservação deste patrimônio e os espaços de memória.

Desta forma a sutura se demonstrou-se preocupada com o patrimônio, a memória, a história da cidade existentes nas obras arquitetônicas cemiteriais, além dos espaços de memória, pois a falta de informação e de pouco conhecimento sobre os segmentos de turismo existentes na cidade, propiciando a perda e o esquecimento destes locais como fonte de educação patrimonial pela sociedade e pela esfera pública e privada.

Com isso, iniciou-se a pesquisa da mestranda Shirley Nara Moreira de Souza e com a importância parceria do orientador e docente da UFSC, Prof. Dr. Gilvan Odival Veiga Deckhorn a busca por elaborar este roteiro para que visassem onde suas obras arquitetônicas e a história da cidade e de suas personalidades, se tornam um grande museu a céu aberto, para compreensão deste novo segmento de dark tourism e turismo cemiterial na cidade de Santa Maria.

Para tanto, foi selecionado elementos e personalidade da cidade que pudessem integrar a memória, a história da cidade com o pertencimento e a identidade local.

Dessa forma, esta publicação traz os conceitos e exemplos de dark tourism e turismo cemiterial, além da história da cidade e de suas personalidades selecionadas como fonte de educação patrimonial.

APRESENTAÇÃO

A presente divulgação faz parte dos resultados da Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Neste contexto foram elaboradas ações que pudessem agregar valor na preservação da memória, da história e do pertencimento do Cemitério Eclesiástico Municipal de Santa Maria como forma de educação patrimonial para o município e para região, entrelaçando o turismo cemiterial, o dark tourism com o turismo de lazer e o turismo cultural. Na perspectiva de que a cidade possa oferecer novos produtos turísticos e assim tornando a cidade mais visível para os turistas que buscam novas experiências.

A pesquisa foi iniciada através do estudo para a elaboração do Roteiro intitulado como "Museu a céu aberto: locais de memória e lazer" iniciou a partir do ano de 2017 com o trabalho de conclusão de curso (TCC), para o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria / RS (UFSCM), intitulado como: Dark Tourism e Turismo Cemiterial em Santa Maria: possibilidades? Dentro desta perspectiva com a possibilidade de roteiro turístico como atrativo para a cidade de Santa Maria, um dos cemitérios envolvidos na pesquisa naquele ano, foi o cemitério Eclesiástico Municipal, onde o aperfeiçoamento deste trabalho está neste cartilha.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E MEMÓRIA:

É um processo de mediação para a valorização dos bens culturais, da identidade, da história e do pertencimento pois promove a valorização pedagógica dos museus e das imagens para as práticas educacionais. Podemos verificar que o patrimônio é passado de geração para geração, assim gerando um sentimento de pertencimento, identidade e de cultura. Desta forma entende-se que a memória histórica, coletiva e os lugares de memória são essenciais para a preservação do ocorrido em questão e a possibilidade do tombamento patrimonial histórico do objeto ou local relacionado ao evento.

TURISMO

Surge na era da idade moderna, como um renascimento do desejo de explorar e descobrir o novo, com a expansão do comércio e dos negócios, além do grande salto positivo da agricultura, e a evolução da literatura e das artes, valorizando a cultura, deste modo fazendo com que a população procurasse uma forma de satisfazer suas experiências pessoais, buscando o conhecimento sobre o mundo em que vivemos. Atualmente possui vários segmentos como turismo religioso, de negócios, aventura, ecoturismo, de lazer e cultura.



ROTEIRO TURÍSTICO

É uma descrição do caminho que vai percorrer, uma forma de documentar ou detalhar os trajetos, podendo conter informações que orientam os turistas e seus interesses, são importantes para a organização e comercialização do turismo como produto.



TURISMO CEMITERIAL:

Grande parte dos cemitérios de visitação foram construídos nos séculos XVI e XVII, para ser um lugar de memória e lembrança, logo são associados a dor, luto, tristeza, saudade, mas, com o devido distanciamento afetivo, também para algumas pessoas é percebido como locais de culto, adoração, misticismo e esoterismo, passando uma sensação misteriosa, de curiosidade e de medo. São conhecidos por possuírem caráter cultural através de suas obras arquitetônicas, seus edifícios, de estátuas e da valorização dos símbolos, nos cemitérios pode-se observar que em alguns mausoléus, as belas arquiteturas e os monumentos remetem o status e a vida social ou classe que a pessoa enterrada ali representava, assim se tornando uma sepultura única, sagrada e privada.

PIRÂMIDES

Pirâmides, túmulos subterrâneos, templos funerários, catacumbas, cremações, rituais funerários têm sido usados como tentativa de conservar os corpos e preservar a memória dos mortos.



Pirâmides de Giza, Dabops, Giffen e Niquetinos, no Planície do Giza

PÈRE LACHAISE

O cemitério Père Lachaise, em Paris foi inaugurado em 1804, por Napoleão Bonaparte, mas somente em 1817 que o cemitério começou a funcionar. É o maior da cidade possuindo 44 hectares e cerca de 110 mil sepulturas, lá estão sepultadas várias personalidades como cantores, escritores, músicos, compositores e outras pessoas que se tornaram referências em suas áreas (celebridades) ou ícones mundiais como Jim Morrison (vocalista da banda The Doors (1962-1971)), o compositor polaco Frédéric Chopin (1810-1849), o escritor Honoré de Balzac (1799-1850), o criador do Espiritismo, Allan Kardec (1804-1869), Oscar Wilde, Edith Piaf, Marcel Proust, Giuseppe Rossini, dentre outros nomes conhecidos e que são importantes.



Túmulo de Karl Marx e sua família.

9

10

11



Père Lachaise, em Paris - França



Túmulo de Jim Morrison, vocalista da banda The Doors (1962-1971)

HIGHGATE

O Cemitério de Highgate, ao norte de cidade de Londres, na Inglaterra, é o mais famoso cemitério do Reino Unido. Ele é dividido em duas partes: Oriental e Ocidental, também conhecido por cemitério maldito, está sepultado o sociólogo alemão Karl Marx, além de ser famoso por suas "catacumbas egípcias". O pai dos túmulos de John Galsworthy, George Eliot, Michael Faraday e Dante Gabriel Rossetti. O ex-agente secreto russo Alexander Litvinenko, morto por envenenamento, foi enterrado ali, bem como Douglas Adams, autor de O Guia do Viajante Cego de século 19, conhecido como "Viajante Cego" (um pioneiro da ecotocalização humana), Adam Worth, um famoso criminoso e a possível inspiração para o inimigo de Sherlock Holmes, Professor Moriarty e centenas de outras pessoas ilustres.



Figura do túmulo de Alan Turing, faleceu em 23 de março de 1954



Catacumbas egípcias.

12

13

14

LA RECOLETA

Destacado como um dos cemitérios de arquitetura mais interessantes do mundo, por Architectural Digest, o cemitério La Recoleta, localizado adjacente à Praça Intendente Torcuato de Alvear do bairro Recoleta, conserva uma grande trajetória histórica que se manifesta em todos as personalidades políticas e intelectuais que descansam neste terraço cemitério uma visita obrigatória em Buenos Aires. Foi construído em 1822, como o primeiro cemitério público da cidade. Estão sepultas personalidades que participaram ativamente da história argentina, como importantes políticos, (Eva Duarte de Perón), escritores (Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares), médicos, artistas, prêmios Nobel (Carlos Saavedra Lamas e Luis Federico Leloir), esportistas e empresários.



La Recoleta em Buenos Aires, Argentina.

15

Nápoles (ou fazenda Nápoles), localizada no município colombiano de Puerto Triunfo, aproximadamente a 100km de Medellín, onde cavava na propriedade um zoológico privativo, um aeroporto e até uma réplica do parque de dinossauros, outras propriedades e ao túmulo de Pablo Escobar, falecido no decada de 1990. A história de Pablo Escobar também se tornou série produzida pela Netflix, entrelaçando o real com a ficção, "NARCOS", estrelada pelo ator brasileiro Wagner Moura.



Mural de Pablo Escobar, Medellín - Colômbia

TURISMO DE CALABOUÇO OU PRISÃO

Alguns lugares que investiram no dark tourism, como atrativos turísticos fazendo com que o real seja recriado: foi aberto em 1976, um calabouço chamado The London Dungeon, no continente Europeu, situado no The Queen's Walk, London SE1 7QB, no Reino Unido, na cidade de Londres se tornando uma espécie de museu interativo, que



PARQUE EM CHERNOBYL



Parque em Chernobyl (Prigo, Ucrânia)

Chernobyl onde o acidente nuclear ocorreu em 26 de abril de 1986, localizada na Ucrânia, situada no sudeste da Europa, sendo o segundo maior país do continente, depois da Rússia, uma cidade a 120 km da capital Kiev onde há a opção de visitação ao Museu de Chernobyl.



Quiosque de agência de viagens em Chernobyl

21

Na floresta há várias cartazes para que as pessoas pensem no que irão fazer, contém ainda informações anti-suicídio. País o Japão tem uma das taxas de suicídio mais altas no mundo.



Floresta do Suicídio (Aokigahara) / Japão

TURISMO CULTURAL E DE PATRIMÔNIO

Patrimônio e cultura, logo associamos a questões de memória e de pertencimento, os fatos históricos que agrega a construção da história faz com que os turistas busquem conhecer um pouco mais destes fatos e suas memórias, uma antiga cidade romana Pompeia, localizada a cerca de 220 km da capital Roma, situada a 25 km de Nápoles, em uma região da Itália, conhecida como Campânia, fica aos pés do Monte Vesúvio, no continente Europeu.

Nos meados 79 d. C. a cidade foi palco de uma grande erupção vulcânica, sendo destruída pelo vulcão, por causa das altas temperaturas que estavam presentes no ar e as cinzas quentes liberadas pelo vulcão, fez com que os corpos dos cidadãos fossem preservados, foram encontrados os restos arqueológicos no século XVIII, a partir desta descoberta a cidade vem sendo um sítio arqueológico reconhecido pela UNESCO.

24

DARK TOURISM

O termo Dark Tourism, é um fenômeno frequentemente ligado ao patrimônio pois o turismo sombrio é um subconjunto do turismo cultural, o Dark Tourism é um segmento com características únicas que promovem um local real ou recriado. Identificamos os principais nomenclaturas: turismo macabro, turismo negro, turismo sombrio, turismo mirábido, turismo sinistro, turismo das trevas, dentre outros. Tal segmento turístico apresenta peculiaridades, tais como uma temática relacionada à audiência, à perda, à tragédia, ao melancólico, à morte. Tornou-se uma premissa de intervenção do olhar diferenciada destes locais no lugares de memória (como cemitérios, memoriais, locais vinculados a acontecimentos fúnebres, trágicos ou traumáticos), voltados para a recuperação (manutenção e preservação) de espaços patrimoniais, dentro da atividade turística.

O México é um dos líderes de turismo internacional receptivo, pois seus atrativos turísticos tem uma potencialidade alta, seja com seus recursos naturais, sociais ou culturais. Um dos principais segmentos que chama atenção na cidade é o dark tourism, ou turismo negro, obscuro, pois através de sua riqueza, tradição e cultura, a diferencial que alguns países não possuem como o feriado do dia 02 de novembro (dia de los Muertos), onde é celebrado a morte, nas praças, no cemitério, no museus e em teatros



Dia dos Muertos na cidade do México.

O México possui outra atividade que desperta o interesse dos turistas, o Turismo narcotráfico. Buscam simular a experiência em cruzar a fronteira como imigrantes ilegais entre os Estados Unidos (EUA) e o México, onde a pobreza da região mais pobre da cidade mexicana El Alto, que fica localizada a 3 km da fronteira, criaram este espetáculo sobre o narcotráfico na região, sendo uma das maiores dificuldades dos dois países para tentar evitar imigração ilegal e o mortes de pessoas que tentaram cruzar a fronteira.

Outro atrativo que desperta a curiosidade dos turistas é na Colômbia, na cidade de Medellín, um roteiro turístico que conta a história de um dos maiores narcotraficantes colombianos, que ficou mundialmente conhecido, Pablo Escobar, os lugares selecionados para as visitas vão da residência a mais conhecida, adquirida em 1973 a Hacienda

16

traz a história macabra e autêntica da cidade, atraindo muitos visitantes, possuem várias atrações que são contadas num cenário baseado em uma rua de Londres, na Era Medieval, onde ocorreram várias crueldades e fatos macabros que marcaram aquela época como o e lado patrimonial (material e imaterial) desses bens, podendo assim proporcionar a recuperação (manutenção e preservação) de espaços patrimoniais, dentro da atividade turística.

PRISÃO DE ALCATRAZ



Prisão de Alcatraz na São Francisco, Califórnia, Estados Unidos

Uma das prisões mais famosas do mundo, localizada no continente americano a prisão de Alcatraz, situada no meio do baía de São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos. A história da ilha é bem interessante, nos anos de 1850 até 1930 a ilha foi utilizada como base militar, reinserção em 1934 até 1963. Foi uma prisão/ilha referên-

19

TURISMO DE FAVELA



Gravuras do ator inglês de Michael Jackson no Teatros do Maracanã, Rio de Janeiro

Este episódio trouxe muita positividade para as favelas, foi reconhecida pelo Rioter como um destino turístico por ser atrativo, assim o turismo cresceu, e hoje há um city tour guiado e que recebe milhares de visitasções no ano.

TURISMO DE MASSACRE

No caso de turismo de massacre podemos mencionar no Continente Americano, no extremo oeste dos Estados Unidos, situada no estado da Califórnia, na cidade de Los Angeles próximo a Beverly Hills, o caso de Charles Manson na década de 1970 onde uma carnificina aconteceu em 1969, sete pessoas foram brutalmente assassinadas entre elas a atriz Sharon Tate, casada com o diretor de cinema Roman Polanski, a herdeira milionária de uma rede de café Abigail Folger e uma catividade entre os colaboradores e então Jay Sebring. Esse crime foi comandado por uma sexta

22



Foto da população de Pompeia após a erupção vulcânica, Pompei, Itália.

TURISMO DE TERRORISMO

Outro local de visitação turística é baseado no 11 de setembro de 2001, onde o atentado terrorista contra as Torres Gêmeas do complexo empresarial World Trade Center, em Nova Iorque, foi atacado por aviões sequestrados pela organização fundamentalista lista islâmica Al-Qaeda, que colidiram nos torres ocasionando a morte das pessoas nas aeronaves e aos trabalhadores nos edifícios. National September 11 Memorial & Museum, foi inaugurado em 2014, nos Estados Unidos em Nova York. Sítio onde existiam as Torres Gêmeas, palco da maior tragédia ocorrida nos Estados



Memorial do atentado de 11 de Setembro (Nova York, Estados Unidos)



Placeta na cidade onde viveu as Torres Gêmeas

25

17

cia de disciplina e de segurança máxima, o que foi reconhecida como de "lugar impossível" para seus detentos. Ali foram presos os criminosos mais cruéis da América, incluindo Al Capone, Robert Franklin Stroud (o "Birdman de Alcatraz"), George "Machine Gun" Kelly, Bungh Johnson, Rafael Cancel Miranda, Mickey Cohen, Arthur R.

TURISMO NUCLEAR

Turismo nuclear "As pessoas têm lido, no decorso de tempo, uma grande atração pelo perigo e pelos espaços geográficos onde aconteceram tragédias".

O turismo nuclear se encaixa dentro das subcategorias do dark tourism, dentre eles "o turismo de holocausto, turismo de genocídio e outros, encontramos o conceito de turismo nuclear (também referido como turismo atômico) e o de turismo de áreas de desastre". A construção deste atrativo se dá através dos locais onde realmente foram usadas bombas atômicas, no continente da Ásia como Hiroshima, moderna cidade da ilha de Honshu, que é uma província japonesa da região de Chugoku, no Japão, foi amplamente destruída por uma bomba atômica lançada no dia 6 de agosto de 1945, nomeada de Little Boy (pequeno garoto), foi lançada pelo avião Enola Gay e Nagasaki, e uma das cinco principais ilhas do Japão, situada entre duas montanhas na costa oeste de Kyushu, onde em 9 de agosto de 1945 a bomba oval de plúmbio "Fat Man" foi montada às pressas e foi carregada no bombardeiro B-29 denominado Becksack.

20

e o principal mentor foi Charles Manson. O filme de Quentin Tarantino "Era uma vez em Hollywood", retrata os seguidores de Manson, assim foi o roteiro ser mais visualizado, além deste filme a saída de Manson aparece na série "Mindhunter" e reproduzido em um episódio de "American Horror Story



Charles Manson, líder de uma das seitas em Los Angeles, Califórnia em meados dos anos 1960

TURISMO DE SUICÍDIO

A floresta Aokigahara, que fica na base noroeste do monte Fuji, no Japão poderia ser vista por suas belas montanhas ou pela sua natureza pitoresca, porém o que chama mais atenção dos turistas é o grande índice de suicídios japoneses, e a energia sinistra que se encontra na floresta. Para algumas autoridades a história ganhou vida, através do livro Tower of Waves, um romance de 1961 do escritor Saicho Munamoto, em que um casal de amantes tira a própria vida na floresta, sendo comparado a história de Romeu e Julieta porém japones.

23

TURISMO CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E GENOCÍDIO

Um cenário que hoje se tornou não apenas Patrimônio Histórico Mundial e Cultural mas um lugar de memória por excelência para a sociedade atual, são os campos de concentração e extermínio na Cracóvia, sul da Polónia, a cidade de Oswiecim: Auschwitz I e Auschwitz-Birkenau. Localizada em um cruzamento ferroviário no leste, isso foi de muito interesse estratégico aos nazistas para os campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. O campo de Auschwitz é um princípio não aparente que foi cenário de uma barbárie, mas a visita expõe o horror, (ainda possível encontrar calçados, cabelos e escovas, dentre outros objetos dos prisioneiros); fica à aproximadamente 20km de Auschwitz-Birkenau que foi o maior campo de extermínio, contém os escombros das câmeras de gás, dos crematórios e os campos externos menores, assim originando a morte de mais de 1 milhão de pessoas, a grande maioria das vítimas eram judeus principalmente da Hungria, Polónia, Itália, Bélgica, França, Holanda, Grécia, Croácia, Rússia, Áustria e Alemanha.



Auschwitz-Birkenau, Polónia

26

GENOCÍDIO EM RUANDA

A capital é considerada uma das mais seguras da África, desde seus acontecimentos, pois em 1994 o genocídio, foi um dos mais chocantes, onde entre 500 a 1 milhão de vítimas lutaram assassinadas pelas huts. Assim a capital de Ruanda se torna um destino turístico por ter além do dark tourism, possui um Centro Memorial do Genocídio, além de proporcionar um pouco da sua cultura, as tradições a natureza, faz o roteiro ficar mais interessante. Safaris da África, a visita em vulcões e dentre outros atrativos.



Fotos do Memorial do Genocídio em Kigali, capital de Ruanda, África.

TURISMO DE GUERRA

A capital é considerada uma das mais seguras da África, desde seus acontecimentos, pois em 1994 o genocídio, foi um dos mais chocantes, onde entre 500 a 1 milhão de vítimas lutaram assassinadas pelas huts. Assim a capital de Ruanda se torna um destino turístico por ter além do dark tourism, possui um Centro Memorial do

Genocídio, além de proporcionar um pouco da sua cultura, as tradições a natureza, faz o roteiro ficar mais interessante. Safaris da África, a visita em vulcões e dentre outros atrativos.



Museu do Primeiro Duque de Wellington, no parque St James em Paris, da França.

Nesse mesmo sentido podemos citar que no interior da Inglaterra aproximadamente em Paddock Wood, há 50km sudeste de Londres, em uma pequena fazenda em Kent, onde o turismo de guerra e considerado um dark tourism pela perspectiva de maior encenação militar no mundo, onde o fato real é recriado. Recebem estorno de 80 mil turistas no ano. Onde recriam os acontecimentos e simulam ser soldados de diferentes guerras, diferentes lados e tempos.

Outro local que recebe muitos turistas e na Bélgica, onde os turistas podem conhecer o antigo campo de batalha - localizada perto da cidade de Waterloo, a 13 km de Bruxelas, esse local foi onde ocorreu a Batalha de Waterloo, ocorrido em 18 de junho de 1815, que marcou a queda de Napoleão Bonaparte contra a coligação entre o Reino Unido e a Prússia. Além do "cemitério de Arlington, nos Estados Unidos, tem mais 300 mil sepulturas e um lugar mais simbólico, pois lá estão mortos em guerra do passado e do presente, além de grandes líderes do país como o presidente John Kennedy e sua família".



Cemitério de Arlington, E.U.A.

TURISMO EM HOTÉIS SUPOSTAMENTE "ASSOMBRADOS" OU MACABROS

Podemos citar o hotel Chelsea, nos E.U.A na cidade de Nova York, localizada na 222 West 23rd Street, entre sétima e a oitava avenida, no bairro de Chelsea, construído entre os anos de 1882-1885 este hotel atrai muitos turistas do mundo toda, este hotel acolheu muitos , atores, atrizes, canto-

27

res, escritores como Madonna, Janis Joplin , Diogo Rivers, Bob Dylan e integrantes da banda Pink Floyd dentre outros, foi palco de vários acontecimentos obscuros, como assassinatos, mortes sem explicações e considerado um dos lugares mais assustadores do mundo segundo o site UOL em 2019, um dos prédios mais antigos da cidade de New York.



Outro hotel nos Estados Unidos, localizado na cidade de Estes Park no estado do Colorado, em uma propriedade de 1907 o o Stanley Hotel, conta com 140 quartos, atrai muitos turistas por proporcionar uma experiência real, de um dos clássicos do cinema um dos mais assustadores, o filme "O Iluminado", o livro escrito por Stephen King em 1977 e o filme dirigido pelo diretor Stanley Kubrick em 1980, hoje recebe muitos turistas no ano, principalmente fãs do filme e do livro.

30



CEMITÉRIO ECUMÊNICO MUNICIPAL

O primeiro passo foi buscar as informações do cemitério como a história e como surgiu o Cemitério municipal de Santa Maria, sendo o mais importante do interior, contém várias obras dos séculos XIX, além do cemitério cultural e da fonte de História para preservação da memória familiar, ceteriva e militar, foi iniciado no ano de 1860 por alemães. Com aproximadamente 100 mil pessoas enterradas, além de ter 1.600 ossarias, 3.500 carneiras e 13.700 túmulos e atualmente localizada na Avenida Dois de Novembro, número 54, no bairro Planalto em Santa Maria, Rio Grande do Sul, 97022-230.

DR. JOSÉ MARIANO DA ROCHA FILHO

Jose Mariano da Rocha Filho foi um médico e professor, criador da primeira Universidade Federal de Santa Maria no interior do Brasil, com os cursos superior de Farmácia, Medicina, Odontologia e Politécnico em 14 de dezembro de 1968, foi a primeira reitor da universidade (UFSM) e ao longo

33

BERNARDO UGLIONI BOLDRINI

Bernardo tinha 11 anos de idade, quando foi encontrado seu corpo em um mata em Frederico Westphalen no dia 14 de abril de 2014. O Crime chocou o estado do Rio Grande do Sul e o Brasil. Hoje na sepultura dos Uglioni, está sua mãe Gólgina, e sua só Sara Uglioni. Hoje sua sepultura conta com várias mensagens e, recebe muitas visitas no dia 02 de novembro, além de haver pelo menos uma placa de agradecimento por graça alcançada.

MARIAZINHA PENNA

Túmulo de Maria Zaira Córdova Penna, mais conhecida como Mariazinha Penna, a "santinha de Santa Maria". Mariazinha é considerada milagreira, após sua morte prematura em 11 de outubro de 1953 aos 20 anos de idade, vítima de um câncer. Hoje seu túmulo recebe milhares de fiéis que vem para agradecer seus orações alcançadas. Todas as segundas-feiras há um grupo que faz as orações em frente ao seu santuário no ecumênico.

36

TURISMO EM SANTA MARIA - RIO GRANDE DO SUL

Santa Maria é um município que ao longo dos anos construiu sua história por colonizadores alemães, germânicos, italianos, poloneses e brasileiros. O município é o centro do estado do Rio Grande do Sul. A 290 km da capital, Porto Alegre, a cidade possui 283.677 habitantes sendo a quinta cidade mais populosa da região central do estado e também chamada como "Coração do Rio Grande" e/ou cidade cultura e universitária. Podemos salientar ainda que possui o segundo contingente militar no Brasil, conhecida também por construir nacionalmente a primeira Universidade Federal no interior do país, sendo referência na área de saúde e na área de direitos humanos.



31

do ano foram criadas novas faculdades. Foi uma personalidade que recebeu várias homenagens pelo seu empenho de serviço a educação, escreveu vários artigos publicados no Brasil e no exterior com assuntos importantes sobre a universidade com suas metas e objetivos. Viajou por vários países para participar de seminários, congressos e conferências. Recebeu o título de cidadão santamariense do século em 1992. A cidade de Santa Maria possui o Museu Dona D'Água vinculada a Universidade Federal de Santa Maria, onde possui a obras que contam a história da cidade e objetos de Mariano da Rocha Filho.



Primeiro reitor e fundador da Universidade de Santa Maria (USM), José Mariano da Rocha Filho.

34



DR. ASTROGILDO DE AZEVEDO

Dr. Astrogildo de Azevedo foi um médico que aos 23 anos de idade, iniciou-se sua carreira no interior do estado, em Santa Maria/RS, foi um dos fundadores do maior hospital privado da cidade, o hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo. Fundado em 07 de dezembro de 1903. Foi um médico excepcional e importante para a história da cidade, morreu em 22 de maio de 1944.

37

29

Para completar as informações cada atrativo turístico foi apresentado na devida ordem, com um breve histórico sobre o atrativo e uma foto de personalidade ou da sua obra arquitetônica camérial. Deste modo, a seguir são apresentadas as onze atrações que compõe o roteiro turístico, bem como as suas principais informações.

AS ONZE ATRAÇÕES TURÍSTICAS

1. BOATE KISS
2. CEMITÉRIO ECUMÊNICO MUNICIPAL
3. DR. JOSÉ MARIANO DA ROCHA FILHO
4. EDMUNDO CARDOSO
5. BERNARDO UGLIONE
6. MARIAZINHA PENNA
7. DR. ASTROGILDO DE AZEVEDO
8. DR. TELZ
9. JAZIGO DOS EXPEDICIONÁRIOS
10. ALA ALTA
11. ALA NOVA

BOATE KISS

Local de memória em homenagem às 242 vítimas do Incêndio de 27 de janeiro de 2013, a maioria estudantes da maior universidade da região, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Hoje a fachada do boate é marcada pela vitalidade das famílias e dos santamarienses por justiça.

32

Veio a falecer em 15 de fevereiro de 1998, seu túmulo fica localizado na ala nova do cemitério ecumênico municipal da cidade, logo na entrada, e uma verdadeira obra arquitetônica.

EDMUNDO CARDOSO

Edmundo Cardoso foi uma das personalidades mais importantes para a cidade escritor, jornalista, memorialista e teatrólogo. Segundo o mesmo a preservação da história de Santa Maria era essencial e fundamental para a cidade e região. Edmundo também foi fundador de duas importantes instituições: Escola de Teatro Leopoldo Fróes e o Clube de Cinema de Santa Maria, além de participar do filme "OS ABAS LARGAS", rodado na década de 1960 em Santa Maria pela Lupa Filmes do Rio de Janeiro.



Jazigo de Edmundo Cardoso

35

DR. FEDERICO VICTOR TELTZ

O Dr. Teltz nasceu em Petrópolis, uma cidade próxima a Curitiba, onde se formou, em 1910 mudou-se para o Brasil, no Rio de Janeiro (RJ), após morar por três anos mudou-se novamente para Porto Alegre/RS, onde clinicou por dois anos até se estabelecer na cidade de Santa Maria. Foi uma personalidade muito importante o cunhado pelo santa-marienses, habilidoso parteiro, em 1912, quando a peste bubônica chegou em Santa Maria, segundo Betrán (2003 p. 540), o nome do médico foi citada por não fugir e trabalhar na linha de frente, após sua morte em agosto de 1917, no ano seguinte em 1919 foi inaugurado seu jazigo, feito pelos santa-marienses como forma de agradecimento e homenagem ao querido médico humanista da cidade. As pessoas que procuram saber mais sobre a história de Santa Maria, sempre visitam seu jazigo.



38

JAZIGO DOS EXPEDICIONÁRIOS

O mausoléu dos militares fica localizado na esquerda da entrada principal do cemitério ecumênico, este espaço foi reservado para sepultar e para homenagear os pracinhas (ex-comandantes) da Força Expedicionária Brasileira (FEB), da Segunda Guerra Mundial. É uma obra arquitetônica requintada, possui um soldado tocando uma corneta e há uma espada com uma cobra enrolando-a em uma das lâminas. E logo na entrada parem a direita, encontra-se uma sepultura que possuía um soldado de pé com a sua arma rante a seu corpo, o capacete em cima do tumulo.



39

No decorrer dos anos o turismo cresce constantemente, é neste âmbito que as informações e a tecnologia, se tornam uma nova fonte de conhecimento para proporcionar algo novo e diferente para aqueles turistas que buscam novas experiências. O dark tourism surge na sociedade como novo segmento do turismo, gerando uma perspectiva sombria, voltada para visitas a lugares que remetem a dor, sofrimento e à morte. Deste modo é importante compartilhar as informações encontradas desta nova temática, para que a população de Santa Maria e região compreenda os conceitos do dark tourism e suas subcategorias, já que este segmento se torna um novo nicho no mercado turístico cuja as perspectivas se temo promissor na contemporaneidade.



42

REFERÊNCIAS

- ACERVO D GLOBO. Michael Jackson sob a morte, grava clipe e tora o Dono Marta para o mundo em W. Disponível em: <https://acervo.globo.com/globo-com/m-m-d-morta-que-michael-jackson-cabre-morte-grava-clip-para-dono-marta-para-mus-ao-18447853>. Acesso em jan.2021.
- SOUZA, Shirley Nara Moreira de. Elaboração do Roteiro Turístico envolvendo o dark tourism e turismo comunitário em Santa Maria - RS. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSCM/CCP/PM), Santa Maria, RS, 2021. Disponível em <https://suaque.globo.com/Arquitetura/noticia/2021/09/antigo-manua-secreta-de-iraficante-pablo-escobar.html>.
- Disponível em <https://educacioneeres.com.br/indres/indres-dangon-em-londra/>.
- Disponível em <https://www.historiademundo.com.br/dade-contemporanea-da-londra-graos-de-alcatraz.htm>.
- Disponível em <https://www.nationalgeographic.br.com/historia/2021/08/domb-a-atmica-ao-japo-segunda-guerra-hirashima-na-guerra-atoma-mocorr/>.
- Disponível em <https://jtaoia.dafil.com.br/sua-vida/saiba-o-que-e-a-akigahara-a-florista-dos-suicidas-no-japo/>.
- Disponível em <https://da.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2012/09/0-cal-ende-licavam-torres-gezas-tom-memorial-e-predio-de-104-andaras.html>.
- Disponível em: <https://www.duocompt.br/da-foto-sobre-o-campo-de-concentraoC23A7AC33A43-de-auschwitz-15214144/>.

45

Foi escolhida para a construção deste roteiro personalidades que de certa forma foram importantes para a história da cidade. Além da parte principal, o local onde os túmulos mais antigos se encontram os que possuem datas de final do século XVIII e XIX, e parte alemã do antigo cemitério ecumênico municipal, como é chamada, onde podemos encontrar obras com arquitetura barroca, grega, romana e dentre outras. Para Santos:

“É nesta área que estão situados os primeiros túmulos do cemitério, portanto a parte antiga, que recebeu os primeiros enterros, e a transposição dos que estavam sepultados no primeiro e segundo cemitério do século. Também são encontrados os túmulos das famílias de imigrantes, em sua maioria de alemães, que contribuíram para a fundação e o surgimento do município de Santa Maria (Santos 2014, p.184)”



40

ROTEIRO TURÍSTICO



Boate Kiss
R. dos Andrades - Centro, Santa Maria - RS, 97010-421
Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria
Av. Dais de Novembro, 54 - Patronato, Santa Maria-RS

ITINERÁRIO
Saída da Boate Kiss (Rua Andrades - Centro) até o Cemitério Ecumênico.

HORÁRIO
Segundas, Quartas e Sextas - Feiras das 09H às 12H e das 14H às 16H30.

Mapa do Cemitério Ecumênico Municipal com as demarcações das personalidades selecionadas para o roteiro turístico intitulado Museu a Céu Aberto - Locais de Memória e Lazer em Santa Maria, Rio Grande do Sul.

43



Ala Antiga jazigo da família Scherer

Nesta ala pode-se observar que o clássico torna essas arquitetura tumular, um uma referência ao passado

ALA NOVA

O cemitério ecumênico municipal, possui várias estilos na arquitetura tumular, desde o estilo clássico ao estilo desconstrutivismo, que e notável durante a visita a esse local, nesta ala nota-se que o poder aquisitivo agrega mais em valores, tornando essas obras mais modernas e diferenciadas.



41

MAPA INTERNO DO CEMITÉRIO ECUMÊNICO MUNICIPAL



44



46

PARA MAIS INFORMAÇÕES ENTRE EM CONTATO

SHIRLEY MOREIRA DE SOUZA
Turismóloga
shirley204512@gmail.com
(55) 99141-7867

RAFAEL CAMILO RIBEIRO
Gêria de Turismo
cadastur: 23.022923_96-6
rafael@bandeirantesdeserra.org.br
(55) 99927-6167

Design
HELENA DE CARVALHO SMID
Estudante de Desenho Industrial
helena.com@gmail.com
(51) 99730764

UFSM
SANTA MARIA, RS

O que são roteiros? Para Tavares (2002), eles são uma incógnita, pois os profissionais da área de turismo sabem seu significado, porém existem vários conceitos e definições como afirma a autora, que é uma das muitas “armadilhas” do estudo do turismo quando se tenta integrar teoria e prática. No entanto, a busca pelo conceito correto teve início em dicionários de língua portuguesa, porém a falta deste conceito faz com que seja associado com outros sinônimos de roteiro turístico e recebem outras denominações como itinerários, rotas, pacotes, excursões, circuitos turísticos, programas e dentre outros como de roteiro. Deste modo existem três razões principais que Tavares afirma ser a razão de existir essa dificuldade de definir a relação entre turismo x definições e conceito de roteiro, que são elas:

[...] 1- O estudo do turismo e de seus termos técnicos ser bastante recente, o que ainda não permitiu grande integração entre teoria e prática. 2- O fato de o turismo ser uma atividade social que está no que se refere ao local onde é praticado, operado ou gerenciado. 3- A pouca ou quase inexpressivas uniões das empresas que compõe o mercado turístico (TAVARES, 2002, p. 13).

Como podemos demonstrar o conceito e a definição de roteiro turístico, segundo Tavares (2002, p. 29 e BAHL, 2004), “é uma descrição do caminho que vai percorrer, uma forma de documentar ou detalhar os trajetos, podendo conter informações que orientam os turistas e seus interesses, são importantes para a organização e comercialização do turismo como produto”. Deste modo pode-se descrever para que o roteiro seja uma sequência de atrativos merecedores de serem visitados, estes autores citam três etapas que são elas: a priori, a posteriori e empiricamente. Assim, observamos que, na primeira etapa, o atrativo é estudado e planejado, na segunda etapa se demonstra a apresentação da viagem, sendo ela visual ou oral, e pôr fim a etapa três se dá no momento da vivência do roteiro feito pelos turistas (CISNE, 2010). Portanto pode se afirmar que o roteiro turístico é uma força que impulsiona, sendo planejado e elaborado ou não, se faz através da prática do deslocamento do turista (roteiro empírico) (CISNE, 2016)

CONCLUSÃO

No decorrer dos anos o turismo cresce constantemente, é neste âmbito que as informações e a tecnologia, se tornam uma nova fonte de conhecimento para proporcionar algo novo e diferente para aqueles turistas que buscam novas experiências. O Dark Tourism surge na sociedade como novo segmento do turismo, gerando uma perspectiva sombria, voltado para visitas a lugares que remetem a dor, sofrimento e a morte. Deste modo é importante compartilhar as informações encontradas desta nova temática, para que a população de Santa Maria e região compreenda os conceitos do dark tourism e suas subcategorias, já que este segmento se torna um novo nicho no mercado turístico cuja as perspectivas se torna promissor na contemporaneidade.

Os patrimônios encontrados neste segmento, gera um interesse na preservação da memória, da história, deste modo essa atividade turística pode surgir espontaneamente ou pode ser planejada cuidadosamente para reproduzir o real e/ou recriado, através dos fatos de relevância histórica de cada cidade. Em suma o dark tourism levou a pratica deste turismo em espaços cemiteriais em várias regiões do Brasil, a partir da década de 1990, onde esses espaços eram marginalizados social e economicamente transformando-os como novos atrativos turísticos para as cidades. O estudo na pesquisa de mestrado verificou que assuntos ligados área do dark tourism começou em 2014 através de alguns trabalhos como, teses, artigos publicados em revistas e vem crescendo constantemente nas áreas ligadas ao conhecimento como o turismo, a arquitetura, história e a geografia.

Vale ressaltar a importância de que futuramente possam surgir mais pesquisas sobre o dark tourism e o turismo cemiterial na região ou no Brasil, analisando o contexto e o conceito sobre o tema pesquisado, através da valorização das atividades turísticas como diferencial em destinos turísticos com a necessidade de compreender e entender quais as vantagens da demanda e da oferta para cada cidade. E assim oferecendo novas experiências a esses turistas.

REFERÊNCIAS

- BALH, Miguel. **Viagens e Roteiros Turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. In: **História Ciência** – Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.10, nº1, 2003.
- BARROS, Marcelo Oliveira et al. **O Desenvolvimento do Turismo**: Uma visão sistêmica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS. 2008. p. 01-17.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. EDIPUCRS, 2008.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2003. 8ed
- CHURCHMAN, W.C. **Introdução a Teoria dos Sistemas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1968.
- COELHO-COSTA, Ewerton Reubens; NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo. **O POTENCIAL DO CENTRO DE TURISMO DO CEARÁ (EMCETUR) PARA O DARK TOURISM: ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**. T&H, 2021
- COOPER, Chris et al. **Turismo: princípios e prática**. Bookman, 2000.
- DIAS, Reinaldo; DE AGUIAR, Marina Rodrigues. **Fundamentos do Turismo**: conceito, normas e definições. Alínea, 2002.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LENNON, J. J.; FOLEY, M. (2000). **Dark tourism**. Cengage Learning EMEA.
- LENNON, J. J.; FOLEY, M. JFK and dark tourism: **A fascination with assassination**. **International Journal of Heritage Studies**, v. 2, n. 4, p. 198-211, 1996.
- PACHECO, Alberto. **Meio ambiente & cemitérios**. Senac, 2015.
- PODOSHEN, J. S., VENKATESH, V., WALLIN, J., ANDRZEJEWSKI, S. A., & JIN, Z. (2015). Dystopiandark tourism: An exploratoryexamination. *Tourism Management* [**Turismo sombrio distópico**: uma pesquisa exploratória. Gerência de Turismo], 51, 316– 328
- SHARPLEY, R., STONE, P. (Eds.). (2009). **The darker side of travel**: The theory and practice of dark tourism (pp. 3e23). Bristol: ChannelView.
- SOUZA, Shirley Nara Moreira de. **Dark Tourism e turismo cemiterial em Santa Maria**: possibilidades? Trabalho de conclusão de Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo (CCSH/UFSM). Santa Maria, RS: 2017

STONE, P. A dark tourism spectrum: towards a typology of death and macabre relates tourist sites, attractions and exhibitions. [**Um espectro de turismo sombrio**: em direção a uma tipologia de morte e macabra, relacionada à locais turísticos, atrações e exposições.] *Tourism*, v. 54, n. 2, p. 145-160, 2006.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

URRY, John. **Olhar do turista**, O. Studio Nobel, 1996.

UFOLOGIA: TURISMO ALTERNATIVO COMO ATIVIDADE A SER EXPLORADA EM CAÇAPAVA DO SUL/RS

UFOLOGY: ALTERNATIVE TOURISM AS AN ACTIVITY TO BE EXPLORED IN CAÇAPAVA DO SUL (CITY)/RS

Marieli Righi

RESUMO

Esta pesquisa foi construída através de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, também parte de uma pesquisa bibliográfica, baseada em artigos, livros em edição material e virtual, publicações em sites com importância acadêmica reconhecida; logo após foi realizada uma pesquisa de campo utilizando sites de turismo da região da cidade de Caçapava do Sul - RS, sites de busca de hospedagem e visitas a locais em que houve relatos de aparições. A cidade de Caçapava do Sul, é um município gaúcho, localizado na mesorregião central do estado do Rio Grande do Sul, e já é conhecida pelos estudiosos ou curiosos da área de Ufologia, por ser uma cidade destino para quem busca o UFO turismo. Como objetivo geral, essa pesquisa visa a elaboração de um roteiro de UFO turismo para a cidade de Caçapava do Sul; e como objetivos específicos ela busca identificar as potencialidades do UFO turismo na cidade, mapear a estrutura de acolhimento dos visitantes, relacionar o UFO turismo com os demais segmentos do turismo que já são explorados em Caçapava e por fim relacionar as experiências consolidadas de UFO turismo no Brasil, com a proposta de roteiro turístico para a cidade de Caçapava do Sul - RS.

Palavras-chave: UFO Turismo. Turismo Ufológico. Rota turística. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This research was built through an exploratory research, of qualitative nature, is also part of a bibliographic research, based on articles, physical and virtual edition books, publications in sites of high academic relevance; shortly thereafter a field survey was carried out using tourism sites in the region of the city of Caçapava do Sul – Rio Grande do Sul/BRA, web sites for lodging search and the information of which there were reports of apparitions. The city of Caçapava do Sul, located in the central mesoregion of the state of Rio Grande do Sul, is already known by scholars or curious in the area of Ufology, for being a destination city for those who seek UFO tourism. As a general objective, this research aims at the elaboration of a route of UFO tourism for the city of Caçapava do Sul; and as a specific objective it seeks to identify the potential of UFO tourism in the city, to map the structure of the visitors' reception, to relate UFO tourism to the other tourism segments that are already explored in Caçapava and finally to relate the consolidated experiences of UFO tourism in Brazil, with the proposal of a tourist route for the city of Caçapava do Sul - RS.

Keywords: UFO Tourism. Ufologic Tourism. Tourist route. Caçapava do Sul. Cultural Heritage

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), o Turismo é um conjunto de atividades do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual; por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado, ou seja, um conjunto de teorias e práticas que o viajante vai exercer durante seu deslocamento. (MONTEJANO, 2001, p. 01 apud OMT, 1993).

Na definição consagrada pela literatura, Montejano (2001) explica que o Turista é o indivíduo que realiza viagens temporais com interesses turísticos, que podem ser classificadas como:

a) Viagem Recreativa, aquela que é realizada por prazer individual, férias, estudos, esporte, saúde ou religião;

b) Viagem Profissional, a que visa negócios, motivos profissionais, missões, reuniões, etc... que permanecem no destino por pelo menos 24 horas, e que dorme ou que pernoita no destino, e o indivíduo que não pernoita é chamado de excursionista, sendo assim, neste contexto temos três tipos de turismo: Doméstico, Emissivo e Receptivo.

Já a Ufologia é o estudo das experiências de contato ou avistamento através de evidências, vestígios e hipóteses (podendo ser vídeos, fotografias, avistamentos relatados e marcas físicas) de Objetos Voadores Não Identificados (OVNIS). Esses estudos são realizados por ufólogos, indivíduos reunidos que atuam individualmente ou em grupos de estudos, em associações e organizações que buscam formular explicações plausíveis ou amparadas em bases científicas para estes relatos e evidências. Apoiados em metodologias específicas os ufólogos procuram primeiramente atestar a presença dos OVNIS, realizando congressos, simpósios e divulgando publicações, processo descrito por BATISTA (2006).

No Brasil, são conhecidos os exemplos de roteiros viáveis e rentáveis elaborados a partir do interesse de visitantes e de estudiosos sobre a área caracterizada por avistamentos e até supostos contatos com estes objetos e até tripulantes¹.

A cidade de Caçapava do Sul está colocada, segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2017, em terceiro lugar na economia da sua microrregião de Serra de Sudeste que é composta pelos municípios de Amaral Ferrador, Caçapava do Sul, Candiota, Encruzilhada do Sul, Pinheiro Machado, Piratini, e Santana da Boa Vista, mesmo sendo, em números, a mais populosa². Tendo em vista isto, o turismo se associando a esse segmento, pode atrair tal público, aquecendo a economia local e fomentando parte do seu desenvolvimento.

O intuito deste trabalho é identificar as possibilidades de transformar uma área de interesse de estudos ufológicos em um Roteiro Turístico que além de viável seja sustentável, acolhido pela população local, rentável e com preocupação

¹ Dados retirados de: <https://ufo.com.br/artigo/o-primeiro-roteiro-ufologico-do-pais.html>

² Dados retirados de: <https://ibge.gov.br/>, acesso em maio de 2019.

ambiental, trazendo uma nova forma de atração turística para cidade e possibilitado uma nova fonte de renda para a comunidade local.

Essa pesquisa avaliará a possibilidade de criar um roteiro de turismo ufológico para cidade de Caçapava do Sul, localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, conhecida nacionalmente por ser a “capital brasileira do cobre”, onde está localizada a região que recebe intenso fluxo de interessados em observações e estudiosos em ufologia, as Minas do Camaquã³.

Como objetivo geral, essa pesquisa visa a elaboração de um roteiro de UFO turismo para a cidade de Caçapava do Sul, no Rio Grande do Sul; e como objetivos específicos ela busca identificar as potencialidades do UFO turismo na cidade, mapear a estrutura de acolhimento dos visitantes, relacionar o UFO turismo com os demais segmentos do turismo que já são explorados em Caçapava e por fim relacionar as experiências consolidadas de UFO turismo no Brasil, com a proposta de roteiro turístico para a cidade de Caçapava do Sul – RS.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo é apresentado o produto de uma revisão bibliográfica acerca de estudos sobre o Turismo e da Ufologia; a fonte usada como base para construção dessa pesquisa foram livros. Porém, como a ufologia é uma área que ainda demanda estudos acadêmicos, para poder dar um maior suporte teórico e uma melhor visualização, são usadas mídias digitais, tais como vídeos, documentários, sites de ufologia e fotografias digitais.

Os avistamentos de objetos voadores sem identificação conhecida são frequentes. Relatos “documentados” por assim dizer, podem ser visualizados desde as mais antigas formas de expressão, que são as pinturas rupestres e hieróglifos de antigas civilizações; através do tempo com o avanço no conhecimento e com as revoluções tecnológicas foi facilitado o processo de documentação e explicação, pois com o acesso à aparelhos, que possam captar imagens ou vídeos dessas possíveis visitas, tem ficado cada vez mais fácil e a propagação midiática cada vez mais rápida; contudo, ainda as dúvidas e questionamentos cercam a ufologia e o que é relacionado a ela. Um dos interesses dessa proposta acadêmica não é problematizar a existência ou não de vida fora da terra, ou provar que esses avistamentos são ou não reais, mas a vista desses pretextos, usá-los como forma de atração turística e, por conseguinte a captação de recursos que irão auxiliar no desenvolvimento local.

Turismo

Turismo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Turismo (OMT), é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado⁴. Na concepção tradicional, o Turista é o indivíduo que realiza uma via-

³ Documentário disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QEYHhbCGcxg&t=28s>.

⁴ Dados disponíveis em: <http://www2.unwto.org/>

gem turística e que dorme ou pernoita no destino, o indivíduo que não pernoita é chamado de excursionista, sendo assim, neste contexto temos três tipos de turismo.

- Turismo doméstico: Se caracteriza por residentes de um país fazendo turismo, ou seja, viajando dentro do próprio país.
- Turismo Emissivo: É quando os residentes de um determinado país, viajam para outro, lembrando que este, do ponto de vista do país de origem.
- Turismo Receptivo: Quando são recebidos os não residentes num país de destino, partindo do ponto de vista do país de destino.

Diante disso, podemos dizer que para Beni (1998, p. 37) o turismo é um:

Elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica. Que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos.

Ou seja, o que Beni tenta nos mostrar é que turismo é um sistema de ampla dimensão e que não se pode analisar isoladamente cada um dos aspectos que compõe o setor.

A segmentação do Mercado

Como bem sabemos, o turismo, é uma área de segmentos e que cada vez mais novos subsegmentos se desenvolvem. Para o referente trabalho, são analisados os segmentos de Ecoturismo, Turismo Esportivo e sobretudo o Turismo de Aventura.

Para o Ministério do Turismo, a segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e das características e variáveis da demanda. (MTUR, 2010)

O UFO Turismo pode ser considerado um subsegmento do Ecoturismo, pois tem ligação direta com o meio ambiente, com o patrimônio natural e com a comunidade receptora, visto que em algum ponto do roteiro, o turista além de estar interagindo com o meio ambiente, também vai entrar em contato direto com a comunidade local. Em seu próprio conceito, está essa ligação:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.⁵

“O turismo esportivo tem sido interpretado como atividades já tradicionais no tempo livre ou de férias”. (MONTEJANO, 2001). Já são de costume pelos praticantes, tendo este voltado com força maior e tido um crescimento nos últimos anos principalmente com a incorporação do turismo de aventura recentemente criado. Este que pode ser dividido em duas atividades, esportes de aventura e viagens de aventura.

Turismo de aventura conceitua-se pelo caráter de atividade turística em relação a sua motivação, o Ministério do Turismo (2010) conceitua o segmento da seguinte forma: “Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”.

Suas atividades terrestres, que são os importantes para a fundamentação deste trabalho, são elas; arvorismo, *Bungee Jump*, cachoeirismo, canionismo, caminhada, caminhada sem pernoite, caminhada de longo curso, cavalgadas, cicloturismo, espeleoturismo, espeleoturismo vertical, Escalada, Montanhismo, Tirolesa e Turismo fora-de-estrada em veículos 4x4 ou bugues.

Essas atividades podem variar conforme o destino, porém servem de fator agregador para a oferta turística, o que pode ser mudado conforme a sazonalidade da região e o período de permanência do turista no local.

Ufologia

O termo Ufologia é derivado de UFO, sigla inglesa para *Unknown Flying Objects* que pode ser traduzida para o português como Objetos Voadores Não Identificados, tradução que origina por sua vez a sigla OVNI. Ufologia seria então o estudo das possíveis aparições de UFOs.⁶ Segundo Thiago Luiz Ticchetti que é Coeditor Revista UFO e presidente da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) a “Ufologia é o estudo dos objetos voadores não identificados e todo fenômeno que o cerca”.⁷

Logo, a Ufologia é o estudo dos UFOS ou OVNI, ou seja, o estudo dos casos possíveis aparições e/ou contatos desses com a terra, por testemunhas que afirmam terem visto objetos não identificáveis nos céus e temas que se relacionam com esses “contatos” ou “avistamentos”, que vão desde objetos não identificados vistos no mar conhecidos como OSNIs (Objetos submarinos não identificados), casos de pessoas que dizem ter tido contato, abduzidas ou viajado em discos voadores com seres extraterrestres.

5 http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf

6 <http://dictionary.cambridge.org>

7 Em conversa por correio eletrônico no dia 20 de maio de 2019.

A onda de aparições dos chamados “Discos Voadores” está relacionada ao contexto do pós Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a Ufologia surgiu vinculada à Guerra Fria, onde objetos desconhecidos avançavam sobre casas, pessoas, bases militares, seguiam aviões, helicópteros e interrompiam o espaço aéreo das nações envolvidas, como os Estados Unidos. Jim e Coral Lorenzen foram os primeiros ufólogos do mundo e fundadores do primeiro centro de pesquisa civil sobre óvnis, a Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO) que manteve atividades entre 1952 e 1988.⁸

Segundo Anna Rita Sabbag Batista (2006), a Ufologia pode ser subdividida em 3 segmentos, sendo estes, a Ufologia científica, que é a que se atém apenas ao que pode ser analisado ou mensurado pelas metodologias já aceitas; a ufologia mística ou esotérica, é o segmento que possui uma visão espiritualizada dos fenômenos ufológicos; e a ufologia holística, que esse segmento tenta unir as duas correntes anteriores.

Embora estejamos em um período marcado pela racionalidade e tecnologia avançada, onde as informações correm na velocidade da luz, o termo “ufologia” ainda é alvo de um restrito e tímido estudo; sendo ela um fenômeno midiático, apesar de ter um objeto constituído, a Ufologia possui bases científicas restritas, sem uma concepção teórico-metodológica própria sendo então, não reconhecida como uma ciência em si ou uma área da ciência. Seu estudo parte apenas de pressupostos ou de possíveis aparições, mesmo que documentadas por vídeos, ou fotos, ainda é controversa e cercada de possibilidades de manipulação e fraude. Mesmo que esteja em crescente visibilidade através das mídias digitais, o que facilita não só o processo de passar mais informações em menor tempo, mas também quanto aos recursos utilizados hoje em forma de: vídeos, fotos, áudio, na área acadêmica ela é ainda mais escassa; visto que não é considerada uma ciência, por não possuir uma base científica.⁹

Quanto à literatura, temos poucos pioneiros na área, que mesmo possuindo entendimento do assunto, não se arriscam em trabalhar com uma definição para ufologia, conceituá-la. Em certa medida, como afirma Carlos Daniel Pícaro, a Ufologia procura “identificar o *não identificado* transformando-o em algo conhecido, objetivamente descrito e bem caracterizado”.¹⁰

8 Informações retiradas em: <https://ufo.com.br/noticias/boletins-da-extinta-apro-estao-agora-disponiveis-publicamente>.

9 Para tal discussão ver: CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestre: Ciência e Pensamento Mítico no Mundo Moderno*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Carlos – Centro de Ciências Sociais e Humanas - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Carlos, 2012. NAUD, Yves. *Os OVNIS e os Extraterrestres na História*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

10 Como sugestão de leitura: ALMEIDA, Rafael Antunes. *“Objetos intangíveis”: Ufologia, ciência e segredo*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília - Departamento de Antropologia - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2015. CARNEIRO, Rafaela Oliveira, *Documentos Ufológicos: O Desafio para o Acesso à Informação*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Ceará - Departamento de Ciências da Informação. Curso de Graduação em Biblioteconomia. Fortaleza, 2018.

Ufo Turismo

O Ufo turismo é um segmento do turismo, onde os turistas se deslocam para determinado destino, a fim de fazer observações, podendo ser elas, noturnas ou diurnas, tendo um público com alto poder aquisitivo, segundo a revista *Ufogenises* (1996), sendo essas pessoas das classes A e B principalmente.

Turismo Ufológico ou Ufo Turismo, refere-se a um segmento turístico que explora regiões nas quais há criações humanas que surgem a ocorrência do fenômeno OVNI ou, mesmo, indícios da presença ou avistamento de UFOS. Tais indícios podem ser monumentos, construções, desenhos, manifestações energéticas, ou qualquer outra espécie de sinal de origem desconhecida que fascine pessoas em busca de tais peculiaridades. (SABBAG, 2006)

Na Bélgica, mais precisamente na cidade de *Eupen*, na região de *Hautes Fagnes*, os avistamentos que perduraram pelos meses de novembro de 1989 a abril de 1990 ficaram famosos, e mundialmente conhecidos como “A onda de OVNIS da Bélgica” representado no documentário “Ufologia *Discovery* - Contatos Imediatos - Onda belga”.¹¹

Durante o período de novembro a abril, foram registrados mais de 140 relatos apenas durante a primeira aparição em 1989. Os objetos foram detectados por radar pela Força Aérea da Bélgica, sendo descritos como enormes triângulos que possuíam muitas luzes brilhantes, essas, que mudavam de cor. As autoridades belgas não conseguiram chegar a uma conclusão sobre esse caso até esse momento; porém os locais dessas aparições são visitados por ufólogos e curiosos até hoje.

Na cidade de *Roswell*, no Novo México - Estados Unidos, temos talvez, o mais famoso caso de destino de turismo ufológico internacional.¹² A pequena cidade ficou famosa no ano de 1947, onde o que seriam destroços de um objeto não identificado, rasgou os céus e caiu em um rancho, não demorou para que os militares da base aérea da cidade fossem até o rancho, não deixando ninguém se aproximar do local, aumentando mais ainda as especulações de que tais fragmentos seriam de um OVNI. Alguns teóricos acreditam haver uma conspiração onde o governo estaria envolvido, inclusive no acobertamento de mortes, do que seriam, seres extraterrestres.

Desde então a cidade recebe turistas do mundo todo, que participam de caminhadas pelo deserto próximo ao incidente, foram criados um Museu Internacional de OVNI e o Centro de Pesquisa que foram criados após o incidente. Na cidade ainda ocorre um festival celebrado em de julho, e reúne milhares de pessoas, onde ocorrem palestras com ufólogos e até concurso de fantasias.

¹¹ Documentário disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=QEYHhbCGcxg&t=28s>.

¹² Documentários disponíveis para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=5X84AB2rZGo>.

Ufo turismo no Brasil

No Brasil, já existem casos em que o turismo ufológico é explorado e vem dando certo, um dos principais casos e mais notórios na mídia foi o famoso caso do “E.T” de Varginha, cidade que está localizada na região Sul do estado de Minas Gerais, que ficou conhecida internacionalmente em 1996, pelo suposto aparecimento de criaturas alienígenas na cidade, o caso ganhou repercussão mundial, devido as coberturas da mídia local e internacional, incluindo um artigo no renomado jornal norte americano, o *The Wall Street Journal*, ficando conhecido até hoje como “incidente de varginha”, onde no ano de 2017, ainda continua a repercutir o caso, devido a divulgação documento do Ministério da Aeronáutica onde fazendeiros e comerciantes afirmaram terem visto OVNI's ao redor do município, em 1971.

Outro caso que foi considerado como o primeiro roteiro de ufo turismo no Brasil segundo a revista UFO (2010), é a cidade de Peruíbe, um município localizado na baixada santista, no litoral do estado de São Paulo, no roteiro ufológico da cidade estão, a Pedra da Serpente, pontos de observação da Ilha de Queimada Grande; Praia e Serra no Guaraú, Perequê, Barra do Una, Bairro São José, e as Ruínas do Abarebebê. A pedra da Serpente é um ponto local de bastante fama; pois é considerado um portal místico, que representa a dualidade entre o real e o fantasioso.

Para os aficionados pela ufologia, é uma passagem secreta entre dois universos. Essa crença virou um filme do diretor Fernando Sanches, baseado por relatos, “Pedra da serpente” estreou nos cinemas brasileiros em 14 de fevereiro de 2019.¹³ Uma vez ao ano acontece o Encontro Ufológico de Peruíbe, onde se reúnem estudiosos e admiradores de ufologia de todo o Brasil, o que por sua vez, fomenta a economia local.

Já no Rio Grande do sul, temos o primeiro museu ufológico da América Latina (Figura 6) se localiza na Cidade de Itaara, na região central do estado e fica a 115 km da cidade de Caçapava do sul. O museu com o nome de Museu Internacional de Ufologia, História e Ciência Victor Mostajo, já recebeu, segundo seu site, mais de um milhão e meio de visitantes, desde sua inauguração, em 24 de junho de 2001. O Museu é oficialmente filiado aos órgãos da Museologia Nacional e Internacional, sendo assim, um pioneiro na área museológica do Patrimônio cultural material e imaterial relacionado à temática vida extraterrestre aferindo o título de primeiro e único museu no Brasil e primeiro da América Latina¹⁴.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se dará através de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir

¹³ <https://ufo.com.br/noticias/filme-a-pedra-da-serpente-leva-a-ufologia-para-o-cinema-brasileiro.html>

¹⁴ Fonte dos dados disponíveis em: <http://www.museufo.org.br/index.htm>

hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007). Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

A pesquisa aqui apresentada, procura seguir os parâmetros de uma pesquisa exploratória, a qual tem o objetivo de aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente da pesquisa, visando torná-lo uma hipótese ou mais aponto. (Lakatos, E. M.; Marconi, M. 2010). Esta pesquisa parte de uma pesquisa bibliográfica, baseada em artigos, livros em edição material e virtual, publicações em sites com importância acadêmica reconhecida. Tais materiais servem para a construção de um embasamento teórico fundamental na aplicação deste trabalho. Logo após foi realizada uma pesquisa de campo utilizando sites de turismo da região, sites de busca de hospedagem e visitas a locais em que houve relatos de aparições, para então dar início a etapa de ilustração deste trabalho.

Para ilustrar o roteiro, foram traçadas rotas no mapa da região, visando a otimização de tempo e melhores caminhos disponíveis, utilizando a ferramenta via Google Maps, que é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. Dando assim uma melhor visibilidade geográfica e geológica da região e para melhor visualização da região turística em que se encontra a cidade de Caçapava do Sul, foi anexado um mapa das regiões turísticas do estado do Rio Grande do Sul, atualizado em 2017 e disponível no site da Secretaria da Cultura do RS.

PROPOSTA DE ROTEIRO: ROTA DAS LUZES

O roteiro foi construído com o intuito de visitar os pontos turísticos locais, ligados a Ufo Turismo, onde são feitas observações e relatados avistamentos. Devido a diversos relatos conterem a mesma característica, de que esses possíveis OVNIS contem luzes que se deu o nome da rota.

Os relatos de avistamentos são muitos.¹⁵

Segundo o morador local e engenheiro das Minas, Luiz Paulo Pavão, que fala no já mencionado episódio do programa De Carona com os OVNIs, ele acredita que as Minas do Camaquã, por possuir o nível de minérios mais elevado que em outras regiões, como o Cobre, o Chumbo e Zinco, esse local possuiria uma espécie de força magnética terrestre que atrairia os OVNIS. Já a proprietária da Pousada Bellamina, Guacira Pavão, relata um avistamento ocorrido em uma manhã, enquanto dirigia até a cidade de Santa Maria, essa, acompanhada de seus dois filhos, afirma ter visto uma luz pairando em cima do seu carro, em seu relato ela conta que a luz do que, supostamente, seria um OVNI, de luz redonda e branca com as bordas azul, iluminava seu caminho; após se aproximar do carro, some na imensidão da estrada.

¹⁵ Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

O professor de geologia da UNIPAMPA – Universidade do Pampa e responsável pelo GPUC (Grupo de Pesquisa Ufológica de Caçapava do Sul), acredita que as anomalias geomagnéticas da região, profundas fraturas geológicas na crosta terrestre, emanaria energias, essas, responsáveis pela atração dos OVNIS.¹⁶

O morador da cidade de Caçapava do Sul, Régis Marques, foi testemunha de um possível avistamento, relata que vinha a pé pela estrada próxima de sua residência, e avistou acima dele e de sua esposa, o que seria um OVNI, um “disco voador” como ele mesmo declara. Nesse seu avistamento, ele relata que viu um objeto voador, redondo em forma de pratos um em cima do outro de luz branca e rodeado por luzes azuis, semelhante ao avistamento da proprietária da pousada, Guacira Pavão, também afirma que o mesmo não emitia qualquer som, e flutuava acima dele e sua família. Seu irmão João Carlos, também afirma ter sido testemunha de um avistamento. Ele relata que em uma noite de inverno, no ano de 2015, estava mexendo no seu celular, embaixo de algumas árvores, quando se deu conta que uma luz pairava sobre ele, quando ele tentou ligar para seu irmão para relatar, o possível objeto teria sumido, em seu relato, ele também fala sobre a forma redonda do objeto, que possuía luzes azuis ao redor.¹⁷

Os próprios realizadores do programa De Carona com os OVNIS, gravam o que seria um possível Objeto Voador Não Identificado, após as gravações dos relatos, enquanto se dirigiam para pernoitar na pousada Bellamina, o momento está gravado no final do mesmo episódio.

Primeiro ponto: cidade Caçapava do Sul

A cidade de Caçapava do Sul, é o primeiro ponto do roteiro, nela são realizados encontros de grupos de estudos ufológicos, um deles, o EGEUS (Encontro de Grupos de Estudos Ufológicos do Sul) que acontece anualmente.

Berço de figuras que se destacaram na história do estado do Rio Grande do Sul, possui um rico patrimônio que corre pelas ruas e casas da cidade. Nela nasceu Borges de Medeiros, político brasileiro, representante da primeira geração republicana, que foi presidente do estado do Rio Grande do Sul, durante a República Velha, a casa de seu nascimento permanece em pé, entre as ruas Sete de Setembro e Borges de Medeiros, no centro da cidade. Tendo como sua vizinha a Casa dos Ministérios pertencente a José Pinheiro de Ulhoa Cintra, que foi Ministro de diversas pastas da República Rio-Grandense em 1839, nesse período a cidade de Caçapava era a 2ª Capital Farroupilha, sendo instalado na residência, diversos ministérios do governo republicano. Suas estruturas foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE), como patrimônio histórico.

Segundo ponto: Parque da Pedra do Segredo

A Pedra do Segredo é um famoso ponto de observação e vigília noturna. Para essas vigílias em cima da pedra é necessário fazer uma trilha pela parte de

¹⁶ Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

¹⁷ Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

trás da entrada do parque; já para ir até o mirante dentro da rocha é preciso fazer o percurso da subida através de uma trilha na mata, sendo possível parar em 3 pontos, sendo o último, uma espécie de mirante dentro da formação rochosa.

Terceiro ponto: Parque das Guaritas

Também ponto de possíveis avistamentos, o local que fica nas proximidades da cidade de Caçapava do Sul, a localidade é considerada uma das Sete Maravilhas do Estado do Rio Grande Do Sul, pela SETUR (Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul).

Um projeto entre as universidades gaúchas Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com o esforços das duas universidades, o então aspirante, se tornou Geoparque de Caçapava do Sul, reconhecido como patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que reconhece como geoparques as regiões que agregam importância histórica, cultural, paisagística, geológica, arqueológica, paleontológica e científica¹⁸.

Quarto ponto: Minas do Camaquã

Segundo os ufólogos e estudiosos, os minérios presentes na região seriam responsáveis por criar uma espécie de portal energético, facilitando assim as aparições de OVNIS. Já foi cenário de um episódio do canal programa se chama “De Carona com os OVNIS”, foi ao ar pelo já citado anteriormente canal *The History*.¹⁹

O turismo de aventura, ou esporte de aventura, é uma característica forte na localidade. Uma operadora de turismo local, presta serviços para os turistas com atividades como: tirolesa, *Stand Up Paddle*, passeios de bicicleta, visita aos túneis das Minas, e visita à Mina a céu aberto.

RESULTADOS ESPERADOS

A cidade de Caçapava do Sul, é um município gaúcho, localizado na mesorregião central do estado, ficando aproximadamente a 300 kms da capital Porto Alegre (Figura 6), sendo a sua microrregião as serras do Sudeste, com uma população estimada de 33.700 habitantes, sendo a 6ª colocada de sua microrregião que é composta por 8 municípios. Tendo um PIB per capita de R\$ 21856,50. (IBGE, 2018).

A cidade de Caçapava do Sul já é conhecida pelos estudiosos ou curiosos da área por ser uma cidade destino para quem busca o Ufo turismo, mas atualmente ganhou mais destaque nacional, por ser tema de um programa do canal de televisão a cabo *The History*. Nesse programa um mochileiro e ufólogo chamado Fred Morsch, visita os locais conhecidos como “Hot spots”, que é o nome dado aos locais em que foram relatadas atividades extraterrestres, ele investiga provas materiais, documentos e supostos indícios de visitas extraterrenas. O programa

¹⁸ UFSM - <https://www.ufsm.br/2019/04/30/ufsm-e-unipampa-apresentam-projeto-da-criacao-de-geoparque-em-cacapava-do-sul/>. Acesso em nov. 2018.

¹⁹ Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

se chama De Carona com os OVNI's, e o episódio em que ele visita Caçapava do Sul é o de número 13, denominado de “Minas do Camaquã & Caçapava Do Sul – RS” e foi ao ar pelo já citado canal *The History*, no dia 22/02/19.²⁰

A cidade abriga em seu distrito uma antiga mina, já conhecida dos ufólogos e simpatizantes, as famosas minas do Camaquã. Cidade que foi próspera pela exploração de minérios, gerou fortunas para região e recebeu até mesmo a visita do então presidente, Emílio Garrastazu Médici, nos anos 70 para a inauguração de uma nova galeria. Em 1970, atraiu atenção de estrangeiros, que vieram explorar os minérios do solo gaúcho, entre eles, alemães, ingleses e belgas. Nessa mesma época ostentou seu auge, a cidade do interior com ar de cidade modelo, nela existia hospital (capaz de realizar cirurgias), ginásio, escola, clube e até mesmo um cinema de madeira com design de *saloon* dos filmes de velho oeste americano. Segundo os ufólogos e estudiosos, os minérios presentes na região seriam responsáveis por criar uma espécie de portal energético, facilitando assim as aparições de OVNI'S.²¹

Já as formações rochosas que rodeiam a cidade, segundo o Professor Elver Teixeira, que é morador, nascido na cidade, geólogo e fundador do GPUC (Grupo de Pesquisas Ufológicas de Caçapava), que já existe a 10 anos, sendo uma região que tem muitas fraturas ao redor do município, logo são fonte de energia telúrica e geomagnéticas; ou seja, a crosta da Terra é como uma casca de ovo trincada, e nessas regiões surgem emanações magnéticas fortíssimas.²²

Um outro projeto relacionado aos estudos ufológicos também presente na cidade de Caçapava do Sul, é o Projeto Portal, um grupo que é originário do estado Mato Grosso do Sul, em que sua sede fica em na cidade de Minas Gerais, na região de Corguinho, em Mato Grosso, se localiza a Fazenda Boa Sorte, onde se encontra o Projeto Portal, cujo líder é Urandir Fernandes de Oliveira conhecido como UFO. Urandir acabou fundando a instituição Projeto Portal, tendo milhares de participantes e associados, lá eles desenvolvem trabalhos em diversas pesquisas e investigações na área de ufologia, arqueologia, alimentação, medicina, tecnologias, dentre outras áreas.²³

Em Caçapava do Sul, no ano de 2014, foi encontrado um meteorito após análise, foi constatado que o tipo de pedra é conhecido como Siderito, que possui na sua composição ligas de ferro e níquel, tal metal foi uma das primeiras fontes de ferro disponíveis para a utilização humana, segundo a CPRM, prestadora de serviços geológicos para o Brasil. Este que pesa por volta de 27 quilos, e teria mais de 5 milhões de anos, foi encontrado em um sítio e entregue ao Professor de Geologia Elver Teixeira, sendo o 5º mais raro do Rio Grande Sul, foi batizado de Caçapava do Sul.²⁴ Devido a todos esses fatores, o turismo ufológico é forte na região. A cidade já possui placas na rodovia de acesso, alertando sobre o Turismo Ufológico.

20 Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

21 <http://www.turismocacapavadosul.com.br/atracoes-turisticas/minas-do-camaqua>

22 Para acessar o Episódio do programa: <https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>

23 <http://pegasus.portal.nom.br/projeto-portal/>.

24 Em entrevista durante visita à cidade de Caçapava do Sul.

Através do site de busca de hospedagens TripAdvisor foram listadas um total de 7 hospedagens na cidade de Caçapava do Sul, sendo elas; Chácara do Forte, Karlton Hotel, Hotel Portal, Cyro Palace Hotel, Hotel e Pousada Maravilha, Residencial Hotel e Novo Hotel Caçapava do Sul.

A ROTA DAS LUZES também conta com duas áreas de camping em seu trajeto; a primeira se localiza na estrada de acesso ao Parque Pedra do Segredo, o Camping Galpão de Pedra; e a segunda opção fica localizada nas Minas do Camaquã, o Camping Minas Outdoor Sports.

Minas do Camaquã também conta com hospedagem bem avaliada em sites de reserva, a pousada Bellamina conta com uma nota de 9,5 de um total de 36 avaliações no site de busca de hospedagens Bokking.com, seu concorrente, o hotel Minas Hotel, conta com uma nota de 8,4, num total de 28 avaliações no mesmo site. Já a pousada Minas Outdoor Sports possui avaliação 4,5 - Excelente no site e TripAdvisor.

A 20 quilômetros, da cidade de Caçapava do Sul, se localiza o Morro da Angélica, que passou a contar com uma pista de Voo Livre, local para a prática de esportes como Asa Delta, Paraglider e Parapente, ambas modalidades consistem em saltos de grandes alturas, modificando somente o material usado para a queda, como por exemplo, paraquedas.

Atualmente existe um projeto em andamento com parcerias entre a Universidade Federal de Santa Maria e a Universidade do Pampa para a criação de um Geoparque na cidade de Caçapava do sul, sendo no terceiro posto de parada do proposto roteiro as pedras Guaritas. Em notícia divulgada no site oficial da UFSM, a reunião para o debate do projeto, aconteceu em 26 de abril de 2019, no encontro entre geólogos e professores de geografia de ambas as universidades e de autoridades do governo do estado, foram debatidas a relevância e a importância da criação de um Geoparque na cidade, como um fator de desenvolvimento local/regional, com a atração de turistas²⁵.

Como já foi dito anteriormente; a cidade de Caçapava do Sul, recebe anualmente o evento EGEUS, que acontece a 23 anos; onde se reúnem ufólogos, estudiosos e admiradores da ufologia de todo o Brasil, acontece geralmente nos meses de novembro, e conta com palestras de pesquisadores da área da ufologia, em dois dias de evento a cidade recebe visitantes e interessados pela área, o que acaba aquecendo o setor hoteleiro da cidade, impactando diretamente na economia local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente trabalho permitem afirmar que a elaboração de um roteiro de Ufoturismo é viável. Tal segmento de empreendimento turístico tem possibilidades de vincular a comunidade local com a utilização da já instalada infra- estrutura turística da cidade de Caçapava do Sul, fazendo uso

25 Notícia na íntegra: <https://www.ufsm.br/2019/04/30/ufsm-e-unipampa-apresentam-projeto-da-criacao-de-geoparque-em-cacapava-do-sul/>.

da exploração turística de uma área de interesse de estudos ufológicos a partir da elaboração desse roteiro.

A demanda por questões ligadas à ufologia é um dinamizador de um futuro roteiro turístico relacionado à essa procura. A cidade já possui um histórico de recepcionar visitantes com o intuito de conhecer locais de supostos avistamentos de objetos voadores não identificados

O roteiro por si não se sustenta em razão das limitações da própria observação ufológica, ou seja, ao contrário de outros segmentos do turismo, onde as atrações são dadas *à priori* o agente ou guia turístico não controla as variáveis de observação e avistamento. Apenas com a oferta dos pontos de observação ligados a Ufologia tal roteiro não apresentaria um retorno econômico considerável; porém a união a outros segmentos já em curso, como a oferta de esportes de aventura que é promovido nas Minas do Camaquã, seria um fator de atração e potencializador do roteiro.

O Turismo de Aventura, vem se consolidando na região, o que gera um fator agregador ao roteiro. A empresa Minas Outdoor que se localiza em Minas do Camaquã, oferece atividades de aventura ao ar livre, a mais famosa que é promovida pela empresa, é a descida de tirolesa do alto da Pedra da Cruz, para os turistas interessados, também oferece esportes como, ciclismo, trilhas guiadas, e *Stand Up Paddle*, que é uma modalidade do Surf, que vem crescendo e se popularizando no Brasil, que consiste em o praticante ficar em pé em cima de uma prancha específica para o esporte, e remando; esta atividade é oferecida pela empresa e praticada na antiga barragem, que hoje se encontra desativada.²⁶

A prestadora de serviços de turismo, a Minas Outdoor, como uma maneira de atender melhor as demandas dos turistas, deveria rever seus serviços mesmo o inverno, visto que é comum encontrar esse tipo de reclamação no site onde oferecem seus serviços, o TripAdvisor; onde podem ser vistos diversas reclamações em que as atividades relacionadas a turismo de aventura não são ofertadas nos meses frios; mesmo que a avaliação do atendimento e serviços prestados esteja classificada como “boa”, as reclamações acarretam em uma queda nas avaliações, o que impacta na nota final disponível no site, e conseqüentemente na decisão de consumir ou não determinado serviço ofertado.

A busca por uma avaliação de segurança dos túneis das minas também seria de suma importância, para que, não somente ela pudesse estar sempre aberta para receber os turistas, mas para que também possa estar apta, para que possa oferecer um serviço que esteja dentro das normas de segurança; visando sempre o bem-estar físico de seus clientes.

Contudo, é possível explorar o turismo de uma maneira sustentável e responsável, não sendo o turismo o responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade, mas um fator de assistência da economia local, o que por conseguinte irá fomentar o desenvolvimento de Caçapava do Sul.

26 Empresa oferece seus serviços no site de busca TripAdvisor https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g775222-d6440311-Reviews-Minas_Outdoor_Sports-Cacapava_do_Sul_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html

Já no que diz respeito a embrionária bibliografia a respeito do UFO turismo, nos mostra que existe ainda um vasto campo de possibilidades a serem preenchidos, com propostas de intervenções turísticas ligadas à área. Os estudos relacionados e as pesquisas de fins acadêmicos pertinentes a temática ainda são escassos, o que traz para o desafio de escrever sobre o tema, uma responsabilidade com mais peso, mesmo sendo uma temática instigante, nota-se que ainda é tímida e carente de autores e obras.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. R. S. A. **Turismo e Ufologia: Ufo Turismo**. 2006. 83 p. Monografia (Curso de Especialização em Formação de Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo, SP. Ed. Senac, 1998.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 Ed. São Paulo, SP. Ed. Atlas, 2007.
- FRANCO, S. C. **O enigmático Borges de Medeiros**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Publicado no site em 05/10/2015. Disponível em: < <https://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 31/10/2023.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo, SP: Ed. Atlas, 2003.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Técnicas de pesquisa**. 7. Ed. São Paulo, SP: Ed. Atlas, 2003.
- MESQUITA, P. A. G. **O primeiro roteiro ufológico do país**. 2010. Revista UFO. Disponível em < <https://ufo.com.br/artigo/o-primeiro-roteiro-ufologico-do-pais.html>>. Acesso em 03 out. 2018.
- MONTEJANO, J. M. **Estrutura do Mercado Turístico**. 2 Ed. São Paulo, SP: Ed Roca, 2001
- MTUR. **Segmentação de Turismo e o Mercado**. 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

WEBSITES CONSULTADOS

- BLOGSPOT, Área do Turista. Disponível em: <<http://areadoturista.blogspot.com/2017/01/turismo-em-cacapava-do-sul-rs-uma.html>>. Acesso em 03 out. 2018.
- BLOGSPOT, **Guardião de Luz**. Disponível em: <<https://guardiao-da-luz.blogspot.com/2014/11/descoberto-na-india-pinturas-rupestres.html>>. Acesso em 04 out. 2018.
- BLOGSPOT <http://www.ufo.com.br/artigos/vem-atonafinalmente-o-inquerito-policia-militar-sobre-o-caso-varginha> . Acesso em 04 out. 2018
- BLOGSPOT <<http://pegasus.portal.nom.br/projeto-portal/>>. Acesso em 13 nov 2018
- BLOGSPOT <http://www.ufo.com.br/noticias/documentos-ufologicos-ja-estao-disponiveis-paraconsultapublica-no-arquivo-nacional-em-brasilia>. Acesso em 13 nov. 2018
- Documentário disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=QEYHhbCGcxg&t=28s.>>. Acesso em 15 out. 2018.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cacapava-do-sul/panorama>> Acesso em 06 mai. 2019.

MUSEO UFO. Disponível em: <<http://www.museufo.org.br/index.htm>>. Acesso em 12 de julho de 2019.

OMT. 2010. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/>>. Acesso em 15 out. 2018

PREFEITURA DE PERUÍBE. Disponível em: <<http://www.peruibe3.sp.gov.br/>> Acesso em 30 nov. 2018.

SECRETARIA DO TURISMO DO RS. Disponível em: <<https://cultura.rs.gov.br/secretaria-do-turismo-do-rs>>. Acesso em 01 jun. 2019

TURISMO CAÇAPAVA DO SUL. **Turismo Ufológico**. Disponível em: <<http://turismocacapavadosul.com.br/turismo-ufologico/>> Acesso em: 26 set. 2018.

TURISMO CAÇAPAVA NET. Disponível em: <<http://www.turismo.cacapava.net/ufo/ufo.html>> Acesso em 02 out. 2018.

UFO. **Notícias**. Disponível em: <<https://ufo.com.br/noticias/testemunhas-encontram-marcas-de-pousos-de-supostos-ufos-em-cacapava-do-sul-e-regiao.html>> Acesso em: 20 set. 2018.

YOUTUBE. <<https://www.youtube.com/watch?v=eCaxe2BjJD0&t=7331s>> Acesso em out. 2018.

YOUTUBE <<https://www.youtube.com/watch?v=QB-ZVsZDvKE>> Acesso em out. 2018

UFMS - <https://www.ufsm.br/2019/04/30/ufsm-e-unipampa-apresentam-projeto-da-criacao-de-geoparque-em-cacapava-do-sul/>. Acesso em nov. 2018.

TRILHOS, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS PARA A HISTÓRIA DA ESTAÇÃO FÉRREA DE SANTA MARIA/RS E SUA SERVENTIA NOS DIAS ATUAIS

TRACKS, MEMORY AND PHOTOGRAPHY: THE IMPORTANCE OF PHOTOGRAPHIC RECORDS FOR THE HISTORY OF THE SANTA MARIA RAILWAY STATION AND THEIR USE TODAY

Paola Goulart da Silva

RESUMO

Ainda que no século XIX a fotografia não tenha sido legitimada como documento, e existisse o preconceito quanto o uso da mesma como fonte histórica ou instrumento de pesquisa, nos dias atuais, considera-se como um instrumento importante tanto para nossa lembrança, quanto para a história de algo ou alguém. O presente artigo tem como escopo analisar a importância dos registros para a história da Estação Férrea e sua serventia nos dias atuais, o dividindo em cinco partes. Além da breve introdução, a segunda seção será abordada sobre Memória, Fotografia e Documento, retratando sobre a fotografia como objeto de registro da memória. Na terceira, apresenta a Viação Férrea de Santa Maria/RS explicando brevemente sua história até os dias atuais. Na quarta seção, faz-se um levantamento fotográfico do antes e depois da Gare da Estação Férrea de Santa Maria/RS, com registros antigos e atuais, especificando o uso do local nos dias atuais. Por fim, a quinta seção apresenta as conclusões deste trabalho.

Palavras-chave: Ferroviários. Fotografia e Documento. Estação Férrea. Santa Maria/RS.

ABSTRACT

Although in the nineteenth century photography has not been legitimized as a document, and there was prejudice as to the use of it as a historical source or research instrument, nowadays, it is considered as an important instrument for our memory, as for the story of something or someone. This article aims to analyze the importance of the records for the history of the Railway Station and its use today, dividing it into five parts. In addition to the brief introduction, the second section will be addressed on Memory, Photography and Document, portraying photography as an object of record of memory. In the third, it presents the Santa Maria/RS Railroad explaining briefly its history to the present day. In the fourth section, there is a photographic survey of the before and after the Gare da Estação Férrea de Santa Maria/ RS, with old and current records, specifying the use of the site today. Finally, the fifth section presents the conclusions of this work.

Keywords: Rail. Photograph and Document. Railway Station. Santa Maria/RS.

INTRODUÇÃO

Strelczenia (2005, p. 83) menciona que “a memória é constitutiva da condição humana: desde sempre temos nos ocupado em produzir sinais que permaneçam mais além do futuro, que sirvam de marca da própria existência e que lhe dêem sentido”. A autora ainda complementa que “quem é fotografado suporta a própria essência do desaparecimento: ser separado do tempo e do espaço, isolado, jogado para outro tempo e outro espaço” (STRELCZENIA, 2005, p. 89).

O presente artigo tem como escopo analisar a importância dos registros para a história da Estação Férrea e sua serventia nos dias atuais, tendo como base a pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, na Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul.

O estudo utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica para a construção do embasamento teórico sobre memória, fotografia e documento, e a história da Estação Férrea de Santa Maria/RS, além de um levantamento de imagens antigas da mancha ferroviária e eventos acontecidos no local.

Este estudo se divide em cinco seções, além desta introdutória. A segunda seção será abordada sobre Memória, Fotografia e Documento, retratando sobre a fotografia como objeto de registro da memória. Na terceira, apresenta a Viação Férrea de Santa Maria/RS explicando brevemente sua história até os dias atuais. Na quarta seção, faz-se um levantamento fotográfico do antes e depois da Gare da Estação Férrea de Santa Maria/RS, com registros antigos e atuais. Por fim, a quinta seção apresenta as conclusões deste trabalho.

MEMÓRIA, FOTOGRAFIA E DOCUMENTO

Silva (2022, p. 14) declara que “ao falarmos em memória, acolhemos o armazenamento de informações e o passado. Vital para a reconstrução do mesmo, é considerada fundamental para a compreensão da identidade e da história da nossa evolução”. No entanto, Manini (2011, p. 80) traz a indagação de Ricoeur (2007, p. 61): “seria a lembrança uma imagem que fazemos do passado?”.

Além de Ricoeur, Manini (2011, p. 78) ainda alude Benjamin (1987), que “refere-se à fotografia como ‘imagem do passado’, e a ela imputa o caráter aurático, pela capacidade – entre outras – de suspender num objeto um recorte de espaço/tempo. Essa possibilidade da fotografia – que é, na verdade, essência de sua existência – é que a torna um objeto de memória”.

Embora tenha sido entendida como “reprodução fiel da realidade”, quando surgiu no século XIX, a fotografia como documento histórico não foi legitimada (POSSAMAI, 2008, p. 254). Boris Kossoy (2020, p. 34) segue a linha de pensamento da autora ao mencionar que “sempre existiu um certo preconceito quanto à utilização da fotografia como fonte histórica ou instrumento de pesquisa”.

Para nos referirmos às fotografias como documento, devemos lembrar das imagens que guardamos conosco em álbuns ou no armazenamento interno do computador e celular. Elaborado por Armando Silva, Musse (2019, pág. 84-86) exibe, em duas metades, um modelo de álbum de família: (a) álbum de família/

material – os mais velhos contavam e narravam as fotografias, geralmente da família, revivendo e relembando os acontecimentos que não deveriam ser esquecidos; (b) álbum afetivo/digital – a narração destas ficam por conta das redes sociais, seja ela *Flickr*, *Instagram* ou *Facebook*, além de que os fotografados não são somente familiares, mas, sim, amigos e *selfies*.

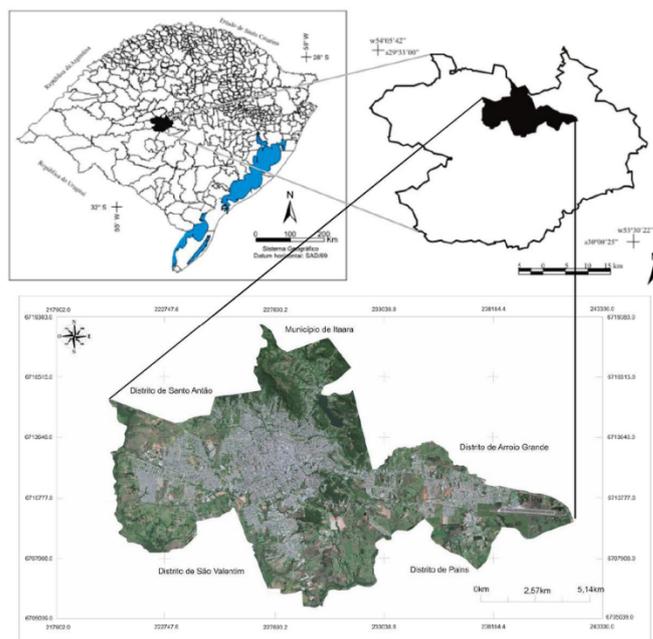
Não muito longe, criado há alguns anos, o uso da *hashtag* #tbt – “*Throwback Thursday*”, traduzido do inglês como “quinta-feira do retorno ou regresso” – se popularizou e objetiva incentivar os usuários a recordarem um momento especial vivenciado no passado, estimulando-os a vasculhar a galeria de fotos e, como consequência, a fotografia torna-se uma memória, bem como na era analógica (MUSSE, 2019, pág. 88).

À visto disso, ao relacionarmos o objeto de pesquisa – Estação Férrea –, podemos analisar mudanças exorbitantes na Gare da Estação Férrea.

VIAÇÃO FÉRREA DE SANTA MARIA, RS

Localizada no coração do estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Santa Maria possui 1.780.194 km² de área territorial e 271.633 mil habitantes, de acordo com o IBGE (2022).

Figura 1 – Cidade de Santa Maria/RS localizada no mapa



Fonte: Alves, 2012.

O desenvolvimento econômico e urbano da cidade está totalmente ligado com a chegada da ferrovia. No ano de 1898, os escritórios administrativos e oficinas da *Compagnie Auxiliaire* foram instalados em Santa Maria, visto que a região era encarada como pouco próspera, no entanto, sua localização era privilegiada por dispor acessos a várias estradas de ferro do Estado. Como fruto da vinda dos Belgas, a localidade viu-se com o compromisso de investir no saneamento básico, iluminação, educação, abastecimento de água, etc.,

melhorando a condição de vida dos moradores, uma vez que a cidade era – no início – somente um “local de passagem”, porém, após as melhorias, tornou-se “um local de parada obrigatória para os que passavam, por causa dos negócios, das oportunidades de trabalho e do desenvolvimento humano” (CARDOSO; SILVA; ZANINI, 2013, p. 57).

Em concordância aos autores acima, Flôres (2007, p. 170) complementa

[...] a cidade também passou a ser um local de “parada”. Não simplesmente a das tradicionais baldeações dos trens ou do descanso temporário dos viajantes nos vários hotéis do entorno da Estação Férrea, mas sim como um ponto de negócios, de investimentos, de oportunidades de trabalho, de prestação de serviços e de formação humana. Realidade que acabou projetando Santa Maria no cenário rio-grandense como uma de suas mais importantes cidades do século XX.

Poucos anos depois, foi construída uma “vila popular” – mais conhecida como “Vila Belga” – na rua ao lado da linha férrea, com o intuito de “suprir as carências de moradias, especialmente as do pessoal especializado e dirigentes da empresa” (FLÔRES, 2007, p. 183). A vila é configurada por 41 edificações geminadas e 80 unidades restantes até os dias atuais e reconhecidas como patrimônio histórico e cultural de Santa Maria em 1988, tombadas a nível municipal em 1997, e em âmbito estadual em 2000 (SOCAL, A., 2023, p. 5-6).

Figura 2 – Vila Belga



Fonte: Paola Goulart, 2023.

A Gare da Estação Férrea de Santa Maria, segundo a prefeitura da cidade,

É o conjunto arquitetônico de estética muito simples e formal com o mínimo de decoração, formado por vários pavilhões inaugurados entre 1899 e 1900. De tipologia comum a outras estações ferroviárias do sul do país, ali funcionavam escritório e venda de passagens, armazéns, restaurantes e sanitários. A Estação da Viação Férrea começou a ser construída por um decreto imperial de 1873. A data certa da inauguração, porém, ainda é discutida. Alguns autores trazem como sendo 1885, outros falam em 1899 e 1900. O estilo do prédio, hoje chamado de Gare, foi projetado pelo engenheiro Teixeira Lopes, com influência das arquiteturas belga e inglesa. O terreno foi doado por Ernesto Beck. Inicialmente, a gare contava com o prédio central de dois andares e com um anexo que não existe mais. No começo de 1920, quando a rede ferroviária era administrada pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), foram construídas a plataforma coberta de embarque e desembarque e alguns armazéns (PMSM, 2023).

De acordo com Flôres (2020, p. 8-15), a primeira estação férrea de Santa Maria – na verdade, dividida em duas – foi um chalé de madeira construído provisoriamente em 1885. Anos depois, foi construída a estação de alvenaria de dois pisos, no entanto, mantendo a anterior por mais alguns anos funcionando como “parte da estrutura administrativa da *Compagnie Auxiliare*, contígua ao depósito de locomotivas a vapor”. A segunda estação, localizada no final da Avenida Rio Branco, em primeiro momento, em 1900, continha apenas no prédio primordial. No segundo momento, em 1910, ampliou-se espaços visto que a demanda por serviços de carga e passageiros era cada vez maior. Dez anos depois, em 1920, adicionou-se, na parte oeste, mais um pavilhão que integrava o depósito de mercadoria, almoxarifado e a venda de bilhetes. Na parte oeste do prédio principal, um espaço para restaurante, banheiros e serviços de radiofonia.

E foi no ano de 1996 que houve a privatização das ferrovias brasileiras. O motivo foi, principalmente, a crise do setor ferroviário – controlado pelo Estado desde 1950 – e a crise fiscal do Estado – onde foi reduzida a capacidade de investimentos em infraestrutura, no início do ano de 1980. Ainda em meados das décadas de 50 a 80, as políticas públicas do Brasil e de outros países da periferia foram influenciados por artifícios neoliberais – prezando a estabilização, desregulamentação e a privatização (VENCOVSKY, 2005).

Com o intuito de quitar as contas do Estado brasileiro, em 1990, foi instaurado o Plano Nacional de Desestatização, que “visava reduzir a participação estatal na economia”. Depois deste, foram criados mais alguns programas, porém sem sucesso. Posto isso, acreditava-se que a privatização era a única forma de resolver os problemas. Sendo assim, foi contratada uma associação de consultores para formular e estudar um modelo de privatização para aplicar na ferrovia. Em 1996, começou o processo de privatização – um leilão das malhas centro-leste, sudeste e oeste da Rede Federal Ferroviária S. A. –, concluído em 1998. (MARINHEIRO, 2012).

Marinheiro (2012, p. 43) comenta que, “no geral, o setor apresentou dados de crescimento da produção altos após a privatização”. Além disso, o autor menciona que, depois da privatização, logo ao início, houve melhora nas condições de trabalho e segurança do transporte pelo fato das concessionárias terem investido na estrutura e nos materiais das linhas férreas, tornando-as mais seguras, reduzindo o consumo de combustível e seguindo os termos dos contratos, que previam redução de acidentes (MARINHEIRO, 2012, p. 44).

No entanto, Fritscher (2023, p. 53) menciona que a mudança foi marcante e refletiu diretamente tanto em milhares de famílias quanto na economia nacional. Diante disso, para suprir as necessidades que as ferrovias representavam até pouco tempo, inseriu-se as rodovias, desativando as linhas e ramais considerados fora do padrão, além de não investirem em terminais de carga e descarga, resultando no sucateamento dos equipamentos (FRITSCHER, 2023).

Na cidade de Santa Maria, RS,

no ano de 1996, o prédio da Estação Férrea de Santa Maria/RS foi tombado provisoriamente pela Lei Municipal nº 4009. Já pelo Decreto Lei municipal Nº 285/00, de 24.08.2000, foi definitivamente incluído no patrimônio histórico do município. E, conforme a Portaria Nº 30/2000, de 26.10.2000, se deu o seu tombamento estadual (FLÔRES, 2020, p. 19).

Em consequência da privatização da RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), houve a última viagem de passageiros de longo curso no Estado, com rota Santa Maria-Porto Alegre, no dia 04 de fevereiro de 1996. Logo após tal evento, desativou-se o prédio, repassando a gestão ao governo municipal de Santa Maria (FLÔRES, 2020, p. 19).

A partir disso, o patrimônio ficou sem utilidade, logo começaram os vandalismos criminosos. Três anos depois da privatização e desativação do prédio da Estação Férrea de Santa Maria, RS, em 1999, “ocorreram 2 incêndios em pavilhões localizados à esquerda do sobrado principal. Tais sinistros colocaram abaixo os telhados e as aberturas, em áreas onde funcionaram estruturas do antigo almoxarifado e seção de venda de passagens”. Após o ocorrido, 20 anos depois, em 2019, houve outro incêndio, desta vez, em um vagão estacionado. Outra vez, um incêndio criminoso (FLÔRES, 2020, p. 20-24). Fontes (2018, p. 16) explica que para que tais acontecimentos não ocorram, “é preciso sentir-se pertencente para poder preservar”.

No entanto, em agosto de 2021, é lançado o projeto do Distrito Criativo Centro-Gare, onde

A região do Centro Histórico foi escolhida para compor o território do Distrito Criativo devido à forte presença da economia criativa no local. Só na Vila Belga mais da metade das casas abrigam empreendimentos relacionados à economia criativa. Na Avenida Rio Branco também se destacam várias atividades, incluindo brechós, antiquários, biques, entre outros (DISTRITO CENTRO-GARE, 2022).

Oficializado em abril de 2022, o Distrito Centro-Gare é apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFSM – através do Edital 053/2022 – PRE/UFSM – e objetiva “analisar indicadores estatísticos que possam caracterizar a economia criativa em Santa Maria, bem como criar estratégias para comunicar as potencialidades políticas e socioeconômicas do setor” (OLIVEIRA, et al, p. 38, 2021).

Figura 3 – Mapa localizando o Distrito Criativo Centro-Gare



Fonte: elaborado pela autora baseado em DISTRITO CRIATIVO CENTRO-GARE (2023).

Fonte: Aline Fialho (2023) baseado em Distrito Criativo Centro-Gare (2023)

Para mais, o Distrito Criativo tem alavancado o turismo no local, fazendo com que o setor de alimentos e bebidas usufrua do patrimônio e gere empregos. Vale ressaltar que é fundamental envolver a comunidade local e garantir a preservação do patrimônio cultural.

ANTES E DEPOIS: ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA/RS E SUA SERVENTIA

Após esclarecimento do uso da fotografia como documento, analisaremos o antes e depois da Gare da Estação Férrea de Santa Maria/RS, através de imagens, bem como sua serventia até os dias de hoje.

Figura 4 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria, 1914



Figura 14: Imagem original (1914). Fonte: Casa de Cultura "Edmundo Cardoso". Autor desconhecido.

Fonte: autor e data desconhecidos, Flôres (2020).

Figura 5 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria, 1918



Fonte: Facebook, sem autoria original. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=3121050351307623&set=gm.279669979949353&id=orvanity=270484814201203>>. Acesso em: 21 out 2023.

Figura 6 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria, sem data



Fonte: Facebook Amigos da Gare

Figura 7 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria vista parcialmente de cima



Fonte: Mateus Albuquerque, 2018.

Figura 8 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria vista dos trilhos



Figura 31: Estado atual (2019) dos prédios anexos oeste da Estação Férrea de Santa Maria/RS, na sua fachada norte, área da gare. Autor: Marcelo Gabriel Ercolani – 2019 (UFSM/NEFERS).

Fonte: Marcelo Gabriel Ercolani, 2019.

Figura 9 - Gare da Estação Férrea de Santa Maria vista dos trilhos



Fonte: Paola Goulart, 2023.

Nas figuras 4 a 9 é possível observar que, de fato, após a privatização da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, as edificações ficaram à mercê do tempo e da criminalidade, visto que o poder público não cumpriu com a responsabilidade de manter o patrimônio.

No entanto, com a execução do Distrito Criativo Centro-Gare, em 2022, o espaço, antes inóspito e inseguro, volta aos poucos a ter vida. O tradicional evento da cidade no início de cada semestre – que acontecia na Praça do Brahma –, tomou os trilhos da Gare e em sua segunda edição, no inverno (figura 11), reuniu 43,1 mil pessoas nos quatro dias de festa.

Para tal, a prefeitura instalou “uma infraestrutura para atrações musicais, além de locais para comercialização de comidas e bebidas. A segurança também foi reforçada com a atuação de 90 policiais durante o evento. No total, o investimento do município na Calourada foi de cerca de R\$ 449 mil” (DIÁRIO, 2023).

Figura 10 - Calourada na Gare, no verão, 2023



Fonte: Nathália Schneider (Diário), 2023.

Figura 11 - Calourada na Gare, no inverno, 2023



Fonte: Ariéli Ziegler (Prefeitura de Santa Maria), 2023.

Para além de eventos para universitários com recente apoio do Distrito Criativo, a Estação Férrea de Santa Maria já foi palco de outros eventos como “Marcha para Jesus” e “Parada do Orgulho LGBTQ+”, entre outros.

No entanto, está prevista a revitalização do património. Bem como noticia o jornal da cidade,

A obra da Gare prevê uma série de restaurações na estrutura arquitetónica da estação de passageiros (sobrado) e dos quatro pavilhões, com reposição de pisos e forros, segundo pesquisa histórica realizada previamente. Haverá a recomposição da cobertura dos pavilhões onde não existem mais telhas e a substituição de telhas danificadas. Serão feitas, ainda, novas instalações elétricas, hidráulicas, de água e de esgoto, bem como rampas de acesso.

As esquadrias e ferragens serão todas revisadas e, em caso de necessidade, substituídas. Na intervenção, também consta a pintura interna e externa em toda a estrutura, incluindo esquadrias e estruturas metálicas da área chamada de lanternim. Nas áreas externas, serão previstas instalações de bancos, floreiras e lixeiras (DIÁRIO, 2023).

A vista disso, ressalta-se a importância dos registros fotográficos, principalmente, como objeto de estudo e pesquisa, tal o presente artigo, uma vez que não seria viável realizá-lo sem as imagens. Tonello e Madio (2018, p. 90) afirmam que “a fotografia corresponde aos pressupostos necessários para consubstanciar documento e fotografia em documento fotográfico”.

CONCLUSÃO

Após Manini (2011, p. 80) trazer a reflexão de Ricoeur (2007, p. 61) – “seria a lembrança uma imagem do passado?” –, é possível afirmar tal fala, visto que Berger (2017, p. 61) menciona que o papel da fotografia antes da invenção da câmara quem fazia era a memória, a lembrança.

Portanto, a fotografia é um instrumento importante tanto para nossa lembrança, quanto para a história de algo ou alguém, já que ela permite torná-la um objeto de estudo, bem como observamos nas figuras deste estudo. Como corrobora Otlet (1934, 199A), “[...] a fotografia é a mais importante das máquinas intelectualmente inventadas pelo homem. Não só reproduz, mas produz documentos e representa a realidade diretamente [...]”.

No que toca ao uso da Estação Férrea de Santa Maria, é entusiástico ter ciência de que o património está sendo tomado por vida e tem previsão de ser revitalizado, obviamente, não devolvendo sua primeira utilidade – estação de trem com embarque e desembarque de passageiros –, contudo, sendo devolvido com dignidade aos moradores, para que possam usufruí-lo com segurança.

REFERÊNCIAS

ABBAD, Bernardo (ed.). Definida empresa que fará obra de revitalização da Gare em Santa Maria; valor apresentado foi de R\$5,5 milhões. **Diário**. Santa Maria, 02 out. 2023. Disponível em: <https://diariosm.com.br/noticias/geral/definida_empresa_que_fara_obra_de_revitalizacao_da_gare_em_santa_maria_valor_apresentado_foi_de_r_5_5_milhoes.547350>. Acesso em: 22 out 2023.

ALVES, Daniel Borini. Cobertura vegetal e qualidade ambiental na paisagem urbana de Santa Maria (RS). Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2012. Pág. 49. Disponível em:<<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9355>>. Acesso em: 17 out. 2023.

BERGER, John. Para entender uma fotografia. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2017.
DISTRITO CENTRO-GARE. **Nosso território**. 2022. Disponível em: <<http://distritocentrogare.com.br/index.php/pt/distrito/dados>>. Acesso em: 21 out 2023.

FIALHO, Aline Britto. O SOUVENIR COMO CONTRIBUIÇÃO A IMAGEM DO DESTINO E A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO DISTRITO CRIATIVO CENTROGARE, SANTA MARIA, RS. 2023. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão de Turismo, CESH, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/29936>>. Acesso em: 21 out 2023.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral; ERCOLANI, Marcelo Gabriel. Prédios e excertos históricos das Estações da VFRGS no Município de Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria, 2020. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/465/2020/01/A-TRAJETORIA-DOS-PREDIOS-DA-ESTACAO-DA-VFRGS-NA-CIDADE-DE-SANTA-MARIA.pdf>>. Acesso em: 21 out 2023.

FRITSCHER, Bernardo Dorneles. **Condições de trabalho dos ferroviários de Santa Maria na Era Vargas (1930-1945) e a decadência da ferrovia:** um passeio historiográfico. 2023. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Maria, curso de História, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/28808>>. Acesso em: 21 out 2023.

GOMES, Laura (ed.). Calourada de Inverno reuniu 43 mil pessoas na Gare: investimento na festa foi de R\$ 449 mil. **Diário**. Santa Maria, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://diariosm.com.br/noticias/geral/calourada_de_inverno_reuniu_43_mil_pessoas_na_gare_investimento_na_festa_foi_de_r_449_mil.535935>. Acesso em: 21 out. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Cidades e Estados: Santa Maria**, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santa-maria.html>>. Acesso em: 17 out. 2023.

MANINI, Miriam Paula. **Imagem, Memória e Informação:** um tripé para o documento fotográfico. Domínios da Imagem, Londrina, v. 8, n. 4, p. 77-87, maio 2011. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23354/17054>>. Acesso em: 14 out. 2023.

MARINHEIRO, Marco Antonio de Lima. **Análise setorial:** o caso da privatização do modal ferroviário brasileiro. 2012. 130 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/63537abf-3d31-40a7-baec-264064688513>>. Acesso em: 21 out 2023.

MUSSE, Mariana Ferraz. Do álbum de família ao álbum afetivo: as narrativas da memória que transitam entre a fotografia analógica e a digital. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 77-90, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26079>>. Acesso em: 17 set. 2023.

OTLET, P. (1934). **Traité de documentation:** le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum Disponível em: Acesso em: 21 out 2023.

PREFEITURA DE SANTA MARIA. **Gare da Estação Férrea.** 2023. Disponível em: <<https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/552-gare-da-estacao-ferrea>>. Acesso em: 21 out. 2023.

SILVA, Paola Goulart. **Fotografia como ferramenta de atração para o turista:** um estudo sobre o Parque Witeck. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Gestão de Turismo) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 49. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28455/Silva_Paola_Goulart_2022_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2023.

SOCAL, Ana Julia Scortegagna **Vila Belga:** História e Arquitetura. Santa Maria, RS. 2023. *E-book* (152p.) color. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/29861/E-BOOK_PPGPC_2023_SOCAL_ANA.pdf?sequence=5&isAllowed=y> Acesso em: 21 out. 2023.

STRELCZENIA, M. Fotografia e memória: a cena ausente. **Studium**, Campinas, SP, n. 20, p. 82-96, 2005. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12212>>. Acesso em: 22 out. 2023.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra otlet e briet. **Informação & Informação**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 77, 17 mar. 2018. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504>>. Acesso em: 21 out. 2023.

VENCOVSKY, Vitor Peres. **Sistema ferroviário pós-privatização:** implicações para a organização e o uso do território brasileiro. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadeltransporte/17.pdf>>. Acesso em: 21 out 2023.

VIDEOGAME ANTIGO EM SANTA MARIA (RS): MEMÓRIA AFETIVA E CULTURAL EM PROL DO MUSEU DE JOGOS

OLD VIDEO GAME IN SANTA MARIA (RS): AFFECTIVE AND CULTURAL MEMORY FOR THE GAME MUSEUM

Matheus Medeiros de Oliveira¹

RESUMO

Ao longo da vida de cada sujeito carrega-se uma bagagem de afetos, memórias, lembranças e apegos, todos esses impulsionados gerando um sentimento chamado nostalgia. Diante da paixão global por videogames e o poder da memória afetiva que desenvolvi por Estante Gamer, um projeto independente que surgiu no Brique da Vila Belga em 2021 e que resgata, restaura, cura e salvaguarda consoles e jogos antigos (década de 1970 a 2006) para instrumentalizá-los aos moldes das famosas locadoras do século passado e utilizar, até então, como um museu itinerante por eventos, nas universidades e shoppings da cidade, decidi fazer desse experimento um projeto de Mestrado. A partir das atividades realizadas com exposição de acervo de videogames no Acervo Artístico da Universidade Federal de Santa Maria no Viva o Campus, percebeu-se a grande adesão do público pela temática já trabalhada em outros eventos e locais. Através de levantamentos feitos em diálogo com os adeptos dos games, com o pessoal mais velho, foi possível confirmar esta paixão na cidade, acompanhando o ritmo global, e proporcionando continuidade em tais iniciativas voltadas aos videogames. Tal temática tem como foco o quesito educativo, recreativo, para realizar oficinas e atividades com escolas. Acesso a cartilha e instrumento de pesquisa de estudantes de diversas áreas como História, Arquivologia, estudantes do CT, das Artes, etc. Tal alinhamento confirma-se ao verificar e constatar, através da própria UFSM, a existência de pesquisas, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que englobam, direta ou indiretamente, o campo dos jogos digitais, vinculando a conceitos e bibliografias diversificadas que provam o rico campo que pode tornar-se um museu vinculado à UFSM como espaço para lazer, para história e para pesquisa. Este artigo propõe-se, como foco, apropriar-se e discutir referências indicadas pelo curso para fundamentar a pesquisa ao longo de sua duração, além de discutir com outros referenciais que sustentam a pesquisa.

Palavras-chave: Videogames antigos. Museu de Videogames. Memória afetiva.

¹ Bacharel e licenciado em História. Mestrando em Patrimônio Cultural – UFSM.

ABSTRACT

Throughout each person's life, they carry a baggage of affections, memories, memories and attachments, all of which generate a feeling called nostalgia. Given the global passion for video games and the power of affective memory that I developed by Estante Gamer, an independent project that emerged in Brique da Vila Belga in 2021 and that rescues, restores, heals and safeguards old consoles and games (1970s to 2006) to implement them in the same way as the famous rental stores of the last century and use them, until then, as a traveling museum for events, at universities and shopping malls in the city, I decided to make this experiment a Master's project. From the activities carried out with the exhibition of the video game collection in the Artistic Collection of the Federal University of Santa Maria at Viva o Campus, it was clear that there was great public support for the theme already covered in other events and locations. Through surveys carried out in dialogue with game fans and older people, it was possible to confirm this passion in the city, keeping up with the global pace, and providing continuity in such initiatives focused on video games. This theme focuses on educational and recreational aspects, to carry out workshops and activities with schools. Access to booklets and research instruments for students from different areas such as History, Archival Science, CT students, Arts students, etc. This alignment is confirmed by verifying and verifying, through UFSM itself, the existence of research, course completion works, dissertations and theses that encompass, directly or indirectly, the field of digital games, linking to diverse concepts and bibliographies that prove the rich field that can become a museum linked to UFSM as a space for leisure, history and research. This article proposes, as a focus, to appropriate and discuss references indicated by the course to support the research throughout its duration, in addition to discussing other references that support the research.

Keywords: Old video games. Video games Museum. Affective memory.

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida de cada sujeito carrega-se uma bagagem de afetos, memórias, lembranças e apegos, todos esses impulsionados gerando um sentimento chamado nostalgia². Diante da paixão global por videogames e o poder da memória afetiva que desenvolvi à Estante Gamer³, um projeto independente que surgiu no Brique da Vila Belga em 2021 e que resgata, restaura, cura e salvaguarda consoles e jogos antigos (década de 1970 a 2006) para instrumentalizá-los aos moldes das famosas locadoras do século passado e utilizar, até então, como um museu itinerante por eventos, nas universidades e shoppings da cidade.

² Significa uma sensação de saudades de um tempo vivido, frequentemente idealizado e irreal. É um sentimento que surge a partir da sensação de supostamente não poder mais reviver certos momentos da vida.

³ Início no Brique da Vila Belga: <https://www.youtube.com/watch?v=WhOUB2wq204>

Reportagem apresentando o grupo: <https://www.youtube.com/watch?v=-nS-ijLsgwM>

Espaço aos moldes de locadora: <https://bkpsitediario.diariosm.com.br/direto-dos-anos-90-grupo-inaugura-locadora-de-videogames-em-santa-maria/>

Exposição: https://diariosm.com.br/noticias/geral/video_exposicao_de_videogames_classicos_reune_amantes_de_jogos_no_shopping_praca_nova.453868

A partir das atividades realizadas com exposição de acervo de videogames no Acervo Artístico da Universidade Federal de Santa Maria no Viva o Campus e juntamente com o projeto de extensão Gameificados das Relações Internacionais percebeu-se a grande adesão do público pela temática já trabalhada em outros eventos e locais. Através de levantamentos feitos em diálogo com os adeptos dos games, com o pessoal mais velho, foi possível confirmar esta paixão na cidade, acompanhando o ritmo global, e proporcionando continuidade em tais iniciativas voltadas aos videogames.

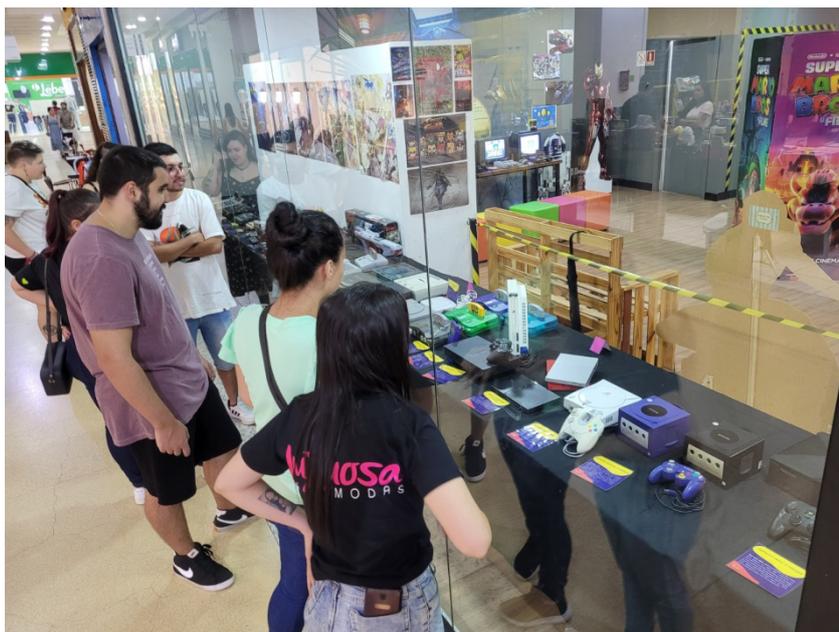
Figura 1 – Gameplay no I Seminário Internacional Saberes do Sul Global



Fonte: (SISSUL, 2023).

Tal temática propõe um sentido educativo, recreativo, para realizar oficinas e atividades com escolas, dando acesso à cartilha e sendo instrumento de pesquisa de estudantes de diversas áreas, bem como englobar estudantes e pesquisadores do Bacharelado em História e Arquivologia, estudantes das Artes, etc. Tal alinhamento confirma-se ao verificar e constatar, através da própria UFSM, a existência de pesquisas, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que englobam, direta o ou indiretamente, o campo dos jogos digitais, vinculando a conceitos e bibliografias diversificadas que provam o rico campo que pode tornar-se um museu vinculado à UFSM como espaço para lazer, para história e para pesquisa.

Figura 2 – Exposição no Royal Plaza Shopping



Fonte: (ROYAL PLAZA SHOPPING, 2023).

Prova-se extremamente viável uma vez que haja espaço e incentivo da Universidade, onde já foi realizada uma triagem de televisores de tubo no campus e é possível iniciar uma campanha de doação de materiais com a justificativa para uso de um museu. Importante atrelar ao Colégio Técnico Industrial da UFSM, orientando e recuperando material, reforçando o conceito de sustentabilidade. Este campo tem o potencial de entretenimento, um status de fenômeno cultural, midiático e econômico.

Nesse sentido, considerando a cidade, seus espaços e população como pontos centrais para desenvolvimento de relações pessoais e/ou coletivas, o problema da presente pesquisa concentra-se em responder à pergunta: Qual é a utilidade/serventia de museu de jogos? Refletindo nesta mesma lógica, surgem outros questionamentos que norteiam a proposta. Qual é a importância dos jogos e videogames para a sociedade? Qual é o papel de um levantamento histórico tão recente? As fontes e arquivos desta história recente possuem relevância a partir da historiografia? Naturalmente que ao trazer os questionamentos para o debate há o dever de tentar respondê-los ou direcionar caminhos para responder através do exercício metodológico.

Concomitantemente a esta pesquisa, há interesse na criação de um novo espaço expositivo para a UFSM, vinculado à Extensão, com aspectos museológicos, didáticos e de pesquisa multidisciplinar. Por estar predominantemente presente na cidade, o videogame também se relaciona a discussões sobre patrimônio, história e memória pelo fato de interferir e provocar modificações tanto pessoais como sociais, criando uma identidade coletiva. Somado a isso, a pesquisa surge em razão da tentativa de ampliação de produção e estudos referentes à historiografia dos videogames e instrumentalização de museu para tal fim, ou que a relacionam a outros aspectos sociais, culturais ou patrimoniais. São notórias pesquisas sobre gamearte, importância econômica da indústria

dos jogos, instrumentalização pedagógica dos jogos digitais, pesquisas técnicas de produção e criação de jogos, mas vincular tal objeto com propósito museológico e historiográfico, servindo de base multidisciplinar, é uma ação que não está posta em prática. Portanto, aqui para além de dar continuidade a um projeto anterior e ainda ativo referente ao tema, proporcionará um aprofundamento maior sobre o assunto bem como outras formas de abordagem para ampliar os horizontes e fundamentar ainda mais todo trabalho.

O Museu de Videogame da UFSM pode ser um espaço inovador na Instituição e alinhado com um segmento que notadamente ganhou importância nos últimos 50 anos enquanto modelo de comportamento social, na economia criativa, na colaboração entre diferentes áreas do conhecimento. Os jogos se caracterizam como uma atividade tipicamente humana e que, mais recentemente, com a rápida evolução da tecnologia, se consolidam com uma ponta de lança no quesito inovação e adesão de recursos tecnológicos. No entanto, essa evolução torna cada lançamento rapidamente obsoleto com a chegada de gerações seguintes. Hoje, o entretenimento com jogos eletrônicos já passa a ser uma questão intergeracional, com famílias onde todas as gerações já vivenciaram a experiência dos jogos eletrônicos. A ocorrência dos jogos é uma característica da sociedade desde as mais antigas. A dinâmica com que se transformaram nos últimos 50 anos afetando o modo de viver de crianças, jovens e adultos, é um ponto de investigação que pode ser pesquisado, armazenado e apresentado enquanto ferramenta didática de educação.

Despertar nos visitantes a capacidade de enxergar conexões entre várias áreas do conhecimento que se materializam na construção de um jogo. Especificamente na área de jogos eletrônicos, existe a agregação de conhecimentos de áreas como: pedagogia/educação, artes visuais/design, computação/matemática, música/produção musical, entre outras. Esta estratégia pode ser bastante importante para entregar a um público jovem a capacidade de conectar as áreas ofertadas pela universidade com a realidade do mercado de trabalho e áreas de interesse na escolha ao tentar ingressar no ensino superior. Além das áreas acima, diretamente envolvidas na criação dos jogos, temos a possibilidade de ativar conhecimentos da área de História, Sociologia, Antropologia, Museologia, Arquivologia, Comunicação entre outras nos processos de manutenção de acervos, pesquisa e divulgação de um Museu de Videogame.

Para o desenvolvimento do arquivo e/ou museu, primeiramente há o levantamento que mapeia e seleciona materiais e patrimônios da UFSM (eletrônicos antigos). Neste inventário, no qual constam as informações relevantes sobre os materiais, o cunho institucional e científico pode impulsionar a demanda de doações ainda mais, construindo um acervo permanente e público, vinculado à UFSM. A proposta do museu, direcionada mais ao fim de todo trabalho, poderá ser posta em prática ao definir um local (provisório ou permanente) para guarda e salvaguarda do material, testes e ajustes para funcionamento, análise do público, consulta para pesquisas, atividades práticas com comunidade acadêmica e externa, bem como atividades de socialização e lazer. Atualmente o acervo artístico da UFSM localizado junto à Biblioteca Central e o Gameificados

no prédio 74-C térreo são os espaços que já se iniciou a organização desses materiais, como videogames antigos e televisores.

DISCUTINDO COM REFERENCIAIS

Destaques importantes, como os artigos 215 e 216 da Constituição Federal amparam e muito qualquer proposta neste âmbito. O artigo 215 prevê que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e difusão das manifestações culturais, protegendo manifestações culturais populares, defesa da valorização do patrimônio cultural brasileiro, produção, promoção e difusão de bens culturais, formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões, democratização do acesso aos bens culturais, além do artigo 216 que prevê como patrimônio cultural os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, criações científicas, artísticas e tecnológicas, obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. Diante desses artigos, é evidente sua relação direta com a abordagem em história e videogames enquanto patrimônio cultural.

Costa afirma que:

Portanto, comprova-se que a memória, filha da prática, e a emoção, experiência sensitiva desencadeada por um estímulo, estão sempre caminhando juntas e a faculdade de lembrar está em relação direta com a estrutura social que motive, permita e promova esse ambiente de rememoração. E o ato de rememorar em condições adequadas, com ouvintes atentos e plenos de respeito pelo Outro, possibilita a formação de um vínculo de amizade e confiança entre os interlocutores. (COSTA, 2012, p. 99)

Costa e Wazenkeski reforçam outros pontos no sentido de desenvolvimento de ações educativas em museus que adequam e norteiam a pesquisa ao pensar na fundamentação para o campo museológico.

Nesse sentido, o desenvolvimento de ações educativas nos museus surge como vital ferramenta com o objetivo de ir muito além do simples chamamento de público para o recinto, mas de construção de conhecimento, entretenimento, encantamento, possibilitando reconhecer e mudar atitudes, bem como modificar o modo de ver as coisas, os objetos, as pessoas e as relações entre nós mesmos. Este assunto deve ser tratado e trabalhado com os educadores, para que eles próprios entendam o que é um museu e, assim, possam refletir e entender o que é cultura, patrimônio e tradição, e, ao levarem seus alunos a uma visita ao museu, estes momentos passados dentro da instituição sejam realmente aproveitados em todos os sentidos. (COSTA; WAZENKESKI, 2016, p. 66).

Para tornar viável a proposta de Instrumentalizar e viabilizar a criação de um museu de videogames/jogos na cidade de Santa Maria (RS), mapear os exemplos históricos de ações que englobaram os videogames, desenvolver um guia informativo acerca da História dos videogames, relacionar o papel desta historiografia com a multidisciplinaridade e vincular ao lazer em geral é necessário encorpar e sustentar-se teoricamente, e aqui discute-se alguns desses referenciais

Entende-se o patrimônio como a representação de manifestações sociais, conquistas, realizações que marcaram a vida de uma comunidade, de modo que o patrimônio também é compreendido como parte integrante da mesma e, como memória social (ARARIPE, 2004). Com relação ao patrimônio cultural, refere-se ao conjunto de todos os bens, sejam materiais ou imateriais, que possuem significado simbólico, sentido social, perpetuação ao longo das gerações e que dessa forma, constituem a formação da cultura de uma sociedade. (ARARIPE, 2004).

Complementar a isso, Rodrigues (2017) explica que o patrimônio cultural engloba os bens de interesse coletivo, que tenham relevância suficiente para perpetuar no decorrer do tempo, além do que, o patrimônio recorda e invoca o passado. Já Silva (2000) discorre sobre o patrimônio enquanto idealização construída, isto é, a construção patrimonial, a determinação do que é ou não é patrimônio depende de sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade.

Araripe (2004) considera a importância pedagógica do patrimônio ao servir como aporte para a compreensão de uma época ou momento da vida social, que só é possível através da preservação, recuperação e conservação do mesmo. Nesse viés, Silva (2000) aponta a preservação do patrimônio como fator de afirmação de singularidades locais e identidades coletivas, a vista dos efeitos da globalização.

Com relação à cidade e o espaço urbano, Araripe (2004) reflete sobre a importância destes enquanto representação simbólica da construção da história do homem bem como de sua cultura, sendo que, deste modo, a cidade oferece um acervo cultural e de memória, disponível para informação e formação do indivíduo enquanto cidadão. Todavia, ainda de acordo com a autora, o descuido e a apropriação inadequada de espaços e estruturas, principalmente por meio da depredação, acabam por demonstrar a falta ou inexistência de reconhecimento de que a história da cidade é contada através do patrimônio.

Refletindo sobre os usos do patrimônio, Araripe (2004) destaca o fato de este ser espaço de disputas, tanto política, como econômica e simbólica, por parte do Estado, iniciativa privada e movimentos sociais. Já Silva (2000) debate sobre o uso turístico do patrimônio, sendo que, de acordo com o autor, embora haja o desenvolvimento do turismo e impactos positivos também no interior da cidade e não apenas no litoral, a exploração turística dos bens patrimoniais pode acarretar em ameaças sobre a identidade local em razão da massificação da atividade.

Por sua vez, Veloso (2006, p.437- 438) fala sobre o patrimônio tratado como mercadoria, objeto ou simples fetiche, pois de acordo com a autora:

O chamado capitalismo tardio, marcado pela internacionalização do capital e flexibilidade do trabalho, entre outras consequências, provocou uma profunda mercantilização da cultura, introduzindo a noção de que o consumo cultural promove distinção social.

Desse modo, o entrelaçamento entre cultura, patrimônio e identidade suscita muitas discussões, atreladas principalmente ao uso que se faz do patrimônio e as maneiras como ele é visto e interpretado.

Sabendo que o objetivo geral é Instrumentalizar e viabilizar a criação de um museu de videogames/jogos na cidade de Santa Maria, o projeto propõe uma pesquisa exploratória a partir de revisão bibliográfica, pois dispõe-se a explorar o tema e fornecer informações para uma investigação mais precisa.

Neste sentido, a idéia de uma Revisão Bibliográfica é enunciar alguns dos 'interlocutores' com os quais você trará o seu diálogo historiográfico e científico. Estes interlocutores constituirão parte da riqueza de seu trabalho, e não convém negligenciá-los. Por outro lado, proceder a uma cuidadosa revisão da literatura já existente é evitar o constrangimento de repetir sem querer propostas já realizadas ou de acrescentar muito pouco ao conhecimento científico. A revisão da literatura já existente sobre determinado assunto poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original. (BARROS, 2009, p. 104)

Nesse sentido, em um primeiro será realizada a revisão de literatura por meio de pesquisa bibliográfica, abordando os principais conceitos que embasam o estudo, como Patrimônio Cultural, Identidade e Cultura. Ao longo dos anos a cultura ganha maior relevância e torna-se pilar indispensável na compreensão histórica nesta proposta. A cultura, segundo Pesavento (2008), ainda é uma forma de expressão da realidade e admite os sentidos conferidos às coisas, havendo uma apreciação valorativa.

O que o historiador da cultura deve ter em mente, hoje, é algo que nem é tão novo assim: existem hierarquias de verdade, verdades parciais, transitórias, pessoais ou sociais, como uma espécie de verdades provisórias, aceitas e reconhecidas como tal em uma época dada. É certo que admitir tais sistemas de verdade pode vir a representar uma ameaça para a História, por um certo relativismo de análise: tudo o que foi um dia, pode tanto ter sido assim como de outra forma, ou talvez mesmo não ter sido. Não fosse a segurança das fontes, a evidência da pesquisa, o reforço da autoridade com as citações e as notas, a busca insistente de provas, e o historiador não conseguiria impor sua visão ou versão, que deve ainda converter-se em um texto fluente, convincente, esteticamente apreciável, retoricamente correto. (p. 116)

Costa, Santos e Cutrim (2020) tratam da Educação Patrimonial, que tem se tornado cada vez mais presente nos espaços de patrimônio, como bibliotecas, museus e arquivos, locais responsáveis pela guarda e proteção de bens que materializam a história e memória da sociedade. Enquanto instituições focadas em educação, as mesmas possuem papel crucial na apropriação daquilo que representa sua cultura, história e memória, se tornando um caminho para estímulo de uma nova perspectiva sobre espaços responsáveis por abrigar os bens patrimoniais através do viés educacional.

[...] Os acervos arquivísticos, museológicos e bibliográficos são portadores de informações valiosas que nos trazem conhecimento do passado de uma civilização, do presente que somos, projetando-nos para um futuro que pretendemos construir. (p. 92)

Dessa forma, museus bibliotecas e arquivos possuem a responsabilidade no processo de recuperação da informação em prol da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico (p. 93).

Assim, as bibliotecas, arquivos e museus consagram-se como espaços para além da preservação da memória, mas enquanto lugares de reflexão dos bens culturais materiais e simbólicos que compõem seus acervos, efetivando seu papel de instituição de recuperação, salvaguarda e difusão da informação. (p. 100)

Hunt (1995) analisa a ênfase da escola dos *Annales* à história social e econômica que logo se difundem nas mais prestigiadas revistas históricas, constatando que suas interpretações socioeconômicas representam um estágio mais avançado que a interpretação exclusivamente política. Contextualizar todo teor social e econômico a partir das abordagens encontradas nas fontes e bibliografias tem por intenção melhor explicar os processos e fatos históricos do período em foco.

Nos últimos anos, contudo, os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos *Annales*, pela história cultural. (p. 5)

Sendo este aporte teórico sustentado até o presente momento pela Nova História, compreendamos que, conforme Burke (1992) trata-se de uma história escrita como uma reação contra o paradigma tradicional e de senso comum - por ser considerada esta, muitas vezes, a forma correta e padronizada de fazer história.

Uma pesquisa de campo com utilização da técnica de observação sistemática será realizada para coletar tais dados, além do uso da fotografia como

parte complementar do processo de registrar os dados. À vista disso, Prodanov e Freitas (2013, p.59) apontam que uma pesquisa de campo “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los” e a técnica de observação sistemática acontece de forma planejada e controlada para responder a propósitos já estabelecido (Ibid.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi averiguado a partir de levantamentos bibliográficos e adições valiosas com as bibliografias (e trabalho que ainda segue) surge aqui um grande ensaio e referencial para o andamento da pesquisa. Aqui, muito mais um convite ao tema e seu alicerce do que propriamente a ação, a execução e defesa dos ideais e objetivos, funcionando como uma grande introdução frente ao que se foi estudado nos últimos meses e que segue. Cada passo dado com a pesquisa tem provado a importância e viabilidade do tema, assunto que por vezes gera estranheza, mas que gradativamente mexe com a memória popular e desconstrói a impressão para construir a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, Fátima M. A. **Do patrimônio cultural e seus significados.** Transinformação - Periódicos Científicos da PUC-Campinas, São Paulo, 2004.
- BARROS, J. C. D'A. 2009. A Revisão Bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. Instrumento Revista de Estudo e Pesquisa em Educação – UFJF, vol. 11: pág. 103 – 111.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].
- BURKE, P. (org.) **A escrita da História: Novas perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. **Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012.
- COSTA, Maurício José Morais; SANTOS, Donny Wallesson dos; CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes. **Educação patrimonial em bibliotecas, arquivos e museus: : ações voltadas para a preservação e valorização do patrimônio cultural de São Luís-MA.** ConCI: Convergências em Ciência da Informação, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 84-103, 2020. DOI: 10.33467/conci.v2i3.13672. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13672>.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11º ed. DP&A Editora. Rio de Janeiro, BR, 2006.
- HUNT, L. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Ed. Livraria Martins Fontes, 1995.
- JUNIOR, Miguel A. de F; PERUCELLI, Tatiane. **Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural.** Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 111- 133, jul./dez. 2019.
- LE GOFF, J. **História e memória.** 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. **A História Nova.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PESAVENTO, S. J.; **História e História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.
- PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos.** UNIFAP, Macapá, 2017.
- WAZENKESKI, V. F., & Costa, H. H. F. G. da. (2016). **A importância das ações Educativas nos museus.** *Ágora*, 17(2), 64-73.

CONSTRUÇÃO DE UM JOGO DE MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO: A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL ATRAVÉS DAS MULHERES E DAS ERVAS

CONSTRUCTION OF A MEMORY GAME AS A METHODOLOGICAL INSTRUMENT: THE PRESERVATION OF INMATERIAL HERITAGE THROUGH WOMEN AND HERBS

Eloiza Helena de Carvalho Bidet¹

RESUMO

É importante reconhecer que os conhecimentos passados de geração em geração através da história oral principalmente pelas mulheres é um dos muitos espaços do patrimônio imaterial. O conceito de patrimônio emerge etimologicamente da ideia de “herança paterna” e com base nisso se constrói a ideia de que através da valorização do patrimônio, da história e do saber popular é que se torna possível conhecer as vivências e as virtudes de um povo. Nesse meio se destaca o saber popular construído pelas mulheres da antiguidade a respeito do uso de ervas medicinais e para incentivar o conhecimento e preservação foi criado um jogo da memória metodológico que utiliza de figuras de ervas medicinais com seus nomes científicos e populares para uso didático e incentivador para conhecer a história. Isso porque preservar o patrimônio cultural no âmbito material ou imaterial de determinado espaço cultural é uma das formas de fortalecer com a escrita a importância de preservar a história, a memória a identidade da comunidade, contextualizando um lugar de memória histórica e coletiva na comunidade com referências em suas “raízes”.

Palavras-chave: Patrimônio. Mulheres. Ervas. História Oral.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural – ehbidet@gmail.com

ABSTRACT

It is important to recognize that knowledge passed from generation to generation through oral history, mainly by women, is one of the many spaces of intangible heritage. The concept of heritage emerges etymologically from the idea of “paternal inheritance” and based on this the idea is built that through the appreciation of heritage, history and popular knowledge it becomes possible to know the experiences and virtues of a people. In this context, the popular knowledge constructed by ancient women regarding the use of medicinal herbs stands out. To encourage knowledge and preservation, a methodological memory game was created that uses pictures of medicinal herbs with their scientific and popular names for didactic and encouraging to know the history. This is because preserving cultural heritage in the material or immaterial scope of a given cultural space is one of the ways of strengthening with writing the importance of preserving history, memory and community identity, contextualizing a place of historical and collective memory in the community with references in its “roots”.

Keywords: Heritage; Women; Herbs; Oral History.

INTRODUÇÃO

A percepção da herança imaterial torna-se fundamental para a integração da população com suas próprias condições de existência, com a natureza e o meio ambiente. Essas relações constituem o espírito dos países que compõem o continente e se manifestam por intermédio de cerimônias, linguagens do povo materializadas em atividades artesanais e produções artísticas ou literárias, canções, festas, receitas culinárias e saberes medicinais, entre outras manifestações sociais ou coletivas. As noções de patrimônio cultural mantêm-se vinculadas às de lembrança e de memória — uma categoria basal na esfera das ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função dos sentidos que despertam e dos vínculos que mantêm com as identidades culturais.

Nos recônditos da memória residem aspectos que a população de uma dada localidade reconhece como elementos próprios da sua história, da tipologia do espaço onde vive, das paisagens naturais ou construídas. A memória, do ponto de vista de Le Goff (1997) estabelece um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Tal vínculo, além de constituir um “elo afetivo” que possibilita aos cidadãos perceberem-se como “sujeitos da história”, plenos de direitos e deveres, os torna cômicos dos embates sociais que envolvem a própria paisagem, os lugares onde vivem, os espaços de produção e cultura. Sob essa ótica, Le Goff destaca que a

[...] identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva”; a partir do momento em que a sociedade se dispõe a “preservar e divulgar os seus bens culturais” dá-se início ao processo denominado pelo autor como a “construção do ethos cultural e de sua cidadania.

Sem dúvida, a cultura apreendida como “formas de organização simbólica do gênero humano remete a um conjunto de valores, formações ideológicas e sistemas de significação” que norteiam os “estilos de vida das populações humanas no processo de assimilação e transformação da natureza” (LEFF, 2009).

Quando denominada as “criações anônimas surgidas da alma popular” e “valores que dão sentido à vida”, podemos dar notoriedade aos saberes da população rural com suas memórias, na prática da infusão das ervas através dos chás, sendo esses, utilizados na cura ou apenas no alívio das dores do corpo ou da alma. Segundo Maurice Halbwachs (1990)

[...] menciona no seu texto que a memória tem uma característica de construção social, seja ela, pessoal ou individual, a “identidade”. Esses processos, de memória e de identidade pessoal, contribuem na sociedade como fato de interferência na coletividade.

A partir das memórias das mulheres do meio rural com seus saberes de ervas, no âmbito escolar e educacional tem-se uma definição nesse processo

como um importante patrimônio imaterial. A autonomia dos saberes científicos e dos saberes empíricos, pode-se relacionar o último com a configuração da cultura e o meio, saberes ou memória, passada de geração em geração, a partir do contato com seus pares na comunidade. Cabe salientar a relevância e a necessidade da preservação do patrimônio imaterial, em relação ao respeito a historicidade de um povo rural, com esse processo da escrita, da memória e da identidade, contribuindo para que a comunidade se fortalece coletivamente.

A partir disso, a construção da identidade de um povo se faz da valorização de suas raízes e memórias antepassadas que foram vivenciadas principalmente por mulheres que nos recônditos do tempo utilizavam as ervas como saber popular para uso medicinal e cura de infinitas doenças e por isso se terá a construção de um jogo de memória como instrumento metodológico com o tema de ervas para que através da prática do jogo se tenha a construção do conhecimento.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: CONSTRUÇÃO DE GERAÇÃO A GERAÇÃO

Os bens patrimoniais imateriais são, segundo Corá (2004) os que não envolvem uma materialidade, um objeto físico, que se relacionam a processos simbólicos e que não eram contemplados nas políticas públicas de preservação do patrimônio por não serem exemplares que evidenciassem a grandiosidade do Estado, mas sim uma cultura voltada para os saberes e fazeres locais, das comunidades, questões que não eram valorizadas e consideradas de valor cultural pelas classes dominantes. Segundo Bonini (2014),

[...] as referenciais culturais imateriais ou intangíveis que não são peças acabadas de museu, são sim, organismos vivos em constante processo de mutação, dada a singularidade de cada um, de seus aprendizes e sucessores que se renovam e se recriam.

Somente a partir da Constituição Federal de 1988 que a imaterialidade ganha status de patrimônio cultural, mas somente a partir do Decreto nº 3551, de 2000 e da Resolução nº 1, de 2006 que as formas de preservar os patrimônios imateriais foram organizadas pelos Livros de Registros, em que o bem que apresenta relevância à sua comunidade detentora passa por uma avaliação para poder compor de acordo com suas características um determinado Livro de Registro, que são dispostos em quatro dimensões:

-) Livro de Registro de Saberes: destinado aos bens que se relacionam ao modo de fazer, enraizado no cotidiano das comunidades;
-) Livro de Registro das Celebrações: voltado aos rituais e festas presentes na vida coletiva, sendo por meio da religiosidade, do entretenimento, ou outras vivências do meio social;
-) Livro de Registro das Formas de Expressão: contempla as diversas manifestações das linguagens artísticas, sendo elas plásticas, musicais, literárias ou lúdicas;
-) Livro de Registro de Lugares: se reporta a espaços em que se reproduzem práticas culturais coletivas, como feiras, santuários, mercados, praças, etc.

No entanto, os patrimônios materiais e imateriais não representam categorias isoladas, visto que o estudo dos patrimônios requer um olhar para a totalidade dos elementos que constituem uma comunidade. A cidade é o território em que a vida se viabiliza, é o local em que as pessoas vivem, convivem, criam, sonham, partilhando um espaço comum que tem suas próprias dinâmicas em um determinado contexto histórico, espacial, simbólico e econômico. Desta maneira a cidade se constitui em um complexo ecossistema criado pelo homem e que sofre influências internas e externas, em que as pessoas que nela residem compartilham crenças e narrativas que contribuem para a construção de identidades individuais e coletivas e que partilham saberes e fazeres em um espaço público comum.

Gomes (2012) destaca que o termo espaço público tem sido utilizado de diversas formas, principalmente para designar o espaço como uma referência concreta, uma área física, ou um espaço abstrato em que se sustenta a vida política e democrática. Segundo o autor o espaço é simultaneamente o substrato do qual são exercidas as práticas sociais a condição necessária para que essas práticas existam e o quadro que as delimita e lhes de sentido. Uma das maneiras de ampliar nossa compreensão é pelo estudo e observação do mundo vivido, do mundo que nos cerca, da nossa vida cotidiana, da nossa comunidade com a qual partilhamos sonhos, desejos, necessidades e expectativas, na constituição dos nossos saberes e fazeres que consolida nossa existência individual e coletiva. As aprendizagens que se amparam na preservação do patrimônio cultural com o foco voltado para uma formação cidadã tanto na educação formal como na educação não formal exigem exige um olhar com conceba uma perspectiva crítica que supere uma formação meramente instrumental.

É preciso considerar que educar é proporcionar um diálogo entre o indivíduo e o mundo, com a realidade na qual convive no seu cotidiano em consonância com os conhecimentos e sentidos atribuídos em diversas épocas e contextos sociais. Educar de forma crítica impõe ir além das aparências em busca constante para desvelar as essências das coisas e dos fatos, com vistas a confrontar seus sentidos, sua permanência, as influências que exercem sobre o mundo atual, como também as ausências, as lacunas entre tantas outras questões que merecem uma reflexão e aprofundamento sobre as adequações (ou inadequações) dos sentidos e significados que foram se consolidando com o tempo, à nossa época, aos nossos anseios, desejos e necessidades, rumo à construção de um mundo mais democrático, justo e solidário.

Abordar a historicidade da preservação do patrimônio vai ao encontro das ideias do autor ao buscar conhecer a identidade de um povo através de suas crenças, pensamentos, opiniões, modo de viver e etc. Através do reconhecimento de um povo e uma comunidade é que a pesquisa terá embasamento para dialogar a respeito do patrimônio existente naquele espaço. Para isso, é preciso reconhecer nos sujeitos e no espaço a oportunidade de conhecer os responsáveis pela construção e reconstrução de memórias responsáveis por construir um presente carregado de passado.

Como afirma nas suas escritas o auto da Invenção das tradições Hobsbawm (1984)

Muitas vezes “tradições” que parecem antigas são bastante novas ou até mesmo inventadas. Entendemos por tradição inventada um conjunto de práticas de natureza simbólica, normalmente reguladas por regras ou abertamente aceitas, que visam estabelecer certos valores e comportamentos baseados na repetição, implicando automaticamente em uma continuidade em relação ao passado.

A partir da criação dos rituais nas manifestações do “saber popular das mulheres” e nas práticas das curas com a essência da natureza, construiu-se uma “invenção” que se torna significativa e expressiva nessas representações para as comunidades. A pesquisa o Patrimônio Cultural Imaterial em São Pedro do Sul com o ‘saber popular das mulheres’ tem um determinado fins social e educativo, empoderando o reconhecimento das raízes culturais dos antepassados no aprendizado das ervas e infusão de chás no meio ambiente que estão inseridos, instituindo assim, uma memória que funcionará como estoque de lembranças afetivas, educativas e de conhecimento, pois são práticas empíricas, cientificamente comprovadas em estudos e pesquisas como eficaz nos tratamentos de saúde física e espiritual, com as ervas/chás.

MEMÓRIA ORAL

Quando exteriorizado a pertinência da escrita, o uso da história oral, é o apêndice nas ferramentas de pesquisas acadêmicas, escolares e nos trabalhos jornalísticos no cotidiano. A caracterização da memória oral é uma metodologia da história, que busca através do “ato de ouvir” e registrar na escrita, as vozes dos indivíduos que de uma forma foram excluídos desta história oficial. A autora Guedes Pinto menciona no Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora:

[...] a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais: “A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (2002, p.95)

Os ensinamentos que constitui a história oral, que poderá ser construída pelas memórias individuais e ao mesmo tempo correspondente as memórias coletivas. No dicionário online encontramos vários significados para a palavra “memória”: como “substantivo feminino; Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente; efeito da faculdade de lembrar; lembrança: não tenho memória disso!; recordação que a posteridade guarda: memórias do passado; dissertação sobre assunto científico, artístico, literário, destinada a ser apresentada ao governo, a uma instituição cultural etc”. Ampliando os conceitos “algo representativo” ou de uma “herança do passado”, que poucas

vezes estão escritas como forma de registros, mas são encontradas na maior parte nas vivências e praticadas da oralidade dos antepassados. Afirmando a compreensão do artigo de História e Memória - JACQUES LE GOFF: A instituição é a do mnemon que “permite observar o aparecimento, no direito, de uma função social da memória” (Gernet, 1968, p. 285).

O mnemon é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de “memória” e está limitado a uma operação ocasional. As relações de memória da oralidade podem ser utilizadas com linguagem falada como Henri Atlan descreve que significa o procedimento de “que antes de ser falada ou escrita existe a linguagem da memória”. (1972, p. 461).

Todavia utiliza-se a linguagem da fala para depois ter a linguagem da escrita, esses tornam um processo que armazena o conhecimento da memória. As diversas formas de descrever as memórias, principalmente quando o processamento de pesquisa qualitativa no estudo da memória social é fundamental compreender e abordar os acontecimentos que ocorreram no momento dos fatos da história, na construção das narrativas dos saberes rurais, com a prática das mulheres com as ervas medicinais e a infusão dos chás.

A história das ervas medicinais tem ampla interpretação civilizadora em relação a linguagem da fala, e na memória oral, entende-se que cada sociedade tem sua própria construção da oralidade, não é como a escrita que delinea “palavra por palavra” na utilização das ervas e chás. Ao criar conhecimento, informação e significado com a memória, construímos a capacidade de “evocar” os ensinamentos das ancestrais com imagens, símbolos, e rituais na conservação do “passado”, ou seja, a memória pode ser herdada. Para Izquierdo (1988),

[...] a construção da memória envolve processos que se convencionaram denominar “consolidação”, entendidos tanto no sentido de solidificação de memórias, como no da junção de várias memórias. A reconstrução, que é à base da evocação, e, portanto, o único meio de medir ou determinar se cada memória existe, envolve também processos de consolidação, análogos àqueles desenvolvidos na construção. 1998 (apud ROZISKY, 2013).

Nesse contexto a “memória das práticas das ancestrais no ensinamento das ervas e na benzedura e na cura” é uma herança de aprendizados que constitui a valorização pela população de São Pedro do Sul, como Patrimônio Cultural Imaterial da sua comunidade. Como descreve Prats no seu conceito de patrimônio cultural que pode ser considerado socialmente dignos de preservação, não interessa a sua prática, podendo esse conceito ser estendido ao patrimônio natural, e aqui relacionamos a natureza com suas ervas. A partir desses processos de conhecer os patrimônios naturais ou não, temos elementos que são culturalmente selecionados pela história oral, como construtor social, as narrativas das “mulheres sabias” com seus tons naturais da cura e a conexão com a natureza a

milhares de anos, perpetua-se a legitimação deste discurso como habilidades das vozes das mulheres com a “Mãe Terra”: Nas palavras de Prats (1998, p. 63).

“el patrimonio cultural es una invención y una construcción social” este sentido, [...] ninguna invención adquiere autoridad hasta que no se legitima como construcción social y que ninguna construcción social se produce espontáneamente sin un discurso previo inventado (ya sea en sus elementos, en su composición y/o en sus significados) por el poder, por lo menos, repito, por lo que al patrimonio cultural se refiere.

O discurso das vozes das mulheres com suas práticas dos “saberes populares” tem elementos que “carregam” seus símbolos, suas linguagens, suas ideias e seus valores que construí e empoderam suas identidades, ou seja, Patrimônio Cultural Imaterial.

MULHERES E A (RE)CONSTRUÇÃO DA VIDA

De acordo com Butler (2015), a capacidade epistemológica de aprender uma vida é parcialmente dependente de que essa vida seja produzida de acordo com normas que a caracterizam como uma vida ou, melhor dizendo, como parte da vida. Desse modo, a produção normativa da ontologia cria o problema epistemológico de aprender uma vida, o que, por sua vez, dá origem ao problema ético de definir o que é reconhecer ou, na realidade, proteger contra a violação e a violência. Estamos falando, é claro, de diferentes modalidades de “violência” em cada nível desta análise, mas isso não significa que todas sejam equivalentes ou que não seja necessário estabelecer alguma distinção entre elas. Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito.

Ainda conforme Butler (2015), os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o “ser” do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento.

Ao mesmo tempo, seria um equívoco entender a operação das normas de maneira determinista. Os esquemas normativos são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. Assim, há “sujeitos” que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente — ou, melhor dizendo, nunca — são reconhecidas como vidas.

Em que sentido, então, a vida excede sempre as condições normativas de sua condição de ser reconhecida? Afirmar isso não significa dizer que a “vida” tem como essência uma resistência à normatividade, mas apenas que

toda e qualquer construção da vida requer tempo para fazer seu trabalho, e que nenhum trabalho que ela faça pode vencer o próprio tempo. Em outras palavras, o trabalho nunca está feito definitivamente. Este é um limite interno à própria construção normativa, uma função de sua “iterabilidade” e heterogeneidade, sem a qual não pode exercitar sua capacidade de modelagem e que limita a finalidade de qualquer de seus efeitos.

Com base nisso, compreende-se que produzir e vivenciar uma vida também implica em produzir memórias que são necessárias ao desenvolvimento do tempo e do espaço para que a partir dela se possa construir um futuro, tendo em vista que para que se tenha um presente e um futuro é necessário reconhecer o passado e toda a sua história como instrumento de valorização da memória.

A história é feita com o tempo, com a experiência do homem através de suas histórias e memórias. E dentro dessa história que é carregada e recheada de memórias podemos destacar a participação das mulheres na antiguidade que através de atos de curandeirismo com chás e infusões de ervas foram responsáveis por manter vivos sujeitos importantes e necessários na construção das memórias do nosso presente e futuro.

É importante lembrar que as mulheres têm grande participação na construção do patrimônio imaterial construído na antiguidade através de sua participação ativa na construção da sociedade, seja através dos trabalhos domésticos, do trabalho no campo, das funções de curandeiras e benzedoras – as mulheres são instrumentos importantes e valiosos na construção da memória que temos hoje.

As mulheres neste período não tinham uma posição social de igualdade frente aos homens. O ideal de mulher estava atribuído à virgindade, a pureza, a submissão e a maternidade. O poder dos clérigos e dos príncipes era um poder voltado ao sexo masculino, misóginos porque estavam convencidos da impureza e da inferioridade da mulher, e até mesmo de sua “ruindade”. Vários fatores contribuíram para a naturalização da inferioridade da mulher no discurso dos homens na Idade Média. Especialmente nos países católicos, a escolarização das mulheres fez-se bastante restrita e tardia ainda no século XVI.

O único médico do povo foi a feiticeira, mas a Igreja Católica não concordava com a ideia de que a mulher pudesse curar com suas ervas medicinais, pois quem devia praticar a cura nesta época eram os homens formados, e muitas dessas mulheres não tinham uma formação, pois detinham certo conhecimento que fora passado de geração para geração. Muitos desses homens que podiam praticar a cura estavam ligados com a igreja, desta forma também existia um jogo de interesses, de modo que a Igreja Católica seguiu declarando, no século XIV, que se a mulher ousasse praticar a cura, sem ter estudado para tanto, seria considerada feiticeira e teria como punição a sua morte.

Desta forma a feiticeira arriscava muito, pois ninguém pensava que aplicados exteriormente, ou tomados em dose muito pequena, os venenos podiam ser utilizados como remédios, assim também como algumas ervas. Michelet defende que “é certo que a planta assusta”. “Trata-se do meimendo, veneno cruel

e perigoso, mas poderoso emoliente, suave cataplasma sedativo que resolve, distende e resolve a dor e muitas vezes cura” (MICHELET, 2003, p.100).

Compreendemos então, que a mulher se encontra em muitas passagens da história, mas que na maioria das vezes não é lembrada de tal forma, dentre essas mulheres estavam as curandeiras, que com o seu conhecimento acerca das ervas medicinais, assim como experiência, auxiliaram muitas pessoas dentre os séculos XV, XVI e XVII. Como o Michelet ressalta em seu livro a Feiticeira, que o médico do povo eram muitas vezes essas mulheres, que não detinham uma formação, mas que conheciam muitas ervas, e também em que cada uma podia ajudar essas pessoas nesse contexto (MICHELET, 2003, p.13). Passaram então a serem vistas como supostas bruxas, sendo esse processo desencadeado, com a ajuda do Malleus, baseado no contexto em que se encontravam e as relações de poder da época. O manual de Inquisidores do século XV ressalta a aliança das bruxas e os demônios. O Malleus Maleficarum (ou O Martelo das Bruxas), obra dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger (1487) afirma:

Há três coisas insaciáveis, quatro mesmo que nunca dizem: Basta! A quarta é a boca do útero. Pelo que, para saciarem a sua lascívia, copulam até mesmo com demônios. Poderíamos adiantar ainda outras razões, mas já nos parece suficientemente claro que não admira ser maior o número de mulheres contaminadas pela heresia da bruxaria. E por esse motivo convém referir-se a tal heresia culposa como a heresia das bruxas e não a dos magos, dado ser maior o contingente de mulheres que se entregam a essa prática. (...)” (Revista Brasileira de História das Religiões, vol. III, nº 9, 2016.).

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Mas, sobretudo porque, para o historiador, em função do processo permanente de estruturação social, assim denominado por Philip Abrams, as mulheres vivem e atuam no tempo.

A caça às bruxas, iniciada na Europa a partir da junção do Estado e da Igreja Católica, constituiu-se como um dispositivo que, segue ardente no presente, e fornece contornos para as perseguições, violências e assassinatos praticadas contra diferentes mulheres. Tais perseguições se tornaram uma prática emergente no complexo contexto sócio-histórico dos séculos XV, XVI e XVII na Europa, gerando um ambiente de medos e incertezas que culminou na busca pelos culpados das mazelas sociais pertinentes ao período.

O conhecimento formulado por esses grupos de mulheres foi, e ainda permanece, considerado como perigoso pelo poder colonial/inquisitorial. As bruxas possuíam analgésicos, digestivos e tranquilizantes, usavam esporas de centeio (cravagem do centeio) para aliviar a dor do parto, o que se contrapunha à moral religiosa cristã que à época compreendia a dor feminina como um castigo

divino resultante do pecado original de Eva. Ademais, as parteiras e curandeiras partilhavam de técnicas mecânicas de compressão abdominal, esfregando e diminuindo a pressão abdominal para facilitar o trabalho de parto. Esses conhecimentos populares eram realizados predominantemente por mulheres que, por vezes, utilizavam palavras e rituais mágicos para auxiliar no processo de cura. Frequentemente eram ainda convocadas para ajudar a prever o futuro, encontrar itens perdidos, identificar ladrões, marcar e cuidar de animais, conceder amuletos da sorte, entregar poções do amor e ofertar conselhos.

Os conhecimentos e práticas versados no uso das ervas com finalidade de cura e tratamento para enfermidades do corpo e do espírito, foram transmitidos através da oralidade, de geração a geração, e se consolidaram como uma característica primeira das mulheres de Abya Yala. Conhecimentos que mesclavam saberes dos povos originários, dos povos de África e das mulheres exiladas pela inquisição europeia.

A história das mulheres está na maior parte associada as práticas de silenciamento e de violência que foram impostas sistêmica no período inquisitorial ou no genocida da colonização das Américas, que ora foram aplicados com métodos de torturas em níveis físicos, sexuais, psicológicos, morais e patrimoniais, que são até hoje “naturalizados”. Embora não faça mais parte de um sistema, ela permanece normalizada no cotidiano de uma grande quantidade de mulheres. Com respaldo na ideologia religiosa, na moralidade e na diferença de gênero (FEDERICI, 2019).

São teorias que vão sendo transmitidas por gerações do patriarcado, o “natural” do gênero feminino é estar no “privado”, não sendo capaz de conseguir chegar ao nível dos homens que tem aptidões de exercer “qualquer” poder político, este exerce o “dom” da racionalidade, da força física e emocional, as mulheres ficam com a “inaptidão destes sentimentos” que correspondem apenas aos homens.

JOGO DA MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO

O Jogo de memória com figuras de ervas medicinais, contém trinta e quatro cartas, com seus respectivos pares ilustradas com imagens de ervas e seus nomes científicos e populares.





O jogo tem como objetivo incentivar através conhecimento acerca das ervas e suas funções medicinais e terapêuticas na infusão de chás, com os nomes científicos e populares. Construindo a ideia de que a infusão de ervas no chá, são saberes e sabores milenares, são passados de geração a geração principalmente pelas mulheres, torna-se um patrimônio imaterial da comunidade que vivem e através da dinâmica do jogo identificar as ervas com seus receptivos nomes científico e popular.

A ideia é aplicar nas escolas públicas e privadas, com os novos paradigmas de educação na multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade, com forma de auxílio nas várias etapas de ensino e faixa etária dos alunos. Como a dinâmica do jogo de memória em grupos para investigar, conhecer, incentivar, visualizar e trazer para si a relevância e a valorização do patrimônio cultural e imaterial das comunidades que vivem com a praticas dos saberes das mulheres na infusão de ervas /chás. Todavia, abrindo um leque de aprendizado visual, com a nomenclatura científica e nomes populares das ervas, utilizadas de várias formas na cura dos males do corpo e da alma com os saberes das mulheres e suas ancestrais A compreensão do processo de enaltecimento a autoestima, o empoderamento e a identidade cultural do patrimônio imaterial das práticas das mulheres benzedeiras e curandeiras que fazem parte seus familiares e, tem como matéria prima a natureza com suas ervas. Sendo essas ervas o seu “bem maior”, associando as vozes das suas ancestrais como herança no aprendizado, que ecoam em suas almas em cada ritual, em cada cantiga e na prática do bem maior do “ser humano”, com suas curas.

O CONHECIMENTO DAS MULHERES COMO PATRIMÔNIO ATEMPORAL E IMATERIAL

As indagações e problematizações sobre o saber e fazer das mulheres em sua multiplicidade, sua representatividade, memórias, artefatos e outras manifestações culturais envolve a ideia do diálogo a seguir. Assim como a história das mulheres envolve as concepções teóricas, a abordagem do patrimônio

em feminino também requer um aprofundamento sobre o campo de análise. Isso porque, ao pontuar o termo “patrimônio em feminino”, utiliza-se como referência teórica para essa análise a contribuição da memória de mulheres em âmbitos culturais, com os museus, espaços culturais, bens imateriais, saber e fazer feminino. Levando em conta as discussões a respeito do patrimônio em feminino, este ainda é um conceito recente e se postula a abordar a superação das desigualdades culturais e de gênero na análise do patrimônio histórico-cultural. Nas palavras de Gonçalves (2002, p.25) ‘patrimônio’ está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários, referimo-nos ao patrimônio econômico de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo, usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil.

Para compreender a história das mulheres, utiliza-se as análises de Michele Perrot (1998, p. 210), a qual argumenta que “escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e, seus arquivos destruídos”. Para a autora, essa invisibilização historiográfica foi enfatizada pela ausência feminina nas fontes que constituíam o objeto material da pesquisa histórica: o documento.

Para substanciar a análise utiliza-se também as abordagens de Garrido & Gomez (2016, p. 79), as quais destacam em seu estudo que: [...] o ‘patrimonio en Femenino’ se constituía claramente como un proyecto de investigación referente a “los museos que interpretan sus colecciones en clave de género, pero no sólo eso, sino también como un proyecto que apuesta por la innovación tecnológica y, específicamente, por la inclusión digital del género desde diferentes puntos de visto. Nota-se que a abordagem sobre “patrimonio enfemenino” nos aponta para a inclusão das abordagens sobre a contribuição, representações, objetos, coleções femininas imersas no universo cultural. Isso também nos faz analisar as ações e saberes, que podem ser interpretados, ressignificados, com uma rede de concepções que trazem a importância das memórias femininas, das representações culturais, impulsionando, assim, que se ensine história por outro prisma, envolvendo as contribuições das mulheres em espaços históricos, em edificações, em museus, em exposições, em que se pontue a questão da história das mulheres e o patrimônio em âmbito diferencial para as análises históricas. Soihet & Pedro (2007) apresentam a trajetória da formação do campo historiográfico intitulado História das Mulheres e das Relações de Gênero no Brasil.

Nesse sentido, ao particularizar a contribuição feminina, no que se estuda na história pretende-se superar a ‘generalização’ acerca do estudo do patrimônio. Isso porque, se coloca “em evidencia la organización de la sociedad em contextos específicos e históricos problematizando los mandatos atribuidos a los sujetos envirtud de sus condiciones sexo-genéricas y destacando la excepcionalidad cuando ésta emerge” (Garrido, Gómes, 2016, p. 81) Rechená (2011, p.239) dialoga sobre o feminino e o campo do patrimônio museal, argumentando

que são vários espaços de silenciamento, de simbologia, de fundamentação do “olhar” histórico, o que também pode ser entendido como um ato de justiça e “um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia participativa”.

A construção da história como instrumento de valorização da cultura e dos diferentes tipos de patrimônio deve ser valorizada e é importante mencionar a participação das mulheres na construção dessa história que é contada em diferentes gerações. As mulheres são grandes responsáveis por construir socialmente condições de vida melhores para todos e de criar estratégias de sobrevivência. Por fim, o conhecimento da história do passado e da preservação do patrimônio cultural é de extrema importância para que atualmente e futuramente sempre se tenha do que lembrar.

CONCLUSÃO

O conhecimento do homem sobre as propriedades medicinais das plantas misturou-se com sua própria gênese, uma vez que surgiu da tentativa do ser humano de suprir suas necessidades por meio dos acasos, experiências e observações. A utilização adequada das plantas com valores medicinais pode ocasionar uma série de benefícios à saúde, auxiliando na recuperação de diversas doenças. Portanto, a cura pelas ervas é uma tradição que perpassa gerações. É necessário que seus praticantes tenham para com esta arte grande responsabilidade e respeito, uma vez que a falta de entendimento sobre as mesmas e seu mau uso pode acarretar intoxicação e, em caso extremo, a morte.

A utilização da natureza no tratamento de enfermidades baseando-se no saber popular das mulheres é um dos costumes mais antigos da civilização humana. Ele remete às tribos primitivas, onde as mulheres eram responsáveis por extrair das plantas seu princípio ativo para utilizá-lo na cura de doenças. A prática da medicina popular no Brasil relacionada ao uso de ervas medicinais, coloca em evidência os diferentes saberes construídos ao longo do tempo, em várias partes do planeta durante a história. Saberes estes, exercidos por leigos que utilizavam seus conhecimentos empíricos, através de suas vivências, para a cura de algum mal. E os mesmos eram transmitidos aos seus descendentes de forma oral através das diferentes gerações.

O ser humano na sua evolução tem exercitado as práticas dos antepassados, em espaços pequenos com as práticas de cura com ervas e as práticas das benzeduras, incorporando nesses processos os rituais de limpeza, de energização e outros, mas que reforçam o objetivo da “cura” do corpo e da alma. Nesse contexto essas práticas não estão desvinculadas, pois são memórias afetivas, de experiências, de observações, de histórias orais, que se sucederam ao período da história e se sucederão com novas leituras, novos signos e novos símbolos, colocando-os no uso para o bem ou para o ‘mal’ para humanidade atual.

REFERÊNCIAS

- BONINI, L. M. Patrimônio imaterial: inventário e registro dos fazeres e saberes das rezadeiras da festa do Divino de Mogi das Cruzes. São Paulo: Ícone, 2014.
- BUTLER, Judith. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto? Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.
- FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais. Tradução HeciRegina Candiani. 1. edição. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GARRIDO, R. C.; GÓMEZ, A. N. Género en red: seis años de «Patrimonio en Femenino». En: La memoria femenina: mujeres en la história, história de mujeres (patrimonio enfemenino): lbermuseus, 2016.
- GOMES, Paulo. C. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. LARAIA, Roque de B. Cultura: um conceito antropológico. 25. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. RJ: Vértice, 1990
- HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IZQUIERDO, Ivan. Organização, consolidação, construção e reconstrução da memória. Porto Alegre: UFRGS, s.n; 1988.
- LE GOFF, Jacques. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997. p.139 e 138, respectivamente
- LEFF, Enrique. Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Vozes, Petrópolis, Brasil, 2009.
- MICHELET, Jules. A Feiticeira, tradução: Ana Moura- São Paulo: Aquariana, 2003.
- PERROT, M. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- RECHENA, A. Museologia Social e Gênero. Cadernos do CEOM, ano 27, n. 41, 2011.
- SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

A COZINHA QUILOMBOLA, ALIMENTO, CULTURA E HISTÓRIA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE VOVÓ ISABEL EM NOVA PALMA – RS

QUILOMBOLA CUISINE, FOOD, CULTURE AND HISTORY: A STUDY IN THE VOVÓ ISABEL COMMUNITY IN NOVA PALMA – RS

Walter Corrêa Raddatz

RESUMO

O presente capítulo visa apresentar o processo de criação e desenvolvimento da dissertação de mestrado, apresentada ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural, na Linha de Pesquisa de “História e Patrimônio Cultural” da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). A presente pesquisa objetiva dar visibilidade a cozinha quilombola como impulsor do reconhecimento de patrimônio cultural na região da Quarta Colônia, interior do Estado do Rio Grande do Sul, na comunidade quilombola Vovó Isabel em Nova Palma – RS. Desta forma ao estudar os hábitos quilombolas da região mencionada, poderá se conhecer mais sobre a história, sobre a cultura e sobre as tradições quilombolas presentes na região, lhes garantindo o reconhecimento que merecem. Para tanto, o problema da presente pesquisa buscou-se investigar: Como ocorre a transmissão de saberes e conhecimentos culinários quilombolas na comunidade Quilombola Vovó Isabel em Nova Palma-RS? Para responder a esta questão, foi utilizada como metodologia: abordagem qualitativa somada a metodologia das narrativas autobiográficas, tendo como instrumentalização técnica entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. Como resultado, ficou evidenciado que a transmissão de tais saberes e conhecimentos é realizada no seio familiar dividida com a comunidade que compartilha as mesmas bases culturais, e a mesma identidade cultural, e ainda, que a gastronomia quilombola demonstrou ser uma alternativa capaz de gerar perpetuar a história, valorização o patrimônio imaterial da comunidade, e, inclusive fomentar o turismo gastronômico da região.

Palavras-Chave: Comida. Comunidade Quilombola Vovó Isabel. Gastronomia Quilombola.

ABSTRACT

This chapter aims to present the process of creation and development of the master's thesis, presented to the Master's course in Cultural Heritage, in the "History and Cultural Heritage" Research Line at the Federal University of Santa Maria (UFSM, RS). This research aims to give visibility to quilombola cuisine as a driver of the recognition of cultural heritage in the Quarta Colônia region, in the interior of the State of Rio Grande do Sul, in the quilombola community Vovó Isabel in Nova Palma – RS. In this way, by studying the quilombola habits of the mentioned region, you will be able to learn more about the history, culture and quilombola traditions present in the region, guaranteeing them the recognition they deserve. To this end, the problem of this research sought to investigate: How does the transmission of quilombola knowledge and culinary knowledge occur in the Quilombola Vovó Isabel community in Nova Palma-RS? To answer this question, the following methodology was used: a qualitative approach added to the methodology of autobiographical narratives, using semi-structured interviews and questionnaires as technical instrumentation. As a result, it became clear that the transmission of such knowledge is carried out within the family divided with the community that shares the same cultural bases, and the same cultural identity, and also that quilombola gastronomy demonstrated to be an alternative capable of generating perpetuation history, appreciation of the community's intangible heritage, and even promoting gastronomic tourism in the region.

Keywords: Food. Quilombola Community Vovó Isabel. Quilombola gastronomy.

INTRODUÇÃO

O alimento, seu cultivo, o modo de preparo, servir e comer é um bem comum a ser preservado. Todos possuímos saberes, aromas e sabores que são armazenados na memória, são conhecimentos culinários que formam, desde a infância uma base cultural muito forte. “A comida de verdade, aquela preparada por pessoas de verdade, é um patrimônio cultural, tanto material – por seu aspecto físico, palpável e degustável” e é patrimônio imaterial, pelo “simbolismo que representa na história e no cotidiano” (FBSSAN, 2015).

O método de preparo de determinado alimento pode mudar de região a região, mas os saberes e ensinamentos que envolvem a culinária dos povos não muda. Pensando nisso o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a preservação de processos culinários confeccionou um “Livro de Registro dos Saberes” para relacionar bens imateriais que transmitem conhecimentos e modos de preparo que estão inseridos no cotidiano das comunidades (FBSSAN, 2015).

A comida é o alimento transformado pela cultura” (AMON; MENASCHE, 2008, p. 15), nesse sentido, os quilombolas são exemplos de cultura, saberes e história, possuem hábitos, receitas de uma riquíssima culinária que necessita ser documentada. Seu passado é um legado, marcado por resistência contra um Estado opressor, que fez de tudo para apagar suas contribuições e seus territórios.

A presente pesquisa, visa identificar a culinária quilombola da Quarta Colônia, mais precisamente em Nova Palma, no Quilombo Vovó Isabel, que ocupa uma área de 1,25 hectares, onde todos os membros são descendentes do Sr. Arnesto Penna Carneiro, fundador do quilombo, resultando em um livro com a história do quilombo, principais saberes e receitas.

O patrimônio imaterial garante que a história e a identidade de uma sociedade se mantenham viva através de saberes e costumes que são repassados de geração a geração. Quanto mais especificadamente a gastronomia, possibilita que a história de determinado povo, se perpetue através dos alimentos, receitas e técnicas de preparação, e ainda, dos conhecimentos tradicionais sobre a produção e a conservação de alimentos.

Desta forma ao estudar os hábitos quilombolas da região mencionada, poderá se conhecer mais sobre a história, sobre a cultura e sobre as tradições quilombolas presentes na região, lhes garantindo o reconhecimento que merecem.

A culinária faz parte da identidade e da história dos povos étnicos constituinte do nosso estado. Considerada Patrimônio Cultural e Imaterial necessita ser preservada sua manifestação no sul do Brasil. Questiona-se então: Como ocorre essa transmissão de saberes e conhecimentos culinários dos quilombolas na comunidade Quilombola Vovó Isabel em Nova Palma-RS?

A justificativa do presente trabalho subdivide-se no trinômio social, científico e pessoal. Justifica-se socialmente, pela relevância do tema, pois as comunidades quilombolas por centenas de anos foram invisíveis aos olhos de

grande parte da sociedade, fazem parte da classe marginalizada, oprimida pelo Estado e seus governantes, que necessita de políticas públicas e visibilidade.

Neste cenário, com tal desgaste, muitos dos saberes da ancestralidade desse povo foram perdidos aos longos dos anos, sendo necessário realizar esse resgate da comunidade quilombola com o alimento que retrata muito do contexto social brasileiro. Desta forma, a justificativa social da presente pesquisa, dá-se pelas contribuições efetivas para preservação da cultura quilombola, dos saberes e sabores ancestrais.

Justifica-se cientificamente por ser um tema que necessita de estudo e muitas pesquisas, pois estamos diante de uma comunidade que se dispõe a contribuir com informações que fortaleceram o diálogo entre a Universidade e a comunidade quilombola, contribuindo efetivamente para a diversidade cultural da região e do Brasil, dando segmento a pesquisas já em andamento relacionando o tema de gastronomia e patrimônio cultural. Ainda indo ao encontro dos Projetos Geoparques e Progredir Geoparque Quarta Colônia da Universidade Federal de Santa Maria.

Pessoalmente, se justifica, pelo pesquisador trabalhar na área dos alimentos, e por possuir conhecimento de realizar uma pesquisa relacionada a essa temática de tanto apreço.

Desse modo o objetivo do presente trabalho é identificar quais são os conhecimentos culinários da cultura quilombola presentes na comunidade Vovó Isabel em Nova Palma-RS, e, como objetivos específicos estudar o que compreende o patrimônio histórico imaterial, em especial a cultura gastronômica; identificar o que compreende a cozinha quilombola, apresentando os conhecimentos culinários, conceitos e entendimentos sobre a temática; e documentar a importância da culinária quilombola na história da comunidade Vovó Isabel e nas tradições quilombolas através de um livro de receitas.

A abordagem empregada será um estudo qualitativo da comunidade quilombola Vovó Isabel sob uma análise transdisciplinar, do patrimônio cultural, da história e da gastronomia. Através das narrativas autobiográficas, foi possível dar voz aos sujeitos que são fontes primárias, fontes orais, conferindo um verdadeiro protagonismo a comunidade quilombola, bem como complementado com a aplicação de questionários.

FUNDAMENTAÇÃO

O presente capítulo busca trazer base teórica e introduzir a temática do patrimônio histórico imaterial até a identificação e promoção da cozinha quilombola, e como essa contribui para a afirmação cultural e social dessas comunidades, para a memória coletiva, enfim para o patrimônio histórico e cultural.

A alimentação e a história se entrelaçam, pois, desde o início da humanidade comer é um fator determinante para a sobrevivência. Grande parte da migração, da economia e da cultura se moldavam na busca constante por territórios onde existia a possibilidade de subsistência, de produção de alimento (MACIEL, 2005, p.49).

Além da necessidade biológica, a alimentação também é vista como uma prática cultural que envolve rituais em sua produção, a preparação e preparo de alimentos (MACIEL, 2005, p.49). Ela reflete as tradições de uma comunidade, bem como a transmissão desses conhecimentos entre gerações constituem como identidade ou diferença entre os mais diferentes povos (AZEVEDO, 2017, p.276-277). Neste sentido:

Devemos considerar que o hábito alimentar de uma cultura foi constituído inicialmente pela disposição regional de alimentos e, posteriormente, através de contatos entre diferentes povos, houve a produção de novos produtos, ampliando as possibilidades alimentares. O estudo da alimentação é um elemento para o entendimento da sociedade e de seu desenvolvimento (GARCIA, 1995). Os hábitos das pessoas de todas as partes do mundo têm sido influenciados por convicções e valores culturais, religião, clima, localização regional, agricultura, tecnologia, situação econômica, etc. Consequentemente, os hábitos alimentares variam de país para país e de região para região dentro de um mesmo país. A forma de vida de cada grupo é identificada como cultura. Uma cultura pode ver o alimento como uma forma de saciar a fome e outra como uma fonte de prazer e oportunidade de socialização. A família, a igreja, a escola passam a prática cultural de uma geração para outra. Cada pessoa seleciona e consome alimentos baseada nesse guia cultural (MEDVED, 1981). (ABREU et al, 2001, p.11).

Da mesma forma, Mascarenhas e Gândara (2012, p. 138) complementam que “a comida de festa também evolui conforme a cultura e todos os seus aspectos, assim como também é uma das formas de saudar uma época anterior e mostrar isto às novas gerações em um ambiente de comemorações”.

A riqueza cultural do Brasil está ligada as mais diversas práticas culinárias e gastronômicas tradicionais, tais saberes ajudam a formar nossa identidade cultural. Nessa perspectiva entre a cultura alimentar e a história, a gastronomia quilombola pode ser considerada como uma poderosa ferramenta para o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro. Essa culinária, rica e diversificada remete a história, da resistência e da identidade da comunidade.

Inicialmente, faz-se essencial entender que patrimônio é uma palavra que possui origem no latim “patrimonium”, com a união da palavra pater que significa pai, do sufixo monium que indica uma condição, uma ação. Desta forma, etimologicamente, patrimônio é aquilo que recebemos do pai, ou como herança, aquilo que é passado de geração a geração. (GHISLENI, 2021). Com as evoluções históricas, seu conceito foi ampliado para poder ser aplicado as diferentes áreas da história, da cultura e arquitetura.

O Artigo 216 da Constituição Federal, conceitua patrimônio cultural como sendo os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, por serem portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Como o próprio texto do artigo menciona, o patrimônio cultural pode ser dividido, conforme sua natureza, em duas categorias: material e imaterial. Sendo assim, o patrimônio material compreende o conjunto de bens culturais móveis e imóveis que possuem valor arqueológico, histórico, bibliográfico, artístico ou etnográfico de interesse público e ligação histórica da comunidade; enquanto o patrimônio imaterial, se relaciona aos ensinamentos, que são transmitidos por gerações, representando a história, a identidade, e recriados por seus povos conforme a cultura (IPHAN).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO tem como uma de suas finalidades a proteção do patrimônio da humanidade e seus museus, e neste viés desenvolve um importante papel na promoção de convenções e programas destinados a proteção do patrimônio imaterial (IPHAN).

Em nosso país, a defesa e valorização do patrimônio cultural, bem como a produção, promoção e difusão de bens culturais, e, a formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões estão presentes no texto constitucional visando a valorização da diversidade étnica e regional.

Ainda, a Constituição Federal em seu art. 215, estabelece que ao Estado cabe garantir a toda população “o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais”, bem como, é responsável por proteger as manifestações culturais e populares da cultura indígena e afro-brasileira, além de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. (BRASIL, 1988).

Desta forma, além da previsão constitucional, existe uma série de normas e dispositivos legais que garantem o reconhecimento e a preservação do patrimônio cultural, em especial o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, é o órgão responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

A alimentação está presente desde o início da civilização, pois somente com o alimento existe a vida, e conseqüentemente a história, a tradição, os saberes e a cultura dos povos. Existem receitas que são passadas de geração a geração, existem alimentos característicos de determinada região, e conforme a colonização de cada país. Para que tais práticas e saberes continuem a existir nas futuras gerações, devemos conservar práticas capazes de eternizar tais receitas ou tradições, desta forma, desde que reconhecida sua importância histórica ou cultural, os alimentos, hábitos e seu preparo podem ser considerados patrimônio imaterial.

Os alimentos se refletem hábitos, cultura e diferenças sociais, inclusive a maneira como os indivíduos da cidade se alimentam é diferente da alimentação na zona rural. Nosso país possui uma riqueza nutricional muito grande, e, conforme foi sua colonização ou evolução histórica, as receitas típicas regionais são muito diferentes.

Esses saberes e práticas, transmitidos de geração para geração, constroem as identidades e reforçam o sentimento de pertencimento social. As culturas

gastronômicas tradicionais estão alicerçadas nesses sabores, saberes e fazeres, na tradição, na história e nas formas de produção e consumo. Esses valores constituem os chamados patrimônios culturais gastronômicos, a serem (re) conhecidos na busca da compreensão dos significados da alimentação para a cultura em que está inserida, assim como o seu caráter identitário para aquela população (FRIGO, 2023, p.19).

O Registro de Patrimônio Cultural Imaterial é feito em muitos países e por organizações internacionais, através da catalogação de tradições, práticas culturais, e de conhecimentos que são considerados importantes na construção da identidade cultural de um povo ou de uma região, visando garantir sua identificação, sua documentação e proteção (IPHAN).

No Brasil, cabe ao IPHAN realizar registro dos bens imateriais. Mais especificamente aos alimentos e seu preparo, são registrados nos “Livro de Registro dos Saberes”. Conforme o antropólogo carioca Raul Lody, foi o responsável por solicitar o primeiro registro oficial, no ano de 2005, do acarajé como patrimônio cultural imaterial, alegando todo o aspecto histórico, e os imensuráveis valores que esse alimento possui as baianas e sua região (FBSSAN, 2015).

A gastronomia é a transformação do ato de comer, são técnicas, tradições e até mesmo pesquisas que influenciam a preparação do alimento, pode ser definida pela Professora e Cheff de Cozinha, Daianna Marques dos Santos, em sua obra “História da gastronomia mundial” como a união de várias tradições que “faz uma síntese das culturas que se destacaram ao longo da história da humanidade. Podemos afirmar que toda cozinha tem sua marca no passado, na história da cultura da sociedade, da história do seu povo e da nação à qual pertence” (SANTOS, 2018, p.3).

Patrimônio cultural gastronômico¹ pode ser denominado como o reconhecimento das tradições alimentares presentes no patrimônio cultural imaterial de uma comunidade ou nação. Tal distinção se refere a pratos típicos, modos de preparo, festividades, e até mesmo ingredientes locais, relacionadas a cultura alimentar que se relacionam a identidade de um povo (MULLER, 2012, p.23).

A valorização e preservação dos patrimônios Gastronômicos locais é uma garantia as futuras gerações, diante de um mundo tão instável, e com constantes evoluções tecnológicas “salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade de modo sustentável”. (MULLER, 2012, p.233).

A preservação do conhecimento tradicional gastronômico busca garantir que “os saberes e fazeres transmitidos de pais para filhos que se encontram ameaçados frente ao fenômeno da globalização” sejam protegidos, reconhecendo seu valor, sua história e cultura (MULLER, 2012, p.23).

Reconhecer e valorizar as tradições culinárias como patrimônio cultural é crucial para a preservação da história e da diversidade gastronômica. Iniciativas de documentação, educação e promoção das culinárias tradicionais ajudam

¹ A autora explica que “a inserção dos saberes e fazeres da gastronomia como patrimônio cultural imaterial” também pode ser conhecida como “patrimônio cultural gastronômico” (MULLER, 2012, p.23).

a proteger os conhecimentos, técnicas e ingredientes únicos, incentivando a perpetuação de tais saberes (MULLER, 2012, p.34).

Também se reforçam-se os laços comunitários e a identidade cultural da região, conseqüentemente possibilitando o surgimento do turismo gastronômico e da valorização de produtos locais, tendo em vista que muitas pessoas buscam o acesso a culinária local, a sabores e temperos ancestrais para sentirem-se parte integrante da história.

As comunidades quilombolas ao longo da história foram invisíveis aos olhos de grande parte da sociedade. E com tal desgaste, muitos dos hábitos e da ancestralidade desse povo foram perdidos aos longos dos anos, sendo necessário realizar esse resgate da comunidade quilombola com o alimento que retrata muito do contexto social brasileiro.

Cabe mencionar que a região em que o Quilombo se localiza, pertence ao município de Dona Francisca, parte integrante do que chamamos de “Região da Quarta Colônia”². E a presente região, visando “preservação da cultura local e de seus territórios” conquistou no ano de 2023, graças a integração o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) a certificação como Geoparque Mundial da UNESCO³, por comprovadamente ser um “território é fonte de um patrimônio paleontológico singular em nível internacional, comparável a poucas regiões do planeta”, com “rochas sedimentares que sustentam a paisagem deste território, depositadas entre 233 e 225 milhões de anos atrás” (GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA, 2023).

O Quilombo Vovó Isabel, que ocupa uma área de 1,25 hectares, onde todos os membros são descendentes do Sr. Arnesto Penna Carneiro, fundador do quilombo. Atualmente, cerca de 115 pessoas moram no quilombo, em 46 famílias, que contam com uma Associação, com escola, e uma agroindústria com produtos provenientes de receitas e alimentos cultivados no quilombo.

2 A “Região da Quarta Colônia” é formada por nove municípios do Rio Grande do Sul: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Sêca, São João do Polêsine e Silveira Martins. O Geoparque Quarta Colônia Aspirante UNESCO surgiu por iniciativa Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Visando novas alternativas para a economia regional, de maneira sustentável, e a conservação do patrimônio natural e cultural. “A beleza natural das nossas paisagens, a abundância de água dos nossos rios e de nossas cascatas, a raridade dos fósseis aqui encontrados que testemunham as mudanças ambientais do planeta nos últimos 250 milhões de anos e a diversidade cultural que resulta dos povos nativos e estrangeiros, formam um conjunto de características singulares no nosso território. Estas, se bem articuladas, podem permitir que a possamos legar, às nossas próximas gerações, um futuro em que a qualidade de vida esteja em sintonia com a conservação da nossa cultura e herança geopatrimonial” (FIGUEIRÓ et al, 2023).

3 Cabe destacar que: “Geoparques são territórios de um ou mais municípios reconhecidos como regiões de referência científica, cultural, paisagística, geológica, arqueológica, paleontológica e histórica. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), os Geoparques se definem como sítios e paisagens de relevância geológica internacional e que devem ser administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável (FABRIZIO; NUNES; LISBOA FILHO, 2022, p. 6).

Desta forma, o Quilombo Vovó Isabel representa a identidade histórica e cultural da região, bem como a culinária vivenciada no cotidiano, transmitida pelas tradições representam memórias e uma resistência histórica.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa de cunho documental e bibliográfico, somada a metodologia das narrativas autobiográficas, tendo como instrumentalização técnica entrevistas semi-estruturadas, e aplicação de questionários. Associado a elaboração de resumos dos autores, fichamentos dos principais artigos relacionados a pesquisa, e a elaboração de diários de campo com o levantamento das informações obtidas através das visitas a comunidade e a região.

Quanto ao meio de abordagem do problema, optou-se pela realização da pesquisa de natureza qualitativa. Na pesquisa qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (MARCONI, LAKATOS, 2002).

Por meio do modo qualitativo, se pode fazer uma análise com base em histórias, relatos, tradições e protagonismos essenciais a conclusão a presente pesquisa. Minayo (2007, p.21) complementa que a pesquisa qualitativa é essencial quando o objeto de estudos não se pode quantificar por tratar sobre a realidade social humana, necessita-se de uma análise humana.

De maneira complementar, quanto aos meios de investigação, pode ser considerada como pesquisa bibliográfica, conforme salienta GIL (2008, p. 55), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” buscando um conhecimento analítico para melhor análise dos dados e fundamentação teórica da investigação. Salienta-se que, as pesquisas bibliográficas iniciaram-se antes da busca pelos dados, e análise das narrativas. Mas de certa forma foi fundamental para o entendimento mais conceitual do tema, tendo em vista que na confecção do projeto para ingressar na seleção já começou a busca por artigos e livros nessa temática.

A seleção das fontes bibliográficas que integram a presente pesquisa, se deu por meio da indicação do autor, da banca, e pela busca de livros e artigos científicos, dissertações e teses, que abordam a temática e que tivessem fonte confiável.

Consoante, buscou-se na narrativa autobiográfica o suporte para metodologicamente se registrar a pesquisa oral, pois, “a intenção do uso das narrativas autobiográficas é ultrapassar a prática metodológica eminentemente técnica e, não raro, cartesiana relacionada com os usos da história oral tradicional, especialmente no Brasil” (CUNHA, 2019, p.95).

Os instrumentos de coleta foram entrevistas semiestruturadas com moradores do quilombo buscando a obtenção de dados e narrativas que contribuíssem para o desenvolvimento da pesquisa. Da mesma forma que quando não se atingiu a quantidade de entrevistas idealizadas, foi utilizado de questionários para uma melhor complementação de lacunas, e, para uma maior quantidade de dados.

Cervo e Bervian (2002, p.46), acreditam que a entrevista “é um instrumento para os pesquisadores das ciências sociais por considerar que existem informações que não podem ser encontradas em registros e fontes documentais, os quais são capazes de enriquecer a pesquisa”. Neste cenário, Maroni e Lakatos (2002, p.98) conceituam o questionário como um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador.

Tendo como base a população total do quilombo de aproximadamente 116 pessoas, foram entrevistadas 6 pessoas e foram aplicados 4 questionários. Para seleção dos entrevistados a pesquisa, foram escolhidos comerciantes que residem e trabalham no quilombo, bem como voluntários. Quanto a aplicação dos questionários, foram também voluntários, e pela dificuldade de encontro e pelo curto espaço de tempo foram disponibilizados virtualmente e respondidos virtualmente. As entrevistas e a aplicação do questionário foram desenvolvidas nos meses de novembro e dezembro de 2023, bem como janeiro de 2024. E a identificação ocorreu por nome fictício de “Entrevistado 1” até suscetivelmente o “Entrevistado 10”.

Destacam-se que as 10 pessoas que colaboraram com o estudo, 9 eram mulheres e 1 apenas era homem. A idade dos participantes variou de 17 a 62 anos. Todos moravam com a família com pelo menos 2 integrantes familiares, todos tiveram seus antepassados morando no quilombo. Ainda, somente 1 estava cursando ensino superior, 4 colaboradores com ensino médio completo, 1 com ensino médio em andamento, 1 com ensino fundamental completo, e, 3 colaboradores com ensino fundamental incompleto.

A entrevista e o questionário possuíam perguntas pré-estabelecidas, divididas em dimensões, para uma melhor compreensão dos temas e para a facilitação na análise dos dados. A primeira parte do questionário era composta por perguntas de caráter pessoal, como nome, idade, escolaridade, gênero e tempo que estava no quilombo; seguido por perguntas relacionadas a família, a comida e a história.

A única prerrogativa estabelecida foi: serem moradores do quilombo e terem seus pais/familiares também moradores. Dessa forma, foi feito um contato prévio com pessoas que tiveram conhecimento através dos próprios cursos, visitas e indicações por parte da também Pesquisadora e Egressa do Mestrado em Patrimônio Cultural, Jucemara Rossato. Assim foi informando sobre a pesquisa, apresentado a proposta da pesquisa. Assim que os colaboradores responderam com o aceite positivo, foram contatados para possíveis dúvidas e agendamento da pesquisa.

Assim foram delimitadas quatro dimensões (Pessoal, Família, Comida, História). Essa formatação tornou-se importante para se analisar o contexto de cada dimensão e para identificar um número considerável de informações que contemplassem os verdadeiros objetivos do estudo. Após a transcrição das entrevistas, e análise dos questionários foram feitos recortes narrativos

conforme os objetivos propostos. Dessa forma fazendo uma análise do resultado, fundamentando-se no referencial teórico.

A formação de tais dimensões, foi elaborada visando coletar todas informações necessárias para a solução da problemática e o atendimento dos objetivos propostos. Sendo assim, houve um maior recorte e ênfase das dimensões “família, alimento e história”, resultados que foram trabalhados com maior profundidade no decorrer do próximo capítulo.

Os dados obtidos serviram para complementar a pesquisa, de maneira sigilosa para preservar a identidade do entrevistado, tendo em vista que com a divulgação das identificações, necessita-se de uma maior cautela nos processos éticos e para documentação da imagem.

Destaca-se ainda que os dados podem-se dividir em fontes primárias ou dados primários que se baseiam em informações originais, ou seja, foram coletados pela primeira vez pelo pesquisador para a solução do problema, mediante entrevistas, questionários e observação. E as fontes secundárias ou dados secundários que são aqueles que se encontram à disposição do pesquisador em obras literárias e pesquisas em geral. Sendo que ambos podem ser executados concomitantemente (MARCONI e LAKATOS 2002).

Na presente pesquisa, foram identificados os dois tipos de dados; dados primários através aplicação das entrevistas e dos questionários e os dados secundários foram obtidos através pesquisas bibliográficas e documental baseadas no tema.

Através dos questionamentos buscou-se conhecer um pouco da relação dos entrevistados com os alimentos, como são as refeições familiares, os principais pratos típicos dos quais fazia ou tinha conhecimento; festas ou festividades da comunidade; algum alimento que remetesse a lembrança ou a família, entre outros. Houve a preocupação em oferecer tempo necessário para que os colaboradores desenvolvessem suas ideias referente a cada tópico. Salienta-se, que todas as entrevistas foram gravadas com a anuência dos entrevistados. Desta forma, buscou-se exemplificar o procedimento metodológico desenvolvido ao longo da pesquisa.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Essa pesquisa, objetiva estudar a transmissão de saberes e conhecimentos culinários quilombolas na comunidade Quilombola Vovó Isabel em Nova Palmar-RS. Conforme já foi mencionado, as dimensões obtidas foram: família; comida/alimento; cultura/história. A partir desse capítulo será apresentado as narrativas dos entrevistados junto com as respostas dos questionários, relacionando a temática da pesquisa com as dimensões encontradas.

A categoria da família possibilita compreender a relação de pessoas que dividem um mesmo domicílio e conseqüentemente pertencem a uma mesma comunidade que compartilha interesses, identidades. Nessa categoria é possível verificar a ligação entre as famílias “individuais” e a família do quilombo.

Jakeline Silva pesquisadora da culinária quilombola aponta a família como sendo a grande perpetuadora das raízes e tradições ancestrais, através da transmissão de saberes acontece a valorização da origem, cria-se o sentimento de pertencimento.

Estudar as tradições familiares faz primordial pois conforme a própria pesquisadora aponta “minha fonte de inspiração foi a minha própria família, a partir das receitas e dos modos de preparar a comida que, ainda hoje, vejo os meus familiares fazendo” (SILVA, 2019, p.11).

Ainda quanto aos relatos obtidos pela pesquisa, outra entrevistada aponta em seu relato um breve histórico de sua família, demonstrando que família é o cuidado, é o zelo e o alimento. As obrigações com o lar, e aprender o preparo das refeições era transmitido, ensinado desde a infância, mas ao mesmo tempo existia uma compensação, um amor que era repassado através do alimento.

Quanto as narrativas, se observa que existe uma diferença entre os alimentos considerados tradicionais ou representativos. O alimento escolhido pelos colaboradores está mais ligado as memórias afetivas, a passagens pela infância do que a verdadeira identidade cultural da comunidade. O que é unânime entre todos relatos é a precariedade de alimentos e as dificuldades econômicas que eram enfrentados na época de suas infâncias e juventude. Como neste trecho:

Hoje em dia lembro das dificuldades que passamos, quando tempo castigava e não tínhamos quase nada para comer, tínhamos que nos virar com o que Deus dava, mas graças a Deus sempre tínhamos algo, as vezes um porco gordo, as vezes um pouco de milho e mandioca, mas sempre dávamos um jeito de não deixar as crianças passar fome Trabalho como cozinheira e sou descendente da vovó Isabel. As receitas da nossa família sempre dependiam do que se tinha acesso, sempre se usava muito milho mandioca e feijão, pois era o que mais se tinha a mão. Como receita típica considero a canjica salgada e a feijoada, sempre fazia quando matava um porco, e todo mundo vinha ajudar e ficava para comer. Ainda tem o curau de milho que minha eu e minha mãe fazíamos, mas era só quando sobrava leite e tinha milho, era a alegria das crianças. Na minha infância era muito difícil, quase sempre passávamos a pão rasga diabo e alguma mistura que se tinha. Hoje quando reunimos a família e a coisa está farta a coisa, se faz uma feijoada ou um churrasco, mas se está difícil a coisa sai um arroz com galinha (ENTREVISTADA 7, 2023).

Desta forma, percebe-se que em um modo geral as tradições e a cultura são transmitidas nos seios familiares e documentadas pela história. Porém quando se trata da cultura afro-brasileira é essencial se estudar as receitas e tradições familiares tendo em vista que esse conhecimento é ancestral e permanecem até hoje na cultura familiar. Não se tem muitas menções históricas em relação ao tema. Por isso a cozinha quilombola é um ato de resistência aos períodos de colonização, de escravidão.

Neste contexto “a sociedade se desloca para a pós-modernidade esquecendo-se das suas raízes e muitas vezes de sua própria história, das tradições familiares, do sentimento de pertencimento e das suas origens” (SILVA, 2019, p.11). E ainda tais descobertas devem ser documentadas e amplamente divulgadas, pois com as atuais mudanças tecnológicas, com a saída cada vez mais precoce dos jovens do quilombo, tais conhecimentos acabam por não serem repassados, momento em que se perde cultura, história e tradição.

A gastronomia, a culinária que representa determinada região ou etnia pode ser considerada patrimônio imaterial tendo em vista que esse ato específico na preparação do alimento representa “o conhecimento, a tradição de uma forma abstrata e está diretamente ligada à identidade de um povo. Para preservar essa identidade é necessário conhecer e compreender suas origens além de acompanhar todas as transformações que a compõem” (MULLER, 2012, p.53). Assim se relata essa importante passagem:

Desta forma ao se estudar sobre os alimentos, os hábitos e tradições culinárias dos remanescentes do quilombo Vovó Isabel, está se compreendendo sobre sua origem, como viviam seus antepassados, sua identidade cultural e sua história.

Os alimentos me remetem a constituição de laços afetivos. Na infância tínhamos hortas, criávamos vaca, porcos e galinhas. Todas as atividades para cuidado dos animais e preparo da terra, plantio e colheita de hortaliças era feita em família. Todos participávamos. Os temperos que mais utilizados sempre foram cebola, alho, salsa, açafrão e pimenta. Considero a canjica cozida com leite e canela uma receita tradicional do quilombo. Lembro como se fosse hoje o ato de socar o milho no pilão para fazer canjica e farinha. Outra lembrança era das galinhas que eram mortas pelos adultos, e nós crianças as depenavam. Então o cheiro que me vem à mente é das penas de galinhas quentes. Era jogado água quente na galinha e nós tínhamos de depenar. Ainda hoje sinto o cheiro dessa pena quente. (ENTREVISTADA 3, 2023).

Conforme o relato se evidencia que o alimento compreende muito mais que apenas comer, é o ritual que envolve e une toda família. São lembranças e memórias afetivas que permanecem ao longo dos anos. E ainda remontam a tempos e experiências de vida passados:

Tais relatos evidenciam a valorização do alimento, a importância do ato de cozinhar e desenvolver maneiras diferentes para se fazer uma mesma matéria prima. Como por exemplo o milho verde que é consumido apenas cozido, vira a farinha para o bolo, vira o angú para a janta, vira o doce do cural e o alimento da galinha.

Da mesma forma, o alimento possui a capacidade de unir a família e seu preparo pode perpetuar por gerações, fortalecer religiões e se difundir pelo mundo.

Neste cenário, as entrevistadas estão reescrevendo sua história e trazendo à tona experiências e vivências que em grande parte das vezes não são

compartilhadas. Dar voz e visibilidade a tais memórias é um dos objetivos da presente pesquisa.

Ainda, as transmissões de conhecimentos culinários repassadas no seio familiar também podem servir como exemplo e virar uma profissão:

Minha mãe sempre foi cozinheira, tivemos uma criação muito simples, mas sempre tínhamos alguma coisa para comer, e quando eu via minha mãe fazer milagre com o pouco que tínhamos, isso me despertava a curiosidade sobre a cozinha, e foi onde achei meu sustento, e é com a cozinha e com o que aprendi com minha mãe que levo o sustento para casa. Hoje em dia se produz muito pouco no quilombo, quem produz, faz só para consumo, a maioria busca trabalho fora (ENTREVISTADA 8, 2023).

E quando falamos da alimentação quilombola não podemos deixar de relacionar essa temática com as religiões de matriz africana, onde o alimento pertence a cultura, a tradição e se relaciona aos elementos da natureza, a entidades e rituais.

Neste contexto, os alimentos “transformam-se em verdadeiros corpos ancestrais que devem ser consumidos pelas comunidades. Isso lhes distingue das comidas que podemos encontrar nas cozinhas regionais, internacionais e contemporâneas”, e essas tradições garantem a perpetuação da religião e da cultura africana (SOUSA JUNIOR, 2011, p. 30-33). Como complementa Vilson Caetano Sousa Júnior, Professor Pós Doutor em Antropologia e Pesquisador em Antropologia das Populações Afro-brasileiras e Alimentação e Cultura:

Nos terreiros “tudo come”, recebe tratamento especial. Sem comida não há vida. As inovações introduzidas pela chamada “era da modernidade” na alimentação talvez seja um dos maiores desafios para as comunidades-terreiros nos próximos 100 anos. Aqui, saúde e comida estão interligadas. Esse é um tema que merece uma reflexão à parte (SOUSA JUNIOR, 2011, p. 32-33).

Desta forma, se conclui que a relação entre o alimento e a cultura quilombola serve como resistência e memória coletiva da comunidade, “aos poucos, deixam de ser vistos como objeto de estudo e tornam-se sujeitos que constituem uma forma de saber científico” (SILVA, 2019, p.46-47).

A relação entre a história, o alimento e a cultura quilombola é profundamente enraizada nas tradições na memória coletiva da comunidade. Através da análise dessa relação é possível identificar como se desenvolviam as práticas alimentares seu patrimônio cultural gastronômico.

A dimensão cultural ou histórica, foi trabalhada na presente pesquisa buscando demonstrar através dos relatos, que determinado alimento ou modo de preparo pode estar associado à história e a identidade cultural da família e consequentemente da comunidade. Nesse sentido, foi extremamente importante destacar a história da Vovó Isabel contada por suas descendentes:

A mãe e as vós sempre contavam as histórias dela. Eu sei que vovó Isabel viveu na fazenda das arvores, e quando saiu veio para cá e começou o quilombo. Aqui no quilombo temos a festa de santo Inacio que é no primeiro domingo do mês de agosto, no dia 20 de novembro que é o dia da consciência negra e em abril que é o aniversário da associação. São momentos que todos nos reunimos e comemoramos com muita comida e música (ENTREVISTADA 1, 2023).

O que se observa com as narrativas, é que existe na comunidade do Quilombo Vovó Isabel, o compartilhamento de alimentos e tradições, consequentemente o corre o fortalecimento dos laços comunitários e da identidade cultural. Através de tal identificação estão o reconhecimento e sentimento de pertencimento.

Corroborando a esse pensamento, Douglas Monteiro e Terezinha Souza em seu estudo “Comida de Preto: o ato de comer, a ressignificação da identidade negra de seus laços ancestrais” analisam através da experiência de Divinópolis-MG como comidas típicas da cultura africana servem de valorização da cultura e da identidade cultural e da ancestralidade do povo africano.

Com base nas lembranças e experiências culinárias o alimento serve como base para o relato da identidade e ancestralidade. As memórias trazidas pela pesquisa, servem de reafirmação e preservação cultural não apenas aos remanescentes das comunidades quilombolas, mas para a humanidade por serem um verdadeiro testemunho de resistência, adaptação e riqueza cultural dos quilombos, merecendo reconhecimento e proteção como parte vital do patrimônio cultural brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alimentação não é apenas uma necessidade básica, ela é um elemento central da identidade, patrimônio e das comunidades ao longo da história. Esta relação transforma ingredientes e modos de preparo em uma culinária regional (ABREU *et al*, 2001, p.10).

O alimento conecta gerações, une as pessoas e repassa tradições e cultura. Neste contexto se faz primordial trazer ênfase as comunidades quilombolas, a cozinha quilombola e os protagonismos de seus integrantes.

A cozinha quilombola é um elemento central da identidade cultural das comunidades afro-brasileiras. Através do alimento, essas comunidades afirmam sua história, tradições e cultura, resistindo ao esquecimento. O resgate e a valorização da culinária quilombola são atos de reconhecimento e de perpetuação dessa riquíssima herança cultural.

A revisão teórica da presente pesquisa teve como objetivo contextualizar a história, a alimentação e a cultura relacionando com o patrimônio histórico imaterial, trazendo definições e como se efetiva o registro dos bens imateriais, entre eles o alimento. Assim como se aprofundou no que consiste o patrimônio cultural gastronômico e a cozinha quilombola. Nesse contexto, o problema que nos propusemos a investigar se refere: Como ocorre a transmissão de saberes e

conhecimentos culinários quilombolas na comunidade Quilombola Vovó Isabel em Nova Palma-RS?

Para tanto, através da base teórica, das narrativas e dos questionários buscou-se entender como ocorre a transmissão de saberes e conhecimento pela voz dos integrantes da comunidade quilombola Vovó Isabel. Tais resultados tiveram relação aos temas de alimentação, cultura e história da comunidade. Conforme o objetivo geral e os objetivos específicos, os dados foram trazidos na discussão dos achados e posteriormente no produto dessa dissertação.

Destaca-se que o uso das narrativas foi sugerido na banca de qualificação, tendo em vista que a colaboração dos professores na qualificação foi que a pesquisa de desenvolvesse com base na oralidade e na experiência dos integrantes da comunidade e não em apenas um método documental e bibliográfico. Após a coleta dos dados foi constatado que tais narrativas trouxeram originalidade e um resultado único a pesquisa, significando e dando protagonismo as pessoas que muitas vezes não tem voz.

Diante disso, constatou-se que a estudar sobre patrimônio cultural gastronômico e a relação entre alimento, história, cultura foi possível compreender que a alimentação é uma forma de identidade cultural, e, ela desempenha um elo entre o passado e o presente.

Quanto ao questionamento que baseou essa pesquisa, conforme os relatos das narrativas e dos questionários apresentados percebeu-se que os saberes e conhecimentos culinários quilombolas são a identidade cultural da comunidade e que se permeia na história. E a transmissão de tais saberes e conhecimentos é realizada no seio familiar, passada de geração a geração, e dividida com a comunidade que compartilha as mesmas bases culturais, e a mesma identidade cultural.

Através da busca por bibliografias e artigos relacionados com o tema, foi constatado que existem pesquisas dentro do Mestrado em Patrimônio Cultural que tratam sobre a alimentação e gastronomia da região estudada, porém nenhum com o enfoque do pesquisador. Assim salienta-se que essa iniciativa de documentação e promoção as culinárias tradicionais ajudam a proteger os conhecimentos, incentivando a sua transmissão para as futuras gerações e enriquecendo nossa cultura regional.

Dessa forma com a gastronomia quilombola demonstrou ser uma alternativa capaz de gerar perpetuar a história, valorização o patrimônio imaterial da comunidade, e, inclusive fomentar o turismo gastronômico da região.

Através dos dados obtidos pela pesquisa foi elaborado um livro com receitas típicas dos residentes no quilombo, verdadeiro produto dessa dissertação. É dedicado a Comunidade Quilombola Vovó Isabel devido a sua importância na compreensão da história e da cultura de nossa região.

Ainda, destaca-se que foi uma pesquisa extremamente prazerosa, pelas pessoas, pelo convívio no quilombo, pelo aprendizado e pelos sabores experimentados. Quanto as contribuições pessoais, considero que trabalhar com essa temática me proporcionou um novo olhar a cultura quilombola, um maior

respeito e admiração. Fui agraciado com as pessoas que passaram ao longo da pesquisa, me transformando em uma pessoa melhor. Ainda, pela riqueza cultural e gastronômica estudada, foi me despertado a vontade de trabalhar com o tema, ou ainda com cursos e oficinas que divulguem a gastronomia quilombola.

Por fim, cabe salientar, que tal pesquisa objetiva ser publicada e quem sabe servi base para o fomento de projetos e políticas públicas a esse tema tão importante, inclusive, visando promover o comércio e turismo gastronômico do Quilombo Vovó Isabel. Todas as iniciativas que visam difundir práticas alimentares que valorizam e transmitem o conhecimento culinário quilombola merecem atenção e destaque.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Edeli Simioni de; VIANA, Isabel Cristina; MORENO, Rosymaura Baena; TORRES, Elizabeth Aparecida Ferraz da Silva. Alimentação mundial: uma reflexão sobre a história. **Revista Eletrônica Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n.14, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902001000200002> Acesso em 15 jun. 2023.
- AZEVEDO, Eliane de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Revista Eletrônica Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 44, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-019004412> Acesso em 15 set. 2023.
- AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura, Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70311103> Acesso em 20 ago. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: DF. Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 jun. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Presidência da República, Brasília, DF, 07 ago. 2000. Seção 1, p. 1.
- CUNHA, Jorge Luiz da. Educação histórica e narrativas autobiográficas. **Revista Eletrônica Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 74, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/q6LzrCLCQPb4gmSXMgZ98Ld/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- CAVALCANTI, M. L.V. C.; FONSECA, M. C. L. de. **Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais**. 1. ed. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 198 p.
- FBSSAN - Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Primeiro eixo da campanha: Comida é bem material e imaterial. **Notícias Rede Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional**, Rio de Janeiro, 17 mar. 2015. Equipe Comida é Patrimônio. Disponível em: <https://fbssan.org.br/2015/03/comida-bem-material-e-imaterial/> Acesso em: 02 ago. 2023.
- FRIGO, Marina Saciloto. **O Patrimônio Gastronômico da Quarta Colônia como Potencial Comida de Geoparque - RS**. 2023. 183 p. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.
- GARCIA, Rosa Wanda Diez. Notas sobre a origem da culinária: uma abordagem evolutiva. Campinas. **Revista Eletrônica de Nutrição**, Campinas v. 8, n. 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/nutricao/citationstylelanguage/get/chicago-author-date?submissionId=9911&publicationId=12698> Acesso em: 24 ago. 2023.

FIGUEIRÓ, A. S. [et al.] **Geoparque Quarta Colônia Aspirante Unesco:** conservação do patrimônio e desenvolvimento regional sustentável. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2022. 136 p. Disponível em: <https://www.geoparquequartacolonia.com.br/arqs/53.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

NAVES, P. Lagos Andino dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha de Turismo, Caderno 8, p.13.

GHISLENI, C. O que é patrimônio material e imaterial? **ArchDaily**, São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/957956/o-que-e-patrimonio-material-e-imaterial> Acesso em: 01 ago. 2023

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 01 ago. 2023

FABRIZIO, Laura Brand; NUNES, Lucas da Silva; LISBOA FILHO, Flavi. Ferreira. [geoparquequartacolonia.com.br](https://www.geoparquequartacolonia.com.br) una estrategia de comunicación para la puesta en valor territorial y cultural. **Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social**. Disponível em: <https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/49/48> Acesso em: 03 de março de 2023.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W. (Org.). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, pp. 49-55, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2002

MASCARENHAS, Rúbia Gisele Tramontin; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. Comida de festa: o potencial de atratividade turística da gastronomia nas colônias de imigrantes em Castro/PR. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. IX, n. 1, p. 132 - 150, junho 2012.

MULLER, Silvana Graudenz. **Patrimônio cultural gastronômico:** identificação, sistematização e disseminação dos saberes e fazeres tradicionais. 2012. 288 p. Tese (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PADOIN, Maria Medianeira; FIGUEIRÓ Adriano; CRUZ, Jorge Alberto Soares (org.). **Educação patrimonial em territórios geoparques:** uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia Santa Maria, RS. FACOS-UFSM, 2021.

ROSSATO, Jucemara. **Padre Luiz Sponchiado:** um empreendedor em Nova Palma, (município da Quarta-Colônia de Imigração Italiana). 1996. 74 p. Monografia (Monografia de Graduação) – Faculdade Franciscana, Santa Maria, 1996.

SANTOS, Daianna Marques dos. **História da gastronomia mundial**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

SILVA, Jackeline Maria da. **Afro Paladar:** A Culinária Quilombola De Mato Grosso como Patrimônio Cultural Imaterial. 2019. 51 p. Monografia (Monografia de Pós-Graduação) – Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão**: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. 2020. **Browse the Lists of Intangible Cultural Heritage and the Register of good safeguarding practices**. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/lists> Acesso em: 01 ago. 2021

MONTEIRO, Douglas Emiliano Januário. SOUZA, Terezinha Rosa de Aguiar. **“Comida de Preto”**: O Ato de Comer, a Ressignificação da Identidade Negra e de seus laços ancestrais na cidade de Divinópolis-MG. Anais do XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA144_ID266528102021001605.pdf Acesso em: 02 jan. 2023

MAPEAMENTO DOS PONTOS DE MEMÓRIA NEGRA NO GEOPARQUE CAÇAPAVA: CENTRALIDADE NO CLUBE RECREATIVO HARMONIA

*MAPPING BLACK MEMORY POINTS IN THE CAÇAPAVA GEOPARK:
CENTRALITY AT THE HARMONIA RECREATIONAL CLUB*

Cátia Cilene Morais Dutra¹

RESUMO

A presente pesquisa Mapeamento dos Pontos de Memória Negra no Geoparque Caçapava - UNESCO : Centralidade no Clube Recreativo Harmonia, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, traz como questão norteadora do estudo as razões que determinaram a justificativa e a abordagem focada em um clube social negro no território do Geoparque Caçapava – UNESCO. A pesquisa terá como resultado final a apresentação dos resultados na forma de Documentário. Sendo o viés metodológico principal a pesquisa qualitativa e a história oral. O estudo culminou com o Reconhecimento do Clube Recreativo Harmonia como Patrimônio Cultural Imaterial de Caçapava do Sul – RS.

Palavras Chave: Clube, Racismo, Memória, Patrimônio, Geoparque.

¹ Graduada em Pedagogia pela URCAMP, Graduada em Geografia pela UNIPAMPA e Especialista em Psicopedagogia Institucional pela UFSM e Mestranda em Patrimônio Cultural –Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural – Mestrado Profissional, da UFSM.

ABSTRACT

This research project, “Mapping Points of Black Memory in the *Caçapava* Geopark: The Harmony Recreational Club”, presented to the Professional Postgraduate Program in Cultural Heritage at the *Universidade Federal de Santa Maria*, has as its guiding question the reasons that determined the justification and approach focused on a black social club in the territory of the *Caçapava* Geopark - UNESCO. The final outcome of the research will be the presentation of the results in the form of a documentary. The main methodological bias is qualitative research and oral history. The study culminated in the recognition of the Harmonia Recreational Club as Intangible Cultural Heritage of *Caçapava do Sul - RS*.

Keywords: Black clubs, Racism, Memory, Heritage

“A gente combinamos de não morrer”

Conceição Evaristo

Inicialmente, trago alguns recortes que antecederam a minha trajetória de vida, nasci em Caçapava do Sul, no Rio Grande do Sul, sou professora na Educação Básica da rede municipal, a primeira a ter curso superior na 5ª geração de uma família negra, cujos antepassados encontraram com o período da escravidão, tenho como base para essa afirmativa a referência dos meus tataravós maternos que teriam nascido entre os anos de 1850 e 1860, considera-se para essa estimativa o registro de nascimento de Cenira Bragamonte Moraes, datado de 1938, uma das irmãs mais velhas dos 16 irmãos da minha mãe, sendo este o total por parte de pai, Alfredo Moraes e 13 por parte de mãe, Maria da Glória Bragamonte Moraes, parteira e benzedeira. Até a presente data quando a família se reúne, ficamos ouvindo histórias sobre esses antepassados e dentre os motivos para encaminhar esse estudo estão essas memórias junto com a curiosidade e a vontade de reconstituir e registrar como é a participação da negritude na construção da identidade cultural local.

A caminhada se faz ao caminhar, mas sendo negra, no Brasil, aprendi muito cedo, que o enfrentamento ao racismo era uma questão de sobrevivência, não era uma opção, por isso escolhi a Conceição Evaristo para iniciar a escrita, quando a gente fala “ A gente combinamos de não morrer”, isso é fato, porque nunca descansamos, o nosso último pensamento do dia é imaginando qual a estratégia para o dia seguinte ao acordar. Tudo começou com a consciência da cor e foi aos 8 anos que me descobri uma criança negra, percebi que tinha cor, que precisava fazer movimentos ou alguém, não negro, determinaria o quem eu seria e minha primeira decisão importante foi ser rainha da Festa da Capela São Marcos, na zona rural de Caçapava, ganhava o título quem angariava mais votos, tínhamos uma caderneta onde eram registradas as doações, e quando chegou o dia da festa, entreguei tudo para conferência, vi o dinheiro arrecadado ser contato várias vezes, percebi olhares, registrei o incomodo, acompanhei os comentários e fiquei ali esperando e quando saiu o resultado que eu havia ganho , enchi os olhos de água, mas não chorei, mantive a cabeça altiva e fui receber a faixa.

Cabe ressaltar que na comunidade que eu cresci as relações sociais eram bem definidas , podíamos frequentar a mesma escola, frequentar a missa na capela, mas durante as atividades festivas eu não podia participar, a minha família não podia entrar na reunião dançante e às vezes havia uma mediação e era permitido que se colocasse uma corda de ponta a ponta no salão da capela e os brancos dançavam de um lado e os negros de outro, cresci vendo isso acontecer ano após ano, acredito que fui rainha na capela em 1983, cinco anos antes do centenário da abolição. Era mais que um título, era sobre estar num lugar e carrego essa personalidade combativa, que cansa, mas não desiste, seguindo os estudos frequentei as series iniciais na escola local até os 11 anos. Essa escola,

denominada Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto Santa Barbinha, tinha uma característica peculiar, era uma Brizoleta, e estava entre as dezenas de escolas feitas por Leonel Brizola e completei o ensino fundamental na sede do Município, na Escola Estadual Nossa Senhora da Assunção, uma escola pública, na qual pude participar, já na juventude de discussões políticas e nesse ambiente escolar tive acesso a livros. Na juventude, o foco do meu enfrentamento foi relação de trabalho a qual minha família era submetida, uma relação que muito se aproximava do trabalho escravo, diferente dos antepassados da família da minha avó materna, Maria da Glória, parteira e benzedeira, que detinha um conhecimento necessário na manutenção da vida na comunidade, a minha avó paterna, viúva muito cedo, não teve condições de sustentar a família e precisou dividir a tarefa de criar os filhos com os “padrinhos” sendo que nessa situação de pais de criação alguns viraram patrões. As relações de trabalho, fosse da minha mãe ora como cozinheira/ lavadeira ou do meu pai filho de criação/crioulo/peão conflitava com as minhas convicções, porém um contraponto nessa situação era ser filha de pais alfabetizados. Anos mais tarde, tive minha formação inicial para ser professora no curso normal no Instituto Estadual da Educação Dinarte Ribeiro, esse período, final dos anos 80 e início dos anos 90, foi de grande efervescência cultural na cidade, participei de grupo de teatro, do grupo de Dança afro Clara Nunes e nessa época foi o meu primeiro contato com o Clube Recreativo Harmonia e com o Centro de Tradições Gaúchas Clareira da Mata, onde participei da Invernada Artística e dos bailes. Era comum para nós frequentar os espaços negros, porque não nos era permitido ir a festas no Clube União ou em outros Centros de Tradições Gaúchas, era uma convenção social com recorte de cor.

Aqui faço uma distinção e cito a vivência com o Grupo Clara Nunes como determinante na minha formação pois os ensaios, a criação das coreografias, os eventos e as apresentações tinham viés de militância e traziam as manifestações da cultura negra para o centro das atenções. Em 1992 já formada no magistério, prestei concurso público, na prefeitura municipal de Caçapava e retornei à minha comunidade de origem, para morar com meus pais e assumir o cargo de professora na mesma escola que frequentei as séries iniciais do Ensino Fundamental, no ano seguinte, Mãe solo da minha filha Kalyna Moraes Dutra, iniciei minha vida como funcionária municipal, trabalhando em turmas multiseriadas, participei nos movimentos comunitários sendo uma das fundadoras da associação da localidade e consegui com a atuação de professora contribuir para que a comunidade repensasse suas relações raciais, a partir da minha existência, por isso reitero aqui a frase da Conceição Evaristo “A gente combinamos de não morrer”, porque existir, por si só é um enfrentamento e muda o parâmetro de sociedade.

Em 1999, retomo os estudos, agora em nível superior, no Curso de Pedagogia, na Universidade da Região da Campanha – URCAMP, e sou transferida para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Inocência Prates Chaves, agora como professora alfabetizadora. Onde me deparo com uma face do racismo que eu desconhecia, aquele que a família cultiva de geração em geração, que o discurso revela na convivência diária expressões como “o negro não coisa de Deus é do diabo” e observamos de forma mais explícita o recuo nas brincadeiras

e a rejeição as crianças negras. Aqui faço um aparte para falar que é sofrido trazer esse relato, suscitar os sentimentos e ter certeza que passei por isso porque sou um corpo negro “que tem memória”, mas o registro da minha existência no território que estou hoje está reconstituindo a nossa participação na historiografia, nesse sentido RATSS (org).2022.Pág.30 fala: “De um lado, o corpo negro- proibido, pelo código penal em 1890, de exercitar no espaço público as práticas culturais como a capoeira”, coloca em evidência o poder do Estado, o impedimento, ao determinar onde e por quem nossos corpos seriam vistos, mas por outro lado o autor mencionado expõe “Esse corpo marcado por inscrições feitas nos espaços negro-africanos se reconstitui e se fortalece como indivíduo território, movendo-se na cartografia da diáspora”.

O autor faz o registro da importância de sermos vistos por nós mesmos, e no que me cabe nessa escrita, é trazer junto com a pesquisadora a potência de um corpo negro que fez movimentos, que vem para universidade. Quando iniciei a pesquisa pensava em mapear monumentos, mas fui percebendo que eles não dariam conta de se reportar aos lugares que eu gostaria de estar registrando, e foram nas entrevistas, conhecendo as trajetórias negras que fui desvendando trechos e elementos que viriam a reconstituir a história de um Clube Negro. Um dos pontos mais difíceis no estudo foi voltar nesses lugares que estavam na memória das pessoas, RATSS (org.),2022, menciona:

A memória são conteúdos de um continente – da sua vida, da sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento. Não é à toa que a dança para o negro é momento de libertação. O homem negro não está liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto que ele não é mais cativo. (pág.32)

Mesmo quando as lembranças delas eram felizes, o compromisso com esse registro do limiar entre o passado e o presente, observar as falas, os movimentos, ao mesmo tempo que eram necessários apontamentos, me deixava apreensiva, porque a perspectiva do sofrimento não seria o preponderante na pesquisa, mas muitas vezes não tive o desprendimento necessário, precisei muitas vezes dizer a mim mesma que esse espaço acadêmico é o lugar para superar os desafios de colocar nossos estudos na cena da ciência e que o aprendizado estava na sequência de um percurso de formação.

E aqui me reporto a esse percurso como forma de afirmação, como se estivesse olhando em um espelho, vi a minha primeira graduação e os anos nutrindo aspirações para ser aluna do mestrado e embora o meu objeto de pesquisa inicialmente fosse pensar uma educação alicerçada nos conceitos da Cultura Afro-brasileira, quando cheguei no Clube Recreativo Harmonia, na presidência da entidade, como uma das protagonistas na retomada do espaço pela comunidade negra, foi um processo natural linkar a minha trajetória de vida com a história do Clube, tendo na base da perspectiva de análise fazer o mapeamento dos pontos de memória negra num território amplo, que é o geoparque Caçapava,

enxergando um lugar de memória onde as histórias revelam ancestralidade, luta, enfrentamento ao racismo, segregação, cultura e identidade.

Embora eu tivesse frequentado o Clube Recreativo Harmonia na fase da Juventude, participando das festividades, dos carnavais e especialmente através do Grupo de Dança Afro Clara Nunes, em 2013, a reaproximação com o Clube se dá a partir da reivindicação do espaço para as atividades do Projeto Som da Liberdade.

A retomada do espaço do Clube Recreativo Harmonia, no aspecto da cultura e da identidade negra, porque o clube sempre esteve ancorado por pessoas, quase sempre um dos fundadores (pessoas abnegadas que não deixavam as portas fecharem), inicia em 2013 ao mesmo que acontece no Brasil movimentos culturais na forma de conferências municipais, estaduais trazendo a situação dos Clubes Negros para a pauta de debate com a abordagem de questões como patrimônio Imaterial, pertencimento, cultura do negro no RS, racismo, preservação dos acervos e o tema é debate na Conferência Nacional, onde estou participando como membro da delegação do Estado do RS em novembro desse mesmo ano. No ano de 2014 em assembleia tem início uma agenda de ações culturais e educativas no espaço do Clube Recreativo Harmonia, que vem tendo uma sucessão de entraves no aspecto de vida do Clube, quando num dado momento ele é descrito como um “cidadão de cor, guerreiro negro”, todo o sentimento guardado na memória das pessoas emerge com a ameaça do cerceamento dos direitos de ir e vir dentro do Clube. A denúncia, os interesses individuais não poderiam se sobrepor ao legado histórico que esse espaço erguido por mãos negras traz para toda a comunidade, mas a continuidade do Clube está por um fio, porque o enfrentamento ao racismo ainda não deu conta de vencer as estruturas do Estado Brasileiro, um estado que aplica as leis do direito ambiental sem considerar que dentro de um Clube Negro existem tradições ancestrais, que esses lugares de memória também estão postos para preservar o sagrado. Essa defesa pautada na salvaguarda dos bens de natureza imaterial e nas especificidades dos lugares de memória se apresenta fragilizada diante dos mecanismos do racismo institucional, nesse sentido ALMEIDA (2020), coloca alguns pontos em debate:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo social no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e /ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando assim o domínio formado pelo grupo dos homens brancos. (pág. 40-41)

A decisão de iniciar um projeto de pesquisa pensando em reconstituir a história da população negra de Caçapava, estudando o Clube Recreativo Harmonia a partir do Geoparque Caçapava, tem relação também com as restrições imputadas ao clube e com a busca de soluções, é sobre como a gente consegue avaliar e chamar a atenção da sociedade para os desafios cotidianos, pensar os desafios que o código de posturas do município nos coloca, se essa estrutura na forma como hoje está organizada, o Harmonia, está nas mesmas condições de espaços não negros e nesse sentido RASCHE (2016), faz referência ao Código de Posturas da Cidade de Florianópolis:

Esses documentos permitem perceber quais os interesses e demandas dos grupos dominantes e sugerem inquietações, principalmente, para com os grupos populares, cujas práticas vinham de encontro ao proposto nas condutas. Convém destacar que se algo se encontra criminalizado é porque perturba “alguns” e está em constante prática. (pág.31)

Dentro dessa perspectiva pesquisar trajetórias de vida dentro de um Clube Negro, permite aprofundar o tema e pensar um pouco como a cidade se constituiu, como era esse cenário em 1971 e pensar a importância dos espaços de memória negra, e que se estes lugares não estiverem visíveis a probabilidade de não serem colocados em pauta é maior. Por onde começamos para ter a contextualização do território e iniciar o estudo. E aqui faço referência a ALMEIDA (2020), pág.63, para reafirmar que o entendimento passa por “compreendermos que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais”. Sendo assim, o **tema** desta pesquisa é mapear os pontos de memória negra, identificando como central nesse processo o Clube Recreativo Harmonia, porque nesse lugar de memória se manteve viva a sociabilidade e a resistência da negritude caçapavana. Existe uma Caçapava que é negra, da mesma forma que existe um Rio Grande do Sul que é negro, com pessoas que se autorreconhecem como pretas e pardas. E esse será um dos primeiros pontos da pesquisa, demonstrar que existem pessoas negras em Caçapava do Sul e que essas pessoas foram resistência e são as protagonistas, ou seja, que elas podem contar a própria história, é nesse momento que começo a investigar trajetórias, e o movimento que seria de fora para dentro, agora começa dentro do Clube e se transversaliza com diferentes pontos de memória para além do espaço do Clube, quando as pessoas trazem em suas narrativas outros marcos culturais, tendo em vista que essa proposta de pesquisa faz o mapeamento, tendo como elemento de ligação a cultura.

O **problema** norteador se refere a compreensão dos resquícios, indícios e elementos histórico-culturais que contribuem para reconstituir, registrar e estabelecer quais indicadores e saberes configuram que um lugar seja identificado como um pontos de memória negra no âmbito do território do Geoparque Caçapava? Essa discussão relativamente recente, que conduz a uma frequente indagação de onde localizar as fontes que tragam subsídios que comprovem

presença negra contrapondo a ausência da negritude na historiografia. Dentro disso, também faço menção ao caráter reivindicatório que ganhou espaço na pesquisa, pois o Clube surge como enfrentamento ou como resultado do racismo que atravessava as relações, e quando trata-se de reconstituir o lugar da população negra na historiografia local ou quando fá-se referência a participação do negro na constituição da identidade cultural, o fato é a não aceitação de negros nos clubes sociais e centros de tradições gaúchas de Caçapava do Sul. Acredito que o ponto de indagação, principalmente nas entrevistas, é a possibilidade de refletir sobre como foi possível a constituição da memória coletiva da negritude, considerando que a cidade sendo um dos primeiros povoados e nesse sentido temos a hipótese de que na sequência da escravização houve segregação racial.

Diante do exposto, a **Justificativa** do pesquisa se dá a partir da identificação da memória dos afro-brasileiros como ponto de elevado nível de importância, que necessita de atenção no território do Geoparque Caçapava. É de relevância a consolidação e o reconhecimento dos pontos de memória negra na cidade, e aqui reitera-se as mazelas deixadas no processo de construção de uma identidade cultural que contemple as questões de negritude, esses lugares passam a se consolidar na memória coletiva, passam a ter significado e a despertar, na população negra, por associação com suas vivências cotidianas, o sentimento de pertença, esse afeto para com a própria história influencia na afirmação de uma identidade negra. A imagem do negro como escravizado (objeto semovente), dá lugar a uma história na qual a população negra é visibilizada e protagonista. E, quando o Geoparque Caçapava traz nas suas referências a memória da terra, insere nesse contexto a sua população, e dentro desse estudo, trato especificamente da participação negra. A relevância do estudo dos pontos de memória negra reside no reconhecimento positivo de uma referência étnica, Caçapava precisa ser desafiada a repensar seu território e o Geoparque Caçapava já vem contribuindo nesse sentido, ao consultar as comunidades tradicionais e ao propor editais com recorte para promoção da igualdade racial. Contudo, faz-se necessário otimizar as ações para que haja amplitude do conhecimento a nível regional e nacional desta historiografia negra no Rio Grande do Sul e, reitera-se aqui, a necessidade do mapeamento e da projeção desse estudo de um território que tem profunda relação cultural e histórica com a negritude. Considerando o exposto, “refletir sobre patrimônio” e sobre a negritude atravessa minha existência e, para finalizar essa exposição inicial, será ampliado o debate dentro pesquisa bibliográfica com alguns conteúdos sobre o negro no Rio Grande do Sul, a investigação teórica corrobora para compreensão desse imaginário no qual somos colocados ou retirados, é de relevância citar que os aspectos culturais também tiveram relevância na tomada de decisão e na escolha do que seria apresentado como conteúdo do referencial, pois reitero que a presente pesquisa reflete muito na minha trajetória de vida, mulher negra, professora, neta de benzedeira, que esteve ao longo de toda sua vida na militância, diferente do lugar de pesquisadora, que pressupõe a ampliação da base argumentativa e redefine os lugares de influência. Supõe-se que o que aconteceu na historiografia de Caçapava do Sul, essa invisibilidade da população negra e de seus monumentos,

esse cair das memórias num lugar de esquecimento, tem ligação com o poder de influenciar sobre o que seria legítimo, dentre as suposições, percebe-se um discurso que, em dado período, elegeu o que seria mensurável, e acredita-se que toda essa construção tem relação com os conhecimentos que ao longo dos anos fortaleceram um imaginário que não corresponde fielmente a realidade do negro no Rio Grande do Sul. Reitera-se que, a pesquisa que prevê, dentre outras questões, o mapeamento dos pontos de memória negra, visa fortalecer o reconhecimento da cultura negra no RS.

Dessa forma, para assegurar a democratização do acesso, bem como o caráter sustentável e contínuo, o **produto** veiculado junto a pesquisa será na forma de Documentário, a proposta é dar visibilidade ao mapeamento das trajetórias de vida dentro da perspectiva de pontos de memórias e tirar do esquecimento saberes e registros históricos, com o registro das narrativas pretende-se assegurar o registro das memórias². Segundo Nora (p. 9, 1993) “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido em permanente evolução”. O que se propõe é um recurso com poder de abrangência, possibilidade de interação com o público e a garantia de possibilitar a interpretação. Destaco, entre os fatores que vem contribuindo para o avanço na pesquisa, as disciplinas que completei durante o mestrado, os projetos de extensão e a participação em Eventos que tratam a temática do Patrimônio Cultural. Dentre os resultados que posso mensurar positivamente está a aprovação do Projeto “Memórias Cruzadas & Histórias Vividas”, que foi selecionado no Edital FAC PATRIMÔNIO da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, com a nota máxima da Região Funcional 06. Finalizando esse trabalho objetiva garantir que a população negra possa fazer suas contribuições, é um estudo que registra a resistência, a vez, a voz e a participação da negritude no cenário da identidade cultural, que ganha abrangência internacional, com a visita dos avaliadores da UNESCO do Geoparque Caçapava ao Clube Recreativo Harmonia no dia 08 de outubro de 2022, nesse dia algumas das principais lideranças com representatividade negra se fizeram presentes. Parece redundante todo o tempo falar em negritude, mas a proposta da pesquisa nas suas entrelinhas é fazer o enfrentamento e sobre esse aspecto recorro a Gomes apud Manunga (2020, p.8): “Para se contrapor ao racismo faz-se necessária a construção de estratégias, práticas, movimentos e políticas antirracistas concretas” e aqui nessas palavras está o norte de toda a dissertação, precisa fazer sentido, e então será potente para negros e não negros.

Inicialmente a intenção era identificar pontos específicos que reportassem a alguma informação de participação negra na história de Caçapava do Sul, porém foi ficando nitido que a história oral seria a base da metodologia, e essa modalidade de pesquisa recorre as narrativas, e nesse sentido a pesquisa vem se desenvolvendo a partir de resquícios, indícios e elementos histórico culturais, especialmente recortes a partir de trajetórias de vida que podem contribuir na reconstituição de memórias coletivas, o referencial bibliográfico teve como ponto de partida pensar quem é essa negritude, como o negro é percebido, observado, considerado no imaginário sul riograndense e então na sequência o estudo perpassará outros conceitos, dentre eles memória, território,

identidade, aspectos da cultura e Clubes sociais negros. Voltado para o que seria uma investigação de cunho qualitativo, o estudo é contemplado no Edital FAC Patrimônio de 2022, suscita a importância da qualificação dos argumentos e torna concreta a relevância para o desenvolvimento regional e estadual. O projeto ganha fomento e valorização do Patrimônio Cultural Rio-grandense, em função da importância do mapeamento para assegurar a salvaguarda dos bens culturais e da sua representatividade em termos de temática, tanto no que concerne à história e a cultura negra quanto no rompimento da lógica histórica do Rio Grande do Sul.

É importante registrar que até a presente data, a pesquisa centrada na análise de trajetórias de vida, dentro de um Clube Social Negro, além de produzir conhecimento no meio acadêmico, questionar o imaginário do “Mito” do Rio Grande do Sul enquanto estado europeizado que não reconhece suas raízes negras e reconstituir as memórias de uma comunidade dentro de um território, também vai incidir no enfrentamento do racismo estrutural e na ampliação das políticas públicas de promoção da igualdade racial no município de Caçapava do Sul. O desafio posto concomitante ao decorrer do estudo está na articulação, de modo que a pesquisa mobilize ações em rede capazes de influenciar nas decisões. E como resultado do proposto temos a aprovação do Projeto de Lei por unanimidade na que reconhece o Clube Recreativo Harmonia como Patrimônio Cultural de Caçapava do Sul e no mesmo período de mobilização temos o reconhecimento do Centro de Tradições Gaúchas Clareira da Mata, do Tambor de SOPAPO e do Centro de Umbanda Xangô de Lei. Esse movimento entorno da importância da valorização do Patrimônio Imaterial influenciou na tomada de decisão em prol da preservação dos bens originários da Matriz Africana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra 2020.

BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: Escravismo & Abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CORRÊA, André do Nascimento. **Ao sul do Brasil oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-180**. 2013. 118 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clube sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. 221 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense: realidade e utopia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2022.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

LUDWING, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de Metodologia Científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAESTRI, Mário. **O escravismo no Brasil**. São Paulo: Atual, 1994.

MAESTRI, Mário. Prefácio – invisíveis raízes. In: PEREIRA, Lúcia Regina; AMARO, Luiz Carlos; MAESTRI, Mário; NASH, Peter (organizadores). **Negras histórias no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: FAPERGS, 2002.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, maio. /jun., 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007. Acesso em: 11 abr. 2021.

MEIRA, Ana Lucia Goelzer. **O Patrimônio Histórico e artístico nacional no Rio Grande do Sul no Século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção**. 2008. 483 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NASCIMENTO, Maria Beatriz (1942 – 95). **O negro visto por ele mesmo**; organizado por Alex Ratss; São Paulo: Ubu Editora, 2022, 240pp.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. **Educação patrimonial no Iphan**. 2011. Monografia (Especialização em Gestão Pública) – Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

OLIVEN, Ruben. **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RASCHE, Karla Leandro. **Irmandades Negras: Memórias da Diáspora no Sul do Brasil**. 1ª Edição – Curitiba, PR :Appris, 2016.

SILVA, Terezinha Juraci Machado da. Estereótipos sobre a inferioridade do negro na literatura – uma tentativa de análise. In: TRIUMPHO, Vera Regina Santos et al. (autores). **Rio Grande do Sul – Aspectos da negritude**. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1991.

AS MARGENS DO ESQUECIMENTO, UM ESTUDO EM MEMÓRIA DE JOÃO CEZIMBRA JACQUES

ON THE MARGINS OF OBLIVION, A STUDY IN MEMORY OF JOÃO CEZIMBRA JACQUES

Aline S. Zuse¹

RESUMO

O estudo aqui proposto é uma reflexão primária da dissertação “Para Além de Imembuy: A história adormecida do pioneiro escritor santa-mariense e patrono do tradicionalismo gaúcho, João Cezimbra Jaques” e se vincula à Linha de Pesquisa História e Patrimônio Cultural, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Decorrente da ausência de manifestações relacionadas ao centenário de morte de Cezimbra Jacques, buscou-se estabelecer um diálogo entre a história e o público, com fins de preservação do patrimônio e transmissão do conhecimento às novas gerações. Em vista da relevante contribuição cultural de João Cezimbra Jacques objetivou-se ampliar seu reconhecimento enquanto primeiro escritor de Santa Maria/RS, precursor de movimentos voltados a preservação das tradições gaúchas, relevante folclorista regional e o responsável literário de “O conto de Ymembuy”, popularizado em imaginário social como lenda ao surgimento da cidade de Santa Maria/RS.

Palavras-Chave: João Cezimbra Jacques. Tradicionalismo gaúcho. Identidade cultural.

¹ Jornalista pela Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), Mestranda em Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, RS;

ABSTRACT:

The study here proposed is a primary reflection of the dissertation “Beyond Imembuy: The sleeping history of Santa Maria’s pioneering writer and patron of gaucho traditionalism, João Cezimbra Jacques”, linked to the History and Cultural Heritage Research Line, of the Postgraduate Program in Cultural Heritage at the Federal University of Santa Maria. Resulting from the absence of expressions related to the centennial of João Cezimbra Jacques’ death, it was aimed to establish a dialogue between the History and the public, with the aim of heritage preservation and knowledge transmission to the new generations. Due to João Cezimbra Jacques relevant cultural contribution, it was sought to expand his acknowledgment as the first writer of Santa Maria/RS, precursor of movements aimed at preserving gaucho traditions, relevant regional folklorist and the literary manager of “The Tale of Ymembuy”, which became popular in the social imaginary as the legend of the emergence of Santa Maria/RS.

Keywords: João Cezimbra Jacques. Gaucho traditionalism. Cultural identity.

INTRODUÇÃO

Tornar as heranças recebidas do passado um legado para o futuro certamente são um desafio constante. Mais do que preservar patrimônios, trata-se de um processo de manutenção da cultura sul-rio-grandense, em especial ao que se entende por tradição, folclore e tradicionalismo. O conjunto de informações que possibilitam essa formação identitária surgiram do nascimento de intelectuais que se dedicaram a manutenção do saber. Pessoas que dedicaram suas vidas a aprender, entender e disseminar o conhecimento popular para as gerações futuras, destacando-se como verdadeiros patrimônios da cultura.

Elencado como pioneiro do tradicionalismo, o escritor santa-mariense João Cezimbra Jacques destacou-se no exercício de valorização da história e da cultura gaúcha tornando-se importante contribuinte na construção do entendimento de nossa identidade social. Vagando entre esquecido e desconhecido, Cezimbra foi mestre de inúmeros saberes, como: os livros escritos que abordam a história e as tradições gaúchas; a construção do imaginário que dá à Santa Maria uma origem lendária, ao escrever o Conto de Imembuy; a criação de espaços de valorização da cultura como Grêmio Gaúcho (1898); o estímulo à produção literária com a Academia Rio-Grande de Letras (1901); e outras tantas contribuições.

E passados 100 anos de morte (1922) de Cezimbra Jacques, o cenário ocupado pelo MTG e pelas ações de preservação deste patrimônio cultural encontra-se enfraquecido. O que enfatiza a necessidade de ações voltadas para este nicho, tornando novamente vívido os sentidos de pertencimento a partir do reconhecimento da cultura, da representatividade e de nossas heranças culturais.

Deste modo, o presente estudo buscou rememorar a importância deste personagem, trazendo uma perspectiva a partir da compreensão de identidade do gaúcho e do surgimento de um movimento social que preserve a cultura sul-rio-grandense. Na sequência, uma reflexão sobre os sentidos de pertencimento e identificação em grupos, de tal forma que podemos compreender nossa identidade diretamente ligada aos laços criados por nossa cultura e hábitos tradicionais.

Passamos por uma breve compreensão acerca de compreensões sobre legado e herança enquanto patrimônio imaterial contidos no âmbito deste estudo. E por fim, um olhar sobre o esquecimento de João Cezimbra Jacques diante do cenário que lhe atribuiu importância e a busca por reavivar sua memória.

UM MOVIMENTO PARA SALVAGUARDAR AS TRADIÇÕES

Do gentílico ao histórico, o termo “gaúcho” surgiu para designar tanto identidade à população do Rio Grande do Sul quanto a sua posição na organização econômica do estado. O uso deste explorou diversas referências ao longo da história, até ser abraçado enquanto designação do povo sul-rio-grandense.

Ao refletir sobre o contexto histórico e formador, Boeri e Lima (2019, p.4) ponderam que o gaúcho “é o ‘não proprietário’ marginalizado em alguns aspectos

e valorizado em outros contextos”. Para alcançar essa afirmativa os autores buscam base em estudos anteriores, como Reichel e Gutfreind (1996, p.167), que por sua vez dissertam que o gaúcho seria “[...] um produtor de hábitos, costumes, valores, ideias que se formaram, se mantiveram ou se transformaram à medida que ele experimentava relações concretas de dominação ou subordinação”.

Ainda anterior a tais reflexões encontramos Golin (1987), que acreditava que o gauchismo seria um processo de construção ideológica que teve seu início junto a Sociedade Parthenon Litterario². Segundo o autor, o surgir deste grupo composto por romancistas, poetas, professores e jornalistas teria possibilitado movimentar o panorama cultural gaúcho e as abordagens literárias por eles impressas, que apesar de preservarem um ideal romântico de nacionalidade, teriam marcado o nascedouro da literatura gaúcha.

Por meio dos registros oriundos das publicações do Partenon foi possível estabelecer uma identidade regional, descrevendo o perfil social do “gaúcho” associado a vida no campo e a expressões do folclore popular. Além disso, decorre desta manifestação o surgimento em prosa, verso e imaginário que fez com que o universo pastoril fosse valorizado e replicado nas mais diversas expressões artísticas.

Tendo a literatura como o ponto de partida o surgimento de entidades associativas de cunho cultural e o acesso mais popular intrínseco, fez alavancar a construção de uma identidade regional. Os chamados grêmios seguiram a linha campeira estabelecida pelo Partenon e se dedicaram pesquisar, preservar e divulgar hábitos, a cultura, o folclore e as tradições do Rio Grande do Sul.

Neste contexto a iniciativa de maior destaque foi o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 1898 por João Cezimbra Jacques. Teria este sido a primeira proposta de organizar um movimento em defesa das tradições do Rio Grande do Sul e a representação do Gaúcho por intermédio das artes, lutas, usos e costumes. Durante seu período de atuação, a entidade em questão realizou ciclos de palestras, promoções comemorativas, pesquisas culturais, a redescoberta de danças folclóricas e o 1º desfile de cavalarianos de que se tem registros. O Grêmio Gaúcho tinha por objetivo cultuar a tradições do gaúcho, propondo meios de preservar valores enquanto heranças para as gerações futuras e, de forma inegável, podemos dizer que serviu de inspiração para que – mais tarde – fosse criada uma estrutura organizacional para o tradicionalismo.

Embora as primeiras movimentações não sejam diretamente responsáveis pelo surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, cabe enfatizar sua relevância enquanto ação de preservação e disseminação do patrimônio cultural gaúcho. A formação de registros literários e documentais que decorreram destas manifestações sustentam teorizações e permitem perceber nestes esforços ocorridos entre os séculos 19 e 20 a origem da estrutura organizacional para as tradições.

² A Sociedade Parthenon Litterario (Partenon Literário), é considerada uma das mais relevantes agremiações culturais do século XIX no Rio Grande do Sul e situava-se na capital Porto Alegre.

Buscando introduzir conceitos básicos para discorrer sobre este assunto, falemos de tradição. Palavra que tem sua etimologia oriunda no latim *traditio*, que designa o processo de transmitir ou confiar a alguém algo de grande valor, tal como um conhecimento, uma herança ou uma responsabilidade. Por sua vez, ao sufixo “ismo” denotamos a ideia de sistema ou conjunto, que tem origem etimológica grega.

Somados os conceitos, encontramos em Moura apud Boeri e Lima (2019, p.3) a explicação de que o tradicionalismo nada mais é do que uma ideologia dotada de um conjunto de conceitos de ordem geral. Os autores definem ainda, que o tradicionalismo é um “estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso” e que usa de “uma resposta orgânica e autônoma da sociedade rio-grandense ao avanço de culturas e influências externas e à degradação do patrimônio cultural tradicional local” (2019, p.4).

Na atualidade, o tradicionalismo sul-rio-grandense está diretamente associado a entidade federativa denominada MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho e norteia-se por documentos filosóficos como a Carta de Princípios de Glaucus Saraiva e teses de distintos autores. Cabe dizer que o MTG enquanto unidade congregadora dos Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins, tem por objetivo primordial a manutenção e a preservação da cultura do estado, dedicando-se em especial as tradições populares e folclore, atuando como um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural literária, artística e folclórica.

Ao discorrer sobre características do tradicionalismo organizado, Lessa (1954) afirma que o Movimento se serve do folclore, da sociologia, da arte etc. e constrói a imagem que tomam por ideal representação. Considerando que a sua manutenção ocorra por intermédio de memórias individuais e coletivas vivenciadas ou absorvidas pela transmissão oral do saber, o conjunto de informações que operam na formação identitária e nas delimitações de referências, decorre de uma formação no imaginário social. Embora sejam direcionadas pelos registros literários, tendem a incorporar fatores comportamentais às manifestações estético-simbólicas.

IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO

O processo de construção social e cultural delinea uma versão identitária onde é possível reconhece-se enquanto grupo, diferenciar-se dos demais e neste contexto, assumir o papel de transmitir herança. O reconhecer-se enquanto coletivo a florido do sentimento de pertença faz valorizar a cultura tradicional e valorizar mestres do saber popular, criando caminhos para a transmissão e manutenção do conhecimento tradicional.

Partindo dos saberes tradicionais culturalmente enraizados no cotidiano, tal como no imaginário, é que se pode desenvolver o sentido de identidade. Dessa forma, percebemos que identidade é:

uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 1999, p. 182).

As tribos sociais atuam como nichos identitários que passamos a integrar conforme nossa identificação pessoal e o aflorar do sentimento de pertença. Nessas redes socialmente impostas, cada ator possui relevância para a composição do todo e para a operacionalização do processo de manutenção do legado. É necessário saber identificar de que modo esses atores se fazem presentes e qual a sua responsabilidade nos elementos característicos da rede.

De acordo com Recuero (2009) a base para qualquer rede são os atores:

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, aos atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais (RECUERO, 2009, p. 25).

Esses atores não são imediatamente discerníveis, pois cabe a cada indivíduo a percepção de que os atores também agem, se comunicam, criam e geram informações em uma sociedade. Para além da preservação de suas heranças culturais, ao cultivar as tradições e transmitir para novas gerações interferem diretamente na construção da história futura.

Assim, se faz necessário proporcionar espaços de expressão onde possamos compreender como as conexões sociais são estabelecidas e entender de que forma a atuação do personagem transmissor passa a ser parte do patrimônio de uma cultura. Ainda citando Recuero, podemos dizer que sejam construídos pelos atores é possível ser questionado três aspectos segundo: a Interação, a Relação e os Laços Sociais.

A Interação é considerada a matéria prima das Relações e dos Laços Sociais. As interações são parte dos atores sociais, elas são feitas através das percepções que ator tem do meio e o meio do ator. A Interação é sempre um processo comunicacional, ela depende e faz parte das trocas sociais e essencialmente das trocas comunicativas. Já a Relação envolve uma quantidade de interações, contudo, não essencialmente sejam interessantes ou dotadas de um bom conteúdo.

Avançando mais um pouco chegamos no conceito de Laços Sociais, decorrente das Interações e constituída em laços relacionais. Considerando que esses laços podem ser fortes ou fracos, devemos pensar que eles podem ser beneficiados pelas condições e pela quantidade de tempo disponível que cada usuário da rede tem para manter e munir esse laço.

Os Laços Sociais podem ser difíceis de ser percebidos, todavia

a partir da observação sistemática das interações, é possível perceber elementos como o grau de intimidade entre os integrantes, a natureza do capital social trocado e outras informações que auxiliam na percepção da força do laço que une cada par (RECUERDO, 2009, p.43).

As conexões que unem esses grupos são o respaldo para a existência de laços e o desenvolvimento de um conceito de pertencimento. Diante disso, o estabelecimento de espaços para a abordagem de nossos patrimônios tende a contribuir para o fortalecimento das identidades culturais.

O PATRIMÔNIO IMATERIAL CONTIDO EM UM LEGADO

Ao atribuir significado e importância à um bem material, natural ou imóvel, seja ele de natureza artística, cultural, religiosa, documental ou estética, passa a ser percebido como patrimônio. Um legado construído pelos antepassados, estudado e preservado pelo presente e que deverá ser transmitido às gerações futuras. Conforme definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), patrimônio refere-se a “uma gama de coisas, bens de grande valor para pessoas, comunidades ou nações ou para todo o conjunto da humanidade” (VIANNA, 2016). Contudo, é no setor cultural que se pode compreender heranças como patrimônios dotados de riqueza simbólica, cosmológica e tecnológica.

Ao se tratar do âmbito internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), empenha-se no desenvolvimento de ações que estimulem a criatividade e a preservação de espaços culturais, assim como as tradições orais e produções literárias. Para o desenvolvimento deste trabalho, documentos balizadores buscando salvaguardar o patrimônio cultural foram propostos durante a Conferência Geral da UNESCO de 1989, dentre os quais são apontados o reconhecimento da cultura tradicional e o folclore enquanto patrimônio cultural, bem como a valorização dos mestres dos saberes populares e a transmissão do conhecimento às novas gerações.

Já na convenção da Unesco de 2003, as discussões vêm expandir os conceitos vinculados sobre patrimônio cultural de natureza imaterial trazendo o termo “expressões vivas”. A proposta vem ao encontro da proposta desenvolvida nesta pesquisa quando esta reserva-se a tratar de normas, linguagens, habilidades, saberes e representações. Assim, é perceptível que ainda que no entorno de nosso personagem existam bens tangíveis como livros de autoria e sobre a respeito do autor, a pesquisa desta autora aborda o resgate daquilo que é tratado por legado e por tanto, um bem imaterial.

Ao discriminar algo como relevante patrimônio imaterial, vê-se que parte do valor atribuído se encontra no referendo popular a ele atribuído. Ou seja, é preciso que este seja reconhecido por um determinado grupo, que nele tenha

encontrado identificação e autorreconhecimento como no caso das culturas populares.

Como bem referido por Françoise Benhamou,

o patrimônio imaterial distingue-se assim por duas dimensões: integra o patrimônio intangível por natureza (normas, *savoir-faire*, costumes, músicas, línguas etc.) e é uma extensão do patrimônio material, dando-lhe sentido. Em inúmeras culturas, o patrimônio material só tem valor em razão de sua dimensão imaterial. (BENHAMOU, 2016, p.19).

Ao buscar entender o que seria “dar sentido”, é encontrado em Elsa Peralta da Silva uma reflexão a respeito de legado. A autora diz que patrimônio não somente abrange o contexto de legado,

mas o legado que, através de uma seleção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. Ou seja, existe uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o patrimônio cultural a gerações futuras. E existe também uma noção de posse por parte de um determinado grupo relativamente ao legado que é coletivamente herdado (SILVA, 2000, p. 2018).

Ao abordar o tradicionalismo gaúcho e sua identidade, não há como dissociá-lo da vida, obra e legado do autor João Cezimbra Jacques. Em sua trajetória literária destacou-se no exercício de valorização da história e da cultura gaúcha, produzindo mais de 10 livros entorno destes assuntos. Além disso, criou a primeira entidade do estado do Rio Grande do Sul destinada a pesquisa e preservação da cultura, incentivando o surgimento de outras iniciativas similares. Tendo sido este um dos pioneiros em pesquisas sobre as tradições do Rio Grande do Sul e deixado em seus textos legados relevantes que orientaram as pesquisas primordiais do Movimento Tradicionalista Gaúcha, também é descrito por sua devoção pessoal as suas raízes e por seu amor pela terra natal.

O escritor santa-mariense João Cezimbra Jacques era pesquisador, sociólogo, militar atuante, engajado nas causas sociais de sua época, precursor de ideias, amante das artes gaúchas e lidas campeiras. Ao abordar sua vida e obra se busca valorizar suas contribuições para a cultura, identidade e folclore do gaúcho enfatizado pela preservação do patrimônio e transmissão do conhecimento.

DO ESQUECIMENTO À LUZ DAS MEMÓRIAS

Ao notar o esquecimento da história a presente pesquisa caminha rumo a construir formas de valorizar os acontecimentos, os personagens e as contribuições legadas para o presente. Fundamental para a compreensão da humanidade e de sua trajetória ao longo do tempo, a história quando em esquecimento faz emergir uma grande preocupação social. Diretamente conectada a constituição do sentimento de pertencimento e identidade, a história baseia-se em percurso e legados para fundamentar as decisões do hoje.

Ante a perda das referências da identificação coletiva, neste caso para o tradicionalismo e a literatura santa-mariense, a valorização de João Cezimbra Jacques desempenha papel crucial na construção das estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais. Afinal, ao negligenciar o passado, corre-se o risco de se distanciar das raízes e das lutas que tornaram possível o desenvolvimento atual.

Neste sentido,

Embora diversas reconstruções contemporâneas sobre a caracterização dos movimentos sociais reconheçam o papel ontológico de uma identidade e uma agência coletiva, as teorias dos movimentos sociais são fundamentadas por princípios diferentes, ligados mais à estrutura ou ao macrossocial, à psicologia do comportamento social, à racionalidade estratégica, a dimensões culturais, simbólicas, expressivas ou identitárias (NUNES, 2013, p. 144).

Ações como o surgimento do tradicionalismo gaúcho decorrem de estudos que se debruçaram em personagens históricos, suas ações e ideias, podemos obter insights sobre os desafios e dilemas enfrentados pelas gerações anteriores. Tais são fontes servem como inspiração a partir de um processo de identificação onde suas histórias valorizam padrões, sejam eles dotados de valores, hábitos, costumes ou mesmo por estética. Esse reconhecimento do presente em suas origens na história enaltece identidades como a do gaúcho.

A valorização deste personagem histórico tenta preservar a memória coletiva da sociedade literária por suas contribuições distribuídas em livros; para a sociedade tradicionalista que têm em Cezimbra Jacques o patrono do tradicionalismo por ter legado as primeiras pesquisas culturais gaúchas; a sociedade santa-mariense por seu pioneirismo enquanto escritor e pela histórica Lenda de Imembuy; e soma de todos, a história de um personagem não heroico porém devoto ao sentimento que o identificava com a cultura de suas origens.

O conjunto da obra traduzido em memórias da vida de um personagem. Para tanto, Rodrigues aborda que é preciso

[...] considerar que os arquivos pessoais estão ligados diretamente a Memória, preservando a história, as alegrias, as tristezas, possibilitando rememorar a trajetória de um indivíduo dentro de uma sociedade. Desta forma os arquivos, as bibliotecas, os museus e também os centros de documentação se constituem em espaços que preservam e disponibilizam a consulta e a pesquisa socializando as informações ali contidas, sejam elas individuais ou coletivas, materializadas em seus documentos (RODRIGUES, 2015, p.2).

À medida que o tempo avança, muitos personagens importantes e suas contribuições para o presente são gradualmente esquecidos ou negligenciados. No entanto, é crucial compreender a importância de valorizar a história e os indivíduos que moldaram o mundo em que vivemos hoje. Essa preservação da

memória é essencial para manter viva a conexão com o passado e fortalecer a coesão social.

O esquecimento da história é uma ameaça à compreensão da humanidade sobre si mesma. Valorizar os personagens históricos e suas contribuições é fundamental para preservar a memória coletiva, aprender com o passado e encontrar inspiração para o presente. A história é a sabedoria acumulada ao longo dos séculos, e negligenciá-la seria privar-nos de uma valiosa fonte de conhecimento e identidade. Portanto, é essencial que os indivíduos, as instituições educacionais e a sociedade como um todo assumam a responsabilidade de valorizar e preservar a história, honrando aqueles que moldaram o mundo em que vivemos hoje.

Mas para entender o processo de valorização de uma memória é necessário compreender que

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p. 435).

Ainda que reconstrução da memória busque embasamentos na história escrita, podemos dizer que é a transmissão oral um dos grandes responsáveis por sua manutenção e propagação. Isso faz com que o personagem ou seus legados sejam projetados no presente, seja por intermédio de uma experiência ou mesmo de um sentimento aflorado.

Pesavento diz que

[...], a memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada, simplesmente com a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela passagem do tempo. (PESAVENTO, 2012, p. 94).

Ao observar o tradicionalismo enquanto nicho da cultura, cabe refletir quanto ao estudo a soma dos fatores: memória, história, cultura e movimento social. Assim,

Se a cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Para analisar um sistema cultural, é então necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz como ele é (BALANDIER, 1955 apud CUCHE, 2002, p. 143).

Ratificando as origens da palavra tradição (do latim do verbo “tradere”, traditio, traditionis) que tem como significado trazer, entregar, transmitir, ensinar. Prontamente, tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, sejam eles de natureza espiritual ou material, ou mesmo a transmissão dos costumes realizada de pais para filhos com o passar dos tempos, ao sucederem-se as gerações. Seria então a memória cultural de um povo, um conjunto de ideias, usos, recordações, memórias, e símbolos cultivados pelos tempos, pelas gerações.

Cabe saber que o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) tem sua base em uma sociedade, onde cada componente (tradicionalista) torna-se responsável pela gama dita por patrimônio gaúcho. Em “Caráter Cíclico do Tradicionalismo” de Barbosa Lessa, encontramos a seguinte abordagem sobre tradição:

Um culto que se renova... Na etapa seguinte, ao influxo da II Guerra Mundial, quando Jean-Paul Sartre intrigava os espíritos com sua filosofia existencialista, foi um outro jovem, Paixão Côrtes, com 19 anos, que, entre extrair o SER do nada ou extraí-lo da Tradição -- uma vivência coletiva e real --, preferiu convocar seus colegas ginásianos para a ação, afirmativa, no Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos. [...] Espontaneamente. Sem saber que está fazendo História e Cultura (LESSA, 1985).

Manoelito Carlos Savaris, na obra Manual do Tradicionalista, traz por citação a fala de um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG:

A tradição é definida por Glaucus Saraiva como: “o todo que reúne em seu bojo a história política, cultural, social e demais ciências e artes nativas, que nos caracterizam e definem como região e povo. Não é o passado, fixação e psicose dos saudosistas. É o presente como fruto sazonado de sementes escolhidas. É o futuro, como árvore frondosa que seguirá dando frutos e sombra amiga às gerações do porvir” (SARAIVA apud SAVARIS, 2017, p. 10).

Pensando nisto, ao estabelecer conhecimentos aprofundados sobre a trajetória de João Cezimbra Jacques e sua contribuição para a preservação da cultura e do patrimônio gaúcho, é possível valorizar a história a fim de impulsionar o futuro. Partindo do patrimônio imaterial, percorrendo o processo de identificação que aflora o sentimento de pertença, se pode então despertar a memória deste relevante personagem que marcou a história como o primeiro escritor santa-mariense e o patrono do tradicionalismo.

CONCLUSÃO

Ao revisitar a trajetória de João Cezimbra Jacques, somos imersos as origens e evolução do tradicionalismo. Sua vida e legado ecoam a importância intrínseca da identidade e do sentimento de pertencimento, pilares fundamentais para a coesão de uma comunidade. Através de seu incansável trabalho voltado para a preservação do patrimônio imaterial, Jacques se tornou referência para

o tradicionalismo e no exercício da transmissão de nossa cultura às gerações futuras. No entanto, é necessário destacar que este estudo decorre dos desafios enfrentados pelo esquecimento, que ameaça apagar as memórias nos alicerçamos dentro da cultura do tradicionalismo.

É essencial reconhecer que o legado de João Cezimbra Jacques não se limita apenas ao passado, mas reverbera no presente, oferecendo embasamento para a manutenção do Movimento Tradicionalista Gaúcho e das raízes culturais da sociedade santamariense. O patrimônio imaterial contido em seus estudos nos proporciona uma base sólida para as tradições, pois são elas que nos conectam ao cerne da nossa identidade como povo.

Diante do desafio do esquecimento, cabe a nós, como indivíduos e comunidades, assumir a responsabilidade de preservar e valorizar nossa memória coletiva. Ao reativar a valorização de personagens como João Cezimbra Jacques, renovando nosso compromisso de manter viva a chama do passado para iluminar o caminho das próximas gerações. Somente assim podemos garantir que as histórias e tradições que moldaram nossa identidade perdurem.

O impacto da realização deste estudo acerca dos legados de João Cezimbra Jacques permite destacar a preservação e promoção do patrimônio cultural local. Ao explorar academicamente a sua vida e obra, contribuimos para o desenvolvimento de projetos de conservação, restauração ou revitalização de locais de memória.

Em última análise, ao refletirmos sobre a vida e legado de João Cezimbra Jacques, somos lembrados da importância vital de preservar nossa herança cultural, honrando aqueles que vieram antes de nós e construindo um futuro que seja enraizado em nossas raízes mais profundas. Que sua história continue a inspirar e motivar aqueles que buscam proteger e celebrar as tradições que nos tornam quem somos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A. **As dimensões do patrimônio**. Curso Livre: Patrimônio Imaterial: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda – turma 2. Realização: UNESCO. Coordenação Geral: COMUNA. Plataforma de Educação à Distância: DUO Informação e Cultura. <www.duo.inf.br>. Belo Horizonte, 2008.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- BENHAMOU, F. **Economia do patrimônio cultural** / Françoise Benhamou: Tradução de Fernando Kolleritz.- São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.
- BOERI, H. A. A E LIMA, H. P. **Os novos desafios dos novos tempos: por um tradicionalismo humanizador**. Anais do 68º Congresso Tradicionalista, Movimento Tradicionalista Gaúcho. Lajeado: 2020.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.
- CUCHE, D. **Hierarquias sociais e hierarquias culturais**. In: _____. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2002. p.143-174.
- GOLIN, L. C. T. **Por baixo do poncho: Contribuição à crítica da cultura gauchesca**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013 – 7ª Edição.
- LESSA, B. **Caráter Cíclico do Tradicionalismo**. Anais do 30º Congresso Tradicionalista, Movimento Tradicionalista Gaúcho. Piratini: 1985.
- LESSA, B. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Anais do 1º Congresso Tradicionalista, Movimento Tradicionalista Gaúcho. Lajeado: 1954.
- LESSA, L. C. B. **Caráter Cíclico do Tradicionalismo**. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- LOPES, F e CORREIA, M. B. **Recomendações sobre a salvaguardar da cultura tradicional e popular**. In: Conferência Geral da UNESCO de 1989. França, 1989.
- MELO, F. D. Sobre a História, a Memória, o Esquecimento em Paul Ricouer – os labirintos da epistemologia e da hermenêutica. Revista Historiar, [S. l.], v. 2, n. 3, 2013.
- NUNES, J. H. **Frame e identidade coletiva: uma perspectiva interacionista de análise dos movimentos sociais**. Revista de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Eletrônico: 2020.
- ONU – Organização das Nações Unidas. **Relatório de economia criativa**, 2010.
- PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REICHEL, H. J., GUTFREIND, I. **Fronteiras e guerras no Prata**. São Paulo: Atual, 1995

RODRIGUES, D. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. Revista Ubimuseum 1, 45-52, 2012. 86, 2012.

RODRIGUES, M. P. **Nas malhas do arquivo pessoal: o legado artístico de Rossini Perez**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa, PB: UFP, 2015.

SARAIVA, G. **Carta de Princípios**. Anais do 8º Congresso Tradicionalista, Movimento Tradicionalista Gaúcho. Taquara: 1961.

SAVARIS, M.C. **Manual do Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2017 – 2ª edição.

SCHILLING, G. **Cezimbra Jacques ‘O Precursor’/Prefácio de Krebs, Carlos Galvão, 1986**. Reeditado como: Contribuição para a história da bibliografia Santa-Mariense.

SILVA, E. P. da. **Patrimônio e identidade: Os desafios do turismo cultural**. Fórum: Antropológicas, Fórum nº 4, p. 217-224. 2000.

UNESCO. **Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage**. Paris: 2003.

VIANNA, L. C. R. **Patrimônio Imaterial**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

EM BUSCA DE UM PATRIMÔNIO: APONTAMENTOS PARA A INVENTARIAÇÃO DO PATRIMÔNIO GRÁFICO DO ACERVO DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA

*IN SEARCH OF A HERITAGE: NOTES FOR THE INVENTORY OF THE
GRAPHIC HERITAGE IN THE COLLECTION OF THE DIRETOR PESTANA
ANTHROPOLOGICAL MUSEUM*

Rafael de Siqueira Fischer

RESUMO

Este artigo aborda a possibilidade de inventariar o patrimônio gráfico de Ijuí/RS, com foco no acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp). A pesquisa analisa os índices de pesquisa do Madp, identificando desafios na padronização das descrições, especialmente em documentos textuais. O que se verifica é que a diversidade de informações presentes nos índices oferece oportunidades para a inventariação do patrimônio gráfico, desde que diretrizes de padronização sejam implementadas. Colaborações com instituições locais e pesquisadores são incentivadas para fortalecer a preservação desse patrimônio cultural.

Palavras-chave: Patrimônio gráfico. Acervo. Museu Antropológico Diretor Pestana.

ABSTRACT

This article explores the possibility of inventorying the graphic heritage of Ijuí, Rio Grande do Sul, with a focus on the collection of the Diretor Pestana Anthropological Museum (Madp). The research examines Madp's research indexes, identifying challenges in standardizing descriptions, particularly in textual documents. It is observed that the diversity of information in the indexes provides opportunities for the inventory of the graphic heritage, provided that standardization guidelines are implemented. Collaborations with local institutions and researchers are encouraged to strengthen the preservation of this cultural heritage.

Keywords: Graphic Heritage. Collection. Diretor Pestana Anthropological Museum.

INTRODUÇÃO

O município de Ijuí está localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, e conta atualmente com 84.726 habitantes¹. Sua história remonta a fundação da Colônia de Ijuhy, às margens do Rio Ijuhy Grande, no ano de 1890, por iniciativa da Delegacia de Terras e Colonização do estado, dentro do então território da cidade de Cruz Alta. Ijuí foi a primeira das “Colônias Novas”² de imigração europeia, recebendo imigrantes de diversas nacionalidades nas suas primeiras décadas, como poloneses, alemães, italianos, suecos, austríacos, letos, espanhóis e árabes, além de luso-brasileiros, caboclos, negros e indígenas que já habitavam as terras da colônia antes da sua fundação.

Danilo Lazzarotto (2002) divide a economia de Ijuí em três grandes fases: a fase de subsistência, que vai da fundação da colônia até 1899; a fase de produção para o mercado interno, de 1900 até o início da década 1950; e a fase de modernização, que se inicia a partir da década 1950. É na segunda fase apresentada pelo autor, que podemos perceber o desenvolvimento do setor de serviços no município, conforme demonstram as publicações da época (PESTANA, 1912; IJUHY, 1922). Entre estes serviços, é possível identificar o surgimento dos primeiros estabelecimentos voltados a serviços gráficos na cidade. O Engenheiro Augusto Pestana, diretor da colônia de 1899 até a emancipação político-administrativa da cidade, em 1912, e seu primeiro intendente após isso, em um relatório datado de 27 de junho de 1912, afirma que há uma tipografia na cidade (PESTANA, 1912), se referindo a Livraria Serrana, fundada em 12 de maio do mesmo ano, pelo imigrante austro-húngaro Robert Löw e responsável pela publicação do jornal *Die Serra-Post*, um dos principais veículos de informação do município durante o século XX. Já na publicação de 1922, “Ijuhy no Centenário [da independência]” (IJUHY, 1922), é relatada a existência de duas tipografias, a primeira já citada, e a segunda, conforme relatado por Weber (1987), de propriedade de Luiz Pereira de Borba, que funcionou de 1913 a 1924, e foi responsável pela publicação do jornal *O Ijuhyense*. Para além dos estabelecimentos citados, podemos traçar a produção e circulação de impressos na cidade até o ano de 1909, quando o imigrante polonês Adam Zgraja iniciou a produção do primeiro jornal da então colônia, o *Kolonista*, impresso na casa paroquial da cidade sob a orientação do pároco polonês Antoni Cuber.

Estes dados atestam a presença de um legado de caráter gráfico em Ijuí desde seus primórdios, encontrando continuidade na cultura de impressão que se desenvolveu nas décadas subsequentes. No entanto, foi na metade do século XX que todo esse patrimônio gráfico foi compilado e confiado à guarda do Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp). O Madp, que desempenha um papel central nesta pesquisa de memória coletiva, é uma instituição com mais de seis décadas de história dedicada à preservação da memória de Ijuí e sua região. Sua origem remonta à fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências

¹ Segundo o Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023).

² “Novas” ou mistas, em oposição as antigas colônias de imigração, como as do Vale do Rio dos Sinos, ou da Serra Gaúcha, que eram colônias homogêneas, ou seja, formada majoritariamente por imigrantes de uma única etnia (MANTELLI; CANABARRO, 2010).

e Letras de Ijuí (FAFI), por meio da criação dos Centros de Estudos e Pesquisas Sociais, um dos quatro Centros criados nessa época.

De acordo com Marques e Brum (2004), esses Centros tinham como objetivo conduzir pesquisas de assistência social e oferecer cursos sobre a integração humana na comunidade, sob uma perspectiva social. Foi nesse contexto que surgiu o Museu Antropológico, em 25 de maio de 1961, com um enfoque científico e um escopo local e regional. Como enfatizou Martin Fischer, o primeiro diretor do Museu, no programa de rádio “Nossas Coisas, Nossa Gente” em 1961, o objetivo deste recém-fundado espaço era apoiar estudantes da FAFI e a comunidade por meio da pesquisa, criando um local de investigação. Segundo Fischer (2002), a introdução de um Museu Antropológico na década de 60 em Ijuí reflete o conceito moderno que já estava em vigor no Brasil, especialmente em Recife, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. No contexto local, o Museu foi organizado como uma documentação viva, representando uma síntese abrangente da evolução da região através da influência humana.

Fischer (2002) também destaca outras referências, como o *Musée de l’Homme* em Paris, que serviu como um modelo altamente representativo para o conceito do Madp. Por meio de Gilberto Freyre, Fischer (2002) ressalta que esta instituição não se prende a ideias melancólicas sobre o passado ou a morte, mas sim à ideia de continuidade da vida e da cultura ao longo de diferentes períodos e culturas que o ser humano atravessa.

Atualmente, após mais de seis décadas desde sua criação inicial, o Madp tem a missão de proporcionar conhecimento e reflexão por meio da pesquisa, comunicação, disseminação e preservação de seu acervo, contribuindo para o desenvolvimento educacional, identitário e cultural do Noroeste do RS. A estrutura atual do Museu abriga documentos em diversos formatos, bem como objetos relacionados à cultura material da região. Como mencionado por Callai (2002), os artefatos e documentos mantidos no museu seguem uma lógica de seleção que determina o que deve ser preservado em determinado momento. O museu não guarda tudo, mas sim os testemunhos que carregam o maior significado e relevância tanto para o museu quanto para a vida da comunidade que ele atende.

O Museu preserva e disponibiliza documentos de valor histórico e informativo da comunidade, que fazem parte da memória de Ijuí e da região noroeste do Rio Grande do Sul. Esse acervo, que abrange uma ampla variedade de formatos e gêneros documentais, é constituído tanto por documentos permanentes cedidos pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE)³ quanto por doações de pessoas físicas e jurídicas de Ijuí e da região noroeste. As doações abrangem uma seleção criteriosa de itens documentais de relevância temática e histórica, resultando na formação de coleções distintas. Assim, o acervo mantido pelo Madp serve como uma valiosa referência para pesquisadores interessados na cultura regional do Rio Grande do Sul.

³ Instituição mantenedora do Museu.

Cabe ainda ressaltar algumas iniciativas realizadas dentro da instituição dentro do âmbito do patrimônio gráfico, como a exposição *Rotulando o progresso: a embalagem em Ijuí*, realizada em 2018, com a curadoria de Diane Meri Weiller Johann, Fabricio de Souza e Rafael de Siqueira Fischer, que buscava apresentar a história da embalagem e sua relação com a comunidade de Ijuí, regatando a memória da indústria gráfica de embalagens da cidade ao longo do século XX, até exemplos contemporâneos. Além disso, atualmente, há pelo menos duas pesquisas em andamento que trabalham com o patrimônio gráfico local a partir do acervo da instituição, sendo desenvolvidas por Fischer (2023), que estuda o almanaque *Kalender der Serra-Post* e Souza (2023), que pesquisa identidades visuais da indústria de Ijuí do século XX. Ainda, em âmbito nacional, podemos destacar um crescente interesse na pesquisa que envolve o patrimônio gráfico brasileiro nas últimas duas décadas, como o caso das obras *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1780–1960*, organizada por Rafael Cardoso (2005), *O design gráfico brasileiro: anos 60*, organizada por Chico Homem de Melo (2006) e *Dez ensaios sobre memória gráfica*, organizado por Priscila Farias e Marcos da Costa Braga (2018), que reúnem trabalhos realizados a partir deste patrimônio sob a ótica da história do design gráfico. Também podemos citar o trabalho organizado pela pesquisadora Ana Utsch (2015a), *Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: Patrimônio Gráfico entre ação e preservação*, onde é relatado uma série de ações em prol da preservação, pesquisa e difusão do patrimônio gráfico do Museu Tipografia Pão de Santo Antônio, em Diamantina, Minas Gerais.

A partir desse contexto, emerge a possibilidade da inventariação do patrimônio gráfico salvaguardado no Madp, ideia a qual este trabalho se propõe a fazer os apontamentos iniciais, partindo da análise dos índices de pesquisa do acervo do museu⁴. O trabalho se estrutura de forma que, a partir de uma conceituação mais aprofundada da ideia de um patrimônio gráfico, verificar a possibilidade de uma inventariação desses bens patrimoniais a partir das informações disponibilizadas nos índices.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Podemos encontrar diferentes concepções e níveis de abrangência quando buscamos por patrimônio gráfico na pesquisa acadêmica e na prática profissional. Por exemplo, encontramos a coleção *Graphical Heritage* (AGUSTÍN-HERNÁNDEZ; VALLESPÍN MUNIESA; FERNÁNDEZ-MORALES, 2020), publicada pela alemã Springer, a partir dos anais do *18º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (EGA), que ocorreu em Zaragoza, na Espanha, em 2020. Esta coleção abrange temáticas como estudos em representação arquitetônica, representação gráfica na arquitetura, cartografia, paisagens culturais, ou seja,

⁴ Este trabalho se insere dentro do contexto da pesquisa de mestrado do autor, intitulada “Memória gráfica de Ijuí/RS: um estudo a partir do almanaque *Kalender der Serra-Post*”, e realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

de maneira geral, o patrimônio gráfico aqui é entendido enquanto as relações entre a representação gráfica e o patrimônio arquitetônico.

Na França, por outro lado, encontramos uma noção de *patrimoine écrit et graphique*, patrimônio escrito e gráfico, que por sua vez está relacionada a materialidade dos documentos, sejam eles escritos ou impressos, enquanto patrimônio, tratando de temas como a sua preservação, restauro e difusão, no contexto das bibliotecas e arquivos franceses (ARNOULT, 2009; DESGRANGES, 2010; MINISTÈRE DE LA CULTURE - DRAC GRAND EST, [s.d.]).

Entretanto, no contexto desta pesquisa, temos a noção de patrimônio gráfico desenvolvida principalmente pelo trabalho de Utsch (UTSCH, 2015b; UTSCH; QUEIROZ; GRAVIER, 2019) que, a partir do entendimento francês, propõe uma extensão do entendimento acerca do patrimônio gráfico. Para iniciar a sua reflexão, autora afirma que o objeto privilegiado dos estudos sobre o tema são os documentos gráficos em si, na sua materialidade:

A noção de Patrimônio Gráfico está diretamente associada aos documentos gráficos — sejam eles livros, documentos de arquivos ou obras de arte — que constituem preciosas coleções patrimoniais conservadas em bibliotecas, arquivos e museus. Nesse sentido, a reflexão sobre a categoria está centrada nos produtos da cultura escrita e impressa, que também passaram por um longo processo de valoração e institucionalização até adquirirem seu estatuto patrimonial, hoje plenamente afirmado pelas diferentes instâncias culturais implicadas na sua preservação e difusão. (UTSCH, 2015, p. 27)

Entretanto, a autora propõe para a sua problematização que, quando deslocamos o olhar do produto, ou seja, do documento gráfico, para os meios de produção, nos deparamos com um vazio simbólico, discursivo e institucional. Para Utsch (2015),

[...] no interior deste vazio simbólico habita uma grande variedade de objetos e saberes: máquinas, utensílios, ferramentas, gestos e técnicas tradicionais que deram forma e realidade aos produtos da cultura escrita. Trata-se de máquinas impressoras, prelos, matrizes, clichês, mobiliário diversificado, máquinas e ferramentas específicas, cavaletes, gavetas, componedores, linotipos e toneladas de tipos móveis que, não tendo seu estatuto patrimonial definido, são, muito frequentemente, tratados como lixo e sucata. Submetidas ao comércio, muitas vezes ilícito, da reciclagem, fontes e mais fontes de tipos móveis do passado transformam-se em chumbo fundido. A ausência desses objetos — destruídos pela negligência — traz consigo a ameaça do apagamento dos sistemas de produção e circulação da cultura escrita. Contrapondo-se à enorme diversidade de elementos materiais que constituem tais sistemas, poucos são os objetos que resistiram à indiferença com a qual são percebidos pelas instâncias patrimoniais. (p. 28)

Além de todo um universo de maquinário e ferramentas, existe uma dimensão imaterial, ressalta a autora. Trata-se aqui de todos os saberes e sujeitos envolvidos no cotidiano da produção desses materiais gráficos, nesses homens e mulheres que operavam essas máquinas e faziam a sua produção circular. Esses mesmos saberes e sujeitos também foram obliterados por não serem objeto de atribuição de um valor simbólico pelas instâncias de valoração do patrimônio cultural. A principal ponto positivo nessa problematização esta, é claro, na ampliação dos limites do conceito de patrimônio gráfico. Ele mesmo se enriquece, mesmo em um cenário de terra arrasada, marcado pela perda:

A partir desta perspectiva, ao mesmo tempo técnica, histórica e antropológica, o Patrimônio Gráfico ganha uma dimensão muito mais ampla e seus bens culturais, que têm agora teor material e imaterial, passam a integrar uma extensa lista imaginária concretizada a cada nova conquista... Conquista que se dá no momento de reconhecimento, ou de invenção, de uma memória coletiva, que incita o desejo de preservação de um objeto ou de um gesto no interior de uma comunidade, de uma instituição, de uma sociedade. De fato, além da abundância e da diversidade dos acervos arquivísticos, bibliográficos e artísticos – que nós tanto celebramos –, o Patrimônio Gráfico é compreendido aqui na sua dimensão do “fazer”, contemplando as máquinas e as ferramentas do passado, juntamente com as técnicas em exercício necessariamente vinculadas aos homens e às mulheres que as colocaram em movimento, no interior de diferentes contextos históricos, culturais e sociais. (UTSCH, 2015, p. 28)

Portanto, para os fins dessa pesquisa, compreendemos o patrimônio gráfico enquanto sua dimensão material, ou seja, nos artefatos gráficos e no maquinário e ferramentas envolvidos na sua produção, que por sua vez, está ligada a uma dimensão imaterial do fazer das técnicas e sujeitos envolvidos nessa produção.

METODOLOGIA

O presente trabalho se propõe, a fazer um levantamento preliminar do patrimônio gráfico salvaguardado no Madp, a partir da análise dos índices de pesquisa disponibilizados pela instituição. Os índices de pesquisa são documentos disponibilizados física e virtualmente, para cada um dos fundos e coleções, apresentando a relação de todos os itens em presente em cada uma delas, além de informações básicas sobre estes, que variam conforme as características do acervo.

O objetivo geral é, portanto, verificar a viabilidade da inventariação desse patrimônio, a partir das possibilidades apresentadas, ou deficiências, nesses instrumentos de pesquisa. Essas possibilidades podem se apresentar na forma de informações como os meios de produção empregados, para que se excluam documentos manuscritos ou datilografados, uma vez que essa tipologia não corresponde ao entendimento aqui apresentado como patrimônio gráfico, e o local de produção ou procedência, uma vez que o interesse aqui é a patrimônio que fora produzido localmente.

ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO MADP

O acervo documental preservado pelo Madp (Tabela 01) reúne mais de 1000 metros lineares de documentos de diferentes gêneros como audiovisual, bibliográfico, cartográfico, iconográfico (fotografias), musical, sonoro e textual e se organiza através dos seguintes fundos e coleções:

Tabela 01 – Fundos e coleções de documentos do MADP

Fundo ou coleção	Audiovisual	Bibliográfico	Cartográfico	Iconográfico	Musical	Sonoro	Textual
Cooperativismo				X			X
Eduardo Jaunsem				X			X
Família Beck				X			X
FIDENE	X	X		X		X	X
Ijuí	X		X	X		X	X
Ildo Weich				X			
Indígena				X			X
Jornal da Manhã				X			X
Luiz Germano Gieseler				X			X
Martin Fischer				X			X
Pastor João Ferreira Filho	X			X		X	X
Pio Busanello							X
Regional				X			X
Sindicalismo				X			X
Biblioteca							X
Hemeroteca							X

Fonte: Sistema de informações arquivísticas (AtoM Madp/Fidene)

A partir da Tabela 01, podemos ter uma visão da tipologia dos documentos presente no acervo do Madp, conforme apresentado pela instituição (MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA, 2021). Além disso, conforme citado anteriormente, cada um dos fundos e coleções possui seu próprio instrumento de pesquisa, os índices de pesquisa. Prosseguiremos a seguir com a avaliação da estrutura destes índices.

ANALISE DOS ÍNDICES

Ao analisar os índices de pesquisa do Madp, observamos uma gama variada de informações contidas nesses documentos essenciais para a catalogação e preservação do patrimônio gráfico de Ijuí. Os índices de pesquisa fornecem valiosas percepções sobre o conteúdo do acervo, incluindo o número de identificação de cada documento, uma descrição concisa do seu conteúdo e a quantidade de exemplares disponíveis, conforme podemos observar na figura 01. No entanto, é importante notar que essas informações não são uniformes em todos os documentos. Algumas coleções, notadamente as que abrangem documentos fotográficos, como as coleções de Eduardo Jaunsem, Ildo Weich e Família Beck, apresentam detalhes mais robustos sobre o suporte e o tipo de material.

Figura 01 – Detalhe do índice de pesquisa da Coleção Família Beck

3

CB P2 (Pasta 2)

Nº.Doc.	Descrição	Quant. Exemplar
01-05	NOTÍCIAS DE JORNAL. 2003.	5
06.	REGISTRO DA VENDA A VISTA da Firma Germano Beck. Ijuí, Julho, 1923-1927. 30 f.	1
07.	[LIVRO] Registro Trabalho Encomendado e Realizado pela Família Beck. Ijuí, 1909-1921.	1
8-11	GUIA PARA AQUISIÇÃO ESTAMPILHAS- Vendas Mercantis. 1925, 1926, 1927, 1929.	4
12.	BECK, Willy Frederico. Família Beck. Ijuí, Década 60 de 1900. 3 p.	1
13.	HISTÓRIA FAMÍLIA BECK. Ijuí, novembro 1999.	1
14.	NOTA PROMISSÓRIA. Indústria Colonizadora Continental S.A. Alfredo Adolfo Beck. Porto Alegre, 1955.	1
15.	RECIBO DE PAGAMENTO. Consumo de Luz Elétrica. Jorge Alberto Beck. Cruz Alta, [1920].	1
16.	CERTIFICADO. Pagamento Imposto Territorial. Hermann Becker. Ijuhy, 1911.	1

Fonte: Madp

Por outro lado, ao explorar os documentos textuais, que representam uma tipologia de documento intimamente relacionada à temática desta pesquisa, deparamo-nos com uma coluna denominada “Descrição”. Infelizmente, essa coluna carece de uma estrutura padronizada, o que pode dificultar a identificação e catalogação precisa dos documentos. Na maioria dos casos, as descrições apresentam termos genéricos e imprecisos, tais como “registro”, “guia” ou “recibo”, que, embora sugiram a natureza documental, deixam lacunas significativas no entendimento da materialidade, da forma e do conteúdo desses registros. Essa falta de padronização e detalhes uniformes é um desafio evidente quando se trata de documentos textuais. A ambiguidade nas descrições pode

tornar complexa a identificação de materiais gráficos específicos relacionados a esse acervo textual.

No entanto, é fundamental ressaltar que existem exceções notáveis. Em alguns casos, termos específicos são utilizados nas descrições de documentos textuais, como “diploma”, “folheto” ou “livro”. Esses termos denotam claramente materiais impressos, oferecendo uma visão mais precisa e detalhada do conteúdo dos documentos, o que é particularmente relevante para esta pesquisa que se concentra no patrimônio gráfico.

A hemeroteca é um exemplo notável de uma coleção que apresenta uma estrutura mais clara em seu índice. Nessa seção do acervo, todos os documentos se referem a materiais impressos, como jornais, suplementos, revistas e periódicos. Além disso, esses documentos são detalhados em relação à procedência e data dos exemplares, fornecendo informações cruciais para a compreensão da história impressa da região.

Apesar das limitações, a pesquisa abre portas para inúmeras possibilidades. Primeiramente, a inventariação do patrimônio gráfico de Ijuí é uma etapa viável, desde que sejam implementadas diretrizes de padronização na descrição de documentos. Aprofundar a pesquisa sobre as técnicas, sujeitos e máquinas envolvidas na produção gráfica na cidade é outra perspectiva empolgante. Além disso, colaborações e parcerias com instituições locais, pesquisadores e a própria comunidade podem fortalecer a ideia da presença e preservação do patrimônio gráfico. A construção de uma memória coletiva em torno desse patrimônio é uma oportunidade para enriquecer o entendimento da cultura regional e contribuir para o desenvolvimento educacional, identitário e cultural da região do Noroeste do Rio Grande do Sul.

No cenário atual, onde há um crescente interesse na pesquisa relacionada ao patrimônio gráfico brasileiro, este estudo oferece uma base sólida para a exploração contínua desse valioso legado cultural. À medida que avançamos, é imperativo que continuemos a valorizar, preservar e compartilhar o patrimônio gráfico de Ijuí, enriquecendo a nossa compreensão da história local e regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo do Madp abrange uma ampla variedade de formatos e gêneros documentais, reunindo documentos que representam a memória coletiva de Ijuí e da região noroeste do Rio Grande do Sul. Esse acervo é o resultado de doações criteriosas de pessoas físicas e jurídicas da região, que escolheram preservar itens de relevância temática e histórica. Como instituição cultural, o Madp desempenha um papel vital na preservação, pesquisa e disseminação desse patrimônio, contribuindo para o desenvolvimento educacional e identitário da região.

Neste estudo, exploramos a ideia de patrimônio gráfico e a possibilidade de inventariar o patrimônio gráfico do Madp a partir da análise de seus índices de pesquisa. Constatamos uma variabilidade de informações nos índices, com algumas coleções, especialmente as relacionadas a documentos fotográficos,

apresentando detalhes significativos sobre o suporte e o tipo de material. Por outro lado, no caso de documentos textuais, observamos uma falta de padronização nas descrições, o que pode dificultar a identificação e catalogação precisa. Apesar dessas limitações, este estudo abre portas para inúmeras possibilidades. A inventariação do patrimônio gráfico de Ijuí é viável com a implementação de diretrizes de padronização na descrição de documentos. Além disso, a pesquisa pode ser aprofundada para explorar as técnicas, sujeitos e máquinas envolvidos na produção gráfica na cidade, contribuindo para um entendimento mais profundo desse patrimônio. A colaboração com instituições locais, pesquisadores e a comunidade pode fortalecer a preservação e valorização do patrimônio gráfico. À medida que o interesse pela pesquisa relacionada ao patrimônio gráfico brasileiro cresce, este estudo oferece uma base sólida para a exploração contínua desse valioso legado cultural. Preservar, valorizar e compartilhar o patrimônio gráfico de Ijuí enriquece nossa compreensão da história local e regional, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e educacional do Noroeste do Rio Grande do Sul.

REFÊRENCIAS

AGUSTÍN-HERNÁNDEZ, L.; VALLESPÍN MUNIESA, A.; FERNÁNDEZ-MORALES, A. (org.). **Graphical Heritage**. Cham: Springer International Publishing, 2020.

ARNOULT, J.-M. La restauration du patrimoine écrit et graphique en France: état des lieux. **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, n. 1, p. 20–27, 2009.

CALLAI, J. L. 40 anos de memória. In: In: MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA (org.). **Museu Antropológico Diretor Pestana: 40 anos de história**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. 37–44.

CARDOSO, R. (org.). **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1780–1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

DESGRANGES, O. Médiation et valorisation du patrimoine écrit et graphique en direction des jeunes: journée d'étude du centre du livre et de la lecture de Poitou-Charentes. **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, n. 5, p. 81–82, 2010.

FARIAS, P.; BRAGA, M. DA C. (org.). **Dez ensaios sobre memória gráfica**. São Paulo: Blücher, 2018.

FISCHER, M. O Museu Antropológico de Ijuí (conferência). In: MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA (org.). **Museu Antropológico Diretor Pestana: 40 anos de história**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p. 31–36.

FISCHER, R. DE S. **Memória gráfica de Ijuí/RS: um estudo a partir do almanaque Kalender der Serra-Post**. Dissertação (Mestrado)—Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2023. No prelo.

HOMEM DE MELO, C. (org.). **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ijuí (RS)**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/ijui.html>>. Acesso em: 12 out. 2023.

IJUHY no centenário. 1922. Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí).

LAZZAROTTO, D. **História de Ijuí**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

MANTELLI, J.; CANABARRO, I. A organização de um espaço inter-étnico: o noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Campo-Território**, v. 5, n. 10 Ago., p. 333–348, 8 set. 2010.

MINISTÈRE DE LA CULTURE - DRAC GRAND EST. **Patrimoine écrit et graphique**. Disponível em: <<https://www.culture.gouv.fr/Regions/DRAC-Grand-Est/services/DIC/patrimoine-ecrit-graphique>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA. **Fundos e Coleções**. Disponível em: <<https://madp.unijui.edu.br/acervo/fundos-e-colecoes/>>. Acesso em: 12 out. 2023.

PESTANA, Augusto. **Relatório dos negócios e obras públicas da Comissão de Terras e Colonização**. 1912. Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí).

SOUZA, F. DE. **O patrimônio cultural e gráfico: inventário de identidades visuais da indústria de Ijuí do século XX**. Dissertação (Mestrado)—Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2023. No prelo.

UTSCH, A. (org.). **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: patrimônio Gráfico entre ação e preservação**. Diamantina: Associação do Pão de Santo Antônio, 2015a.

UTSCH, A. Patrimônio gráfico, história do livro e preservação. In: UTSCH, A. (org.). **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: patrimônio gráfico entre ação e preservação**. Diamantina: Associação do Pão de Santo Antônio, 2015b. p. 25–31.

UTSCH, A.; QUEIROZ, S.; GRAVIER, M. G. (org.). Cultura gráfica e patrimônio: museus em ação. In: **Encontro em torno de tipos e livros**. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2019. p. 41–70.

WEBER, R. **Os inícios de industrialização em Ijuí**. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1987. w

OS MURAIIS DA UFSM: O INVENTÁRIO COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DO VALOR HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PATRIMÔNIOS PÚBLICOS

THE UFSM MURALS: INVENTORY AS A TOOL FOR PRESERVATION OF HISTORICAL AND ARTISTIC VALUE OF PUBLIC PROPERTY

Aline Britto Fialho¹

Gilvan Odival Veiga Dockhorn²

RESUMO

Os murais da Universidade Federal de Santa Maria se configuram com símbolos de memória da instituição, seja pelo valor histórico, seja pelo artístico. O muralismo é uma das marcas do movimento modernista na cidade tendo no conjunto urbano, conformado no campus da UFSM, um significativo acervo destas obras junto à sua arquitetura. A criação do curso de Belas Arte na década de 1960 foi a responsável por trazer a arte com características modernas e possuiu como objetivo a produção de obras para os espaços públicos da cidade, assim como no campus. Para defender a preservação destes murais e de seu valor enquanto arte, é preciso criar meios de registro capazes de documentar sua história, pois esta reflete hábitos e preferências que estão intrinsecamente ligadas a existência da instituição a qual pertencem e, por isso, passíveis de serem preservadas. A atitude de inventariar objetiva produzir o conhecimento dentro de recortes e critérios explicitados em um método, procedimentos e premissas (MOTTA; REZENDE, 1998, s.p). Dada a quantidade e qualidade dos dados obtidos sobre os murais da UFSM, que tornaram possível identificar e catalogar um conjunto de informações capazes de consolidar este documento, propõe-se a criação de uma Ficha de Inventário dos Murais da UFSM como fonte e objeto de ampla pesquisa.

Palavras-chave: Murais da UFSM. Ficha de inventário. Patrimônio. Preservação

¹ Mestra em Patrimônio Cultural/UFSM, Gestora de Turismo/UFSM, bacharel em Desenho Industrial - Programação Visual/UFSM, especialista em Comunicação Midiática/UFSM. Saiba mais em: <http://lattes.cnpq.br/7524368476532505>. E-mail: fialho.aline@gmail.com

² Pós-doutor em História Contemporânea. Doutor em História das Sociedades Ibero Americanas. Mestre em História. Bacharel em História. Docente no Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e no Mestrado em Patrimônio Cultural. Conheça seus projetos e atividades acadêmicas no link: <http://lattes.cnpq.br/9582242288468024>. E-mail: gilvan.dockhorn@ufsm.br

ABSTRACT

The murals at the Federal University of Santa Maria are symbols of the institution's memory, whether due to their historical or artistic value. Muralism is one of the hallmarks of the modernist movement in the city, with the urban complex, formed on the UFSM campus, having a significant collection of these works alongside its architecture. The creation of the Fine Art course in the 1960s was responsible for bringing art with modern characteristics and aimed to produce works for the city's public spaces, as well as on campus. To defend the preservation of these murals and their value as art, it is necessary to create means of recording capable of documenting their history, as this reflects habits and preferences that are intrinsically linked to the existence of the institution to which they belong and, therefore, capable of being preserved. The attitude of inventorying aims to produce knowledge within sections and criteria explained in a method, procedures and premises (MOTTA; REZENDE, 1998, s.p). Given the quantity and quality of data obtained on the UFSM murals, which made it possible to identify and catalog a set of information capable of consolidating this document, it is proposed to create a UFSM Murals Inventory Record as a source and object of extensive research.

Palavras-chave: UFSM's Murals. Inventory Record. Heritage. Preservation

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, intitulada “Rota dos Murais da UFSM: uma proposta de roteiro turístico na perspectiva do turismo cidadão” defendida em março de 2022. Teve como objetivo a valorização e a promoção da visibilidade dos murais da UFSM, entendidos como patrimônio artístico. São inúmeras as possibilidades de olhares acerca dos murais, entre estas a de tornar este patrimônio mais acessível à comunidade, não apenas a acadêmica, elaborando ferramentas que possam reforçar o papel de ações práticas e educativas.

Sendo assim, um dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa foram os dados catalográficos referentes ao inventário de cada obra – tendo como recorte de tempo os anos de 2020 a 2021 –, possibilitando sua consolidação para identificação e documentação como registro para preservação do valor histórico e artístico destes bens integrados, que são os murais da UFSM. Essa investigação aconteceu de forma concomitante com o projeto de Extensão da UFSM, denominado Murais da UFSM: Interlocações sobre Arte, Cultura e Patrimônio³, onde foram catalogados 31 murais que compõem a rota, com a atualização de registros documentais e fotográficos, junto a pesquisas no Portal de Projetos da UFSM, em arquivos fotográficos no Departamento de Arquivo Geral da UFSM (DAG) e em pesquisa de campo. Após o ano de 2021, novos murais foram produzidos e estão compreendidos no espaço do campus sede.

Sabe-se que os murais da UFSM faziam parte de um projeto maior, idealizado por seu fundador e primeiro reitor José Mariano da Rocha, inspirado na iniciativa da Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM-MX, com murais dos artistas mexicanos David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera e Jose Chávez Morado. A principal função deles era a de contextualizar as obras com a área de conhecimento de cada unidade universitária que em seu projeto inicial constavam: as Ciências Puras, Jurídicas e Sociais, Médicas, Tecnológicas, da Produção e Belas Artes – e inserir na comunidade acadêmica o cenário geral da sociedade, evidenciadas ao longo do tempo. Apesar do acervo de arte mural da UFSM não ser um museu institucionalizado, podemos considerá-lo como um espaço museológico, e como tal, um importante objeto construtor de conhecimento interdisciplinar. O conjunto data de 1971 e o primeiro intitulado “A conquista espacial”, do artista Eduardo Trevisan, completou cinquenta anos em dezembro de 2021, juntamente com a construção do Planetário. O mural intitulado “O machado esquece, a árvore recorda”, do artista Brasileiro, é de 2019 e faz parte do projeto Painel Artístico do CCHS, de 2017, proposta que teve como objetivo gerar discussões temáticas abrangendo as áreas das Ciências Sociais e Humanas.

³ Coordenado pela arquivista Cristina Strohschoen dos Santos, que teve como produto final a produção do “Catálogo Murais UFSM: 1971-2021”, lançado no dia 9 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/dag/2021/12/30/lancamento-de-catalogos-de-murais-e-esculturas-da-ufsm/>. Acesso em 20 dez. 2021

A PRESENÇA DA ARTE MURAL NA UFSM: UMA MARCA DO MODERNISMO

Não é incomum a presença de acervos de arte em espaços públicos educacionais, no caso específico das universidades. No Rio Grande do Sul, podemos citar os murais dos artistas Aldo Locatelli (1915–1962) e de João Fahrion (1898–1970), existentes nos prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre. Na UFSM, a arte pública está presente não só na figura dos murais, como também em esculturas. Segundo Jappe (2018, p. 24), a escultura em espaços públicos – e aqui podemos estender a qualquer gênero de obra de arte pública – representa um meio de relação com as pessoas que por este espaço transitam e contribuem para promover a identidade de um lugar com seus fruidores.

A arte mural ou muralismo tem sido abordada por diferentes aspectos, desde a sua relação com a arquitetura e inserção no espaço urbano, até o seu caráter social, político e artístico. Esta arte faz parte do *habitat* humano desde os tempos mais remotos, sendo estritamente vinculada à arquitetura e, mais recente, ao espaço urbano, tendo como seu suporte a parede ou o muro. Pinturas murais são uma linguagem artística onde a base da camada pictórica é uma parede ou muro, na qual o artista cria uma relação de complementaridade entre arquitetura e arte (PEREIRA, 2015). Segundo a política do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a pintura mural é considerada como bem integrado, pois não pode ser movida sem prejudicar a integridade do bem arquitetônico (PEREIRA, 2015, p. 10). As pinturas murais têm representado, ao longo do tempo, uma forma de expressão humana importante para o conhecimento e compreensão das sociedades, e uma forma de arte ligada ao modo de viver.

No Brasil, a arte mural é referenciada por diversos autores que geralmente destacam a produção realizada no início do século XX, quando as primeiras manifestações por uma arte livre da rigidez acadêmica começaram a aparecer no cenário nacional, com destaque para expoentes da classe artística e da elite paulista da Semana de 22, estendendo-se até a década de 1960 (WILHELM, 2011, p. 25). Mas, sempre buscando estabelecer possíveis relações entre a arte mural brasileira e a mexicana, de grande repercussão internacional e que relacionava a arte mural a uma arte social ou urbana. Pedrosa (1981), entretanto, esclarece que há uma grande diferença entre os propósitos do muralismo mexicano e o brasileiro. Sendo que “este último, não chegou de fato a se constituir num movimento ativista-libertário e, tampouco, surgiu da necessidade de seus artistas abandonarem o ateliê e/ou, saírem às ruas como aconteceu no México, a partir de 1910” (PEDROSA, 1981, p. 15). O autor também menciona que a semelhança entre elas é que representavam uma reação aos limites da técnica da pintura de cavalete. Ou seja, existe no propósito da pintura mural a busca pela socialização para além dos cavaletes e das quatro paredes das instituições museais, das galerias, um museu democrático a céu aberto e além do academicismo e que se afastava da elite para dialogar com o povo, criando uma nova relação de homem e espaço na apreciação da arte.

Para alguns autores, como Wilhelm (2011, p.7), há influência do muralismo mexicano nas obras de artistas como Cândido Portinari (1903-1962) e Di Cavalcanti (1897-1976). Apesar de algumas similaridades e influência, no Brasil não podemos afirmar que existiu um movimento muralista (REZENDE, 2018, p. 70), mas sim, artistas que realizaram pinturas murais, pois o que os diferenciava eram suas ambições estéticas e ideológicas. No México, os murais estavam associados aos ideais da Revolução Mexicana, seus feitos heroicos e seu caráter racial; no Brasil, surge como uma possibilidade de completar e humanizar a arquitetura, sem qualquer contexto ideológico.

A influência do pensamento e repertório plástico de Le Corbusier foi um fator decisivo para a adoção do uso de elementos estetizantes na arquitetura do Modernismo, como obras de arte, esculturas e murais considerando esta composição como a “síntese da arte”, não apenas coexistissem em um mesmo espaço construído, mas que desenvolvessem um relacionamento simbiótico, a ponto de que uma interferisse no resultado estético e na fruição da outra (REZENDE, 2018). Estas obras tinham como função não embelezar a arquitetura, mas fazer parte da composição, podendo ser uma escolha do arquiteto se assim julgasse adequada a construção; ou uma obra encomendada exclusivamente para o projeto; esta segunda, muito praticada nas primeiras décadas do modernismo brasileiro.

De acordo com Pedrosa (1981, p. 258):

O muro foi conquistado pela pintura, não a pintura para o muro, isto é, para a arquitetura. Esta não conheceu, como no Brasil, uma renovação total, permaneceu o que era antes da revolução. Entre nós, ao contrário, é a arquitetura que precedeu o mural. Os jovens arquitetos foram os verdadeiros revolucionários; de ideais sociais e estéticos muito afirmados, bem mais profundos que o dos políticos, e de sua revolução, além do mais muito superficial. No Brasil a primazia no plano artístico coube à arquitetura, o importante era criar algo novo, ali onde o solo ainda era virgem (PEDROSA, 1981, p. 258).

O muralismo na UFSM tem como uma de suas justificativas as marcas do movimento modernista na cidade. As novas tendências de arquitetura do século XX chegaram no Rio Grande do Sul em meados de 1948, quando Oscar Niemeyer esteve em Porto Alegre e observou que eram raras as construções em estilo moderno entre as construções da época. Em Santa Maria, somente na década de 1950, com obras como o Edifício Taperinha, o primeiro arranha-céu construído na cidade, seguindo os princípios modernistas, sendo considerado cartão postal da cidade durante vários anos (GRIGOLETTI; SANTOS; ZAMBONATO, 2019, p. 84). Durante a década de 1960, começou a ser implantado o campus da UFSM concentrando a maior parte de obras modernistas da cidade. Este conjunto urbano conformado pelo campus da UFSM marca um momento histórico em que houve a fundação de várias universidades no país junto ao apogeu do Movimento Moderno (GRIGOLETTI; SANTOS; ZAMBONATO, 2019, p. 14), representando ideais de progresso e crescimento econômico e social.

O plano de implantação do campus é de autoria dos arquitetos cariocas Roberto Nadalutti e Oscar Valderato, da Companhia de Planejamentos Técnicos Fomisa, Rio de Janeiro. O projeto foi elaborado a partir de cinco estudos inspirados nos anteprojetos de Le Corbusier e de Lúcio Costa para a Universidade de Brasil, Rio de Janeiro, da década de 1930, seguindo princípios de racionalismo, inexistência de rigidez da organização espacial em quadras e lotes onde foram estabelecidas diversas zonas funcionais: de ensino, administrativa, de serviços agrários, residencial, recreativa e esportiva. O Plano Piloto n.5 foi aprovado e implantado a partir de 1962 (ROCHA, 1962, apud GRIGOLETTI; SANTOS; ZAMBONATO, 2019, p. 86).

Os elementos formais arquitetônicos que remetem aos princípios do urbanismo moderno, entre tantas outras características como a busca pela valorização de espaços abertos e que destaca a incorporação de obras de arte, no caso um acervo composto por esculturas e arte mural, segundo Grigoletti; Santos; Zambonato (2019, p. 85):

Essa paisagem urbana, oposta à cidade tradicional, proporciona uma experiência estética inusitada a quem a visita, através de seu grande parque, com suas edificações isoladas e esparsas entremeadas por extensos gramados, com uma implantação racional e de fácil leitura (GRIGOLETTI; SANTOS; ZAMBONATO, 2019, p. 85).

O projeto original previu edifícios que fazem uso profuso de brises, pavimentos térreos em pilotis ou com transparências, grandes saguões marcando os acessos, estruturas aparentes, fenestração em cortina perpassando vários pavimentos ou janelas em fita, tratamento apurado para os pilares, murais, cobogós, coroamentos, planta livre e conseqüente flexibilidade de ambientes internos, entre outros recursos típicos do modernismo. Ao longo das últimas décadas, o campus da UFSM foi recebendo novas construções que, por sua escala ou qualidade arquitetônica, as descaracterizaram e comprometeram a sua unidade original.

Quanto a arte com características modernas, que fez sua transição entre monumentos e arte pública decorativa, se deu mais tardiamente em Santa Maria do que no restante do país e são fruto da fundação do curso de Belas Artes, na década de 1960, na UFSM. Antes disso, as produções em pintura e escultura eram direcionadas ao comércio por artistas autodidatas, que não estavam inseridos ou muitas vezes não buscavam se inserir nas inovações ou nas pesquisas que estavam ocorrendo nas artes de maneira mais abrangente (UBERTI, 2014, p. 52). Sendo assim, em 1964, com a criação do curso, novas possibilidades começaram a ser apresentadas no circuito artístico local.

Com outras percepções ligadas aos novos paradigmas, através dos artistas que vieram para a cidade, a fim de ministrar as disciplinas. Paralelamente, os acadêmicos buscaram atualizar seus conhecimentos ao que estava sendo pesquisado no contexto artístico nacional, o que proporcionou aos poucos um avanço na pesquisa em artes visuais na cidade (UBERTI, 2014, p. 52).

A criação do curso de Belas Artes da UFSM em janeiro de 1963 trouxe novas inspirações e conseqüentemente mudanças na forma como se produzia a arte local, ou seja, novas linguagens, técnicas e estilos que impulsionam a transição para o modernismo, com obras voltadas para espaços públicos da cidade com temáticas sociais, muitas vezes ligadas a históricos locais, regionais e nacionais.

Assim, as pesquisas eram diretamente influenciadas pela arte moderna, obras permanentes que foram ganhando a cidade com pesquisas acadêmicas voltadas às linguagens da pintura, do desenho, escultura e tapeçaria, essas, introduzidas no Curso de Artes e Letras por seus professores e que repercutiram em um fazer artístico que teve notoriedade nacional (FOLETTTO; BISOGNIN, 2001). Dentre os nomes, podemos destacar a contribuição ao acervo - tanto pela produção quanto pela formação de novos artistas - Eduardo Trevisan (1920-1983), Silvestre Peciar Basiaco (1935-2017) e Juan Amoretti (1946); sendo os dois últimos professores da instituição.

Eduardo Trevisan, desenhista, ilustrador, pintor e retratista santa-mariense, juntamente com o reitor fundador José Mariano da Rocha, tinham planos para a Universidade: Eduardo pintaria os murais, internos e externos, em todos os prédios das faculdades que compunham o campus, cogitando construir uma casa para que o artista se dedicasse em tempo integral a este projeto (Trevisan, 2020). Dos murais pintados pelo artista, quatro foram concluídos: “A conquista espacial” (1971), “A história do papel, da escrita e do livro” (1972); “A evolução da tecnologia” (1973); e “A Lenda de Imembuí” (1976). Um quinto, que estava sendo pintado no Hospital Universitário, não foi concluído. Conforme entrevista em um jornal, Eduardo disse: “Tenho murais na universidade. Se eu não tivesse reconhecido saber, a reitoria não teria me convidado para pintar, teriam trazido de Roma, São Paulo, Rio de Janeiro. No entanto, lá estão meus trabalhos como testemunho.”

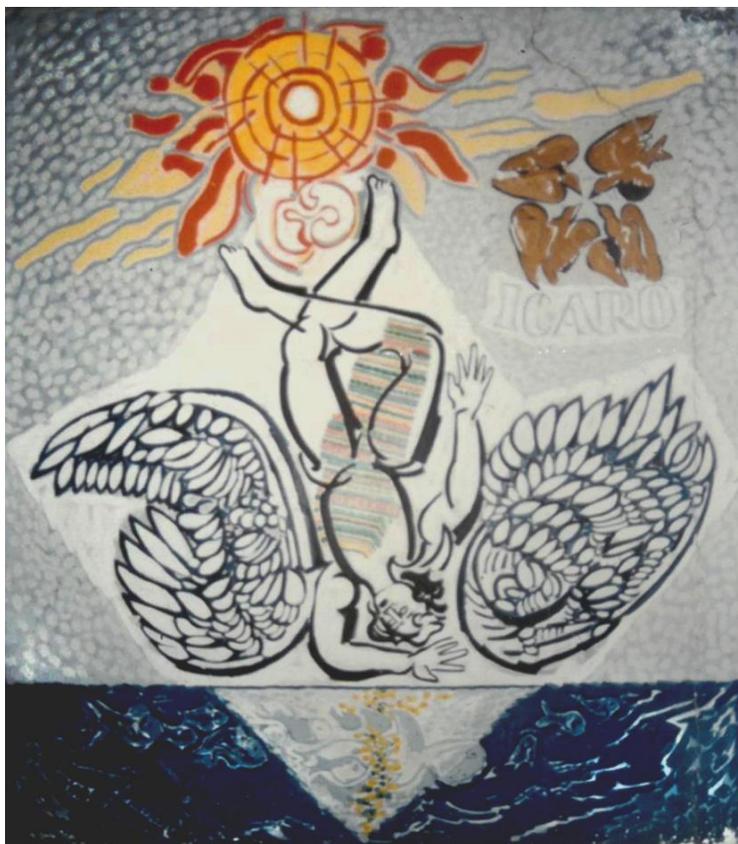
Figura 1 - Inauguração do Planetário, e ao fundo, o mural “A Conquista do Espaço” em 1971



Fonte: Arquivo Fotográfico UFSM.1971.379.010. Fotografia não identificado.

O professor e artista uruguaio Silvestre Peciari Basiaco muda o cenário urbano de Santa Maria a partir da década de 1980 com um número significativo em obras, com esculturas e murais modernos, pensados para os espaços públicos e não somente monumentos, bustos e estátuas em homenagem a figuras importantes e acontecimentos históricos. Como poucos, Peciari, modernista por formação e de vertente expressionista, que em 1975 fugiu da ditadura uruguaia e veio viver seu exílio na cidade de Santa Maria, ousou contestar o fato de que a arte não poderia ser produto de uma narrativa colonial onde, nos dias atuais, torna-se urgente o clamor contra instituições para que se instaure práticas de descolonização no plano das políticas de exibição de coleções, bem como projetos de lei que propõe fim de homenagem a escravocratas, ditadores e a própria derrubada destes monumentos no mundo todo.

Figura 2 - Ícaro (Peciari, 1977), localizado no Restaurante Universitário, foi destruído em 1995



Fonte: SIQUEIRA, Juliano. Os Escritos de Peciari: notas sobre arte e pedagogia no atelier do Mestre. In: Revista Apotheke, v. 6, n. 1, ano 3, julho de 2017, p. 189.

Juan Humberto Torres Amoretti, nasceu em Lima, Peru. Pintor, desenhista e escultor, foi professor da UFSM de 1975 a 2008. É autor de grande parte dos monumentos distribuídos no campus da universidade - entre escultura, retratos e murais - todos carregados de valores simbólicos ligados à cultura peruana. No total, o artista contribuiu com cinco murais que são: “Quinhentos anos da invasão da América” (Figura 3), Caixa Preta, CAL, 1992; “O mundo desde as tabas primitivas indígenas, as navegações, construções, até as naves espaciais”, CTISM,

1992 (restaurada em 2017); “A criança”, HUSM, 1995 (em colaboração com Altamir Moreira, Lincoln Rath, Marcelo Barcelos e Vandete Adriana Miranda); “A árvore da vida”, Reitoria da UFSM, 1998 (obra foi executada pelos artistas Juan Amoretti, Altamir Moreira, Catia Kunde e Marcelo Barcelos); “O corpo humano”, HUSM, 1998. Sua intensa contribuição para a produção artística de Santa Maria e região faz do artista um grande nome na participação na identidade artística local. Enquanto docente da UFSM, coordenou projetos de extensão orientando alunos quanto às técnicas de pintura mural em seu Atelier de Desenho. Em 2020, Amoretti foi responsável pela restauração do mural “Auwé”, de Peciar (prédio da Antiga Reitoria). Atualmente, o artista lidera a equipe responsável pela restauração do coreto da praça Saldanha Marinho, no centro de Santa Maria.

Figura 3 - Mural Quinhentos Anos da Invasão da América (1992), de Juan Amoretti, o maior em extensão contínua medindo 39 metros de largura por 6m de altura



Fonte: Arquivo Fotográfico UFSM.2018.020.007.PRE. Fotógrafo: Marcos Machado Paulo, 2018.

As temáticas de cada um dos murais ambientam-se nos diferentes períodos em que foram pintados, carregam a estética e simbolismo de cada um de seus autores (Figura x), com pinturas que retratam momentos históricos nacionais, regionais e locais. Com a construção dos diferentes edifícios da Cidade Universitária, uma nova prática modernista foi introduzida em Santa Maria, o da incorporação de obras de arte junto à arquitetura. Trazendo novas formas de expressão e linguagem e, com ele, a preocupação em abordar temáticas de maior relevância como: inclusão social, discriminação, genocídio, tecnologia, ciência, feminismo, lendas e tradições, filosofia, arte, literatura entre tantas outras que só em espaços democráticos, como o das universidades, podem e devem livremente transitar e dialogar com seu público. Estas temáticas são importantes, pois uma vez que estejam centralizadas nos movimentos da atualidade, essa relação começa a estabelecer sentido e o objeto ganha sentido também.

Figura 4 - Pietá com Ícaro (1997), de Alphonso Benetti, uma das quatro obras que abordam a figura mitológica presentes no campus da UFSM (uma delas, destruída em 1995)



Fonte: Arquivo Fotográfico UFSM.2018.020.011.PRE. Fotógrafo: Marcos Machado Paulo, 2018.

A linguagem visual representada na arte mural - dentro de um exercício de inventário - se enquadram na classificação de formas de expressão (Florêncio, 2016, p.58), pois representam os valores e significados da cultura de um grupo e fazem parte dos momentos de vida coletiva, neste caso, o grupo referido é a comunidade acadêmica da UFSM. Os murais possuem um alcance local, pois fazem parte do cotidiano de quem o vivencia enquanto inserido nos espaços em que se localizam, não possuem um alcance e nem apelo midiático fora do território do campus, mesmo que muitos de seus autores sejam artistas consagrados na região.

INVENTARIAR: UM PRIMEIRO PASSO NO CAMINHO DA PRESERVAÇÃO

No século XVIII, os inventários surgem como modos de produzir um novo saber por meio da coleta e sistematização de informações, obedecendo padrões e repertório passíveis de análises e classificação, permanecendo como instrumentos de identificação, valorização e proteção de bens como o patrimônio cultural (MOTTA; REZENDE, 1998, s.p). O termo inventário, de acordo com a sua etimologia, se origina do termo latino *inventarium*, com o sentido de “achar” ou em outras palavras pôr à mostra, dar a conhecer (HOUAISS, 2016). Inventariar significa também encontrar, tornar conhecido, identificar, descrevendo de forma acurada cada bem considerado para sua adequada classificação (IPHAN, 2000, p.28).

Segundo o Iphan (2022), inventários são instrumentos de preservação relativo as diversas manifestações culturais tanto de natureza material, quanto imaterial; tendo como objetivo compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento

de potencialidades e educação patrimonial. Trata-se de uma tarefa bastante complexa, pois o que e como documentar dependerá de qual patrimônio se pretende construir, do que se pretende identificar, que dados registrar, qual período, características do bem, sendo quem faz a seleção e a motivação é definem sobre a documentação que se terá ao final (MOTTA; REZENDE, 2008, sp), sempre considerando o caráter científico determinante na produção deste saber (CHOAY, 2001).

A preocupação com a preservação das pinturas murais teve seus primeiros direcionamentos com as ações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, ainda na década de 1940. Em 1944, o artista Edson Motta foi convidado por Lúcio Costa para organizar o setor de recuperação de Obras de Arte do SPHAN (WILHELM, 2011, p. 71). Contudo, a constituição de um campo do patrimônio dedicado às pinturas murais e outros elementos integrados à arquitetura ganha contornos mais expressivos na década de 1980. Segundo Lygia Costa (2000, p. 47), até o final da década de 1980 o IPHAN tinha uma visão simplista na qual o patrimônio cultural dividia-se em dois eixos; o eixo dos bens imóveis (tratado pelos arquitetos) e dos bens móveis (tratado pelos museólogos e historiadores da arte). Entre esses dois eixos havia uma lacuna onde se inseriam os bens que estavam atrelados à arquitetura, mas não eram imóveis:

Por sua própria peculiaridade denominamo-los de bens integrados. Reunindo nessa nova categoria todos aqueles que de tal modo se acham vinculados à superfície construída – interna ou externa – que dela só podem ser destacados, com sucesso, mediante esforço planejado e cuidadoso, assim mesmo deixando em seu lugar a marca da violência sofrida (COSTA, 2000, p. 47).

Para defender a preservação do elemento artístico é preciso compreender o seu valor. A importância da pintura mural vai além do seu valor enquanto arte, ela está impregnada de fatos (PEREIRA, 2015, p. 35), é também registro, documento, tem valor histórico, pois reflete os hábitos e as preferências de uma determinada sociedade, por isso deve ser considerada e preservada; a ela deve ser dado um tratamento diferente daquele de uma parede simples, revestida em cor única, sem destaque dentro da edificação (WILHELM, 2001, p. 43). Uma parede que possui pinturas murais é mais do que uma simples parede.

Cabe ressaltar que o projeto de pesquisa referente a dissertação não possui como objetivo o processo de tombamento desses bens, somente a proposta da educação patrimonial através da criação de um roteiro turístico cultural. Para isto, foi necessário como método para a execução do projeto o levantamento das informações acerca de cada um dos murais: seus autores, ano de inauguração, técnicas empregadas, localização, estado de conservação, restauração, dimensões, bem como um levantamento histórico e uma contextualização temática de cada, pois concentrar informações desta natureza em uma única fonte é uma forma de facilitar sua consulta para o futuro (WILHELM, 2011, p. 66), tarefa esta que possui similaridade ao processo de inventariado.

Segundo Florêncio (2016, p.9):

Inventariar é, primordialmente, uma atividade de educação patrimonial, e tem como objetivo construir conhecimento a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas, sem a pretensão de formalizar reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação (FLORÊNCIO, 2016, p. 9).

Uma série de ações vem sendo realizadas na busca pela preservação do patrimônio artístico da UFSM. A gestão 2018-2021 da Pró-reitora de Extensão (PRE) da UFSM estabeleceu como uma de suas metas a valorização e preservação do acervo artístico da universidade, dentre elas catalogação e restauração de obras (SANTOS, 2021, p. 4), como uma forma de promover a democratização do acesso à arte e à cultura. Dentre elas, podemos citar as restaurações dos murais “A Lenda de Imembuí” de Eduardo Trevisan no Salão Imembuy, prédio da Administração Central (novembro/2018) e o mural “Auwé”, de Silvestre Peciar no hall da antiga reitoria (setembro/2021); da escultura de São Miguel, de Silvestre Peciar no hall de entrada do Centro de Convenções UFSM (outubro/2021); e o Acervo Artístico da UFSM localizado no prédio da Biblioteca Central e que reúne a segunda maior coleção de obras de artes visuais de Santa Maria (outubro/2021). Publicações da Série Extensão⁴, também se somam, como a obra biográfica Eduardo Trevisan: Memória, vida e arte (2020); de autoria de Flamarion Trevisan, filho do artista; Catálogo de Esculturas (2021), organizado pela arquivista Flávia Simone Botega Jappe e pelo professor José Francisco Goulart, registra informações sobre as esculturas públicas expostas ao ar livre no campus sede da UFSM.

Especificamente sobre a temática dos murais, a publicação Catálogo Murais da UFSM (2021), organizado pela arquivista Cristina Strohschoen dos Santos, reúne em uma pesquisa inédita do acervo de arte mural da UFSM de forma cronológica, incluindo registros das obras que foram destruídas e outras não finalizadas. Esta última obra, é um dos resultados da “Exposição Murais da UFSM” (2018), uma mostra itinerante que exibiu registros fotográficos da inauguração de cada um dos murais, preservados no Arquivo Fotográfico da UFSM, no Arquivo Permanente do Departamento de Arquivo Geral e que serviram de principal fonte para a dissertação e construção desta proposta de inventário.

ASPÉCTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de natureza aplicada, abordagem qualitativa, descritiva, documental e exploratória foi construída a partir da revisão teórica fundamentada em seus referenciais (GIL, 2010). Ao longo da pesquisa, foram mapeadas as localizações das obras, feito entrevistas com artistas e pessoas diretamente ligadas à produção de arte mural e, juntamente com os dados bibliográficos

⁴ As publicações da Série Extensão (UFSM) são livros realizados exclusivamente pela Editora Pró-Reitora de Extensão - PRE, sem parcerias externas.

levantados, por meio da interpretação desses, tornou-se possível uma aproximação com a vasta produção de arte mural local.

A metodologia foi desenvolvida para contribuir para o alcance dos objetivos e obtenção dos referenciais e dados para a construção do produto Rota dos Murais da UFSM e proporcionando a criação de produtos complementares, como é o caso da uma Ficha de Inventário dos Murais da UFSM. O esquema metodológico compreende as seguintes etapas: (1) levantamento bibliográfico, (2) entrevistas, (3) análise dos dados coletados, e (4) planejamento e protótipo do produto final. As ferramentas empregadas para a obtenção dos dados foram questionários e entrevistas semiestruturadas, voltadas para a construção de uma compreensão acerca do processo de criação da obra; ficha de inventário das obras, aliada a registros fotográficos documentais existentes; mapeamento da arte mural dentro do campus e apreciação final dos conceitos e referenciais mais alinhados com a proposta do projeto, tendo como foco atingir os objetivos estabelecidos que dão suporte para o planejamento do produto final, no caso um roteiro turístico cultural e seus produtos secundários (cartograma, painel interpretativo, protótipo do aplicativo e as fichas catalográficas de inventário).

Ao final das etapas 1, 2 e 3 e posterior consolidação dos dados obtidos, foi possível a criação de 31 Fichas Catalográficas de Inventário com a identificação das obras como de forma a garantir a preservação e registro do seu valor histórico e artístico. A proposta de ficha elaborada vem de encontro a necessidade de formatar uma ferramenta que pudesse contemplar as especificidades dos murais da UFSM. Para isso, foram utilizadas como fonte e referência a publicação do IPHAN “Inventário da obra de Athos Bulcão em Brasília” (RIBEIRO; PERPÉTUO, 2018), Figura 5, que segue a metodologia do Inventário Nacional dos Bens Móveis e Integrados (INBMI); e a Ficha de Inventário de Bens Móveis e Integrados do IPHAE/RS, Figura 6. As informações foram ordenadas com o propósito de identificar e organizar os dados coletados para a elaboração da rota turística – principal objetivo da pesquisa – e a formulação do conteúdo interpretativo dos atrativos.

Figura 5 – Inventário da obra de Athos Bulcão em Brasília

Brasília Palace Hotel *SHHN Trecho 1 lote 1*

projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer

1959

Pintura mural composta por linhas brancas e figuras nas cores branco e preto sobre fundo azul (cor nº 55 na escala cromática de Athos).

Trata-se de uma composição abstrata na qual as figuras, que não se repetem, encontram-se isoladas e entremeadas pelas linhas brancas e finas. As figuras são configuradas a partir de formas geométricas irregulares, triângulos, quadrados e círculos. Algumas figuras apresentam contorno branco e outras, linhas pretas em seu interior.

O painel apresenta contorno branco na base, no topo e no lado direito, além de um rodapé em granito cinza de 5,5 cm de altura. A base do painel acompanha a escada e o piso superior que se encontram em frente ao canto escuro da obra.

A outra face da parede na qual está localizada a obra é revestida por um painel de azulejos também de autoria de Athos Bulcão. Tal painel foi realizado no ano anterior ao da obra em análise.

local no prédio	salão de festas
proprietário	Terracap
material	pintura de mural sobre alvenaria
dimensões (cm)	2600 x 375
combustíveis	pele cor

Ha um painel de azulejos, de 1958, também de Athos Bulcão, na outra face da parede. Mais detalhes ver página 18.



vermelho
painel decorativo
fotos: Renack Creative

24

Fonte: Inventário da obra de Athos Bulcão em Brasília, IPHAN, 2018.

Figura 6 - Ficha inventário de bens móveis e integrados IPHAE/RS

<p>Governo do Estado do Rio Grande do Sul Secretaria de Cultura</p> <p>IPHAE INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO</p>		<p>SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL</p> <p>M08 BENS MÓVEIS E INTEGRADOS</p> <p>INVENTÁRIO</p>	
Ficha Nº		Município:	
Localidade:		Foto(s):	
<p>Localização do bem inventariado:</p> <p>Endereço: Acesso: Local no Predio: Proprietário: Responsável imediato/ endereço:</p>			
<p>Identificação</p> <p>Designação: Espécie: Natureza: Época: Autoria: Material/ Técnica: Origem: Procedência: Modo de aquisição: Data de aquisição:</p>			
Mentio:			
<p>Dimensões:</p> <p>Altura: Largura: Comprimento: Profundidade: Diâmetro: Peso: Circunferência:</p>		Localização na planta do imóvel:	
<p>Proteção legal:</p> <p><input type="checkbox"/> Federal <input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Tombamento individual <input type="checkbox"/> Tamb. Em conjunto</p>			
<p>Condições de segurança:</p> <p><input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/> Ruim</p>			
<p>Estado de conservação:</p> <p><input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Mau <input type="checkbox"/> Péssimo</p>			
Responsável:		Data:	

Fonte: Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=DownloadDetalhesAc&item=75508>. Acesso em março 2022.

RESULTADO: PROPOSIÇÃO FICHA DE INVENTÁRIO DOS MURAIIS DA UFSM

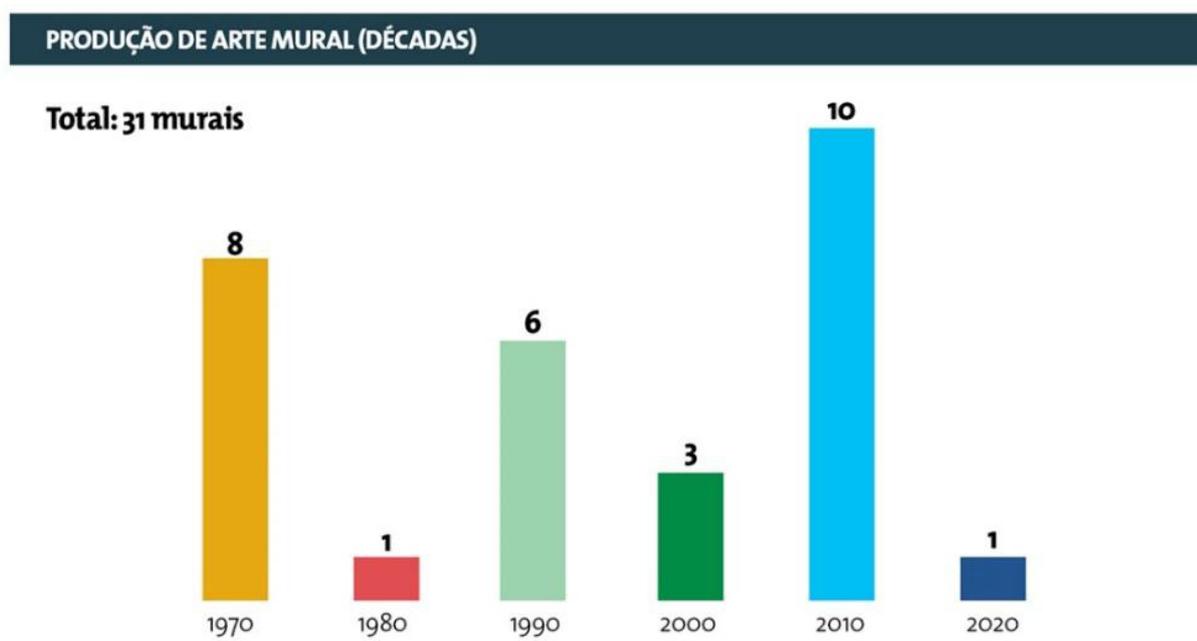
A partir das etapas executadas e descritas na metodologia, durante o período de 2020 a 2021, foram identificados e catalogados 31 murais, sendo dois localizados no centro da cidade, na Antiga Reitoria da UFSM, e 29 no campus-sede, no bairro de Camobi. Primeiramente, as obras foram listadas por título da obra e autor utilizando como critério de classificação e ordenação o ano de produção.

Desta forma podemos interpretar que a arte mural ressalta a identidade cultural e artística muito presente no campus da universidade, fazendo referência a um recorte temporal que remete a fundação da UFSM, assim como os

propósitos de seu fundador para com o projeto que era o de inserir na comunidade acadêmica o cenário geral da sociedade, evidenciada ao longo do tempo e refletidas como marcos estéticos à medida que as décadas evoluíam. Podemos destacar a importância do mural “Quinhentos anos da invasão da América”, 1992, do artista Juan Amoretti, localizado na fachada do teatro Caixa Preta, no Prédio 40 – uma crítica consonante com os movimentos a época que denunciavam os abusos ocorridos na América durante o período de colonização.

A partir disto, foi possível deduzir que houve uma constância na produção de murais nas últimas cinco décadas e concluir que o gênero pode ser uma característica marcante da produção artística local (Quadro 1). Esta classificação por décadas também permite uma análise mais aprofundada por meio de cruzamento de dados e, a partir deles, compreender a motivação e temáticas de cada período, assim como os contextos históricos e sociais envolvidos, a evolução da técnica, perfil dos artistas, assim como a própria função da arte.

Quadro 1 - Produção de arte mural UFSM, por décadas



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Na primeira década de produção, que corresponde a 1970, a principal função destes murais era o de contextualizar as obras com a área de conhecimento de cada unidade de ensino, a fim educar através do espaço. A partir da década de 1980 até os dias atuais, inverte totalmente esta lógica no tocante às questões sociais. Novos murais são criados com temáticas que buscam uma maior integração com o público que começa a se identificar com a diversidade dos temas abordados. Sendo assim, foi possível mensurar as informações da ficha de inventário, assim como dar início a fase de leitura descritiva e denotativa das obras, assim como o registro de três murais que foram destruídos devido a obras estruturais na UFSM.

A partir das etapas executadas e descritas na metodologia, foi possível identificar e catalogar um conjunto de informações capazes de consolidar a proposição de uma ficha de obras inventariadas respectivas a este acervo de bens integrados que vão desde aspectos formais – como dimensões, técnicas de pintura; até características físicas – como estado de conservação; permitindo o reconhecimento do objeto de estudo e sua ambiência (Quadro 2).

Quadro 2 – Categorização geral e detalhamento dos itens de identificação

CATEGORIZAÇÃO GERAL	
Número da ficha	Número por ordem cronológica de produção
Fotografia/Fonte	Registro panorâmico e nome do fotógrafo/agência
Localização	Localidade: Cidade, Estado, País (CEP) Endereço: Rua/Bairro Proprietário: a quem este patrimônio pertence Responsável imediato: pessoa/instituição Coleção: pessoa/instituição
Identificação	Acervo: coleção pública/privada Categoria Patrimonial: bem móvel ou integrado Classe/Gênero: estilo artístico Subclasse/espécie: técnica artística Coleção: acervo a que pertence Título: nome da obra (se houver) ou forma como é referenciada pelo público/observador Autor: artista que produziu Ano: data da produção Largura: plano horizontal Altura: plano vertical Unidade de medida: em metros (m) ou centímetros (cm) Local: interno, externo a uma construção Material e técnica: tipo de técnica empregada (tinta, suporte) Dimensões: largura x altura (m/cm)
Proteção	Se o bem é tombado ou não
Observações	Quanto a acessibilidade para observação da obra
Marcas/Inscrições/Legendas	Registro de lesões/deteriorações, estado de conservação da obra, assinatura da obra, data de produção

Fonte: elaborada pela autora a partir de IPHAE.

Entende-se que o modelo proposto, a partir das duas referências citadas como referência, torna possível a formulação e proposição de uma Ficha de Inventário dos Murais da UFSM (Figura 7), que contempla além das especificidades e características primárias deste patrimônio como uma fonte científica de pesquisa e de registro, mas também, é possível propor outros níveis de interpretação, análise e reflexão, a exemplo da evolução das técnicas de pintura empregadas, seus suportes, perfil dos artistas e suas motivações e técnicas estilísticas.

Figura 7 – Proposta de Ficha de Inventário dos Murais da UFSM

	UFSM Universidade Federal de Santa Maria	INVENTÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS
INVENTÁRIO		
Fonte: -		
CATEGORIZAÇÃO GERAL		
FICHA Nº: 000		
LOCALIZAÇÃO		MARCAS/INSCRIÇÕES/LEGENDAS
Localidade: - Endereço: - Proprietário: - Responsável imediato: - Coleção: -		<div style="border: 1px solid black; height: 40px; width: 100%;"></div>
IDENTIFICAÇÃO		PROTEÇÃO Proteção legal: - Condição de segurança: - Estado de conservação: - OBSERVAÇÕES -
Acervo: - Categoria Patrimonial: - Classe/Gênero: - Subclasse/espécie: - Coleção: - título: - autor: - ano: 1- largura: - altura: - unidade de medida: (cm) local no prédio: material e técnica: dimensões (m): Marcas/inscrições/legendas: -		

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Figura 8 - Ficha de inventário da obra Quinhentos anos de invasão da América, Juan Amoretti (1992)

 UFMSM Universidade Federal de Santa Maria		INVENTÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	
INVENTÁRIO			
			
Fonte: Arquivo Fotográfico, Marcos Machado Paulo, 2018			
CATEGORIZAÇÃO GERAL			
FICHA Nº: 010			
LOCALIZAÇÃO		MARCAS/INSCRIÇÕES/LEGENDAS	
<p>Localidade: Camobi, Santa Maria, RS Endereço: Avenida Roraima, 1000 Campus da UFMSM, Fachada do Teatro Caixa Preta Espaço Rozane Cardoso, Centro de Artes e Letras, prédio 40, Cidade Universitária Proprietário: Universidade Federal de Santa Maria - UFMSM Responsável imediato: (a ser identificado) Coleção: (a ser identificado)</p>			
IDENTIFICAÇÃO		OBSERVAÇÕES	
<p>Acervo: arte mural Categoria Patrimonial: Bem integrado Classe/Gênero: Mural artístico Subclasse/espécie: Pintura mural Coleção: Acervo Artístico título: Quinhentos Anos de Invasão da América (referenciados pelos nomes Mural do Caixa Preta, Mural do CAL e Mural dos 500 anos) autor: Juan Amoretti, Clovis Ferrari e Rildo Batista ano: 1992 largura: 3900 altura: 600 unidade de medida: cm local no prédio: área externa,</p>		<p>vista lateral direita material e técnica: Tinta látex PVA sobre alvenaria dimensões (m): 39,00 x 6,00 Marcas/inscrições/legendas: assinatura do autor, título e ano (abaixo, à esquerda) PROTEÇÃO Proteção legal: Federal Condição de segurança: boa Estado de conservação: ruim (interpérie) OBSERVAÇÕES A obra mural não possui nenhum obstáculo visual, podendo ser observada na sua íntegra.</p>	

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Além de levantamento de dados - documentos e publicações sobre os murais -, também foram reunidos materiais fotográficos já publicados e feitas entrevistas com os autores ou profissionais responsáveis pelas obras, observações *in loco*, com o objetivo de reunir relatos que pudessem colaborar com a preservação destas memórias e histórias. Foi então criado um protótipo de uma segunda ficha que tem como propósito reunir a descrição da obra e de suas informações semânticas. Para ilustrar, foi tomado como exemplo o mural “Quinhentos Anos da Invasão da América”. As informações que constam foram obtidas através de uma entrevista feita com o artista Juan Amoretti, em janeiro de 2020 (Figuras 9 e 10). O objetivo deste exercício foi o de propor a produção

de conteúdo para um aplicativo sobre o roteiro turístico, criando um modelo para a orientação e organização das informações coletadas na pesquisa. O que se apresenta é somente um protótipo, pois para a elaboração de um memorial de cada obra será necessária uma nova pesquisa orientada e especializada no tema.

Figura 9 - Informação semântica e descrição da obra (frente)

ROTA DOS MURAIS UFSM

Produto de divulgação do projeto de dissertação do Curso de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural. Projeto e Design: Aline Fialho

FICHA TÉCNICA

<p>Localidade: Camobi, Santa Maria, RS Endereço: Avenida Roraima, 1000 Campus da UFSM, Fachada do Teatro Caixa Preta Espaço Rozane Cardoso, Centro de Artes e Letras, prédio 40, Cidade Universitária Proprietário: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM Responsável imediato: - Coleção: -</p> <p>IDENTIFICAÇÃO Acervo: arte mural Categoria Patrimonial: Bem integrado</p>	<p>Classe/Gênero: Mural artístico Subclasse/espécie: Pintura mural Coleção: Acervo Artístico título: Quinhentos Anos de Invasão da América (referenciados pelos nomes Mural do Caixa Preta, Mural do CAL e Mural dos 500 anos) autor: Juan Amoretti, Clovis Ferrari e Rildo Batista ano: 1992 largura: 3900 altura: 600 unidade de medida: cm</p>	<p>Local no prédio: área externa, vista lateral direita material e técnica: Tinta látex PVA sobre alvenaria dimensões (m): 39,00 x 6,00 Marcas/inscrições/legendas: assinatura do autor, título e ano (abaixo, a esquerda)</p> <p>PROTEÇÃO Proteção legal: Federal Condição de segurança: boa Estado de conservação: ruim</p>
--	--	---



Fonte: Arquivo Fotográfico, Rafael Happke, 2018

SOBRE O MURAL

Segundo interpretação do próprio autor, representa simbolicamente a diversidade da natureza das Américas através da sua rica fauna e flora, na iminência da invasão dos espanhóis e do etnocídio dos povos originários, causando o fim do Império Inca. No ano de 1992, em muitas partes da Espanha e da América Latina, se sucederam diversos eventos em celebração aos 500 Anos de Descobrimto da América, um acontecimento que por durante muito tempo foi cercado de lendas e atos heroicos, mas que começou a ser questionado mediante a expansão dos movimentos indígenas em defesa dos seus direitos, dando um novo sentido a história contada.

A obra é um manifesto que reconta esta história de conquista e ocupação territorial, refletindo sobre a persistência da destruição de um povo e de sua cultura.

Inaugurado em 1992, o mural que é um dos mais extensos da UFSM, foi executado em oito meses utilizando a técnica artística de tinta acrílica sobre base de alvenaria, com variada gama de cores. Localizado na parede lateral do Teatro Caixa Preta – Espaço Rozane Cardoso, anexo ao Centro de Artes e Letras (CAL) da UFSM recebeu o projeto assinado por Juan Amoretti e executado com o auxílio dos então alunos do curso de Artes Visuais, Clóvis Ferrari e

Rildo Batista à pedido do Reitor Tabajara Gaúcho da Costa, pois o espaço era alvo de constantes pichações.

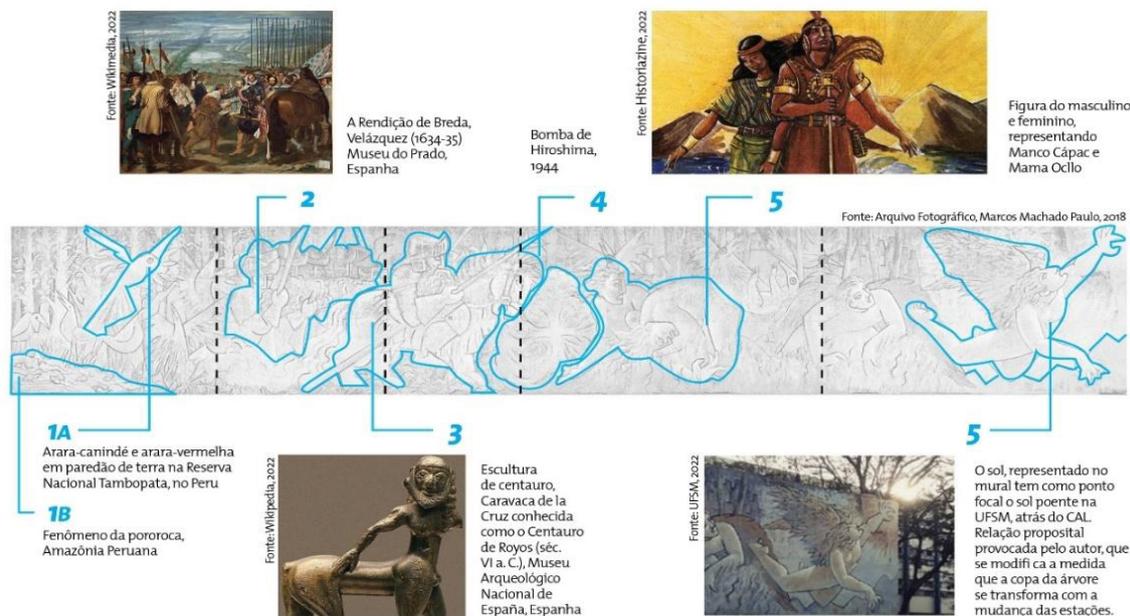
O mural possui uma localização privilegiada, pois no seu entorno encontram-se outras expressões artísticas, como esculturas e monumentos, sem nenhum bloqueio visual de construção ou paisagismo. Também se localiza entre os espaços de lazer e de eventos culturais que são o Memorial, o largo do Planetário e o Bosque. Com relação a mobilidade, a sua frente está localizada umas das paradas de ônibus da linha UFSM e que contribui pra a sua visibilidade.

Figura 10 - Informação semântica e descrição da obra (verso)

INFORMAÇÃO SEMÂNTICA - DESCRIÇÃO DA OBRA

Existe uma carga emocional e estética da trajetória do artista muito presentes no mural. Além da técnica empregada para a pintura do mural, primeira experiência de Juan Amoretti em grandes dimensões, sua origem peruana carrega o referencial cultural na iconografia e simbologia da obra. O artista descreve que a obra se divide em três momentos analisados em cinco partes que, na íntegra, formam uma narrativa cíclica e que se movimenta na troca de cenas e na mudança cromática, uma característica da obra original, perdida como a ação do tempo.

A leitura descritiva usa como metodologia para análise da obra o uso da segmentação do mural como melhor forma de compreender a iconografia da obra:



1. Neste primeiro fragmento, é possível observar a natureza viva, o paraíso representado pela gama de cores, pela fauna e flora representada pelas espécies endêmicas da Amazônia peruana com macacos, aves e o ciclo da vida, representado pelo fenômeno da piracema. O cenário da América antes da chegada dos invasores espanhóis.

2. A segunda parte, representa a chegada dos espanhóis. Segundo o artista, uma referência ao bárbaro Átila, conhecido como o Rei dos Unos e flagelo de Deus que afirmava orgulhoso "por donde pisa mi caballo no vuelve a crecer la hierba" (a grama onde pisa o meu cavalo jamais volta a crescer). Assim, os invasores chegaram para devastar a cultura do Império Inca. Outra referência utilizada foi a do quadro do pintor espanhol Diego Velázquez (1599-1660), "A rendição de Breda" (1635). Na obra, podemos observar as tropas de lanceiros desarmadas representando a derrota e do outro (à direita), as lanças erguidas dos soldados vitoriosos criam uma cortina isolando para segundo plano a

vida que ali existia, demonstrando a indiferença a cultura incaica subestimada e destruída por eles.

3. O cavalo vencedor é representado pelo centauro. Os incas, quando viram o cavaleiro conduzindo o cavalo pensaram ser uma só entidade, isso porque os cavalos eram desconhecidos por eles e foram introduzidos na América pelos espanhóis. Os povos locais, mesmo convivendo com animais de grande porte como a alpaca, não eram utilizados como a função de montaria. O cavaleiro é o marco central da cena, cavalo e cavaleiro como uma coisa só, assim como teria sido a visão do povo Inca. Neste ponto, a presença das armas de fogo, até então desconhecidas não causaram reação de defesa.

4. As línguas de fogo saindo das narinas do cavalo representam a destruição trazida pela cruzada, equivalendo a ação de uma bomba atômica destruindo uma raça, o etnocídio de um império e de seus descendentes. Neste

momento, em meio ao fogo e destruição, surge a figura do masculino e feminino, Manco Cápac e Mama Ocllo, segundo a cultura inca, fundadores do Império Inca e representantes da união e do surgimento de uma nova geração.

5. Neste momento, presenciamos o renascimento do homem através da imagem da fênix, ave mitológica que representa o ciclo da vida, o recomeço, a esperança de um futuro melhor, do homem e seus ideais. Com asas para sonhar, surge ao final, a figura mitológica grega de Ícaro, filho de Dédalos. Um novo ciclo do homem e da natureza tem início: "o homem idealista tem asas porque não se conforma em ficar com os pés na terra". Um fato marcante a ser observado nesta obra é o detalhe do sol ao alto, na extrema direita, em que Ícaro tenta tocar. O autor projetou a pintura do sol, exatamente onde o sol se põe no horizonte, causando um alinhamento através de uma composição entre a natureza e a obra tendo como paisagem de fundo, a Cordilheira dos Andes.

Fonte: AMORETTI, J. [entrevista cedida a] Aline Britto Fialho. Santa Maria, RS, 30 jan. 2020.

02

Fonte: AMORETTI, J. [entrevista cedida a] Aline Britto Fialho. Santa Maria, RS, 30 jan. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância que tem se dado a discussões e ações que visam a preservação e valorização do patrimônio cultural da UFSM, este estudo contribui com o exercício de reflexão sobre a necessidade de se instrumentalizar através de ferramentas elaboradas para uso e registro de informações considerando sua ordem técnica e científica. Este artigo contribui como exercício de reflexão sobre a preservação dos murais da UFSM, um acervo que por seu volume de produção, se torna identitário neste gênero de arte neste território.

O processo de identificação e seleção de bens culturais está na base de toda a atividade patrimonial e, por isso, identificou-se uma lacuna em documentar estas informações de forma mais consolidada, acessível em sua interpretação, propondo uma conexão lógica, com menor complexidade entre forma e conteúdo. Na fase de desenvolvimento da dissertação de mestrado, foram confeccionadas as fichas dos 31 murais levantados, sendo que destes, somente em um deles foi feita a ficha que consta a descrição semântica da obra, pois este não era o principal objetivo da pesquisa.

Assim como a proposta da criação de um roteiro turístico cultural, dissertação que originou este artigo, é válido suscitar outras reflexões acerca da preservação deste acervo que é um legado histórico da produção artística dentro de uma universidade pública do interior do País e tendo como principais autores os alunos formados a instituição. Dada a quantidade e qualidade das informações obtidas - considerando os aspectos técnicos e científicos - para registro destas informações de forma documental chegou-se à proposição da Ficha de Inventário dos Murais da UFSM.

Esta proposta é um estudo inicial que visa servir como fonte de registro documental para pesquisa de forma ampla ou para processos mais específicos, como o de restauração. É possível constatar que este acervo é diverso por seu valor material, simbólico e funcional; por seu caráter histórico e de memória; e pelo seu apelo visual e estético. É importante desenvolver pesquisas que reconheçam e reafirmem o valor cultural de um acervo artístico em espaços públicos de ensino, como no caso da UFSM, para que o ato de preservação aconteça de forma reflexiva e documentá-las, seguindo uma metodologia orientada, é contribuir com este legado sensibilizando o diálogo com espaços de arte e contribuindo para a potencial formação de um público consumidor de arte mais diverso e capaz de reconhecer e valorizar a arte pública como um todo.

REFERÊNCIAS

- AMORETTI, J. [entrevista cedida a] Aline Britto Fialho. Santa Maria, RS, 30 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- COSTA, Lygia Martins. Bens Integrados – Conceituação e Exemplos (1992). In.: Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Manual de Preenchimento. Brasília, IPHAN, 2000, p.47.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2001.
- FOLETTTO, Vani Terezinha; BISOGNIN, Edir Lucia. As artes visuais em Santa Maria: contextos e artistas. Santa Maria: Pallotti, 2001.
- FLORENCIO, Sônia Regina Rampim et al. Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan, 2014.
- FLORENCIO, Sônia Regina Rampim et al. Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2016.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GRIGOLETTI, Giane de Campos, SANTOS, Maria de Lourdes Afonso dos; ZAMBONATO, Bruna. Preservação de fachadas de edificação modernista: o caso do prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 72-107, 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu e turismo: estratégias de cooperação. Brasília, DF: IBRAM, 2014.
- IPHAN (Brasil). Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan, 2014. 65 p.
- IPHAN (Brasil). Inventário da obra de Athos Bulcão em Brasília / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência do IPHAN no Distrito Federal; coordenação Sandra Bernardes Ribeiro e Thiago Pereira Perpétuo. – Brasília-DF, 2018. 210 p.
- IPHAЕ/RS. Sistema de Rastreamento Cultural: bens móveis e integrados. Disponível em: www.iphae.rs.gov.br.
- JAPPE, Flávia Simone Botega. Difusão das obras artísticas escultóricas da UFSM através do patrimônio documental. 2018. 118 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, 1981. 421 p.
- PEREIRA, Mariana Aline Barbosa. As pinturas murais no casario de Penedo, Alagoas: um inventário da produção muralista do século XIX. 2015. 258 p. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2015.

REZENDE, Suzana Ramalho de. Paulo Werneck: a produção mural e a arquitetura moderna brasileira. 2018. Dissertação (Mestrado em Interunidades Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Marcelo; SANTOS, Eurico de Oliveira. Turismo cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais. Revista Itinerarium, Rio de Janeiro, v.1, 2008.

RIBEIRO, Sandra Bernardes; PERPÉTUO, Thiago Pereira (coord.). Inventário da obra de Athos Bulcão em Brasília. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018.

SANTOS, Cristina Strohschoen dos (org.). Catálogo Murais da UFSM: 1971-2021. 1. ed. Santa Maria, RS: Pró-Reitoria de Extensão, UFSM, 2021. 72 p.

SESC. Roteiros inovadores: programação de roteiros de turismo social. Rio de Janeiro: Sesc; Departamento Nacional, 2020. 163 p. Palestras realizadas por Sergio Rodríguez Abitia.

UBERTI, Mariete Taschetto. O mural de Eduardo Kobra em Santa Maria: uma relação com a arte pública. 2014. 188 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/5227>. Acesso em: 27 maio 2021.

WILHELM, Vera Regina Barbuy. A arte mural e a prática da preservação. 2011. 254 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Dicionário do Patrimônio Cultural. 1998. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/64/inventario>. Acesso em: 12 março 2024.



MESTRADO
PATRIMÔNIO CULTURAL
CCSH - UFSM



UFSM
Pró-Reitoria de
Extensão

